



GESTAPO

Sven Hassel

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## Orelha do livro

Outro grande romance de Sven Hassel é publicado no Brasil. Ao escolher a guerra como tema de seus livros, o autor fixou-se em algo que conhece profundamente. Em 1937, ele se alistou no Exército Alemão de Hitler e dois anos depois foi transferido para uma divisão Panzer a tempo de participar da invasão da Polônia. Em 1941, foi enviado, num regimento disciplinar (que descreve tão bem neste livro), para lutar na Rússia sob as piores condições de vida e de combate. Hassel participou de quase todas as frentes de batalha dos exércitos do III Reich, menos da campanha da África do Norte.

Por isso tudo, é também da sua experiência que ele fala quando, no dantesco cenário das frentes de batalha, projeta os dramas criados pela existência, na retaguarda, da GESTAPO, a polícia política com mil olhos e mil ouvidos a qual dificilmente escapava um gesto, uma palavra, uma atitude, que pudessem ser considerados como derrotismo e traição ao Führer. Era um drama a sobrepor-se a outro drama, e Sven Hassel descreve as alegrias, as tristezas, os dramas, comédias e pecados da guerra e do nazismo com todas as extraordinárias qualidades que fizeram dele (dinamarquês de nascimento) um dos mais apreciados romancistas do gênero.

Todo o absurdo de um mundo digno de Kafka, em que o arbítrio da GESTAPO faz lei, em que as fronteiras do verdadeiro e do falso, do justo e do injusto, do heroico que do covarde passam não pela realidade do ser humano, mas pela conveniência da causa nazista, flui destas páginas com a limpidez clara só conseguida pelos grandes mestres da literatura de guerra. GESTAPO, como MONTE CASSINO, outro livro de Sven Hassel também lançado pela Record, nada fica a dever a romances antibélicos clássicos como NADA DE NOVO NO FRONT, DEUSES VENCIDOS e ARDIL-22

.



GESTAPO

OBRAS DO AUTOR

O BATALHÃO MALDITO

GESTAPO

MORTE NAS ESTEPES

CORTE MARCIAL



Sven Hassel

GESTAPO

***Tradução de***

ANA LUCIA DE VASCONCELOS ABRANTES

E NEGRITO AGONIGI

2ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Titulo original inglês

GESTAPO

Copyright © 1972 by Sven Hassel

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A

Rua Argentina 171 — 20921 Rio de Janeiro, RJ

que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso na, SOCIEDADE GRÁFICA VIDA DOMESTICA LTDA.

Rua Dias da Silva, 14 – Benfica – CEP 20911 Rio de Janeiro, RJ

Prólogo

*De algum lugar atrás de nós chegaram os sons de homens gritando e de confusão geral. Miúdo e o Legionário tinham ficado para cuidar da retaguarda, enquanto o resto de nas tocava para frente. Eles estavam ci espreita entre a densa vegetação baixa do arvoredo.*

*Quatro soldados russos apareceram, movendo-se apressadamente entre as árvores. Usavam a insígnia verde do NKVD(\*). Ainda eram muito jovens e alertas; ainda ávidos de perseguir e matar.*

*Surgiram apressados na curva do caminho. O Legionário silenciosamente virou o polegar para baixo e Miúdo sorriu antecipando o prazer. Suas submetralhadoras ecoaram quase simultaneamente no silêncio.*

*De um salto, Miúdo estava de pé, disparando com a arma firmemente segura a altura dos quadris. A totalidade de sua volumosa figura estremecia com o coice da arma.*

*O Legionário, calmo e meticoloso como sempre em momentos de ação, cantarolava docemente uma de suas intermináveis canções fúnebres.*

*Os russos tombaram de cabeça, na terra úmida. Somente dois deles ainda mostravam sinais de vida quando o fogo cessou e Miúdo avançou para dar os últimos retoques em seu serviço. Era uma precaução necessária, nesses dias de guerra; nada de respeitar um homem que se encontra caído; mesmo os mortalmente feridos são capazes de pegar uma arma e atirar.*

*– Sinto muito, companheiro – Miúdo olhou para baixo displicentemente na direção dos soldados mortos. – Nós simplesmente não podemos facilitar, apesar de gostar tanto de vocês!*

---

*(\*) Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del (Comissariado para Assuntos Internos), o serviço de informações soviético. Atual KGB.*

*– Certíssimo – resmungou o Legionário. — Eles enfiariam bala no meio de nossas costas com a mesma facilidade com que olham para nós.*

*O pelotão tinha sido tomado de surpresa no meio de uma bebedeira; celebrávamos o aniversário de Porta da única forma que conhecíamos.*

*Não estávamos em bom estado para darmos às boas-vindas à patrulha russa que caíra tão subitamente sobre nós. Só percebemos a coisa quando as janelas se escancararam na nossa frente e nos defrontamos com as bocas negras de quatro poderosos fuzis. Nossa*

*reação instintiva foi mergulhar no chão e cobrir nossas cabeças. Legionário e Porta ainda tiveram, a presença de espírito de arremessar uma série de granadas de mão através das janelas estilhaçadas, mas como escapamos com nunca vou saber. Ainda estávamos tontos e de joelhos moles com o choque.*

*Fomos nos reunir no fim da floresta. Faltavam oito homens.*

*– Vi dois deles tombarem – informou – Porta.*

*Nós nos perguntamos rapidamente o que teria acontecido aos outros.*

*Quando o Miúdo reapareceu, estava arrastando um relutante tenente russo. O Velho disse firmemente que deveríamos levá-lo conosco como prisioneiro.*

*Pouco antes de chegarmos ao campo minado, ouvimos o tenente dar um grito. Ouvimos o Miúdo rir e o Velho blasfemou violentamente. Segundos mais tarde, Miúdo surgiu por entre as moitas – sozinho.*

*– Aquele merda tentou escapulir – explicou alegremente. – Pediu para morrer, não foi?*

*Ficamos em silêncio. Saindo do bolso de Miúdo podíamos ver o pedaço de fio de aço que tinha sido tão útil em tantas ocasiões; toda vez que uma morte rápida e silenciosa se fizera necessária...*

*– Você estrangulou o pobre coitado? – perguntou o Velho incredulamente.*

*– Já te falei – resmungou Miúdo, encolhendo os ombros – ele tentou fugir...*

*– Em outras palavras, você o assassinou – disse Stege.*

## Capítulo I

### A Informante

Nós todos que sobramos da 5ª Companhia estávamos deitados de bruços embaixo das macieiras, observando desinteressadamente enquanto as tropas de reserva subiam. Estávamos esperando por essas tropas há quatro dias e a essa altura já nem ligávamos mais se elas vinham ou não. Chegaram em caminhões, subindo lentamente a estrada em coluna dupla. Seus uniformes e suas armas eram novos em folham, elegantes e brilhantes e quase incrivelmente virginais.

Nós os observávamos com olhos cansados. Nenhum comentário tinha sido feito, nem se fazia necessário; os soldados que se aproximavam falavam por si próprios. Era mais que obvio para nós que não tínhamos nada em comum. Éramos soldados, enquanto eles eram apenas amadores. Estava evidente na maneira cuidadosa com que carregavam o equipamento, em suas botas rígidas e brilhantes, tão lindamente engraxadas e tão absolutamente inúteis! Ninguém conseguiria marchar para muito longe com botas tão novas.

Elas ainda tinham que ser impregnadas com a urina, que era o melhor tratamento que conhecíamos para amaciar e ao mesmo tempo conservar o couro. Como exemplo ideal de calçado de soldado, temos as botas de Porta, tão macias que dava para ver todos os movimentos dos dedos dos pés dentro delas.

Se exalavam um fedor de urina quase insuportável, isto era um preço bem baixo pelo conforto.

– Você fede tanto quanto mil mictórios! – disseram certa vez um tanto rispidamente para o Porta, durante uma parada.

Foi o nosso coronel que às vezes irreverentemente chamado de Caolho, por causa da venda preta que usava para cobrir um olho vazado.



Pareceu-me significativo, entretanto, que apesar da rude observação quanto à urina, ele nunca acabou com nosso hábito de mijar nas botas. Estava no Exército tempo suficiente para saber que são os pés que fazem um soldado.

Estrague seus pés e você será mais do que inútil.

Miúdo, ainda observando a chegada das forças de reserva, cutucou o Legionário na altura das costelas.

– De onde você acha que eles desencavaram essa gente? Porra, até os gatos iam rir deles! Os russos vão acabar com esse bando antes mesmo de eles saberem o que vieram fazer aqui...– Acenou imponentemente para o Legionário. – Se não fosse por gente como eu e você, companheiro, já tínhamos perdido esta guerra há séculos.

O Velho riu. Estava tentando abrigar-se da forte chuva debaixo de uma moita um tanto patética.

– Já era tempo de darem a você a Cruz de Cavaleiro... um herói como você!

Miúdo virou-se e cuspiu.

– Cruz de Cavaleiro! Você sabe muito bem onde eu quero que eles enfiem essa cruz, não sabe? No rabo! Pra mim ela não vale merda nenhuma!

Ouvimos gritos e palavrões vindos dos oficiais a frente da coluna que se aproximava. Um dos soldados rasos, uma pequena criatura frágil que parecia mais velha que Deus, perdera o capacete de aço, que rolara para a margem da estrada com o barulho de mil latas desmoronando. Tinha instintivamente abandonado as fileiras e, cambaleando, tentava apanhá-lo.

– Volte para a fila! – urrou um Oberfeldwebel, ultrajado. – Que diabo de brincadeira você pensa que é essa?

Hesitou, olhando do seu precioso capacete para o apoplético Oberfeldwebel. Correu de volta para as fileiras, continuou marchando e o Oberfeldwebel aprovou severamente e permaneceu onde estava, soprando seu apito, constantemente berrando a plenos pulmões, preocupado em apressar esses amadores no caminho de morte certa.

Olhando a coluna que avançava, eu podia ver que o frágil e velho homem já estava próximo do ponto de exaustão; tanto física quanto mental,

.

achei. A perda de seu capacete de aço tinha provavelmente sido a últimas gota.

O tenente Ohlsen, comandante de nossa companhia, estava ao lado, conversando com seu colega, o tenente que conduzira a tropa de reserva até lá.

Nenhum dos dois notara o incidente, nenhum dos dois percebera que um de seus homens estava a ponto de desmoronar. Mas, mesmo que tivessem visto, o que poderiam ter feito? A essa altura da guerra, isso era uma ocorrência comum.

O velho de repente caiu de joelhos e, de quatro, começou a arrastar-se para baixo da colina. Os seus companheiros olharam-no nervosamente.

O Oberfeldwebel veio correndo e gritando:

– Você aí, levante-se! O que tá pensando que isso aqui é, um piquenique?

Mas o pobre coitado não se mexeu. Ficou deitado no chão, soluçando de dar dor no coração. Não teria se mexido nem com a ameaça de corte marcial; não podia. Não lhe restavam nem forças,

nem vontade. O Oberfeldwebel caminhou em sua direção e parou, mordendo o lábio inferior.

– Muito bem, muito bem, se é assim que você quer brincar, eu topo.

Tem que aprender umas coisinhas, pelo visto. Você acha que está exausto, não acha? Então espere até ter um bando de russos gritando e correndo na sua direção. Você vai se mexer rapidinho! – De repente, recuou um passo e berrou uma ordem. – Pegue aquela pá e comece a cavar! Imediatamente, se não quiser virar peneira.

Obedientemente, o velho, trôpego, conseguiu pegar a pá, que caíra de sua mochila. Começou a cavar. Era cômico e patético. No ritmo que estava cavando, teria levado mil anos para fazer o próprio buraco. De acordo com as regras, um homem não deveria gastar mais de onze minutos e meio a contar do momento em que pegava na pá. E coitado daquele que levasse um segundo a mais! Naturalmente, depois de estar na linha de frente há tanto tempo quanto nós, você aprendia a fazê-lo até em menos tempo. Tinha que conseguir, se quisesse sobreviver. E nós tínhamos tido treino bastante para colocar-nos no primeiro time. Os buracos que cavávamos se estendiam numa linha praticamente ininterrupta da fronteira espanhola até o cume de Elbroux no Cáucaso. E eles tinham sido cavados em todos os tipos existentes de terreno.

Areia, neve, argila, lama, gelo – no que você imaginar, nós já tínhamos feito buracos. Miúdo era particularmente dotado para isso. Providenciava sua

.

trincheira em seis minutos e quinze segundos cravados e garantia que ainda poderia ser mais rápido, se realmente quisesse. E provavelmente conseguiria mesmo – só que nunca tentou, visto que ninguém jamais estabeleceu outro recorde para ele tentar quebrar.

– Você não está construindo castelos de areia! – disse o Oberfeldwebel, estendendo o pé e empurrando sua vítima. Vamos lá, vovô, com essa velocidade vamos morrer e ser enterrados antes até de você cavar a primeira camada!

Vovô, de repente, morreu. Simplesmente deitou e morreu, assim, sem pedir nem licença. O Oberfeldwebel pareceu genuinamente surpreso. Levou alguns segundos até dar meia-volta e gritar para que os dois homens mais próximos levassem o corpo.

– E eles se dizem soldados! – murmurou. – Que Deus ajude a Alemanha se é isso aí que se usa para protegê-la. Mas é só esperar, seus filhos da puta inocentes! Vou por vocês em forma na porrada em muito pouco tempo!

O Oberfeldwebel Huhn, o torturador de Bielefeldt, esfregou as mãos em prazerosa antecipação. Não existiam muitos homens que ele não pudesse amoldar na força no momento que resolvesse. E, talvez, afinal de contas, seu tratamento para o velho tivesse surtido efeito; certamente nenhum dos outros ousou cair.

– Filho da puta insensível – disse Porta desinteressadamente; aí encheu a boca com uma linguça de carneiro, tirada de um soldado russo morto.

Nós estávamos todos comendo linguça de carneiro. Elas eram velhas e salgadas, e duras como pedra, mas, apesar disso tudo, não tinham gosto ruim.

Olhei para minha linguça, já meio comida, e então me lembrei da ocasião em que elas foram apanhadas; só cinco dias antes, embora parecessem cinco meses.

Foi durante o nosso caminho de volta, através de um vasto trecho de terra com vegetação densa, que tínhamos esbarrado numa bateria de campo russa. Como sempre, tinha sido o Legionário o primeiro a localizá-los. Nós os atacamos com mais rapidez e silêncio

que os bravos índios de Fenimore Cooper, mutilando-os silenciosamente com nossas *kandras*\* Depois que terminamos, parecia que um projétil pesado tinha explodido no meio deles.

.

---

\* *Facas siberianas com lâmina de corte duplo.*

Caímos em cima deles, surgindo do nada. Estavam deitados numa clareira, dormindo, tomando banho de sol, relaxando, totalmente despreparados para qualquer tipo de ataque. O chefe tinha sido atraído para fora do barraco pelos ruídos da luta. Nós o ouvimos chamando por um tenente, seu ajudante de ordem, logo antes de aparecer.

– Malditos porcos bêbados! Se ensoparam de vodca outra vez!

Essas foram suas últimas palavras. Assim que ele apareceu na entrada do barraco, sua cabeça foi decepada dos ombros por um bem aplicado golpe e dois esguichos de sangue jorraram de seu corpo como gêiseres. O tenente, que estava atrás dele, não parou para indagar o que estava acontecendo. Virou-se e mergulhou nas moitas, mas Heide caiu em cima dele quase imediatamente com sua *kandra*. O tenente caiu como uma pedra.

Formávamos um espetáculo horrível quando o massacre acabou. E a cena da carnificina era como um pesadelo sangrento. Vários de nós vomitamos quando olhamos. O sangue entornado e os intestinos revirados exalavam um cheiro nauseante e uma grande quantidade de moscas já pousava em todos os suculentos petiscos. Eu realmente não acredito que algum de nós gostasse da *kandra* – era muito primitiva, muito nojenta – mas era uma arma excelente em determinadas circunstâncias. O Legionário e Barcelona tinham-nos ensinado como usá-la.

Sentamos nas caixas de munições, de costas para os cadáveres. Não éramos tão delicados ao ponto de nos privarmos do prazer de comer linguiças e beber vodca russa.

Só o Hugo Stege parecia não ter apetite. Todos nós costumávamos debochar do Stege porque ele tivera uma boa educação e tinha fama de inteligente. Tipo, assim, intelectual. E também porque ninguém jamais o ouvira dizer palavrões. Isso por si só era bastante anormal, mas um comportamento ainda mais incrível veio à luz quando Miúdo descobriu que Stege, sempre e assiduamente, lavava as mãos antes de comer!

O Velho estava olhando para o estoque de linguiça e o engradado de vodca.

– E melhor levar isso conosco – decidiu. – Aqueles pobres-diabos não vão precisar mais.

– Tiveram uma morte melhor que outros – comentou o Legionário. –

Não souberam nem o que aconteceu com eles. – Correu um dedo sobre o corte

.

de sua afiadíssima *kandra*. – Nada proporciona morte mais rápida que uma destas.

– Eu as acho repugnantes – disse Stege, e vomitou pela terceira vez, no mínimo.

– Olha aqui, eles pediram isso – argumentou Porta irritado. \_

Zanzando por aí com os dedos enfiados na bunda e seus cérebros em ponto-morto. Caso você tenha esquecido, estamos em guerra! Do mesmo jeito podíamos estar nós ali deitados com as cabeças decepadas.

– Isso não melhora as coisas em nada – resmungou Stege.

– E o que é que você acha que devemos fazer? - Porta virou-se para ele, furioso. – Você acha que eu me divirto, arrancando as tripas dos outros?

Acha que gosto desse tipo de vida? Alguém algum dia se incomodou de perguntar, quando arrastaram você pro puto deste exército; alguém algum dia se incomodou de perguntar se você queria sair por aí matando os outros?

Stege sacudiu a cabeça cansadamente.

– Poupe-nos de suas filosofias caseiras – implorou.

– Por quê? – disse o Legionário, rolando o cigarro de um canto para o outro da boca. - Pode ser simples, mas isso não quer dizer que seja menos verdadeira. Nós estamos aqui para matar, goste você ou não. E o trabalho que nos deram e é o trabalho que temos que fazer.

– Além do que – acrescentou Porta, dando um vigoroso tapa num bando de moscas que tentavam entrar em seu nariz – você não me pareceu nada tímido na hora de atacar os outros. O que você me diz de quando pegou o negócio aí pela primeira vez? – Apontou o polegar para a *kandra* do Stege. – E

o que você me diz de quando a roubou daquele russo morto? Por que roubar a faca se não pretendia usar? Você não pegou pra limpar as unhas, né? Pegou pro caso de ter que enfiar em alguém, exatamente como todos nós.

Nesse momento o Velho ergueu-se, cansado, e acenou impacientemente com a cabeça.

– Vamos embora. Tá na hora de ir.

A contragosto e protestando, assim mesmo levantamos e formamos uma coluna, em fila por um, atrás do Velho.

Nós nos afastamos pelo meio das árvores, para sermos alcançados

.

pouco depois por Miúdo e Porta, os quais, como sempre, tinham ficado para trás para saquear. Pela expressão de seus rostos, parecia ter havido alguma discordância entre eles e também dava para ver que Porta levava a melhor; ele trazia orgulhosamente dois dentes de ouro, enquanto Miúdo só tinha um.

Como sempre, o Velho berrou com eles, sem ter o menor efeito.

– Qualquer dia desses, atiro nos dois. Vocês me dão nojo! Arrancar os dentes das bocas de homens mortos!

– Não vejo por que, já que eles estão mortos – retrucou Porta alegremente. – Você não deixaria um anel de ouro apodrecer, né? Ou incendiaria dinheiro? Então, qual é a diferença entre isso e os dentes?

O Velho limitou-se a fita-lo. Sabia, tão bem quanto nós todos, que em qualquer companhia existiam “dentistas” que rondavam os cadáveres com um alicate.

Agora, cinco dias mais tarde, estávamos sentados debaixo de árvores frutíferas, olhando para as reservas que vinham chegando e enchendo-nos de linguiça de carneiro. A chuva caía cada vez mais forte e puxamos nossas capas mais para cima. Essas capas tinham uma gama enorme de utilidades, sendo usadas, conforme exigência das circunstâncias, como sobretudo, barraca, camuflagem, cama, rede de dormir, envoltório para defuntos ou como simples sacos de carregar equipamento. A capa era o primeiro item a ser nos entregue quando recebíamos nosso equipamento, e era a peça de maior valor entre todas.



Porta girou a cabeça para os lados, e olhou pra cima, para o céu molhado.

– Maldita chuva – resmungou. – Malditas montanhas, o mais maldito tipo de lugar que pode existir. - Girou sua cabeça para trás novamente e olhou para o vizinho.

– Lembra da França? – disse saudosamente. – Porra, aquilo é que era vida! Simplesmente no sol, sentados em nossas bundas, bebendo vinho até não aguentar, aquilo é que era vida!

Heide continuava olhando inquietamente para baixo, para a coluna de homens que se aproximavam. Com sua língua de carneiro apontou para Huhn, o que tinha torturado o pobre e exausto velho do capacete de aço.

– Vou ter encrenca com aquele ali – disse sabiamente. – Sinto isso em meus ossos. e nenhum filho da puta nos dá trabalho e fica por isso mesmo

.

– trovejou Miúdo. Olhou na direção do dedo que Heide apontava. – Deixa só ele tentar e vai ver o que acontece. Uma coisa em que sou muito bom é extermínio de ratos como ele.

– E só isso que a gente vai saber fazer bem quando a guerra acabar –

disse Stege amargamente. – Matar pessoas... foi só isso que ela nos ensinou.

– Pelo menos é algo útil – debochou Miúdo. – Mesmo em tempo de paz há necessidade de assassinos profissionais, certo? – Cutucou o Legionário para confirmar. O Legionário solenemente fez um gesto afirmativo. Stege limitou-se a virar para o lado, enojado.

O tenente que tinha trazido as tropas de reserva agora estava reunindo os homens em fileiras, antes de partir. Ele os trouxera, conforme ordens recebidas, e agora sentia-se subitamente ansioso por ir embora, impelido talvez por um instinto que o avisava de que talvez não fosse sábio ficar muito tempo mais. Aquele lugar não era dos mais saudáveis. Com os homens esgueirados a sua frente, fez o discurso de despedida. Eles o ouviram com ar de total indiferença.

– Bem, homens, vocês agora estão no ponto e muito breve serão chamados para lutar contra os inimigos do Reich. Lembrem-se de que essa é a chance que têm de recuperar seus bons nomes, de se tornarem honrados cidadãos da Mãe Pátria e fazer jus ao direito de viver entre nós, outra vez, como homens livres. Se se portarem bem, todas as anotações contra vocês serão retiradas de suas fichas. Depende só de vocês. – Pigarreou e fixou-os com olhar severo. – Camaradas, o Führer é um grande homem!

O silêncio foi total e absoluto depois desta observação. Aí ecoou a risada perversa do Porta e eu tenho quase certeza que ouvi um resmungado

“Porra”! O tenente virou rápido em nossa direção, o sangue subindo pelo pescoço e manchando suas bochechas. Empertigou-se e a mio foi instintivamente para o coldre. Aí virou novamente para o seu bando de vilões:

– Não tenham dúvidas em suas mentes! Todas as suas ações serão observadas e anotadas! – Fez uma pausa dramaticamente, para permitir que isto fosse bem apreendido. – Não desapontem o Führer! Cabe a vocês aproveitarem a oportunidade de se redimirem dos crimes praticados contra Adolf Hitler e contra o Reich. – Respirou fundo e mais uma vez olhou

para nós doze abrigados embaixo das macieiras. Encontrou os olhares de desafio de Miúdo e Porta, um parecendo retardado, o

outro com a cara baixa e astuta como a de uma raposa. Intimidou-se ligeiramente, mas assim mesmo continuou. – Vocês vão se encontrar lutando lado a lado com ,alguns dos mais valentes e melhores filhos da Alemanha, e desgraçado daquele que se mostrar covarde!

Sua voz continuou a trovejar. O Velho acenou com apreço.

– Gostei disso – falou. – Os mais valentes e melhores filhos da Alemanha Miúdo e Porta! Isso é uma piada!

.– Eu sou mesmo o mais valente me melhor filho de minha, mãe... – disse Miúdo, sentando-se indignado. – O que é que há de engraçado nisso?

– Deus nos livre! – estremeceu Heide. – Aposto que você é filho único!

– Agora eu sou – disse Miúdo.

– O que houve com os outros? – desafiou Porta. – Mataram todos?

– Eu vou te dizer. O primeiro, burro como era, foi voluntariamente para a Gestapo, *voluntariamente*, vê bem! Burro, estúpido, ao Stadthaubücke nº 8 – recitou Miúdo, como se isso estivesse gravado em sua memória para sempre. – Queriam interrogá-lo a respeito de alguma coisa, não me lembro exatamente o que é. Qualquer coisa com pintar frases numa parede... ele era muito bom nesse negócio de pintar slogans nas paredes. De qualquer maneira, ele foi embora um belo dia e nunca mais apareceu. Quanto ao outro, quanto ao Gert... – sacudiu vigorosamente a cabeça. – Sabe o que o cara arrumou?

Nós todos garantimos que não sabíamos. Miúdo fez um gesto de desprezo.

– Simplesmente foi voluntário pra filha da puta da Marinha. Foi embarcado num submarino.

– O que aconteceu com ele? – perguntei.

Miúdo cuspiu. Heróis não eram evidentemente seu fraco.

– Foi pro fundo com o desgraçado do barco em princípio de 1940.

Recebemos um cartão do Almirante Doenitz dando a notícia. Muito carinhoso.

Dizia assim: “Der Führer danlct Ihnen”.\* Tinha, até uma bonita tarja preta. E

.

---

\* O Führer agradece.

deu uma risada curta. – Aposto que vocês não sabem como essa história acabou!

Conhecendo o Miúdo, nós mais ou menos imaginávamos, mas não queríamos estragar sua narrativa.

– Minha velha usou o cartão pra limpar a bunda. Foi pro cagador um dia, descobriu que não tinha papel nenhum lá dentro, aí ela gritou para eu arranjar algum que fosse bom e macio. Bom, eu não vi nem jornal nem coisa nenhuma por ali, então peguei o cartão do almirante e joguei pra ela pela porta.

Ela xingou ele de filho da puta pra baixo depois disso. Arranhou o cú dela todo.

Estava duro e áspero, ela falou. Duro e filho da puta de tão áspero.

Nós demos grandes gargalhadas de apreço, com o Miúdo rindo mais alto que nós todos.

– Quer dizer que agora só sobrou você? – perguntei, quando as gargalhadas amainaram.

– E isso mesmo – concordou Miúdo orgulhosamente.

– Onze já se foram, agora falta um. A Gestapo levou alguns deles. Três se afogaram no mar. Os dois garotos mais novos foram queimados vivos num ataque da RAF. Culpa da burrice deles, veja bem. Se recusaram a ir para o refugio. Queriam ficar lá em cima pra ver os filhos da puta dos aviões passando

... bem que eles viram! – confirmou sabiamente. – Bem, de qualquer maneira, só tem eu e a velha. agora. Uma história e tanto, hein? – Olhou em volta para nós, estudando um de cada vez. – Aposto que não tem muitos que se sacrificaram como a gente. Onze de uma vez e todos pelo Adolf – deu uma dentada faminta na linguiça e bebeu vodca da garrafa. – Que se fodam todos eles! – deixou sair em desabafo. – Desde que eu saia dessa vivo, não ligo pra mais nada... e alguma coisa me diz que vou estar por aqui no fim.

– Isto não me surpreenderia nem um pouco – murmurou o Velho.

O Legionário estava acororado junto a um panelão, absorto em mexer seu conteúdo. Porta esticou o pescoço por cima do ombro do amigo e colocou uma ou duas toras de lenha mais ou menos secas dentro do fogo. A espessa e encaroçada massa dentro da, panela subia com uma série de pequenos gêiseres que explodiam deixando crateras em seu lugar. O cheiro era bastante forte, mas isto não chegava a surpreender; tínhamos carregado essa mistura conosco para todo lado durante os últimos dias, cada um levando uma parte em seu cantil.

– Tem que fermentar – explicou Barcelona, quando alguns de nós começamos a dar sinais de rebelião.

Agora parecia que tinha devidamente fermentado e estava pronta para destilar. O Legionário fixou uma tampa bem apertada sobre o pote e Porta montou o aparato de destilação. Nós nos sentamos em círculo, aguardando que algo acontecesse.

Nossas meditações foram interrompidas por alguns desanimados gritos de "Sieg heil!", vindos das fileiras das tropas de reserva.

O tenente visitante partiu em um VW anfíbio e o tenente Ohlsen, sem perda de tempo, pegou os novatos e fez um de seus discursos estimulantes.

Quando finalmente eles tiveram ordem de descansar, fizeram isto literalmente, caindo no chão, aglomerando-se debaixo de árvores em miseráveis e molhados grupos. Jogaram no chão os equipamentos e alguns deles deitaram completamente na grama encharcada. Notei que mantinham uma respeitosa distância do resto de nós. Sem dúvida nós os intimidávamos de alguma forma.

Oberfeldwebel Huhn veio em direção ao nosso grupo e atravessou bem pelo meio, o passo pesado e confiante. Ao passar ao lado do panelão, atingiu-o com o lado de sua bota e o pote balançou. O Legionário conseguiu reerguê-lo, mas não antes que algumas preciosas gotas de liquido entornassem, pela borda.

Huhn olhou para baixo e seguiu seu caminho sem uma palavra de desculpa. Ao passar, sentimos o cheiro de seu equipamento novinho e ouvimos o rangido de suas botas de couro virgens.

O Legionário contraiu os lábios. Olhou pensativamente durante alguns segundos para Huhn que se afastava e aí virou-se para o Miúdo. Nem uma palavra foi trocada entre os dois, mas o Legionário virou o polegar para baixo e Miúdo confirmou com a cabeça. Com a linguça ainda na mão, levantou-se e marchou com determinação atrás do Oberfeldwebel. Sua capa estava levantada atrás, de modo que ele parecia um pouco com um balão de barragem.

– Você ai! – gritou. – Você entornou um bocado do nosso *schnaps*!

Ao primeiro grito de “você ai”, Huhn tinha continuado a caminhar –

evidentemente sem sonhar que alguém de patente mais baixa pudesse ousar dirigir-se a um Oberfeldwebel com um “Eí, Você ai”. Mas a menção da palavra

.

*schnaps*, ele deve ter-se dado conta de que, na realidade, era ele mesmo que Miúdo estava acusando. Virou-se devagar e incredulamente. Ao ver o Miúdo, seu queixo caiu e seus olhos saltaram.

– O que é que há com você? – rugiu. – Será que ninguém jamais lhe ensinou a maneira certa de se dirigir aos superiores?

– Claro, claro – disse Miúdo impacientemente; – Sei essa merda toda.

Mas não é sobre isso que queria falar com você.

– Você ficou louco varrido? - perguntou, o rosto lentamente enchendo-se de pequenas manchas vermelhas. – Quer ser preso? Se não quiser, eu o aconselho a ter cuidado com suas malditas palavras! E procure lembrar-se no futuro do que está escrito a esse respeito no HDV.\*

– Eu sei o que diz o HDV – retrucou Miúdo, imperturbável. – Já te falei uma vez que não é disso que quero falar. Nós podemos discutir isso mais tarde se te interessa tanto. Mas agora quero falar do *schnaps* que você entornou.

Huhn respirou fundo cuidadosamente, até encher os pulmões. Então expirou com um som prolongado e sibilante. Sem dúvida, em todos seus sete anos de serviço militar, nunca tivera uma experiência

semelhante. Sabíamos que ele estava chegando do duríssimo campo militar de Henberg. Se alguém lá tivesse ousado dirigir-se a ele como Miúdo acabava de fazer, ele o teria matado sem mais delongas. Pela maneira com que mexia em seu coldre, achei que ele estava com uma certa vontade de dar um tiro no Miúdo ali mesmo. Mas não era tão fácil assim, com todas aquelas testemunhas em volta. Nós estávamos todos atentos, observando.

Miúdo mantinha sua posição, a linguça ainda absurdamente segura em sua mão enorme.

– Você derrubou nosso *schnaps* – repetiu obstinadamente. – Acho que o mínimo que você podia ter feito era pedir desculpas.

Huhn abriu a boca. Manteve-a aberta por alguns segundos. Aí seu pomo-de-adão pulou para cima e para baixo algumas vezes e ele a fechou novamente sem uma palavra.

A cena toda era bastante ridícula. Mesmo que ele levasse Miúdo perante uma corte marcial, provavelmente não acreditariam em uma palavra da

.

---

\* *Heeresdienstvorschrift (Regulamento do Serviço Militar).*

acusação. Ao mesmo tempo, algo tinha que ser feito. Um Oberfeldwebel não podia permitir que um cretino retardado de um Stabsgefreiter ficasse ali insultando um superior e saísse impunemente.

– Vê se entende isso – sugeriu Miúdo, empurrando a linguça no peito de Huhn. – Nós estamos carregando aquele troço pra cá e pra lá há dias. Ele foi pra todo lado. Nem uma gota foi desperdiçada até que chegou você com suas grandes e desajeitadas botas e saiu



chutando a panela. E nem uma palavra de desculpas! – Sacudiu a cabeça. – Tenho certeza que não sei de que você está se queixando. Me parece que nós é que devíamos nos queixar e não você! Nós estamos aqui, na nossa, destilando nosso *schnaps*...

Huhn afastou a linguça para o lado e deu um passo em direção ao Miúdo, empunhando a automática.

– Muito bem, basta! Agora chega! Sou um homem paciente, mas já suportei o que podia. Qual é seu nome? Você procurou encrenca e pode crer que vou dar um jeito de arrumar. – Puxou um caderninho de notas e um lápis, e ficou esperando. Miúdo simplesmente levantou dois dedos em um sinal inconfundível.

– Foda-se você! Suas ameaças não significam merda nenhuma aqui.

Você agora está na frente de batalha, ta lembrado? Nós somos os rapazes que sobreviveram. E você sabe por que nós sobrevivemos? Porque sabemos tomar conta da gente, taí porque. E não sei se posso dizer o mesmo de você. Pra dizer a verdade, tenho a sensação engraçada que você não chega ao fim desta tarefa.

Tem que ter uma cabeça muito boa pra sobreviver por aqui e eu realmente acho que você não tem...

Sabe Deus o que teria acontecido em seguida se o tenente Ohlsen não tivesse intervindo e estragado o divertimento. A coisa estava chegando na parte realmente interessante quando ele se dirigiu para o Miúdo e com o polegar apontou pra trás.

– Desapareça, Creudtzfeldt, imediatamente, se não quiser ser preso.

– Sim, senhor! – Miúdo fez uma rápida continência, bateu os calcanhares e deixou a cena do combate. Lentamente voltou pra junto de nós. –

Um dia desses eu pego esse filho da puta!

– Eu te falei – disse Heide. – Eu te falei que íamos ter trabalho com ele.

– Não se preocupe. – Miúdo acenou significativamente e piscou um olho. – Ele tá na minha lista. E só uma questão de tempo...

– Pelo amor de Deus! – explodiu o Velho. – Você vai se meter em encrenca de verdade um dia desses se continuar matando todo sargento que você não gosta.

Miúdo abriu a boca para responder, mas antes de fazê-lo ouviu-se um selvagem grito de triunfo:

– Tá soprando! Rápido, me dá a conexão! Me arranja uma garrafa!

Fomos instantaneamente tomados por intensa atividade. Eu joguei o tubo de borracha nas mãos estendidas do Legionário; Porta lançou uma garrafa para perto do pote. O aparato foi conectado e nós observamos, ansiosos como crianças, os primeiros milagrosos sinais de destilação. O vapor já estava se transformando em preciosas gotas de líquido.

– Tá chegando! – gritou Porta.

A emoção era quase insuportável. Eu sentia a saliva juntar-se em minha boca; de repente, conheci uma sede como nunca tinha sentido antes.

Heide correu a língua pelos lábios. Miúdo engolia em seco convulsivamente.

Aos poucos, a garrafa começou a encher.

Durante toda a noite ficamos de sentinela. Uma garrafa depois da outra era levada cheia de *schnaps* feito em casa. Esquecemos toda a vontade de dormir. O tenente Ohlsen nos observou durante algum tempo, a expressão decididamente cética:

– Vocês têm que estar loucos – declarou finalmente.

– Vão mesmo beber esse líquido horrível e imundo?

– Por que não? – indagou Miúdo com hostilidade.

O tenente simplesmente olhou-o e sacudiu a cabeça. O tenente Spät também interessou-se paternalmente por nossa destilaria.

– Vocês não vão filtrar isso aí? – perguntou ansiosamente.

– Não compensa o trabalho – disse o Legionário.

– Mas, meu Deus, se você beber isso assim como está, vai cair e rolar no chão!

– Desde que seja alcoólico – disse o Legionário calmamente. – E só isso que interessa.

O tenente Ohlsen sacudiu a Cabeça de novo e retirou-se com Spät.

Eles obviamente não faziam grande fé em nossas chances de sobrevivência.

O dia seguinte ainda nos encontrou em paz debaixo das macieiras.

Naquele momento a guerra parecia ter passado por nós. Continuávamos com nossa destilaria, só que agora tínhamos ultrapassado o primeiro louco período de êxtase e estávamos divididos em grupos para cobrir a carga de trabalho.

Durante todo o dia e noite a dentro, cuidamos de nosso *schnaps*. Pouco depois da meia-noite, ouvimos o ruído de um veículo descendo a estrada da montanha em nossa direção. Parou ali perto e dele saltou um sargento todo coberto de lama e todo suado.

– Onde está o oficial comandante? – gritou.

O tenente Ohlsen foi acordado. Recebeu a mensagem e o homem partiu de novo a toda velocidade. Nós observamos, com nossos pressentimentos.

– Filho da puta! – murmurou o Legionário. – Isso acaba com tudo! –

Afastou-se para ver como a operação de destilação estava progredindo. –

Vamos lá – disse. – Se trabalharmos bem rápido, ainda vamos conseguir uma garrafa antes de partir.

– Já temos trinta e uma – informou Porta, triunfante. – Eu estou contando!

Miúdo parecia agitado com alguma coisa.

– O que eu quero saber é quando vamos mergulhar nisso aí.

– Quando eu disser que pode, não antes. – O Legionário fixou seu olhar nele. – Se eu encontrar alguém molhando os dedos antes que eu dê licença, vai ter encrenca!

Miúdo ergueu os ombros tristemente e foi embora, murmurando consigo mesmo. Nesse instante, o apito do tenente Ohlsen ecoou agudo na escuridão. Esse som não era nem um pouco bem-vindo.

– Quinta Companhia, preparar para partir; e não levem a noite inteira com isso!

Relutantemente, começamos a desmanchar nosso alambique. Enquanto trabalhávamos, o Oberfeldwebel Huhn veio até nós, gritando como de costume o mais alto possível.

– Mexam-se, seus filhos da puta preguiçosos! Vamos lá! Que é que há com vocês, estão surdos?

– Você é que vai ficar surdo num minuto – murmurou o Legionário, ameaçadoramente.

Huhn virou-se rápido para ele, mas a esse ponto o Velho, um tanto surpreendentemente, intercedeu, Caminhou até Huhn. e parou tão perto dele que seus capacetes de aço quase se tocaram.

– Oberfeldwebel Huhn – começou, calma e respeitosamente, mas com tons ameaçadores – tenho uma coisa pra dizer. Alguma coisa que acho que você devia saber. Eu estou no comando desta seção, esses são meus homens e cabe a mim fazer com que as ordens sejam levadas a cabo. Não me lembro bem como é o procedimento lá nos quartéis, mas sei perfeitamente bem como é no front...

o que você ainda parece ter que aprender. E o que estou lhe dizendo é só isso: ou você deixa de meter o nariz no meu território, ou dou total permissão para os meus homens lhe ensinarem umas coisinhas. E pode crer que eles sabem como!

– Pelo resultado que isso vai ter, teria sido melhor falar com uma vaca surda! – disse Porta, soltando uma grande gargalhada.

Huhn deu um passo em sua direção, mas parou rápido com uma olhada do Velho. Contentou-se apenas em dizer:

– Não pense você que vai se livrar dessa – gritou sobre o próprio ombro enquanto corria embora para reclamar.

Nós o vimos conversar com o tenente Spät, que pouca atenção prestou durante os poucos primeiros minutos, e depois foi embora deixando-o a ver navios.

O tenente Ohlsen chamou impacientemente da entrada. Porta e Miúdo seguraram o pesado papelão entre eles e ocuparam seus lugares na coluna, um pouquinho a frente do tenente, que fingiu não ver o item extra de equipamento.

A tropa nova veio correndo, tomada de pânico, incerta e desorganizada. Um deles esbarrou em Porta e pulou para trás, aterrorizado.

– Faça isso de novo e vai achar seus dentes enfiados no fundo de sua maldita garganta!

O homem ficou branco, mas, ajuizadamente, manteve-se quieto.

– Malditos amadores – grunhiu Miúdo.

O tenente Ohlsen gritou uma ordem e ficamos em posição de sentido.

Os líderes de cada seção repetiram suas ordens enquanto nós virávamos à direita.

– Porta, onde está o seu maldito capacete? – O tenente pulou para ele, irritado. – Que diabo de monstruosidade é essa na sua cabeça?

Porta levou a mão para seu velho chapéu amarelo.

– Não tenho capacete, senhor Os russos levaram o meu.

O tenente Ohlsen trocou um olhar desesperado com o tenente Spät.

Eles sempre desistiam quando tinham que lidar com Porta.

– Está bem – disse Ohlsen cansado. – Ponha-o na cabeça de novo, seja lá o que for! Você não pode marchar com a cabeça descoberta.

– Sim, senhor.

O incrível chapéu amarelo foi mais uma vez encaixado na cabeça do Porta. A coluna moveu-se debaixo da inevitável chuva que o vento soprava diretamente contra nós e parecia furar nossos rostos. Um instante de grande movimentação ocorreu quando uma lebre de repente cruzou correndo nosso caminho, o precioso papelão quase

virando no momento em que Porta, sempre alerta com comida, tentou chutar a criatura que passou feito uma bala.

– Que diabo você está fazendo? - gritou Miúdo.

– Nós podíamos tirar o couro e comer – disse Porta, pesarosamente.

–

Podíamos ter posto dentro do pote junto com a bebida.

– Quem ia querer estragar a boa bebida com uma lebre piolhenta dessas? - disse Miúdo, voltando-se para Porta.

– Nos restaurantes de alta classe fazem isso – disse Heide, que sempre sabia tudo. – E considerado um prato delicadíssimo, lebre com vinho... lebre ao molho de vinho, é assim que chamam.

– Que se foda a lebre – cortou-o Miúdo bruscamente. – Eu preferia um franguinho... – O gesto de sua mão não deixou a menor dúvida quanto ao tipo de “franguinho” que ele tinha, em mente. – Eu já quase me esqueci do feitio delas, porra! Lembra daquele russo, aquele que enrabou um ganso? Ficou de pau duro e aí teve que se arrumar com um ganso. Pensando bem, acho que eu também era capaz de me ajeitar com um ganso...

– Ora – disse Heide – você não ia conseguir fazer nada, nem que fosse servido de bandeja. Num tempo como esse não conseguia mesmo não.

– Tá brincando? – rebateu Miúdo. – Do jeito que estou agora, conseguia até nu em pelo no Polo Norte. Você não lembra daquela vez na fronteira turca? Ou já esqueceu aquela vez? Tinha um palmo de neve no chão...

– Isso é diferente. Na neve dá, mas nu em pelo no Polo Norte você não consegue – observou Steiner com seriedade.

Steiner era motorista e tinha sido mandado para nós como castigo por ter vendido um vagão militar para um italiano em Milão. Tinha uma certa tendência para coisas exatas e literais.

– Ninguém conseguiria fazer nada naquela temperatura – insistiu. –

Trata-se de uma impossibilidade física.

– Impossível pra você! – rebateu Miúdo, irritado. – O que vale é a temperatura dentro de você; só depende da vontade que você tem, é ou não é?

– Não é não senhor – disse Steiner obstinadamente.

– Pra início de conversa, você não conseguiria botar o negócio dentro.

– não mesmo, naquela temperatura.

– Quem foi que disse? – Miúdo virou-se para ele com tanta violência, que um pouco do conteúdo do pote entornou sobre a borda. – Você pode não conseguir, mas eu consigo tranquilamente Ora, então eu não lembro daquela...

– Falem baixo! – ordenou o tenente Ohlsen, poucos passos atrás de nos. – Estamos perto do inimigo e não precisamos nos anunciar.

Desviamos da estrada principal e começamos a abrir caminho para cima, rumo às montanhas. Agora estávamos caminhando na grama; grama espessa e fechada, que abafava o som de nossos passos. De algum lugar ali perto, nas sombras, uma vaca mugiu satisfeita e conseguimos sentir seu cheiro quente e leitoso. Todas as ordens eram dadas em voz baixa.

– Coluna por um daqui pra frente.

O Oberfeldwebel Huhn acendeu um cigarro. O tenente Spät viu a.



chama do fósforo e alcançou enfurecido.

– Que diabo de brincadeira você acha que é essa? Apague essa porcaria, vá para o fim da coluna e fique lá!

Huhn desapareceu sem uma palavra.

De repente, no meio da neblina e da escuridão, divisamos o contorno de um edifício. Era uma casa de fazenda, com uma luz fraca vindo de uma das janelas. O tenente Ohlsen levantou a mão em sinal de advertência e então

.

paramos. Já tínhamos experiência com casas de fazenda. Às vezes elas continham inocentes fazendeiros e suas famílias, mas não se podia ter certeza; às vezes escondiam um pelotão de inimigos e um ninho de metralhadoras.

Ohlsen virou-se para nós e fez um sinal.

– Heide... Sven... Barcelona. ... Porta. – Ele nos escolheu um por um e nós rastejamos pra frente. – vão e façam uma limpeza no local. E tenham cuidado; se os russos estão lá, com certeza têm sentinelas. Não atirem a não ser que sejam obrigados. Usem suas *Kandras*.

Nós as tiramos das bainhas e deslizamos silenciosamente adiante, através das sombras. Como sempre nestas ocasiões, meu corpo estava tenso e tremendo.

Só tínhamos coberto alguns metros quando notei que Miúdo juntara-se a nós. Trazia uma faca entre os dentes e o pedaço de fio de ago numa das mãos.

Riu satisfeito com as nossas expressões e colocou a boca perto do ouvido do Porta.

– Se tiver algum dente de ouro em jogo, a metade é minha!

Porta sacudiu a cabeça e não disse nada. Foi o primeiro de nós a atingir o objetivo. Silencioso e sorrateiro como um gato, ergueu-se até a janela e estava dentro da casa antes ainda de nós chegarmos. Nós o seguimos para dentro e ali ficamos, tremendo no escuro. Em algum lugar da casa, uma porta rangeu. Heide estremeceu visivelmente e puxou uma, granada de mão. Barcelona fechou os dedos sobre seu pulso.

– Não seja maluco!

Miúdo, ainda com a faca entre os dentes, olhou para o seu pedaço de fio. Porta virou a cabeça. e cuspiu sobre o ombro esquerdo; ele dizia que isso dava sorte. Nós esperamos um momento, atentos, e aí Miúdo deu um salto e sumiu na escuridão. Depois de um pouco ouvimos um leve ruído; um ligeiro chiado, sufocado. Depois, silêncio de novo.

Miúdo voltou com um gato morto preso no Iago metálico.

– Coitado do bichano! – Balançou-o na frente do rosto de Heide, e então respiramos novamente.

– Podia ter.sido os vermelhos – murmurou Heide defensivamente, mas guardou novamente a granada.

Miúdo riu e jogou o gato morto num canto.

Tendo nos livrado do inimigo, começamos a fazer a limpeza do local, abrindo todas as gavetas e armários para ver se algo nos agradava. Miúdo achou um pote de geleia. Levou para um canto, sentou-se no chão com as pernas cruzadas e alegremente enfiou os dedos no pote. Porta pegou uma garrafa, olhou para o rótulo na luz fraca e chegou à conclusão de que se tratava de conhaque. Tomou um grande gole, aí sacudiu a cabeça e estendeu a garrafa para o Heide.

– Tipo engraçado de conhaque – afirmou, claramente intrigado.

Heide deu uma cheirada, deu um cuidadoso gole, bochechou por algum tempo, então cuspiu tudo com desgosto.

Chutou a garrafa para o outro lado da sala:

– Conhaque! Aquilo parece mais tetra cloreto, seu bobalhão estúpido! ,

– Melhor ficar com a geleia – disse Miúdo, contente.

– Pelo menos você sabe a quantas anda, com geleia!

– Vai foder Outro! – disse Porta, furioso.

Novamente ouviu-se o ranger de uma porta. Ficamos gelados no lugar. Um momento de silêncio, aí Miúdo e Barcelona mergulharam atrás de um sofá. O pote de geleia rolou através da sala e o conteúdo entornou no tapete.

Porta investiu contra a porta e abriu-a com um chute.

– Seja você quem for, está dominado!

Silêncio.

Eu segurava nervosamente uma granada de mio que tinha sacado. Com certeza absoluta, alguém tinha estado ali. Sentíamos isso e nos agachamos como feras selvagens, prontos a saltar. Estávamos num estado em que matar seria parcialmente uma necessidade, um ato de autopreservação e parcialmente um positivo prazer animal, uma descarga de tensão e uma fonte de profunda satisfação.

Ficamos na escuta.

– Devíamos chamar a companhia – murmurou Barcelona.

– Melhor tacar fogo na casa – sugeriu Miúdo. – Aí a gente pega eles feito moscas enquanto saem. Nada como um lindo foguinho pra limpar um, lugar.

– Use a sua pouco privilegiada cabeça! – disse Porta.

– Quer iluminar a maldita vizinhança por quilômetros em Volta?

De novo ouvimos o rangido, como o de uma porta ou de tábuas de chão. Incapaz de aguentar a tensão por mais tempo, Porta ligou sua lanterna e investiu para fora da porta na outra extremidade da sala. Nós o vimos, com preocupação pelas possíveis consequências, movendo o fecho de luz nas sombras, Deu sorte. Espremida contra uma parede e obviamente tentando manter-se na escuridão, estava uma moça. Tinha um porrete grosso na mão e estava claramente aterrorizada.

Nós a fitamos incredulamente. Heide foi o primeiro a se recuperar.

Virou-se para o Miúdo com um sorriso sugestivo.

– Tai a sua franguinha – disse simplesmente.

Miúdo caminhou até ela, deu um tapinha um tanto bruto debaixo de seu queixo e tocou-a atrás da orelha com a ponta de seu letal fio de ago.

– Você fala alemão?

Ela olhou-o com olhos esbugalhados.

– Acho que tive que estrangular seu gato – disse Miúdo, sem grande pena. – Mas posso te arranjar outro, se você for boazinha comigo...

A garota lambeu os lábios com a ponta da língua.

– Eu... eu não guerrilheiro – balbuciou. – Nyet, nyet! Eu não comunista filho da puta. Eu gosta muito soldados alemanski,

ponimaite?\*

– Claro que compreendemos – disse Porta com olhar enviesado. –

Você não rebelde, você não filha da puta comuna, você ama soldado alemão...

então por que botou tetraporracloro numa garrafa de conhaque, hein?

– Nyet compreendo – disse ela, balançando nervosamente a caberá.

– Ninguém entende quando está sendo acusado de alguma coisa desagradável – disse Heide, torcendo a boca.

Miúdo acenou para o porrete da moça.

– Pra que é que serve esse porrete? Um pouco pesado pra você carregar por ai, não é? Me dá ele aqui. Vou cuidar dele pra você. – Ele arrancou o bastão da Mao da moça apavorada, que se encolheu mais ainda no canto das paredes.

– Eu não bate em soldado alemanski – disse, implorando. – Eu bate só russovsky, russovsky homens perversos. .Almenski homens muito bons.

---

\* Compreende?

– Mais do que isso, meu bem, nós somos uns anjos malditos – Heide riu sarcasticamente. Barcelona aproximou-se da porta:

– Você está sozinha? – perguntou em russo.

– senhor é oficial? – disse a moça, olhando-o com curiosidade.

– Claro – mentiu Barcelona, com sua costumeira tranquilidade. – Sou um general.

– Bom. ... – hesitou um momento, depois repentinamente pareceu decidir-se. – Os outros estão no porão. Há um alçapão debaixo do tapete.

Ela apontou na direção de um canto da sala e, enrolando o tapete, descobrimos que havia, realmente, um alçapão encaixado no chão. Estava bem camuflado e duvido que nós o tivéssemos descoberto sem ajuda.

– Soldados russos? – perguntou Barcelona.

– Nyet, nyet. – A moca sacudiu a cabeça veementemente. – Somente família e amigos. Não comunistas. Todos fascistas. Bons fascistas.

Heide riu e esfregou as mãos.

– Esse vai ser o dia!

Ouviram-se movimentos inesperados na sala ao lado.

Nós nos viramos, pegando nossas *kandras*. A moca gemeu e subitamente deu um pulo para a porta, mas Barcelona agarrou-a pelo braço e arrastou-a de volta.

– Você fica onde está. Nós gostamos de você aqui conosco.

Naquele instante, o tenente Ohlsen apareceu, seguido pelo resto da seção.

– O que é que está havendo aqui? – indagou. Seu olhar varreu a sala, parando no jarro vazio de geleia, na enganadora garrafa de conhaque e na moca. Depois fitou nos: – Vocês perderam a noção

das coisas? Há uma companhia inteira esperando aí fora, enquanto vocês sentam em suas bundas e se enchem de geleia e conhaque!

– Não fale tão alto, senhor – disse Porta, colocando um dedo sobre os lábios. Com a cabeça, indicou o alçapão.

– Tem um batalhão inteiro de fascistas russos guardados lá embaixo.  
E

quanto ao conhaque – falou, dando um pontapé de desprezo na garrafa – foi um truque sujo, se quer saber. Ta cheia de tetracloreto. Podíamos ter morrido envenenados.

O tenente Ohlsen franziu a testa, caminhou até o alçapão e agachou-se para examiná-lo. O Legionário e o Velho entraram na sala atrás dele, ambos preparando coquetéis Molotov.

– Eles estão lá embaixo? – perguntou Ohlsen. – Nos porões? – Virou-se para Miúdo. – Muito bem, abre o alçapão.

– O que, eu? – Miúdo engasgou, indignado, e deu um passo para trás.

– Não, senhor! Eu posso parecer um cara simples, mas não sou tão burro!

Quem levantar essa tampa leva um monte de fogos de artifício na cara!

– Ora, porra! – exclamou o Legionário. Juntou-se ao Ohlsen, abaixou-se e agarrou a argola que abria a tampa do alçapão. – Bem, lá vai! Cuidado aí, seus putos!

Antes de ele ter a chance de puxar a argola, a garota atirou-se sobre ele, gritando e fazendo-o perder o equilíbrio:

– Nyet, nyet! Criança, pequena aí dentro!

O Legionário deu-lhe um empurrão com impaciência.

Porta levantou-a e levou-a para a outra extremidade da sala.

– Espera aí – disse para o Legionário. – Você não vai matar uma criança, vai? Sempre pensei que os malditos franceses fossem cavalheiros, não assassinos de crianças

– Já terminou? – indagou o Legionário friamente.

– Ainda não – disse Porta. – Não mesmo. Eu...

O tenente Ohlsen ficou de pé, branco de raiva.

– Calem a boca vocês dois, nós não podemos ficar aqui o dia inteiro esperando enquanto vocês discutem problemas de ética! Aqui a questão é eles ou nós, e é meu dever fazer com que não sejamos nós!

Miúdo, sentado na mesa e balançando as pernas, pensativamente começou a esfregar o pedaço de fio metálico para cima e para baixo de sua coxa.

– Senhor – disse com tom esperançoso – devo comunicar que estrangulei um gato russo pouco antes do senhor chegar. Poderia estrangular o resto deles fácil fácil se eles subissem até aqui e me deixassem...\_

— Eu não estou interessado em gatos, sejam eles russos ou não! –

Ohlsen virou-se e fez sinal com a cabeça para o resto do pessoal. – Deem cobertura a boca do alçapão com metralhadoras leves. O primeiro homem a sair com qualquer tipo de arma de fogo vai receber o que merece.

Qualquer truque de um deles e vão voar direto para o inferno. – Com um gesto rápido e – decidido, escancarou o alçapão e falou



para dentro dos porões: – Muito bem, podem sair daí. Um de cada vez com as mãos acima da cabeça. Vou dar cinco minutos, aí então vai começar a encrenca...

Ficamos em volta, aguardando. A primeira a aparecer foi uma bruxa velha, com os braços finos acima de sua quase caveira. Atrás dela vieram mais cinco mulheres. Uma delas carregava um pequeno bebê em seus braços. Uma pausa, e aí vieram os homens. Eram vários, em sua maioria jovens. Heide e Barcelona revistaram todos eles enquanto Miúdo pedia ardentemente para que o deixassem revistar as mulheres, o que simplesmente provocou outro acesso de raiva por parte do tenente Ohlsen, cuja paciência nunca era grande coisa quando Miúdo estava por perto.

– Se você encostar um só dedo em alguma delas, eu mato você, seu bobalhão, juro que mato. Tem mais alguém lá embaixo?

Todos os russos balançaram as cabeças negativamente.

Olhamos para eles, sem muita certeza se devíamos acreditar. Porta cutucou Miúdo nas costelas.

– Por que você não faz aquela brincadeira de estrangular com um deles? Dessa maneira nós teremos certeza de chegar à verdade.

Miúdo, naturalmente, estava mais que contente em atender ao amigo.

Foi até o russo mais próximo e, com grande habilidade, colocou o arame de ago em volta de seu pescoço. Apertou-o por um momento, depois afrouxou. Porta sorriu.

– Muito bem, *tovarich*. Agora você sabe o que te espera se estiver contando lorota, não sabe? Você deixou mais alguém lá embaixo, não deixou?

O homem sacudiu a cabeça negativamente, os olhos esbugalhados e o pomo-de-adão mexendo freneticamente.

– Deixe-o em paz – gritou o tenente Ohlsen. – Quantas vezes mais vou ter que dizer a vocês dois que não vou tolerar esse tipo de coisa? Pelo amor de Deus, nós somos soldados, não gângster da Gestapo! – Voltou-se para os prisioneiros. – Muito bem, agora vamos ouvir a verdade de vocês. Tem ou não tem mais alguém nos porões?

Uma fileira, de cabeças silenciosamente respondeu que não.

– Muito bem, Kalb, jogue uns Molotovs lá dentro.

O Legionário ergueu um ombro e preparou-se para cumprir a ordem.

Imediatamente, uma das mulheres deu um estridente grito:

– Nyet, nyet!

O Legionário ergueu a sobrancelha para elar

– Qual é o problema, minha senhora? Alguma objeção a explodirmos o porão vazio?

– Vamos, sabemos que estão aí embaixo – disse o tenente Ohlsen, curvando-se sobre o alçapão. – Talvez seja melhor saírem inteiro do que em pedaços.

Devagar, dois homens jovens subiram as escadas. O Legionário olhou para eles, inconformado:

– Mais três segundos – disse tristemente. – Teria bastado só isso.

Heide e Barcelona revistaram os dois homens a procura de armas, e o tenente Ohlsen olhou duramente para os russos.

– Espero que desta vez esse seja o grupo todo.

Fomos eu e o Legionário que descemos para o porão.

No princípio, agachamo-nos atrás de uns barris, mas como não houvesse nenhum barulho, fomos adiante. Exploramos o porão cuidadosamente. Era um lugar muito amplo, da extensão de toda a casa, e havia pelo menos uma dúzia de lugares onde um homem poderia se esconder, mas não encontramos ninguém. Quando estávamos quase voltando, um inesperado ruído nos fez girar rapidamente, nossos dedos procurando neuroticamente nos gatilhos.

Era o Miúdo, com o grande e abobalhado rosto iluminado de alegria.

– Só vim pra ver se tinha alguma outra boazuda aqui embaixo – explicou quando eu e o Legionário esgotamos nossas ofensas. – Achei que podia ajudar a procurar.

– Não precisamos da merda de sua ajuda – fuzilou o Legionário. – E de qualquer maneira, você perdeu a viagem, o lugar está vazio.

Empurrando o Miúdo na nossa frente escada acima, reunimo-nos aos outros. Porta tinha descoberto um esconderijo de garrafas e estava cautelosamente experimentando o conteúdo de cada uma.

– Vodca? – perguntou aos russos. – *Nix vodk a?*

Eles olharam-no, em silêncio e sem sorrir.

– Revistaram toda a casa? – perguntou o tenente. – Muito bem, então vamos embora.

Ele saiu com o resto da seção, deixando-nos para trás com os russos.

Notei que Heide olhava muito intensamente para os dois rapazes, os últimos a saírem do porão. Barcelona e Porta, por sua vez, pareciam estar fascinados por eles.

- O que é que está havendo? – perguntei.
  - Aqueles dois ali... – Barcelona olhou para eles. – Não são novatos. são profissionais, ou eu engulo o meu chapéu.
  - Desertores? – indaguei, olhando-os também.
  - Desertores o cacete! – Barcelona cuspiu energicamente. – Conheço o tipo. Já vi demais deles antes. Só tem dois lugares em que você encontra ratos desse tipo: na NKVD ou na SS. E ninguém deserta deles.
  - Então o que é que estariam fazendo aqui?
  - Isso é que eu gostaria de saber.
  - Quer que eu acabe com eles de uma vez? – perguntou Miúdo, agarrando o fio de ago, com sua costumeira ansiedade.
- O tenente Ohlsen voltou nesse momento. Olhou para. O Miúdo irritadamente:
- O que é que está havendo aqui?
  - Tenta falar com eles em russo – sugeriu Barcelona, virando-se para Porta. – Você fala essa baboseira melhor que eu.
  - Feldwebel Blom! – O tenente veio até nós. – Quem está no comando aqui? Você ou eu? Se há um interrogatório a ser feito, eu darei ordens para isso.
- Até então, talvez vocês consigam me fazer à gentileza de deixar esses homens em paz.
- Sim, senhor – disse Barcelona entre os dentes.

Porta ergueu os ombros com desgosto, pegou a metralhadora de mão e seguiu-nos para ,fora da sala. Na porta, virou-se para olhar ameaçadoramente para os dois rapazes.

– Dessa vez vocês escaparam, companheiros, mas não tentem outra jogada, pelo menos não enquanto eu estiver por aqui, tá? – Os dois olharam-no

.

sem piscar. Porta derrepente deu uma risada. – Vou falar uma coisa pra vocês –

disse – Podem levantar as mãos para o céu porque estamos com um oficial.

Acho que ele não sabe muito bem que tipo de guerra é essa, mas nós sabemos, você e eu. *Ponimaite , tovarich?*

Lá fora formamos uma fila, em coluna por um, atrás do Tenente Ohlsen.

– A Onde é que se meteu o Miúdo? – perguntou o Velho ao partirmos.

– E o Legionário? Onde, raios, se meteram?

Ninguém sabia. A última vez que os tínhamos visto, estavam ainda na casa da fazenda. Com maus pressentimentos, o Velho comunicou o fato a Ohlsen, que xingou em alto e bom tom, numa linguagem nada apropriada a um oficial.

– Pelo amor de Deus! Será que você não tem controle nenhum sobre sua seção, Bier? Pegue alguns homens e volte para achá-los. E não leve o dia inteiro para isso. Já perdemos tempo demais. Não pretendo esperar por vocês, de modo que terão que tentar nos alcançar.

O Velho conduziu-nos de volta para a casa da fazenda.

– Nós vamos achar os dois no porão, bêbados até os ossos – disse Heide amargamente. .

– Se eles acharam um monte de *schnaps* escondido e não me disseram nada, vão pagar por isso direitinho! – ameaçou Porta.

Pouco antes de alcançarmos a casa, fomos parados por um assovio de aviso, bem baixo. O Legionário apareceu do meio das sombras.

– Onde é que você esteve até agora? – fuzilou o Velho.

– E onde se meteu o outro imbecil?

– Caçando por aí – disse o Legionário com um sorriso.

– Os nossos dois rapazinhos lá dentro acharam que iam nos pregar uma peça, de modo que nós estamos de olho neles.

– Caçando por aí? – repetiu o Velho duramente. – Caçando o que, maldição? Se ele encostar um dedo em alguma daquelas mulheres...

Afastou o Legionário e ia em direção a casa, quando o Legionário puxou-o para trás.

– Eu não faria isso, se fosse você. Isto aqui é capaz de ficar meio quente daqui a um minuto.

As palavras mal tinham acabado de sair de sua boca e um objeto veio

.

voando pelo ar, diretamente para cima de nós. Barcelona, agiu rápido; pegou a coisa assim que ela caiu e a jogou de volta.

Ouviu-se o som de uma explosão acompanhado de um clarão.

– Amadores – disse Barcelona friamente. – Não sabem nem jogar uma granada!

A inconfundível e sonora voz de Miúdo chegou aos nossos ouvidos.

De algum lugar ali perto, na escuridão da vegetação, ouviam-se os sons de luta violenta. Palavrões em alemão e russo. Barulho de galhos partindo e aço batendo contra aço. Alguém deu um gemido sufocado. Dai, silêncio. Ficamos esperando.

– Menos um – disse Miúdo, numa rápida aparição, antes de alegremente sumir de novo.

Logo ouviu-se o barulho de passos correndo, depois um tiro.

– O que é que está acontecendo por aqui? – indagou Heide, furioso.

– É melhor a gente dar uma espiada; espalhem-se e tenham cuidado

–

comandou o Velho.

Entre as moitas, tropeçamos num cadáver. Porta ajoelhou-se para examiná-lo.

– Estrangulado – disse brevemente.

Era um dos dois jovens russos. Ao seu lado estava um embornal com granadas em quantidade suficiente para varrer uma companhia inteira.

– Essas eram para nós, presumivelmente. Ainda bem que vocês ficaram para trás – comentou o Velho. – Embora, veja bem – acrescentou – isso de forma alguma justifica o comportamento de vocês. O tenente está furioso e eu não o culpo.

– Tenentes! – disse o Legionário, sorrindo com superioridade. – Parece até que têm todas as respostas. Se eu tivesse confiado em

oficiais toda a minha vida, duvido que estaria aqui pra contar a história.

– De qualquer maneira – disse eu ao Barcelona – parece que você estava certo quanto aos dois rapazes serem do NKVD.

– Claro que estava certo – disse ele com desdém. – Estou por aí há muito tempo. E sei umas coisinhas.

– É, como ele diz – acrescentou Porta, apontando com o polegar para o Legionário – os tenentes não têm todas as respostas. Não têm mesmo, não.

Ficamos em silêncio um pouco, aguçando nossos ouvidos na escuridão, mas incapazes de ouvir qualquer som vindo da direção em que Miúdo tinha desaparecido, e aí o Velho virou para o Legionário com uma pergunta que obviamente o estava intrigando há algum tempo.

– Como é que vocês souberam das intenções deles?

– De quem, dos NKVD? – O Legionário ergueu os ombros. – A moça falou conosco. Logo antes da gente sair.

– Ela falou? – perguntou o Velho, apertando os olhos.

– Foi o que eu disse: ela nos contou.

– Por que? Pra que ela fez isso? Por que ela ia querer entregar os seus conterrâneos?

O Legionário levantou friamente uma sobrancelha, como resposta as óbvias suspeitas do Velho.

– Sabe de uma coisa, eu não parei pra perguntar a ela. Acho que ela não gostou da cara deles. Eles não eram tão bonitinhos assim.



– É mais capaz de você ter encostado uma arma na cabeça dela! –  
comentou Porta, rindo cinicamente.

– Podia até ser – concordou o Legionário, calmamente. – Só que nesse caso não foi necessário. Ela deu a informação voluntariamente.

– Ela tem que estar maluca – disse eu – Se algum dos companheiros dela descobre, está liquidada.

– Isso é problema dela – disse o Legionário indiferente.

Ouviram-se passos pesados e uma respiração ofegante vindos de algum lugar atrás de nós, de modo que instantaneamente preparamos nossos fuzis enquanto olhávamos para a noite, esperando que Deus sabe o que caísse sobre nós – um bando de animais selvagens ou um pelotão inimigo pelo menos

– mas era Só o Miúdo.

– Aquele merda conseguiu fugir. Essas putas dessas árvores conseguiriam esconder uma porra de um regimento inteiro e você nunca ia achar ninguém. Pelo menos consegui arrancar a arma dele. Tenho quase certeza de que acertei nele, mas assim mesmo conseguiu escapulir.

O Velho pegou a arma da mão do Miúdo e pesou-a pensativamente com suas mãos.

– Um Nagan, hem? Se existe alguma coisa típica do NKVD, é isto aqui.

– Exatamente como nós dissemos desde o princípio – disse Porta com desprezo.

– Se os oficiais ouvissem um pouquinho mais a gente, talvez essa merda dessa guerra já tivesse acabado.

O Velho devolveu o Nagan ao Miúdo e iniciamos cautelosamente nossa marcha através da noite para nos reunirmos ao resto da companhia.

Barcelona continuava falando da moça. Ela obviamente o preocupava; a essa altura, acredito que nenhum de nós estava inclinado a acreditar na história do Legionário que dizia que ela tinha dado a informação espontaneamente. Não parecia absolutamente verossímil; de minha parte, tinha quase certeza de que Miúdo a pressionara com seu letal fio de aço.

– Por que você não trouxe a moça? – perguntou Barcelona. – Você sabe muito bem o que aqueles filhos da puta são capazes de fazer quando descobrirem. Você já viu como eles tratam as pessoas?

– Nós não temos nada com isso – disse o Velho. – Estamos aqui para combater, não para bancar a ama-seca de traidores.

– Eu discordo – disse Barcelona, esquentado. – Traidores pagos são uma coisa. Pessoas que são forçadas a serem traidoras são outra coisa. Bota uma arma na cabeça da pessoa e...

– Para com isso – disse o Legionário. – Pela última vez, ninguém forçou aquela puta a falar. Ela é que resolveu. De livre e espontânea vontade.

Aquele bebê chorão que eles tinham com eles... era dela. E vocês sabem quem era o pai? Um capitão da maldita SS! Esse é o tipo de puta que é!

– Talvez ela tenha sido violentada – disse Barcelona.

– Eu estou pouco ligando para o que ele fez com ela – declarou o Legionário friamente. – O que sei é que ela própria admitiu estar

bastante ocupada traindo a esquerda, à direita e no meio, toda vez que tem chance. Ela mesma disse isso. E parece achar que esta é sua missão na vida.

No meu livro isso é traição e, por mim, qualquer traidor pode ir se foder, seja qual for o lado que ele está.

– Ela – disse Barcelona.

– Ela, ele, puta que o pariu, é tudo a mesma coisa pra mim.

– Talvez ela ache que está apaixonada pelo sem-vergonha.

– Meu Deus! Um segundo atrás você disse que ele a violentou!

– Ela era uma puta de qualquer maneira – concluiu Miúdo – e eu estou cagando para o que acontecer a ela. Denunciou até a mãe, conforme falou. Fez ela ser mandada pra Sibéria porque roubou uma perna de porco. Eu teria acabado com ela ali na hora, só que tínhamos coisas mais importantes pra pensar.

Agora parecia obvio que a moça tinha, realmente dado a informação voluntariamente. Miúdo seria o último a esconder mais uma vitória para seu fio de aço e o próprio Legionário não teria visto razão para esconder nada, caso a verdade tivesse sido obtida a força. Ele não era excessivamente perverso, mas era impiedoso quando necessário e nunca fez segredo disso. Portanto, de modo geral, eu estava inclinado a acreditar em sua história e não me preocupei tanto com o que aconteceria a moça. Barcelona continuou a martelar essa tecla puramente, acredito, por questão de princípio.

– Ela não tem a menor chance – disse ele. – Eles vão acabar com ela num instante. Já viu o que é que fazem com os traidores por essas bandas? Essa gente é só meio civilizada, eles...

– Poupe-nos dos detalhes – disse o Velho. – Você se importa?

De repente, Stege riu, amarga e pensativamente.

– O inimigo valoriza a traição, mas ao mesmo tempo despreza o traidor. Schiller tinha toda a razão, pelo visto.

– Schiller? – disse Porta sem expressão, – O que é que esse cara tem a ver com esse negócio? Ele tá morto, não tá?

– Há algum tempo – disse Stege. – Antes de você nascer...

– Vocês deviam ter visto a língua dele pulando pra fora da boca – disse Miúdo orgulhosamente.

Todos olhamos para ele, procurando compreender esta referência bastante estranha a Schiller. Naturalmente, não se tratava disso. Miúdo estava meramente revivendo seus últimos momentos de glória com o fio de aço, quando estrangulara o homem do NKVD.

– Ele botou as mãos no meu pescoço, mas era forte demais pra ele.

Não disse nem uma palavra. Só sufocou, gargarejou e fez uns barulhos esquisitos. Eles sempre fazem isso quando você começa a pressionar. Aí eles...

– Por Deus! – disse Heide. – Parece que você só vive pra isso... sexo e estrangulamento!

– Cada um tem seu jeito – disse Miúdo pomposamente. – Estamos aqui para matar, então mato do modo que gosto mais. Convenhamos – disse em tom eminentemente razoável, sem margem para discussão – cada um de nós tem sua maneira predileta.

Era verdade, acho. Cada um de nós tinha seu método preferido. O

Legionário era um devoto da faca, enquanto Porta era perito com o fuzil. Heide gostava de brincar com o lança-chamas, enquanto eu

era considerado particularmente hábil com granadas de mão. Miúdo, por acaso, gostava de estrangular os outros...

*Os corvos reclamavam veementemente quando chegamos e*

*estragamos sua festa. Tinham se instalado como uma grande nuvem negra sobre os corpos, e assim que Porta atirou no meio do bando, eles Levantaram voo incomodados, circularam sobre nossas cabeças num breve momento de pânico e aí pousaram nas árvores mais próximas, onde organizaram um irritante coro de protesto. Só restou um para trás; ficou preso em um emaranhado de intestinos e não conseguia se libertar. Heide prontamente atirou, nele. Arrastamos os corpos para dentro e os amontoamos em pilhas. O*

*tenente Ohlsen veio ver nosso serviço e começou a nos xingar. Ele insistiu que nós os colocássemos decentemente arrumados em fileiras, um ao lado do outro.*

*– Certas pessoas – observou Heide ao Barcelona – são meio meticulosas com essas coisas.*

*Reclamando, assim mesmo tornamos a arrumar os corpos do jeito que o tenente pediu. Quanta aos oficiais que tinham sido assassinados em suas camas, deitados de lado em seus pijamas de seda e com suas gargantas cortadas.*

*nós os deixamos para apodrecer onde estavam. Manchas escuras de sangue sujavam o piso e as moscas já cobriam o chão. Em um dos compartimentos, um rádio ainda estava ligado. Uma voz convincente cantava: *Liebling, sollen wir traurig oder glücklich sein?* (Querida, vamos ficar tristes ou alegres?) Espalhamos gasolina por todo o acampamento e nos afastamos. Uma vez fora e a uma distância segura, eu e o Barcelona jogamos uma meia dúzia de granadas pelas janelas.*

*Do outro lado das colinas, ouvimos o cantar bêbado de alegres soldados russos:*

*Esli zavtra vojna, esli zavtra pokhod,*

*Esli zavtra sila nagryanet,*

*Kak odin chelovek vec sovietsky narod*

*Liubimuyu rodinu vstanet.*

*(Se a guerra chegar amanhã, se nós marcharmos amanhã,*

*Se uma força hostil nos atacar;*

*Como um só homem, o povo soviético se Levantara*

*Para defender a Pátria Amada.)*

O Velho olhou na, direção deles, longe, através das colinas, e depois para o acampamento em chamas e seus homens massacrados.

– Pois é – disse. – Taí a guerra, deles, a tal que eles parecem gostar tanto.

## **Capítulo II**

### Missão Especial

Nós, o restante da, companhia, almoçamos em um pinheiral. O tenente Ohlsen não estava exatamente satisfeito com nossa prolongada. ausência e foi preciso algum tempo para que ele estivesse em condições de se expressar usando uma linguagem que não nos ruborizasse de vergonha.

Durante os poucos dias que se seguiram, tivemos várias escaramuças com grupos de saqueadores russos e perdemos talvez uma dúzia de homens ao todo. A essa altura, já estávamos nos tornando peritos na arte de combate a guerrilheiros.

Tínhamos seis prisioneiros conosco, um tenente e cinco soldados de infantaria. O tenente falava alemão fluentemente e marchava, ao lado do tenente Ohlsen A frente da companhia, todas as diferenças temporariamente esquecidas.

Como compensação por termos que arrastar prisioneiros conosco, fizemos dois deles carregarem o panelão contendo nosso álcool fermentado\_

Era ainda muito cedo – o sol por acaso brilhando – quando localizamos o chalé, um refúgio de montanha, com uma varanda em toda Volta e dois homens da infantaria alemã montando sentinela na entrada. Quando nos aproximamos, dois oficiais saíram e, ficaram nos esperando. Um deles, o mais velho, era tenente-coronel e usava um ridículo monóculo que constantemente refletia a luz do sol. Levantou ia mão numa saudação um tanto superior para o tenente Ohlsen e quando chegamos, olhou-nos de cima, a baixo com expressão condescendente.

– Então vocês finalmente chegaram. – eu os esperava ha algum tempo.

Não costumo pedir reforço a não ser que precise mesmo, e quando preciso, espero ser atendido imediatamente. – O reluzente monóculo correu desdenhosamente nossas fileiras de ponta a ponta. – Bem, seus homens parecem ser um bando bastante experiente, só espero que a confiança depositada não prove ser um lamentável engano. – Tirou o monóculo, soprou sobre ele, limpou-o, encaixou-o de volta e dirigiu-se a nós por cima do ombro do tenente Ohlsen. – Só para sua informação, gostaria de deixar claro desde já que neste local somos um tanto rígidos quanto a disciplina. Não sei que hábitos vocês adquiriram em outras partes, mas agora que estão aqui, podem começar a exercitar os músculos. Hum! – Acenou com a cabeça, aparentemente satisfeito com o que dissera. e virou-se para Ohlsen. – Permita que me apresente: tenente-coronel von Vergil. Sou o

comandante aqui. – O tenente Ohlsen prestou continência. – Pedi reforços há alguns dias. Esperava-os muito antes.

Entretanto, agora que chegaram, vou certamente usá-los. Naquela direção, na margem da floresta. Colina 738. O inimigo anda bastante ativo por lá ultimamente. Vocês encontrarão o flanco esquerdo do meu batalhão por ali.

Certifiquem-se de manter boas linhas de comunicação.

– Sim, senhor. – O tenente Ohlsen fez continência novamente, levando dois dedos ao capacete.

O coronel escancarou os olhos e deixou cair o monóculo.

– Você chama a isso de continência, tenente?

Ohlsen ficou em posição de sentido. Fez estalar os saltos de seus sapatos e ergueu a mão elegantemente.

Com um gesto de cabeça, o relutante coronel aprovou.

– Assim está melhor. Nós não admitimos maneiras relaxadas aqui.

.Este é um batalhão prussiano de infantaria. Sabemos o que fazemos e mantemos o mais alto nível. Enquanto vocês estiverem sob meu comando espero que façam o mesmo. – Colocou as mãos para trás e inclinou-se ligeiramente para a frente, franzindo a testa.  
– Que escória é essa que estão trazendo com vocês?

– Prisioneiros russos, senhor. Um tenente e cinco soldados rasos. –

Enforce-os. Nós não conservamos esse tipo de lixo por aqui.

Houve um momento de silêncio. Vi o tenente Ohlsen engolir em seco.

– O senhor disse... – enforcá-los, senhor?



– Claro que disse para enforcá-los. O que é que há com você, homem?

E retardado mental?

O coronel girou sobre seus saltos e caminhou de volta -para dentro do chalé. O tenente Ohlsen seguiu-o com os olhos, a expressão tensa. Nós todos conhecíamos o tipo do coronel; um maníaco da Cruz de Ferro, sem nenhum outro pensamento em sua cabeça a não ser o de glória e gratificação pessoal.

– Então, o que vai acontecer? – murmurou o tenente russo, erguendo uma sobrancelha para Ohlsen. – Vamos ser enforcados?

– Nunca, se depender de mim! – retrucou Ohlsen. – Preferia ver aquele palhaço pendurado!

Uma janela do primeiro andar foi violentamente escancarada por um sargento e o palhaço, pessoalmente, apareceu.

– A propósito, tenente, uma palavrinha de aviso antes que tomem suas posições quando dou uma ordem, quero que seja cumprida imediatamente.

Espero ter sido bastante claro?

– Filho da puta! – murmurou Porta. – Era só o que faltava. Um maldito prussiano louco...

– Quer me fazer o favor? – disse o tenente Ohlsen, virando rápido para ele. – Não precisamos tomar a coisa pior do que já está.

O ajudante do coronel, um tenente de cara cor-de-rosa, apareceu na porta com ordens do coronel que devíamos tomar posição imediatamente – e que devíamos fazê-lo estritamente de acordo com o livro de regras. Fosse isso o que fosse. Depois de anos de luta no *front*, cada um mais ou menos faz seu próprio livro de regras.

Alcançamos a colina 738 e começamos a cavar nossos buracos. A terra era dura, mas nós já tínhamos enfrentado coisa pior e isso era melhor que perambular através de terras infestadas de inimigos. Miúdo e Porta cantavam enquanto trabalhavam. Pareciam estar exageradamente alegres.

– Eles andaram bebendo o maldito *schnaps* – disse Heide desconfiadamente.

Os tenentes Ohlsen e Spät estavam sentados dentro de uma trincheira junto com o oficial russo, conversando em tom baixo e apressado. Barcelona riu:

– Aposto que estão dando o horário dos trens locais para o Ivan!

– E daí? – perguntou Stege ferozmente. – Ohlsen não é .do tipo que sai por aí enforcando prisioneiros só porque um prussiano patológico mandou. Ele vai dar um jeito de eles escapulirem.

– O que! – disse Heide incrédulo. – não vai me dizer que ele vai deixar os filhos da puta fugirem!

– Que mais ele pode fazer? – disse Barcelona. – Se amanhã a essa hora eles ainda estiverem por aqui, o velho alucinado é capaz de pendurá-los pessoalmente... – e o tenente junto com eles.

– Bem feito – decretou Heide, dando-se ares de importância.

– Ele tem que respeitar as ordens de um oficial superior. É pra isso que está aqui. Eu de qualquer maneira nunca fui muito a favor desse negócio de fazer prisioneiros. Qual é a vantagem, a não ser que você queira alguma coisa deles? E depois de conseguir, tem que fuzilar os filhos da puta. Prisioneiro só serve para aporrinhar. Vocês devem ter notado – acrescentou – que eu nunca trago nenhum.

– Está tudo bem pra você que está aqui sentado na trincheira –

concordou Barcelona – mas aposto que pensará de outro modo se estivesse nas mãos dos russos.

– Se eu estivesse – disse Heide com dignidade – aceitaria a coisa como ela é. Se me mantivessem prisioneiro em lugar de me matar, acharia que eles tinham pedras dentro da cabeça. O negócio é que eu não pretendo cair nas mãos dos russos.

– Quanta conversa! – debochou Barcelona.

– Olha aqui – Heide virou-se para ele, irritado. – Há quanto tempo estou nesta puta desta guerra? Nove anos! E em todo esse tempo nunca fui capturado. \_ e você sabe por quê? Porque sou um soldado muito bom, melhor do que o resto de vocês conseguiria ser em um milhão de anos! – Olhou para os outros com ar de desafio. – Eu sigo o regulamento entendeu? Minhas calças têm vinco, conforme o livro manda. Minha gravata tem o lago certinho, meu cabelo é repartido... Não tem uma única coisa em mim ou em meu uniforme que não esteja de acordo com o livro de regras. Está, bem, podem rir, mas se a gente não começa direito, nunca se torna um bom soldado. E quando eu

.

decidi entrar para o exército, decidi fazer a coisa direito. E fiz, desde o início. E

não dou a mínima para os motivos da guerra; simplesmente faço o que me mandam... e mataria até a porra da minha avó se assim me ordenassem. Sou um soldado porque gosto de ser um soldado e eu quero ser bom naquilo que gosto.

Houve um momento de silêncio.

– Realmente, não vejo o que tudo isso tem a ver com pegar prisioneiros – comentou Stege.

– Meu Deus, como você pode ser tão burro? - perguntou Heide com desprezo. – Logo você, que é estudante! Escuta - inclinou-se para frente - \_ não cursei escola secundária. Nada disso. Mas vai por mim, sei o que estou fazendo e pra onde estou indo. E uma coisa que sei com certeza é: nunca pegue prisioneiros. Como é que você acha que consegui sobreviver tanto tempo? Por que será que me fizeram um sargento depois de cinco meses só? Por que será que tão poucos estudantes chegaram a. ser oficiais, enquanto eu vou me tornar oficial em tempo recorde, assim que acabar a guerra e eu possa começar a treinar? Por que será que...

– Ah, sei lá – disse Stege, começando a, ficar cheio – Estou achando que você está certo.

– Mas é claro que estou certo! Não preciso de um garoto como você pra me dizer que estou certo. – Heide recostou-se, satisfeito. – Não vou deixar aqueles russos filhos da puta saírem daqui vivos, isso eu garanto.

– Se você tocar neles vou direto ao tenente Ohlsen! – falou Stege, erguendo novamente a cabeça.

– Então tenta! Tenta só, pra ver o que te acontece! – debochou Heide.

– Ele não pode se dar ao luxo de encostar um dedo em mim!

Stege olhou-o com desdém.

– Só posso dizer que agradeço a Deus por eu não ser um soldado modelo.

– Ora, porra! – Heide foi-se embora.

Tínhamos acabado de cavar, quando o primeiro projétil chegou.

Ouvimos o assovio familiar antes que ele batesse no chão ali perto, depois gritos agudos de alguém em agonia. Um dos novos recrutas pulou fora do seu buraco e caiu esparramado no chão.

– Fui atingido! – gritou com toda força.

Dois de seus companheiros saíram para cuidar dele. Eles o levantaram entre eles e correram para trás das linhas, longe do perigo. Barcelona fez uma careta enquanto os olhava.

– Não se preocupe, companheiro, eles vão te tirar daqui com a velocidade que as pernas deles conseguirem, para bem longe, pro hospital mais longe que acharem...

– Principiantes – murmurou Heide amargamente. – Não têm a menor noção do que fazer com uma metralhadora, mas dá pra eles um homem ferido pra carregar e eles se mandam feito relâmpago. Isso eles aprendem rapidinho, não?

No fundo de uma trincheira, instaláramos o nosso painelão com a tampa bem pressionada por uma pilha de pedras, de modo que nada a não ser um tiro direto em cheio pudesse afetar nosso precioso líquido.

A essa altura já era quase noite. A lua estava escondida por um tapete de nuvens e o céu parecia um espesso veludo negro.

– Nossa, tudo está tão calmo! – murmurou o Velho. – Se não estivesse nessa brincadeira há tanto tempo, quase me sentiria tentado a dar um passeio e ver o que está acontecendo.

Ao longe, ouvimos um cachorro latir.

– Mas, afinal de contas, onde é que estão os russos? – perguntou Barcelona.

O Velho apontou em direção aos pinheiros, eretos e rígidos como sentinelas.

– Lá nas trincheiras deles... querendo saber por que tudo está tão calmo e, afinal de contas, o que estamos tramando.

– Bem, preferia que eles saíssem e lutassem – resmungou Heide. –

Não tem nada pior que o silêncio pra fazer a gente ficar maluco.

Uma gargalhada arrepiante de repente cortou a noite, mas era apenas o Porta trapaceando com os dados junto com o Miúdo, alguns buracos mais a frente. De algum lugar do outro lado, uma metralhadora começou a latir. Um dos nossos respondeu com algumas melancólicas salvas. Enquanto observávamos, acima e além dos pinheiros um oceano de chamas rolou para

.

frente, saltando em direção ao céu, onda após onda, cada uma precedida por uma gigantesca explosão. Parecia que as próprias montanhas estavam estremecendo.

– Baterias de foguetes – observou o Velho. – Desde que não cheguem mais perto...

De novo ouvimos o latido tipo cão-de-guarda das metralhadoras. Na escuridão da noite, de algum lugar do norte, uma série de listas luminosas rasgou o céu.

No meio disso tudo, um mensageiro do coronel chegou, vindo a toda velocidade, com o rosto vermelho e gritando como um louco.

– Fale baixo, seu doido! – disse o tenente Ohlsen furioso. – O *front* inteiro é capaz de ir pelos ares se você continuar assim.

– Sim, senhor. Desculpe, senhor. Mas é uma mensagem muito importante, senhor. O coronel quer vê-lo imediatamente para ter seu relatório e dar-lhe novas ordens.

– Pelo amor de Deus...

O tenente deu meia-volta resmungando. O mensageiro ficou um momento atônito. Tinha o rosto liso e bem barbeado, um uniforme imaculado e um ar de curiosa inocência.

Porta. olhou-o de cima para baixo, algumas vezes.

– De onde vem seu uniforme?

– Breslau – foi a orgulhosa resposta. – Quadragésimo Nono de Infantaria.

O rosto rosado olhou para baixo, curiosamente, na direção de Porta em seu buraco.

– Então você é um dos rapazes da medalha, hem? – falou Porta, dando uma, de suas gargalhadas satânicas. – Bem, vai correndo pegar sua Cruz de Ferro e fica com ela... Você vai achá-la num monte de merda por aí!

Surpreso, como não podia deixar de estar, não conhecendo Porta, o mensageiro deu meia-volta e correu de novo para o coronel.

As montanhas estremeeceram de novo, como que sacudidas por alguma agonia interna. Listras de fogo vermelho e azul cruzaram o céu. O campo, por quilômetros em volta, parecia banhado por um mar de fogo perpétuo; ficamos ofuscados com o clarão e nos encolhemos no fundo de nossos buracos.

No momento eram os russos que estavam aguentando o impacto, mas nós mesmos não estávamos nem um pouco tranquilos.

– Porra! – gemeu Heide, esfregando a testa com as costas da mão.  
–

Não sei o que essas putas dessas nossas baterias fazem aos russos, mas sei que me fazem cagar de medo. Na maioria das vezes esses putos imbecis nem parecem saber em que direção estão mirando esses negócios...

–Cuidado! – gritou Steiner. – Os russos estão respondendo!

Quase antes de terminarmos de falar, o chão começou a sacudir e tremer, quando a artilharia pesada russa abriu fogo. Nós nos enrolamos em nossos buracos, com a cabeça entre as pernas feito cachorros deixados do lado de fora numa noite de inverno, protegendo-nos com as mãos entrelaçadas sobre nossos capacetes. Através dos olhos meio abertos, vi a parede de fogo subir atrás de nós, quando os projéteis russos de 120mm caíram e a onda de ar quente varreu por cima de mim.

Então, de repente, tão de repente que senti uma sensação de choque, veio o silêncio. O fogo de barragem parou e não se ouvia nenhum barulho.

Nós, que já tínhamos passado por tudo isso antes, ficamos agachados em nossos buracos, mas vários dos novatos incautamente ergueram suas cabeças para ver o que estava acontecendo. O tenente Spät gritou de seu abrigo.

– Abaixem as cabeças, seus malditos loucos – Para alguns deles foi tarde demais, visto que, tão de repente quanto o silêncio se iniciara, uma série de explosões choveu sobre nós, desconcertantemente mais próxima que a primeira

– a poucos passos da nossa porta da frente, poderíamos dizer.

– É a terceira vez que damos sorte – ouvi Barcelona murmurar. – A próxima vai ser exatamente em cima. Senti que ele estava



provavelmente certo.

Eles não iam continuar a errar eternamente. Nossa sorte estava prestes a mudar.

– Eles têm algum observador em algum lugar em cima daqueles pinheiros – disse Steiner.

Durante a segunda interrupção, arriscou levantar a Cabeça alguns centímetros e gritou para Porta.

– Ali, eí, Porta, vê se despacha aquele filho da puta e aí talvez a gente tenha um pouco de sossego.

– Deixa comigo – disse Porta. – Tudo por um pouco de sossego; é só eu conseguir localizar o bandido.

Engatinhou para fora do buraco e serpenteou para frente, totalmente deitado no chão, examinando o bosque de pinheiros com a mira infra-vermelha de seu fuzil.

– Eu podia tentar dar um jeito nele - disse Miúdo, puxando o pedaço de arame de seu bolso e saindo de sua trincheira. – Aposto que chego lá. E só me deixar colocar isso em volta do pescoço dele e aí...

– Volte pra dentro! – sibilou o tenente Spät.

Na hora exata. Assim que Miúdo caiu de Volta em seu buraco, uma nova salva foi disparada. Ela caiu entre as trincheiras e, de um pouco mais a frente, ouvimos a costumeira cacofonia de gritos e berros de homens terrivelmente feridos.

– E isso – disse Barcelona. – Algum pobre coitado danou-se; talvez agora eles nos deixem em paz por algum tempo.

– Sem dúvida, até a gente recomeçar – disse Heide amargamente.

O Legionário arrastara-se para fora, para unir-se ao Porta. Com seu olhar aguçado, tinha notado um movimento entre os pinheiros e esticou o braço para tocar Porta nas costelas.

– Lá está ele... descendo da árvore, tá vendo? A direita daquela árvore grande lá. Preste atenção ou você não vê!

Porta levou o fuzil assombro e olhou desesperadamente através do aparelho de mira.

– Onde, pelo amor de Deus? Não consigo ver...

– Olha, tá vendo aquela árvore maior lá? Com a ponta mais alta que todas as outras? Três dedos a direita...

– Achei! – Porta ergueu o polegar com júbilo. – Sim, agora estou vendo o filho da puta muito bem, tentando descer... sem suspeitar de nada... o pobre verme tem a Ordem de Stalin presa no peito! Sabe lá o que é isso? A Ordem do puto do Stalin...

– Porra! Para com esse blá-blá-blá e faz o serviço! – sibilou o Legionário entre os dentes.

– Está bem, está bem – disse Porta placidamente. – Ainda tem bastante tempo. Só um passinho a, mais...

Enquanto falava, pressionou o dedo no gatilho. Ouviu-se um curto e seco estampido e o inocente observador caiu no meio do mato, com metade da cabeça arrancada. O Legionário fez sinal afirmativo com a cabeça.

– Bom. Me dá o teu livro que eu vou anotar.

Porta pegou um desses livrinhos amarelos usados por todos os grandes atiradores do exército com o propósito de registrar seus resultados. O

Legionário anotou o último sucesso de Porta e folheou algumas páginas anteriores.

– Nada mau – comentou.

– Tenho tantos quanto ele com meu fio de aço – disse o Miúdo enciumado. – Vou te contar uma coisa, é preciso muito mais coragem. Nada de ficar por ai, sentado na bunda, com os olhos presos no binóculo. Você tem que estar no meio do negócio, bem pertinho... – Com a cabeça acenou agressivamente para o Legionário e ai, tornado por um pensamento súbito, virou-se para o Porta. – Eí, que tal os dentes do cara?

– Não deu pra ver – disse Porta pesarosamente. – O filho da puta não sorriu. Por que nós não damos uma espiada nele? Meio a meio?

Miúdo não precisou de um segundo convite. Foram engatinhando para dentro do bosque de pinheiros, arriscando o pelo pela chance de algumas obturações de ouro.

O tenente Ohlsen também estava aproveitando para esticar suas pernas.

– Assume você um pouco, está bem? - disse a Spät. – É melhor eu ir ver o que essa velha chata desse coronel está querendo. Não devo demorar muito.

Afastou-se correndo das trincheiras, procurando a relativa segurança da área arborizada onde o coronel tinha seu quartel-general. Uma metralhadora começou a cuspir uma torrente de balas traçastes, mas o atirador não era obviamente um perito e os projéteis caíram muito curto e sem perigo a uma certa distância.

No momento foi só isso. O que aconteceu depois só viriam a saber aos poucos, muito mais tarde, bem depois da volta do tenente Ohlsen.

Parece que, quando ele chegou ofegante ao chalé, o coronel mostrou uma certa relutância em ser incomodado, embora eventualmente condescendesse em ouvir o relatório de Ohlsen, que ele mesmo solicitara como

sendo urgente, pouquíssimo tempo antes. Os sete oficiais que estavam com ele ouviram com igual falta de interesse.

Estavam sentados em volta de uma mesa, coberta com uma grossa toalha, contendo um vasto e rico sortimento de comida e vinho. Ohlsen, achando que estava em algum país das maravilhas, observou todos os detalhes enquanto falava: vasos de cristal lapidado cheios de flores; candelabros de cristal reluzentes serviços de porcelana azul; garçons com casacos brancos aguardando respeitosamente atrás de cada cotovelo. Por um momento, sua voz falhou. Parecia inacreditável que a matança sangrenta e a luxuosa ceia pudessem estar tendo lugar simultaneamente, a poucos metros de distância uma da outra.

Aproveitando sua hesitação, o coronel Von Vergil ajustou o monóculo e examinou este insolente tenente que viera correndo da batalha para interromper sua refeição. Olhou primeiro para a espessa crosta de lama em suas botas, depois deixou seu olhar mover-se lentamente para cima do imundo uniforme preto, amarrotado, rasgado e rígido devido ao acúmulo de sujeira de vários meses de duro trabalho na linha de frente. A insígnia da caveira dos hussardos, amarelada e enferrujada, sorriu zombando para ele, proclamando sem a mínima vergonha que já se passara muito, muito tempo desde a última vez em que tinha sido polida até obter-se o brilho de espelho exigido pelo regulamento. A imunda fita vermelha da Cruz de Ferro terminava não em uma medalha mas numa franja desfiada. A Cruz de Ferro propriamente dita tinha sido perdida há algum tempo, quando o tanque do tenente se incendiara. A manga esquerda de seu casaco estava presa por alguns fiapos. A

aba de couro de seu coldre fora arrancada. Em lugar do cinto de oficial, usava um que, por direito, pertenceria a um soldado raso. Sua mão direita estava preta de sangue coagulado.

O coronel deixou cair o monóculo e virou-se desgostoso. Exatamente como sempre suspeitara – esses oficiais que se encontravam no *front* não tinham o menor sentido de estilo, classe; não eram o tipo de pessoas que alguém fizesse questão de conhecer socialmente – óbvio; ou eles nem estariam no *front*. O próprio coronel só estava lá devido ao mais lamentável dos enganos e a mais absurda incompetência de algum cretino na Bendlerstrasse.\*

Seu regimento, o 49º de infantaria, era rico e aristocrático e até agora \_\_\_\_\_

\* Rua em Berlim onde ficava o Ministério da Guerra.

não vira luta na frente de batalha, com exceção da ocupação da Dinamarca e dois dias na França, antes do armistício. A vida era fácil e opulenta.

E aí veio o dia fatal em que o idiota na Bendlerstrasse resolveu promover o comandante do regimento, coronel Von der Graz, ao posto de general de brigada, e o mandara com uma divisão de infantaria para os Bálcãs.

Isso foi o princípio. A total tragédia da situação, entretanto, não descera de uma só vez sobre o desolado 49º, naquele momento felizmente instalado em Breslau.

Por algum tempo, tinham vivido na crença e esperança de que os sucessor do coronel seria escolhido entre sua própria elite. Tinham dois tenentes-coronéis aptos a promoção para coronel e o mais venerável deles, cujos contatos eram indiscutíveis, chegara ao ponto de anunciar adiantadamente as matanças que pretendia fazer quando fosse encarregado do regimento.

O sonho tinha sido despedaçado em uma inesquecível sexta-feira de manhã, aos vinte minutos para as nove – hora e data que ficaram marcados na memória de todos os oficiais do regimento, visto que aos vinte minutos para as nove seu novo coronel chegara e tomara posse. Um coronel que ninguém conhecia ou queria. Tinha chegado direto do serviço ativo em Demjamsk. Não tinha nada de diletante em sua figura; era alto e musculoso, rústico e franco, e usava uma venda cobrindo um olho.

Durante toda a fatídica sexta-feira, vagou pelo quartel com uma expressão preocupada e de desprazer, a testa franzida e o nariz no chão como um cão farejando encrenca.

Um dos emperiquitados oficiais, procurando bajular, teve a brilhante ideia de apresentar o novo coronel a adega de vinhos do regimento, renomada num raio de quilômetros, e que era estocada com delicias capazes de alegrar o coração de qualquer *connoisseur*. Talvez o coronel não fosse um *connoisseur*.

De qualquer maneira, apenas pegou uma, ou duas garrafas empoeiradas, leu seus rótulos friamente, levantou uma sobrançelha para o oficial e saiu sem uma palavra. Foi aquela sobrançelha, junto com a total falta de comentários, que realmente abalou o oficial. Uma hora mais tarde, arrumou suas malas e partiu, antecipando o que sentiu que seria inevitável.

Já era bem tarde quando o coronel parou suas andanças e sentou-se na cadeira de seu antecessor atrás de uma grande escrivaninha de mogno.

A maioria dos oficiais já estava no cassino, procurando bravamente continuar como se nada tivesse acontecido, mas o champanha tinha um paladar um tanto diferente e o sabor do jogo parecia ter subitamente desaparecido.

Nuvens negras estavam se agrupando sobre suas cabeças e eles sentiam a ameaça no ar. E então a coisa aconteceu: o coronel

chamou seus oficiais de Volta ao quartel. A maioria deles, na realidade, tinha ido passar o fim de semana fora com um passe de quarenta e oito horas que se estendia de quinta-feira a noite até qualquer hora de segunda-feira. Isso talvez forçasse um pouco as coisas, mas há muito tempo vinha sendo aceito como normal no 49º.

Tendo reunido tantos oficiais quantos conseguiu localizar, o coronel quis ser informado quanto a exata força total do regimento. Isto deveria ser mantido atualizado diariamente através de relatórios dos comandantes de companhias, mas devido a pequenos descuidos – assim classificados por parte dos oficiais – e desleixos, por parte dos Hauptfeldwebels – já havia várias semanas que ninguém se incomodava com o assunto.

O ajudante languidamente convocou as várias companhias para ver qual era a posição. Seu interesse no resultado era puramente acadêmico; tinha um tio que era uma alta patente naquela parte do exército que ainda permanecia em solo alemão, de modo que, para ele, o novo coronel não incomodava muito mais que o zumbido de uma abelha. Um pouco barulhento, talvez, mas facilmente eliminável. Com um ligeiro sorriso nos lábios, relatou ao coronel.

– Sinto informá-lo, senhor, que a exata força do regimento não pode, neste momento, ser verificada; os Hauptfeldwebels estão todos em licença de quarenta e oito horas.

O coronel pensativamente correu o dedo por baixo da borda de sua venda negra.

– Onde está o oficial de artilharia? – indagou.

O mais jovem do regimento veio correndo. Prestou continência, ofegante.

– Tenente Hanns, Barão von Krupp, oficial ordenança, senhor.

O coronel olhou para ele um momento, aí acenou afirmativamente, devagar, com a cabeça; a maneira com que ele acenou foi um tanto triste e desgostosa.

– Então isso existe aqui também, pelo visto! – grunhiu. – Bem, Barão von Krupp, talvez o senhor não se importasse de verificar se pelo menos temos alguém montando guarda... ou estarão todas as sentinelas também de licença?

O tenente Hanns prestou continência novamente e virou-se para ir embora, mas quando abriu a porta o coronel clamou-o de volta e largou outra bomba.

– Quero o número de homens atualmente no quartel... e lhe dou quinze minutos para conseguir isso.

O ajudante sorriu novamente com seu modo superior. Tinha certeza de que o número corresponderia a apenas trinta por cento daquilo que o regulamento rezava. Já havia muitos meses que ninguém se incomodava com assuntos tão irrelevantes. Breslau, afinal de contas, não era Berlim; ninguém jamais vinha para Breslau.

Deixado com seus oficiais, o novo coronel comentou educadamente, mas sem esconder sua surpresa, o fato de nenhum deles ter uma condecoração do *front*.

– Ah, não, senhor! – disse o capitão Dose, um tanto chocado. – Não fomos mandados para o *front*, senhor.

– Não mesmo? – O coronel sorriu lentamente, um sorriso que gelou os corações dos oficiais reunidos. – Bem, fiquem absolutamente tranquilos que isto será remediado. Vocês terão as mesmas oportunidades de todos os demais.

A guerra ainda não acabou. Antes do fim da noite esperarei receber de cada um de vocês um pedido de transferência para o serviço ativo na frente. – Virou-se para seu ajudante, que ainda sorria



docemente. – Quero que você mande telegramas para todos os homens de licença por quarenta e oito horas. A licença terminou a partir deste momento. Eles tem que se apresentar ao quartel imediatamente. Pode assinar em meu nome. Imagino que você saiba onde esses homens podem ser localizados.

O ajudante apenas perceptivelmente ergueu um ombro. Na realidade, não tinha a menor ideia de onde cada um pudesse estar. O melhor que poderia fazer seria enviar homens a sua procura, o que significaria correr todos os bares e bordéis da cidade – uma operação longa e especulativa. Olhou para o outro lado da sala, para o capitão Dose, e resolveu passar o problema para outras mãos. Dose era conhecido como um tanto bobo.

– Acho que este problema é para você – disse em tom agradável e, pegando um pacote de formulários de telegrama, jogou-o para o atônito capitão.

– Aí está, mande um para cada homem de licença. Imagino que você tenha seus nomes e endereços.

Tonto demais para responder, Dose cambaleou para fora da sala.

Passou o resto da noite alternadamente procurando inexistentes ou antigos endereços em um caderno e rezando ardentemente para que um avião ao passar largasse uma bomba em cima do quarto do coronel.

Apesar de todos os seus esforços, só conseguia reunir nove dos 1.800

homens que tinham deixado o quartel.

Na segunda-feira, os restantes 1.791 foram chegando como de costume, a hora do dia que mais lhes agradasse, ansiosos por umas horas de repouso e calma, nas quais se recuperariam da farra do fim de semana. E para cada homem, um choque a espera: todo o

quartel mudara da noite para o dia de um tranquilo, livre e relativamente luxuoso hotel para um disciplinado estabelecimento militar. Na mesa de cada oficial havia um seco recado informando-o de que o coronel desejava vê-lo imediatamente.

Os mais jovens e inexperientes largaram tudo e correram. Os mais prudentes deram alguns telefonemas para sentir o terreno, depois do que caíram gravemente enfermos e foram conseqüentemente levados der ambulância.

Entre os primeiros estava o capitão (Barão) von Vergil. Três horas depois de se apresentar de volta ao quartel, recebeu ordens para seguir para a frente russa. Promovido; isto é verdade, para o posto de tenente-coronel; mas está compensação era insuficiente, considerados os prováveis horrores da guerra no *front*. Nem tanto o perigo, quanto o desconforto. Pensou nos piolhos, na lama, nos corpos fedorentos e pés podres, e isto era quase demais para um ser civilizado aguentar. Teria chorado ali mesmo, naquele momento, se tivesse alguém capaz de sentir pena dele.

Oito dias depois da chegada do coronel Bahuwitz, o 49º Regimento de Infantaria tinha desaparecido junto com sua famosa adega de vinhos. Cada oficial carregara sua parte da mercadoria. Nenhum deles tinha partido com menos de dois caminhões de vinho e o barão levara três.

Agora aqui estava ele, na frente oriental, sofrendo as duras realidades da guerra. Naquilo que deve ter sido quase certamente um tempo recorde, conseguiu fazer-se cercar pelos russos, juntamente com seus homens. Havia imediatamente mandado pedidos histéricos de socorro e fora acalmado e animado; o socorro já estava a caminho. E agora a ajuda tinha chegado e que tipo de ajuda! Uma companhia de tanques sem um tanque sequer; um bando de delinquentes vestindo trapos imundo e fedendo até as nuvens. Era quase um insulto. O coronel von Vergil, afinal de contas, mio podia saber que esse bando de delinquentes, guiados por dois

duros e experientes oficiais, era um presente dos deuses e provavelmente sua única chance de sair dali vivo. Essa companhia, na realidade, valia por um regimento inteiro de cheirosos e engomadinhos soldados de um quartel em Breslau.

O coronel von Vergil saboreava seu vinho e, por cima do copo, olhava a fita branca na manga esquerda do tenente Ohlsen. Na fita estavam as palavras

“Regimento Disciplinar”, ladeada por duas caveiras mutiladas. O coronel torceu o nariz; o tenente cheirava a sangue e não ver um sabonete desde o início da guerra. O coronel largou o copo de vinho e pegou um cigarro para abafar o fedor de corpo não lavado.

– Obrigado por seu relatório, tenente.

Ficou em silêncio um momento, acendeu um cigarro com um isqueiro de ouro e recostou-se em sua cadeira.

– O senhor está a par, naturalmente, que de acordo com o regulamento cada soldado... – e aí grifou bastante e deliberadamente as palavras “cada soldado” – é obrigado a limpar seu equipamento e a cuidar de seu uniforme imediatamente depois do combate. Desta forma, não se deteriorará e devera permanecer praticamente novo, a não ser, naturalmente, pelo desgaste normal.

Ora, tenente, o senhor há de concordar comigo que basta uma rápida olhada para seu uniforme para convencer qualquer um que não seja cego que o senhor negligenciou quase criminalmente a este respeito. Não tenho absolutamente certeza se isso não poderia até ser classificado como sabotagem ativa.

Entretanto... – sorriu e soprou uma nuvem de fumaça – vejo o seu caso mais como uma questão de medo e covardia; pessoal do que propriamente uma tentativa deliberada de sabotagem. Quando a coragem de um homem falha, pelo menos é o que me dizem, ele pode muito bem agir de formas bastante curiosas.

O rosto do tenente foi ficando gradativamente vermelho de raiva, não vergonha. Seus punhos fecharam e os olhos faiscaram num momento de ódio.

Mas era um soldado experimentado demais para não ter aprendido a se controlar. Uma palavra desse palhaço Vergil e ele poderia ser um homem morto, e, enquanto morrer pela pátria ainda podia ter uma certa. Glória

.

morrer por um louco como o Vergil era simplesmente maluquice.

– Sinto muito pelo meu uniforme, senhor. – O tenente falou rígido entre dentes semicerrados. - A companhia foi mandada numa missão especial há três meses e meio. Estamos em ação ininterrupta desde então. Somente doze homens sobreviveram de toda a companhia original, de modo que espero que compreenda, senhor, que nestas circunstâncias nenhum de nós teve até o momento muitas oportunidades de sentar para polir seu equipamento ou remendar o uniforme.

O coronel tomou outro pequeno gole de vinho e tocou seus lábios com o branco e engomado guardanapo.

– Desculpas são totalmente irrelevantes, tenente. Além do mais, gostaria de lembrar-lhe de que, quando falarem com o senhor, não deve falar a não ser que uma pergunta lhe seja feita. Não fiz pergunta alguma. Caso deseje fazer qualquer tipo de observação, o senhor deveria requerer permissão da maneira usual.

– Neste caso, senhor, gostaria de requerer permissão para falar.

– Claro que não tem! – esbravejou o coronel. – Nada que o senhor diga poderia provavelmente alterar os fatos. Volte para sua companhia e nunca mais me deixe vê-lo, ou a seus homens, nesse estado deplorável.

Fez uma pausa e olhou para Ohlsen com um brilho triunfante em seus olhos.

– Eu lhe darei até me fez lembrar de outro assunto que deveria ter merecido sua atenção até agora. Aqueles prisioneiros russos que o senhor trazia... já se livrou deles?

O tenente Ohlsen engoliu em seco. Olhou para o coronel bem nos olhos.

– Não, senhor. Ainda não.

O coronel ergueu uma sobrancelha. Ficou por um momento batendo a cinza de seu cigarro e apertando-a gravemente dentro do cinzeiro.

– Sabotagem – disse finalmente, em tom baixo e intenso. – Sabotagem e insubordinação. Mas, afinal de contas, nós somos humanos, tenente,

.

vamos dar-lhe mais uma vez o benefício da dúvida. Talvez nós tenhamos sido suficientemente claros da primeira vez. Dez horas da manhã, tenente. Isto é uma ordem. Espero que os prisioneiros tenham sido enforcados até então.

Estarei aguardando seu relatório com a confirmação.

– Desculpe, senhor, mas... eu não posso enforcá-los... não assim, a sangue-frio. Eles são prisioneiros de guerra... – O tenente Ohlsen molhou os lábios.

– Ah, sim? – O coronel parecia contente. – Sejam o que forem, tenente, acredito que seu primeiro dever é cumprir as ordens de seus oficiais superiores, e não questionar a validade ou sabedoria dessas ordens. Confio, para seu próprio bem, que tudo esteja como deveria estar, amanhã de manhã. –

Agitou o guardanapo em sinal de despedida, virou-se outra vez para a mesa de jantar e pegou o copo.

– A vossa saúde, cavalheiros.

Os sete elegantes oficiais ergueram seus copos. O tenente Ohlsen abruptamente deu meia volta e deixou a sala.

Enquanto voltava para a companhia através da perigosa escuridão, rezava em voz alta para que os russos acertassem alguns projéteis em alguns bem escolhidos lugares.

– Só uns, só uns poucos... só o bastante para fazer aquele monte de idiotas ir pelos ares até o céu... querido Ivan, é só isso que peço!

Mas a noite transcorreu escura e seu silêncio inquebrado.

Evidentemente, Ivan não estava ouvindo suas preces.

O tenente Ohlsen alcançou a Quinta Companhia e pulou para dentro das trincheiras, onde sentou-se por um momento, punhos fechados, tremendo de raiva do coronel.

– Que é que há? – perguntou Spät, olhando intensamente para seu irmão oficial, enquanto este esmagava a ponta de um cigarro.

– Aquele filho da puta, filho da puta!

Por um momento parecia que isso era tudo que ele conseguia dizer.

Cuspiu tudo com ódio, enquanto nós o observávamos penalizados e ao mesmo tempo esperando ouvir mais. E finalmente ouvimos, numa linguagem que conseguíamos entender e apreciar. O relato saiu dele como uma magnífica e ininterrupta torrente de obscenidades; o Velho sacudiu a cabeça e olhava para o tenente com ar grave e paternal.

– O que é que ele fez agora? – indagou, quando finalmente conseguiu encaixar uma palavra.

O tenente Ohlsen olhou para ele selvagemente.

– Vou te dizer o que é que ele fez agora! Arranjou uma inspeção para as dez horas amanhã de manhã! Temos que estar lá todos arrumadinhos, limpos e engraxados de acordo com o regulamento. Arranjem tempo para lubrificar suas armas e costurar seus botões!

– Fazer o quê? – disse Porta boquiaberto.

– Você ouviu! – respondeu o tenente irritado.

Porta deu uma sonora e gostosa gargalhada. Virou-se e gritou para dentro da escuridão. – Eí, Miúdo! Ouviu essa? Temos que mudar, eu e você, lavar nossas caras e escovar os uniformes. Ternos que varrer nossos buracos até as dez da manhã e ter certeza de que estamos bem limpos e arrumadinhos, sem migalhas no chão!

A resposta chegou ecoante e forte pela trincheira. – De que buracos você está falando, os da bunda?

Nossas gargalhadas devem ter sido ouvidas a quilômetros de distância.

– Pelo amor de Deus – implorou o tenente Ohlsen, que já sofrera o bastante, pobre homem – não façam tanto barulho.

– Psss! – sibilou Porta, colocando um grande me encardido dedo sobre os lábios. – Assim nós acordamos os russovskys!

– Exatamente, e isso não vai ser tão engraçado quanto parece! – grunhiu Ohlsen.

Caímos em silêncio. Os cumes das montanhas estavam perdidos em envolventes nuvens e a lua desaparecera por trás de um espesso

cobertor. A noite estava negra, porém calma.

O tenente Ohlsen acomodou-se na trincheira entre Spät e o Velho, e pediu para que eles chegassem mais perto. Começou a falar em tom baixo e apressado. – Olha, estou um pouco enrolado – disse francamente – e se vocês tiverem alguma sugestão, ficarei muito contente em ouvi-la. Aquele babaca, imbecil de coronel insiste que eu me desfaça dos prisioneiros até dez horas da manhã.

Ele fará uma inspeção pessoalmente para ter certeza de que o trabalho

.

foi devidamente executado, de modo que o que eu quero saber é, o que podemos fazer a esse respeito? Que jeito vamos dar para que eles fiquem com suas cabeças nos ombros e o imbecil satisfeito porque fizemos o serviço?

Houve um silêncio, enquanto Spät preocupava-se na escuridão e o Velho tragava profundamente seu cachimbo.

– É uma empreitada difícil – disse depois. – Significa esconder os seis prisioneiros e achar mais seis corpos para mostrar ao coronel. Não é fácil.

– Vamos supor – sugeriu Spät – que nós fechemos os olhos e eles fujam?

– Você ouviu o que Boris disse – objetou Ohlsen. – Eles seriam fuzilados no instante em que voltassem para suas linhas.

– Por que? Só por que foram feitos prisioneiros? – Spät sacudiu a cabeça. – Ele deve estar exagerando. Acho isso muito difícil de se acreditar.



– Está bem então, vamos perguntar a ele. Quem sabe ele tem alguma ideia. Porra, é a cabeça dele que estamos tentando salvar.

Spät mandou chamar o prisioneiro e alguns momentos depois o jovem tenente russo pulou para dentro da trincheira. Ohlsen rapidamente explicou a situação para ele.

– De modo que a coisa está assim – concluiu. – E, francamente, não há nada que eu possa fazer, a não ser que você tenha alguma ideia brilhante.

O russo sorriu um tanto tristemente e sacudiu a cabeça.

– Quem dera eu tivesse. Infelizmente, do nosso lado de linha não são mais civilizados que do de vocês. E só mostrarmos nossas caras lá e seríamos fuzilados imediatamente como traidores – captou a expressão céptica no rosto de Spät e confirmou: – Ah, sim. É a pura verdade, meu amigo, posso te assegurar. Um soldado do Exército Vermelho tem que morrer por seu país antes de se deixar capturar como prisioneiro, palavras do tio Josef!

– E que tal os guerrilheiros do nosso lado das linhas?

– O Velho quis saber. – Eles não poderiam ajudar de alguma forma?

– É uma possibilidade – admitiu o russo, embora não parecesse muito otimista. – O único problema é que cada grupo de *partisans* tem comunicação direta com o quartel general e, enquanto um grupo local pode não notar nada de estranho em nossa história, você pode apostar a vida que os rapazes do QG,

.

saberiam muitíssimo bem que nosso destacamento não se encontra absolutamente neste trecho do front. Obviamente nós não podemos dizer que somos prisioneiros fugitivos, visto que não aceitaríamos isso. A única esperança seria inventar que tínhamos sido cortados durante

um ataque e ficamos escondidos até agora, embora, francamente, eu duvide que eles engulam essa.

Provavelmente nem se incomodariam em nos ouvir. Mata primeiro e depois vê quem você matou, este é seu lema, e, acreditem em mim, eles o seguem a risca.

Nunca conheci um bando tão fanático pelo gatilho.

O tenente Spät acendeu um cigarro, curvando-se sobre ele, e escondendo a luz com a mão.

– Na pior das hipóteses – sugeri – acho que poderíamos organizar uma espécie de eterna brincadeira de esconder arranjando alguns uniformes alemães para vocês e encaixando-os entre os homens. Mais cedo ou mais tarde, vocês presumivelmente achariam uma oportunidade de sumirem em algum lugar...

– Se não tivermos sido fuzilados como espões primeiro! – retrucou o russo. – Meus homens não falam alemão, lembra? Eu sei que você está tentando tudo para ser útil e, pelo amor de Deus, não pense que não sou grato, mas, francamente não me agrada muito a ideia de vestir um uniforme inimigo e aguardar a execução.

– Não culpo você! – disse Spät, encolhendo os ombros.

Houve um longo e desagradável silêncio, eventualmente quebrado pelo tenente Ohlsen.

– Parece que não estamos chegando a conclusão alguma, estamos?  
–

virou-se para o russo. – Você não tem nenhuma ideia?

– Nem um germe de ideia – confessou o prisioneiro, com um ligeiro e fatalístico sorriso. – Considerando que vocês estão pondo em perigo suas próprias vidas, estou realmente surpreso que vocês se

preocupem tanto conosco. Na realidade, se olharmos bem o problema, a dúvida é quem vai nos enforcar; se vocês ou os nossos.

– Por que não tentamos perguntar ao Porta? – disse o Velho de repente.

O tenente Ohlsen olhou para ele um instante, depois riu.

– Três oficiais e um Feldwebel e não conseguimos uma ideia válida entre nós! Temos que recorrer a um semi-analfabeto vagabundo de um Obergefreiter!

Spät sorriu e o Velho ergueu os ombros.

– É uma sugestão totalmente ridícula, e vocês bem sabem disso, mas é certamente e de longe a melhor que tivemos até agora – aquiesceu Ohlsen com uma careta. – Chame o falastrão aqui e vamos ver o que ele tem a dizer.

Conhecendo o Porta, não ficaria nem um pouco surpreso se ele sáísse com alguma coisa.

Porta serpenteou sobre a barriga até dentro da trincheira, acomodou-se numa posição confortável e olhou maliciosamente em volta, para o grupo reunido.

– O que é que há agora? – indagou animadamente. – Algum serviço sujo a vista, aposto, ou vocês não iam me chamar aqui! – Spät ofereceu-lhe um cigarro; ele tirou um do mago e enfiou-o atrás da orelha. – Obrigado. Não repare se aceito. Nunca recuse um cigarro, este é o único lema que vale a pena respeitar por aqui.

Olhou com expectativa para o tenente Ohlsen, que foi direto ao assunto.

– Porta, precisamos de sua ajuda. Temos que fazer alguma coisa para manter as cabeças de nossos prisioneiros sobre seus ombros, e

temos que agir rápido. Alguma ideia brilhante?

– Ah, agora que você está perguntando – disse Porta animadamente  
–

os rapazes todos estão discutindo isso, desde sua volta do encontro com o coronel!

– Como é que eles sabem disso? – perguntou Ohlsen, indignado.

– Nós temos nossos meios – disse Porta, apoiando um dedo do lado de seu nariz.

– E a que conclusão vocês chegaram?

– Bem, pra começar o Heide. Ele não quer ter nada com isso... Quer dizer, com deixar os russos, irem embora. Jura que se você deixar irem embora, ele mata todo o lote enquanto estão cruzando a linha. Talvez essa seja mesmo a melhor ideia. Evitava um monte de problemas, isso eu garanto.

O Velho tirou o cachimbo da boca e estalou a língua impacientemente.

– Vamos lá, Porta, acorde! Sei que você tem ideias melhores que essa, não me desaponte. Se o tenente quisesse qualquer coisa assim, ele mesmo mataria os prisioneiros. Nós estamos tentando achar um jeito de salvá-los, não

.

de assassiná-los... e não temos a noite toda pra pensar também não!

– Tá bem, tá bem, calma e um pouco de paciência... foi o que a solteirona disse quando tentou fazer o serviço nela mesma com uma banana, madura demais.

– Portal – disse Spät, engolindo um ataque de riso e quase engasgando como resultado.

– Vamos deixar as brincadeiras de lado, as vidas de pessoas estão em jogo! – exclamou o Velho.

– Bonito! – disse Porta, com deboche.

O tenente Ohlsen estendeu o braço e pôs a mão no ombro dele. –

Porta, por favor, eu já lhe disse, precisamos de sua ajuda desesperadamente. Sei que você tem mil recursos, portanto, se tiver alguma ideia útil, não hesite em botar pra fora.

Porta olhou para ele, pensativo.

– Bem, eu realmente tinha uma espécie de uma ideia, mas não sei se vocês vão gostar.

– Vamos a ela.

– É meio complicado de explicar, mas o que pensei foi que se nós conseguíssemos seis cadáveres... bem, já temos três; nós andamos dando uns tiros nuns franco-atiradores, e podemos arranjar mais três em algum lugar, isso não é problema...

– E daí?

– Dai, então bem... eu e o Miúdo e um outro cara, o Legionário talvez, nós vamos lá e damos uns tirinhos no inimigo, entende? Primeiro a gente espera, até eles irem dormir, aí damos umas rajadinhas para cima e pra baixo nas trincheiras deles... – Porta deu uma demonstração borrifando os três oficiais com balas imaginárias.  
– Logo logo eles vão se mexer. Têm que pensar que um batalhão inteiro está caindo em cima deles. Assim que eles tiverem acordado, nós damos o fora e voltamos pra casa. Assim, tá vendo?

Com a ponta de sua baioneta, Porta desenhou os movimentos propostos. O Velho e os três oficiais acenaram vagamente, começando a acompanhar o tortuoso percurso de sua ideia.

–Ai então, tudo começa pra valer – continuou Porta. – Nós colocamos Barcelona por ali com o lança-chamas e assim que eu der o sinal ele dá uma chamuscada nos rapazes da vanguarda. Então vocês entram com o fogo pesado.

A essa altura ninguém, a não ser a gente, estará sabendo que merda está acontecendo... mas eu garanto que aqueles burros lá em cima com a bateria de foguetes vão começar a se cagar. Numa questão de segundos eles entram na brincadeira e na hora que isso acontecer, o inimigo vai achar que a merda do exército inteiro está atacando e vão despejar tudo o que têm. Isso vai acordar o coronel e seus gloriosos rapazes lá atrás... Indicou com o polegar na direção do coronel von Vergil e seus soldados no nosso flanco. – Assim que eles souberem o que está se passando, vocês pode apostar a vida que eles vão se mandar daqui.

Aquele bando de veados não vai querer ficar pra ver o que vai acontecer.

Aposto como a gente vai se livrar deles todos antes de dizer oi!

O tenente Ohlsen fez um ligeiro som de aprovação.

– E os nossos amigos russos aqui?

– Bom... assim que o show começar, eles se mandam entendem? Eles passam de novo pra linha deles. Veja bem... – Porta virou-se para o oficial russo. – Tenho a impressão de que nós vamos ter que amarrotar vocês um pouco. – Não parecia estar muito triste por isso. – Pra parecer que vocês andaram lutando e essas coisas todas... não se preocupem que o Miúdo vai cuidar disso. Já pensei em tudo, tá vendo? A história de vocês vai ser a seguinte: vocês foram cortados do setor de vocês e caíram no meio de uns *partisans* que levaram

vocês com eles para uma fazenda... aquela mesma que nós limpamos há pouco tempo... certo? Depois eu conto. De qualquer maneira, um dos *partisans* morre, o outro consegue fugir. Como de fato aconteceu. Você e seus homens conseguem fugir, não sabem onde estão, mas acabam aqui, entende?.. atrás das linhas inimigas. Não conseguem saber como, vão voltar pro lado de vocês; aí fazem a única coisa possível e começam a atirar... está me acompanhando?

– Quer dizer que fomos nós que começamos tudo e forçamos os seus soldados lá a abandonarem suas trincheiras? – perguntou rindo o oficial.

– Claro, por que não? – Porta considerou. – Não levaria mais que um homem com um par de granadas de mão pra fazer o bando sair correndo.

– Mas, e a nossa companhia? – perguntou o russo. – No instante em que voltarmos para o nosso lado e dissermos qual é a posição, vão saber que alguns de seus soldados recuaram. Vão ficar ali com o rabo sentado. Vão começar a avançar e ocupar as trincheiras abandonadas.

– Vou te dizer uma coisa – Porta inclinou-se pra frente. – Aquele grupo lá – com a cabeça apontou debochadamente para as linhas russas – são tão inúteis quanto os daqui – com o polegar indicou debochadamente na direção dos soldados do coronel. Então você acha que eu e o Miúdo podíamos ter ido lá e apanhado três defuntos assim? Nunca na vida! Jamais, se fossem soldados que valessem o sal que gastam. Vou te contar, pela maneira que eles agem lá, você tem a impressão de que isso é um passeio de domingo em Moscou e não uma puta de uma guerra!

– Posso perguntar – indagou o tenente Ohlsen – quando é que você e o Miúdo pretendem Começa o baile?

– Vamos dizer... três horas? – sugeriu Porta. – Parece ser um horário muito bom. O que eu planejei foi... eu e o Miúdo e, vamos dizer, o

Legionário, saímos daqui mais ou menos as duas e meia e as três em ponto... bumba!

– Por que as três?

– Bem, em primeiro lugar porque ninguém espera um ataque as três da manhã. Quero dizer, você não esperaria, esperaria? Porque é um horário besta pra começar uma batalha, entende? A maior parte dos filhos da puta vai estar dormindo, de qualquer maneira. Eles e os nossos. Não vão saber nem o que está havendo. Mesmo assim – virou-se para o russo – convém vocês se mexerem rápido quando chegar a hora. Vou mostrar o melhor caminho pra vocês.

– Obrigado. Eu preciso dizer... – começou o russo seriamente.

– Outra coisa – interrompeu Porta. – Fique longe do Miúdo. Ele é um sujeito grande com um fio de aço que se acostumou a amarrar no pescoço dos outros quando não estão olhando. Neste momento ele está superentusiasmado com esse negócio. Se você esbarrar nele, não respondo pelas consequências; Ele tende a ficar meio exaltado, se é que estou me fazendo entender. Depois tem o Heide. Ele é, pura e simplesmente, um assassino filho da puta. Se puder te dar um tiro, vai dar e não há, nada que eu possa fazer. Quanta aos novos rapazes, não sei como são, mas não acredito que sejam capazes de muita coisa.

De qualquer maneira, você vem comigo e eu te mostro o caminho

.

que tem que seguir. E fica com a cabeça baixa se não quiser que ela pule fora.

Seus irmãozinhos vermelhos tem uma porção de franco-atiradores por essas bandas.



Eles ergueram-se para fora da trincheira e rastejaram até o arame farpado, do outro lado do qual era terra de ninguém. Em breve, os dois foram engolidos pela escuridão. Voltaram quinze minutos mais tarde. Julgando pelo silêncio ininterrupto da noite, não tinham sido vistos.

– Muito bem – disse Porta. – Está tudo certo, então.

– Parece que sim – murmurou o tenente Ohlsen, preocupado.

Sincronizaram os relógios. Naquele momento eram 22h05m.

Porta rastejou de volta para seu abrigo, que dividia com Miúdo. O

Legionário xingou-o, uma bala perdida passou sobre nossas cabeças e tudo ficou em silêncio novamente. Pouco depois da meia-noite, os dois oficiais deixaram as trincheiras para uma volta de inspeção.

– Gostaria de saber por que o silêncio é sempre tão enervante –

murmurou o tenente Spät; olhando para o céu escuro e recoberto de nuvens.

Subiram lentamente a colina, colocando os pés com cuidado, usando sempre que possível árvores e moitas, passando de uma sombra para, outra. Tinham andado uns poucos metros, quando um estranho som chegou de leve a seus ouvidos. Profundo e regular, o som era uma mistura entre o rosnado de um cachorro e o grunhido de um porco. Os dois ficaram ouvindo, em silêncio, com as armas preparadas.

– Que diabo é isso? – sussurrou Ohlsen.

Continuaram na escuta e então um sorriso incrédulo espalhou-se sobre o rosto ,de Spät.

– E algum imbecil roncando!

Com cautela, avançaram pisando na grama esponjosa e molhada, quase caindo num buraco, no fundo do qual, completamente enroscado, estava um sargento. Sua metralhadora de mão estava displicentemente jogada ao seu lado e ele roncava tanto que teria acordado um morto.

O tenente Spät agachou-se, agarrou a arma e, lentamente, trouxe-a para fora. Com a metralhadora encostada ao peito do homem, acordou-o com um tapa do lado de sua cabeça.

– O que é que há? – O homem instintivamente tentou sentar-se, mas foi empurrado para trás novamente pelo cano de sua própria arma.

– Isto é o que eu gostaria de saber – disse Ohlsen severamente – justamente que diabo está havendo? Você estaria em muito maus lençóis se nós fôssemos dois russos, não acha?

– Coloquei todas as sentinelas...

– Claro que colocou! E é bem provável que eles também estejam puxando um bom ronco, por sinal, um bom exemplo você está dando a eles, não acha? Merece ser executado no local.

O homem encolheu-se, assustado. Ohlsen deu-lhe uma olhada fulminante, depois, com a cabeça, fez sinal para o Spät e os dois continuaram seu caminho. Um pouco mais adiante, ouviram o som da alegre gargalhada de Miúdo. Na escuridão, vislumbraram o grotesco chapéu amarelo do Porta, e ouviram o barulho de dados.

– Meu Deus! – exclamou Spät com uma pontinha de admiração. – Será que eles não param nunca? Como é que conseguem ao menos ver os pontos nessa luz?

– Provavelmente não conseguem – disse Ohlsen, encolhendo os ombros. – Talvez até prefiram assim; dá muito mais margem de

passarem a perna nos outros!

Os dois oficiais completaram sua inspeção e voltaram para a trincheira no momento em que o telefone de campo tocou.

– Emil, 27 – disse Heide em voz baixa. Ouviu por um momento, depois passou os tones de ouvido para o tenente Ohlsen. – É o coronel para o senhor.

– Se eu tiver que... – pegou o aparelho, fazendo uma careta. – Aqui tenente Ohlsen, senhor... sim... sim, compreendo... claro, senhor. O que o senhor disser. – Jogou os fones de volta para o Heide e virou-se para o Velho. –

Esse, como devem ter entendido, era o coronel. Ele quer a primeira seção lá as dez da manhã, em ponto, para inspeção, com todos os homens prontos, escovados e engraxados. A segunda seção irá as onze, a outra as doze e assim por diante.

– Maravilhoso – murmurou Spät.

– Eu usaria outra palavra – disse Ohlsen secamente. – Ele também quer que apresentemos seis cadáveres junto com a primeira seção.  
– Os outros

.

se entreolharam, encolheram os ombros e cobriram-se com seus cobertores para umas duas horas de sono.

Quanto ao resto de nós, o que podíamos fazer agora era cochilar. Às duas e meia, observamos Porta, Miúdo e o Legionário saírem das trincheiras.

Nós os vimos deslizar por baixo do arame farpado e serem tragados pela escuridão. O Velho e Barcelona nos alertaram para a iminente

necessidade de ação. Três grupos de baterias de morteiros estavam prontos ali perto.

Barcelona estava abraçado ao lança-chamas pesado. Pela centésima vez verificava. o mecanismo.

– Se pelo menos pudesse trocar essa maldita válvula – murmurou. –

Sei que mais cedo ou mais tarde essa porcaria vai ceder. Tive que consertar com goma de mascar da última vez e até agora não consegui arranjar uma nova.

– Não adianta se preocupar com isso agora – disse Ohlsen. – Sonos restam quatro minutos.

Heide virou ameaçadoramente de sua posição atrás da metralhadora pesada e dirigiu-se a um grupo de recém-chegados.

– Aquele de vocês que não se mexer quando eu me mexer leva uma bala minha no meio das costas, entendido?

O mais jovem dos recrutas, um garoto que não podia ter mais de dezessete anos, prontamente começou a soluçar alto. Heide deixou a metralhadora e esbofeteou-o violentamente duas ou três vezes.

– Para com essa merda desse escândalo! Não tem nada que vá acontecer a você que não possa acontecer a todos nós. Nós todos podemos ter as cabeças arrancadas fora, você não é o único.

O rapaz pareceu ficar paralisado pelo terror; abriu a boca e gritou –

um grito longo e incontrolável. Os outros recrutas olharam-no nervosamente, depois desviaram o olhar. Heide agarrou o rapaz e sacudiu-o com força, esbofeteando-o repetidamente.

– Para de ganir! Ou você quer que eu te mate antes que o inimigo tenha a chance de te pegar?

O tenente Ohlsen e o oficial russo estavam lado a lado observando a cena em silêncio. As ações de Heide eram brutais, porém necessárias. Os novos recrutas já estavam apavorados o bastante e se o rapaz não tivesse sido

.

controlado, o pânico podia muito bem se espalhar por toda a companhia como um incêndio. De agora em diante, a seção de Heide seria ao menos mantida em seu lugar mais por medo do próprio Heide do que provavelmente do inimigo.

– Aquele é um bom elemento que você tem – comentou o russo.

– Ele é bom – concordou Ohlsen rapidamente. Enquanto estivermos em guerra, acredito que tenhamos que ter homens como ele.

Segundos depois de nossas palavras, uma explosão estremeceu o chão sob nossos pés e reverberou como o estrondo de um gigantesco trovão, seguido pelo longo e horrível grito de alguém em agonia. Aí então, recostada contra o céu escuro e iluminada pela repentina explosão e as chamas, surgiu a familiar silhueta do Miúdo, lá perto das trincheiras inimigas. Sua metralhadora estava encaixada em seu lado e nós vimos a interminável torrente de balas revolvendo a terra, numa série de pontos vermelhos incandescentes cortando a noite, enquanto ele borrifava sua arma para cima e para baixo das trincheiras inimigas, Simultaneamente, vimos as figuras fugitivas de homens correndo em todas as direções, em pânico pelo ataque inesperado.

Enquanto observava, o tenente russo enrugou os lábios cedeu um assovio de admiração:

– Que soldados você tem lá na, frente!

O tenente Ohlsen virou-se e chamou o Barcelona, que veio correndo com seu lança-chamas. A goma de mascar aguentou, a válvula fez

seu serviço e agora a cena estava iluminada por um mar de fogo. Enormes rolos de fumaça negra subiam e, através do palco, corriam aos gritos tochas humanas, homens enlouquecidos pela dor e o terror.

Ohlsen levantou a mão e então baixou-a. Era o nosso sinal para entrarmos em campo. Heide uivava como um demônio enquanto disparava salva após salva e com seus canhões pesados. Seus homens trabalhavam com ele, inconscientes do que estavam fazendo; mas apavorados demais para parar.

– Morteiros! Fogo!

Quando o tenente Spät deu a ordem, os morteiros entraram em ação.

Projéteis eram disparados para aumentar a confusão geral, descrevendo um arco no céu que caindo na extremidade mais afastada das trincheiras russa.

Eu dobrei o tripé da metralhadora pesada, corri para frente e me instalei num buraco feito por uma explosão lá no meio da terra de ninguém, com meu carregador me seguindo e trazendo munição. Da trincheira a minha frente um grupo de homens saiu desorientado, correndo cegamente em minha direção.

Permaneci deitado sobre a barriga, segurando a coronha contra meu ombro, fazendo pontaria com calma, exatamente como, se estivesse lá no *stand* de tiro do quartel.

Quando disparei, o barulho de minha arma ficou perdido em meio a uma nova série de explosões. Os russos tinham tido tempo de se refazer e agora abriam fogo com suas baterias de foguetes. As balas estavam zunindo e explodindo atrás de nós, e o céu inteiro estava aceso por mísseis uivantes.

Saí da minha posição muito exposta, mergulhando perto do tenente Ohlsen, sempre agarrado a metralhadora e aguardando que a tempestade amainasse. O tenente russo aproveitou a oportunidade e saltou em direção as Suas linhas, seguido por seus homens. Estava preocupado demais com minha própria segurança naquele instante para me preocupar muito com o que acontecia a eles.

O batalhão do coronel reagiu exatamente conforme Porta previra: simplesmente saíram correndo. O mais surpreendente foi que os russos jamais avançaram um passo para o ataque; só mais, tarde é que nós descobrimos a razão a maioria dos seus soldados tinha, também; resolvido não ficar zanzando por ali na hora do combate!

Foram necessárias sete horas para que aquele setor acalmasse quase até a normalidade. Mesmo assim ainda havia, embora modesta, uma constante troca de tiros.

Lá para o fim da tarde, conseguimos restabelecer contato com o batalhão. Parece que o coronel havia temporariamente perdido interesse a na prometida inspeção e cancelara-a em favor de assuntos urgentes.

Havia um grande vaivém de homens, apressadas trocas de mensagens, e urgentes reparos sendo executados nos fios de telefone partidos, com o Q.G.

querendo saber o que estava acontecendo. O tenente Ohlsen um relatou que inesperado ataque de infantaria havia tido lugar e um destacamento fora enviado para tentar capturar nossas trincheiras. Felizmente a companhia vizinha confirmou a mesma história, distorcida e portanto ela nunca foi questionada.

Assim que a calma voltou, continuamos com as expedições de busca e voltamos com os corpos de seis soldados russos que solenemente penduramos em umas árvores por causa do coronel Vergil. O tenente Ohlsen remeteu um relatório escrito confirmando a execução das ordens.

No dia seguinte, o coronel enviou seu ajudante para verificar a veracidade do fato. Depois de todo o trabalho, estávamos ansiosos para exibir nosso serviço, entretanto, o ajudante devia ter o estomago meio fraco ou coisa parecida – não quis ver os cadáveres pendurados nas árvores.

– Aceito sua palavra, tenente. Afinal é só uma formalidade.

E não houve jeito de demovê-lo da decisão. O tenente Ohlsen ficou olhando-o enquanto ele se retirava com um longo no nariz, e então sacudiu a cabeça, decepcionado:

– Toda essa matança sem motivo algum...

Mais tarde, naquela noite, recebemos uma ordem para mandar uma patrulha de reconhecimento além das linhas russas para verificar a força de sua artilharia e descobrir se tinham algum tanque.

Naturalmente, nossa seção foi escolhida. Tinha que ser. Nenhum dos novos recrutas teria sobrevivido aos primeiros dez metros.

Um atrás do outro, deixamos as trincheiras e furtivamente nos dirigimos para as linhas russas. Miúdo estava realmente correndo, segurando seu fio de aço em uma das mãos.

– Meio a meio! – sussurrou, enquanto rapidamente ultrapassava Porta; não era preciso explicar o que isso significava.

– Não culpem a mim – resmungou o Velho. – Não culpem a mim quando puserem vocês na frente de um pelotão de fuzilamento. Cristo, a quantidade de vezes que já preveni vocês! Não é só o aspecto moral, é que vocês estão infringindo a regra. Duas regras, pra dizer a verdade.

– É mesmo? – disse Porta maravilhado. – Não diga!



– Roubo de coisas pertencentes aos mortos – isto é contra a lei no mundo inteiro. Segundo, todas as coisas que vocês pegam... dentes de ouro, anéis, relógios... vocês sabem tão bem quanto eu que isso pertence ao Estado e deveria ser entregue no posto da SS mais próximo. Esta é a

.

lei, pelo menos na Alemanha. Assim como a pena de morte é o que vocês vão pegar por desrespeito a ela.

– Velho, você é nada mais e nada menos que um grande pessimista!

–

declarou Porta.

– Eu não entrego nada – disse o Miúdo, que diminuía o passo para ouvir. – Vou ficar com minhas coisas até o fim da guerra. Sabe o que vou fazer então? Vou comprar um açougue e um puteiro pra mim.

– Com os dentes de ouro dos outros! – resmungou o Velho.

– E por que não? – perguntou o Miúdo, exaltado. – Ouvi dizer que nos campos de concentração arrancam os dentes de gente viva e esperneando, e que poderia ainda precisar deles; nós pelo menos temos a decência de esperar que eles morram.

– Decência! – disse Stege. – Não me faça rir!

– Não se meta nisso, seu cara de florzinha! – disse Porta, imediatamente virando-se para ele. – Volta pros seus livros e não se meta onde não é chamado!

Stege limitou-se a sacudir os ombros indiferentemente e virou-se para o outro lado. Estava acostumado aos abusos constantes de Porta.

Estávamos um bom pedaço além das linhas russas, quando o Velho de repente nos fez parar e apontou para dentro de uma vala ao lado da estrada.

– Tem alguma coisa ali dentro – disse secamente.

Miúdo e o Legionário arrastaram-se entre as moitas e ficaram deitados sobre suas barrigas, olhando para baixo da borda da vala. Aí o Legionário virou-se e fez sinal com a mão.

– Tudo bem; são nossos chapas! Venham dar uma espiada!

Avançamos todos entre os arbustos e olhamos para baixo.

– Nossos chapas? – perguntou o Velho, olhando gravemente para os cinco cadáveres.

– E, e eles nem caíram nem foram empurrados aí dentro.

– Foram todos mortos com um tiro atrás do pescoço, os pobres coitados.

– O que é aquilo preso neles? – perguntou o Miúdo. – Tem um pedaço de papel pregado no peito deles.

Porta desceu na vala e voltou segurando um dos pedaços de papel.

Nele estava escrito em russo “Traidor da Pátria”.

– Todo aquele trabalhão a toa – murmurou Barcelona amargamente.  
–

Faz a gente se perguntar se valeu a pena, não faz?

– O tenente não está ali – disse o Velho. – Quem sabe escapou...

– É mais provável que tenham reservado uma mordomia especial pra ele, visto que é um oficial.

– Pobre filho da puta...

– Porra! - disse Heide. – Pra que gastar suas lágrimas com aquele bando de piolhentos? Se tivesse sabido o que estava acontecendo, teria matado todos eles pessoalmente; disse isso logo no começo.

Barcelona olhou-o, apertando os olhos.

– Filhos da puta como você – disse com desprezo – sempre acabam perdendo, sabia disso? Sempre. Você não é o primeiro que conheço. Quando estava na Espanha, tinha vários. Grandes babacas linguarudos que nunca sabiam quando parar. – Sacudiu a cabeça. – Estão todos enterrados agora. Onde merecem estar. Pediram e conseguiram. E você também vai conseguir, no final.

– Só que você não vai estar lá pra ver! – fuzilou Heide.

Era quase dia claro quando voltamos as nossas linhas.

Tudo estava calmo e nós nos instalamos confortavelmente em nossas trincheiras para descansarmos o quanto fosse possível. Ficamos com um olho aberto para o caso de ataques de surpresa dos russos, que gostavam muito disso, mas eles não deram sinais de agressão.

– Se vocês estão bem arrumadinhos – disse o tenente Ohlsen, com voz de quem vai narrar uma fabula do tipo “era uma vez”. – Vou contar uma história para vocês. – Olhamos para ele desconfiadamente. – Esperei até agora com uma ,bela surpresa para vocês... sei que vão gostar de saber que o coronel superou seu medinho inicial e renovou sua promessa de vir inspecionar a companhia amanhã de manhã... – Nossos queixos caíram. Olhamos para baixo, para nossas mãos negras e nossos uniformes imundos, e o tenente Ohlsen

.

sorria enquanto nos rodeava. – Eu não disse? Sabia que vocês iam ficar exultantes. Na hora, disse ao tenente Spät que não sabia como conseguiria esperar até dar essa notícia. Estava louco para ver, seus rostinhos se iluminarem e as lágrimas de gratidão brotarem em seus olhos...

– Puta que o pariu! – disse Porta, cuspidando as sementes de girassol que estava mastigando. – Pelo amor de Deus todo poderoso, onde é que eles arranjam esses cretinos?

O tenente Ohlsen sacudiu a cabeça, agora com expressão esgotada.

Apertou os lábios e havia; um traço severo em seus olhos, assim como amargura, estampada em sua boca. Apesar do tom de brincadeira que usara, conosco, era fácil compreender que o coronel e sua estupidez autocrata tinham-no levado quase a um colapso.

Enquanto isso, Porta começou seu discurso. Era um grande orador quando se metia a falar e, embora sua escolha de adjetivos fosse um tanto limitada, ele os empregava com tamanha veemência que nunca nos cansávamos de ouvir. Após nos dizer com muita exatidão o que pensava do coronel, dos pais do coronel e depois de ter sugerido com minuciosos detalhes várias coisas que o coronel poderia fazer (sugestões essas que variavam entre modestamente indecentes até tremendamente obscenas), Porta subitamente mudou de humor e caiu na pele do Miúdo, o eterno alvo de Suas sacanagens.

– Olha pra você! – rugiu. – Tem coragem de se chamar de um soldado? Você é uma desgraça! Olha pra teu uniforme... era lindo quando deram pra você. Olha agora... estragado! Completamente estragado! Metade dos botões faltando, todo coberto de merda, todo puído e rasgado. Posso saber o que você fez pra ele ficar assim? Já sei: andou brigando outra vez, não foi?

Você devia ter vergonha de si mesmo por ficar nesse estado horrível. E o seu capacete de aço, cadê ele? E o que é que você me diz

daquela linda máscara contra gases que te deram? Perdeu também, perdeu também, né? – Fez um gesto de desgosto. – O que é que adianta, hem? Agora eu te pergunto, o que é que adianta dar pra pessoas como você lindos uniformes novos quando vocês só sabem estragar? Então o coitado do coronel não tem razão em se incomodar e nos dar um esporro quando encontra gente feito você empestecendo o lugar?

– O que eu quero saber é, quando foi a última vez que você lavou sua bunda? Aposto que, se arriar as calças e der uma espiada, vai ver que está cheia de restos de cocô... e nós temos que aguentar isso! Nós, que conseguimos nos manter limpos e decentes, sem ficar fedendo feito um milhão de cú! Olhou em volta para o resto de nós; todos imundos, repugnantes e fedorentos.

– Somos rapazes decentes – afirmou virtuosamente.

– Estamos habituados a certas normas de higiene. Que nem o coronel.

E por isso que ele se vê obrigado a fazer inspeções no meio da guerra e verificar se não ternos unhas encravadas ou umbigos mofados. – Olhou severamente para o Miúdo. – Essas coisas são importantes, sabia? Você poderia achar que é mais importante ficar aqui na trincheira, de olho naqueles russos.

No caso de eles quererem se aproveitar de nossa ausência, tá. Mas, justamente aí é que você estaria enganado, sabe? Porque, a não ser que você seja um soldado arrumado e limpo, que escova seus pentelhos toda hora e para pra dar brilho nos botões antes de partir pro ataque, você não estaria apto a enfrentar os filhos da puta dos russovskys! Como é que você acha que um russo vai se sentir se ele encontrar um espantalho que nem você partindo pra ele com uma baioneta? Não vai levar você a sério, vai? Quer dizer... a gente não pode esperar isso dele, pode? Vem cá, vamos ser razoáveis. Um

bobalhão imundo feito você, que a gente sente o fedor a milhas de distância, ele ia rir até estourar o saco!

– Não ia não, senhor – reclamou Miúdo que, como de costume, acompanhara a conversa do Porta com a máxima seriedade.

– Como não ia? Claro que ia! Qualquer um ia!

– Não ia rir porra nenhuma; é justamente aí que você se engana! –

Miúdo apontou triunfantemente para o Porta. – Porque eu teria enfiado a baioneta nele antes de ele ter a chance, entendeu?

Porta virou-se para nós com um amplo gesto de desespero e nós olhamos para o rosto de Miúdo, intrigado até agora, sem saber se tinha marcado um ponto, e rolamos de tanto rir. Até o tenente Spät sorria. O tenente Ohlsen era o único a manter o rosto sério. Eu não tinha nem certeza se estava ouvindo.

Ele olhava para as linhas, observando homens que estavam exaustos, que tinham estado sob pressão constante, sem dormir dias a fio, penosamente se esfregando com água gelada. Não existiam toalhas para se enxugarem. Não existia sabão nem barbeadores. Uniformes que estavam além de qualquer esperança de limpeza ou conserto estavam sendo esfregados numa tentativa patética de torná-los aptos a inspeção do coronel. O equipamento estava sendo limpo com pedaços de trapos imundos.

Quando nossas gargalhadas amainaram, seguimos o olhar do tenente, compreendendo que em breve também teríamos que por nossos recalcitrantes corpos para trabalhar e começar o nosso polimento com cuspe. Olhei para o tenente e vi um músculo mexer em seu rosto.

– Bicha descarada! – murmurou subitamente entre os dentes cerrados.

- Imbecil, fodido, cabeçudo, burro e filho da puta!

Um repentino e dramático silêncio baixou sobre nós. Olhamos para o tenente, atordoado. Não era tanto o que ele tinha dito que nos atordoava –

comparado com as expressões mais bem escolhidas do Porta, sua linguagem era até suave – mas a maneira com que ele falou. Já vimos o tenente em momentos de raiva e exasperação, já o vimos impaciente, sarcástico – mas esta era uma amargura fria, quase desesperada, de um homem que engoliu mais do que poderia aturar e até o Porta calou.

Ohlsen virou-se lentamente e olhou para nos. Levantou os ombros em sinal de desculpa, passando a mão na testa.

– Desculpem – disse abruptamente – às vezes nos desanimamos.

– Tratam a gente feito máquinas – murmurou Spät.

– Só que não somos máquinas, somos seres humanos. E quando alguma coisa acontece e nos lembra disso, a gente se sente farto de tudo...

A inspeção teve lugar na manhã seguinte, conforme planejado. Nós nos alinhamos como um bando de espantalhos reformados. Qualquer oficial que tivesse estado no *front* tanto tempo quanto nós ficaríamos agradavelmente surpreso por nossa aparência. Tínhamos realmente feito milagres. Correndo o risco de pegar uma pneumonia, tínhamos nos banhado em poços de água gelada. Uma certa quantidade de sujeira ainda permanecia encardida, mas pelo menos a camada de cima tinha sido retirada. Nossos uniformes ainda

.

estavam úmidos e enrugados, mas os poucos botões que permaneciam tinham sido bem polidos e reluziam indecentemente

no pálido sol da manhã. Tudo somado era um belo espetáculo e nós achávamos que merecíamos ser parabenizados.

Infelizmente, o coronel Vergil, por ter saído recentemente de uma base, estabelecera padrões muito mais altos que os de qualquer oficial de campo. O homem ficou com raiva pelos nossos uniformes rasgados, furibundo com os botões que faltavam e quase apoplético com o estado de nossas botas.

As dele brilhavam como um espelho, mas quando o tenente Ohlsen perguntou se devíamos dar preferência a carregar latas de graxa para as trincheiras em lugar de caixas de munição, ele dispensou a pergunta por ser irrelevante e insubordinada.

Outra inspeção foi exigida para o dia seguinte e quando essa também não foi satisfatória, fomos obrigados a nos apresentar no dia seguinte, depois no outro e no outro. Era uma farsa. massacrante que exauria a todos, sem motivo algum, e custou a vida de pelo menos um homem, que tombou com hemorragia enquanto sua seção era obrigada a rastejar sobre seus estômagos cinco milhas, arrastando máscaras de gás e todo o equipamento. O tenente Ohlsen estava quase fora de si, mas o coronel tinha a obsessão obstinada dos loucos e não havia nada que Ohlsen pudesse fazer. Em várias ocasiões, tentou contatar nosso regimento, mas sem sucesso; todo o *front* estava em total confusão e a maioria das linhas de comunicação tinham sido cortadas.

Quando a ideia de inspeções constantes começou a perder o charme, o coronel surgiu com o desejo de nos mandar em patrulhas cada vez mais longas e inúteis. Não havia um dia que nosso tenente não tivesse que fazer a perigosa viagem das trincheiras até o quartel-general do coronel para responder a verdadeira cascata de perguntas sem o menor propósito.

Por sorte, durante esse período, os russos estavam apáticos e quase sempre nos deixavam em paz. Tínhamos, sim, uma troca regular de



disparos entre franco-atiradores, mas isso, acho, era mantido de ambos os lados mais por honra da firma que por qualquer outra razão. Mas longe, em direção ao norte, sabíamos que deviam estar sendo travados combates muito pesados. Ouvíamos o barulho dos tiros e explosões de dia e de noite, e o céu estava quase sempre aceso pelo fogo no horizonte.

– Muito em breve vai vir nesta direção – murmurou Heide pessimisticamente. – A coisa está fácil há muito tempo.

– Fácil? – Porta deu uma risada de deboche. – Você acha fácil viver com aquele louco soprando no teu pescoço o tempo todo? Eu preferia ter um combate com os russos e pronto!

– Não se preocupe – disse Miúdo com segurança. – Aposto que a guerra vai acabar bem cedo. Eu e você vamos pra casa nuns dois meses.

O pequeno Legionário abriu um olho e ergueu uma sobrancelha, dizendo:

– Não se iluda essa guerra ainda dura muito mais de uns dois meses.

Ouviu-se um grito selvagem e Barcelona chegou correndo.

– Eles romperam o nosso flanco esquerdo! Começou tudo de novo!

O Velho suspirou calmamente, bateu seu cachimbo e levantou-se.

– Bem, sabíamos que isto ia acontecer. O silêncio só é feito pra ser quebrado.

O tenente Ohlsen começou a gritar ordens. A cena já estava se transformando naquela confusão que eventualmente resulta na organização rígida em que cada/homem tem seu lugar definido e sabe o que deve fazer, Pegamos nossas armas, começamos a

examiná-las enfiando os capacetes em nossas cabeças, preparando-nos uma vez mais para entrar em ação. As seções que estavam dormindo foram brutalmente acordadas e vieram correndo, tropeçando e bocejando, e ainda sem muita certeza do que estava se passando.

Atrás de nós ouvíamos os disparos dos fuzis e as explosões de minas e granadas de mão. O tenente Ohlsen virou-se para Spät:

– Fique aqui com o primeiro grupamento de combate e mantenha o caminho limpo. Vamos precisar de vocês para nos darem cobertura na volta. O

restante da companhia vem comigo.

Formamos atrás dele, em coluna por um. Enquanto avançávamos, tropeçamos em dois homens do batalhão do coronel, escondidos atrás de umas pedras e quase mortos de terror.

– Vamos, vamos, venham até aqui! – O tenente Ohlsen

impacientemente fez com que eles levantassem e empurrou-os com a coronha de sua arma, enquanto eles tremiam incoerentemente. – O que houve? Onde está o resto de seu grupamento?

– Já foi. – Eles sacudiram as cabeças, ainda atordoados pelo medo.

– Foi para onde? Você quer dizer que eles estão mortos, foram embora correndo... ou o quê?

– Os russos pularam em cima de nós... de repente... sem sabermos de onde...

Eles balbuciaram sem nexos e pararam de falar. Só com grande esforço e ameaças o tenente Ohlsen conseguiu perceber a história. Parece que, apesar de persistentes avisos de um ou dois veteranos da linha de frente, o coronel von Vergil não tinha visto a menor

necessidade de mais de dois homens de sentinela. Os soldados experientes tinham sido desdenhosamente dispensados como sendo velhas covardes e o coronel expressara sua opinião de que os russos estavam prestes a arrumar as malas e ir para casa depois da frustrada tentativa de ataque e o silêncio dos últimos dias. No dia anterior mesmo, ele fora ouvido comentando com seu ajudante que, realmente, era muito mais perigoso estar em casa na Alemanha devido aos ataques aéreos da RAF do que estar na frente de batalha. O resultado disso foi que, quando os russos finalmente lançaram o ataque que nós (mas não o coronel) estávamos prevendo, não encontraram virtualmente resistência alguma. Aparentemente, os dois homens de sentinela tinham sido tornados de surpresa, já que não tocaram o alarme e, de acordo com os dois balbuciantes sobreviventes – que francamente confessaram ainda estar vivos Só porque saíram correndo – o ataque tinha sido incrivelmente rápido e silencioso. Nenhuma arma de fogo ou granada fora usada, só baionetas e kandras.

– Em outras palavras, foi um massacre – confirmou o tenente Ohlsen tristemente.

– Foi, foi! – confirmaram os dois simultaneamente, ansiosos por nos transmitir o horror da experiência; embora um deles, talvez querendo mostrar que não se tinham entregue sem reação alguma, acrescentou que o tenente Kalk conseguira arremessar uma granada antes de ser atravessado por uma baioneta.

– Entendo. – O tenente Ohlsen olhou para o caminho que conduzia ao chalé do coronel. Virou-se para os sobreviventes e indagou, casualmente: – E...

hum... e o coronel?

Eles não sabiam; não tinham visto o coronel.

– Vamos rezar pra que tenham enfiado uma baioneta por dentro das costas dele – murmurou Porta.

– Quem sabe – sugeriu Miúdo – quem sabe não será melhor a gente ficar por aqui mais um pouco, pra ter certeza de que eles acabam o serviço?

– Creutzfeldt, fale baixo! – disse o tenente. Com o braço, fez sinal para a coluna de homens e apontou para cima, em direção ao chalé.  
– Sigam-me.

Agora nós vamos lá.

Ouvimos os russos muito antes de chegarmos ao chalé. Os sons que faziam nos eram bastante familiares. Eram os sons alegres de homens bêbados.

– Cheios até os olhos – murmurou Barcelona com um sorriso. –

Devem ter achado o vinho do coronel.

– Nossa Senhora! – disse Miúdo nervosamente. – Vamos lá depressa, antes que eles acabem com tudo!

Ao avistarmos o chalé, pudemos ver e ouvir a evidência da ocupação russa. As janelas estavam abertas e através delas nos chegavam fragmentos de canções emboladas e o ruído dos homens bêbados quebrando caixas, papéis e louça.

– Olha só – disse Porta em tom de clara inveja. – Você chama aquilo de guerra? Pra mim parece mais uma puta de uma farra!

– Espera só até a gente entrar lá no meio deles... – disse Heide, acariciando seu fuzil. - Não vão saber nem o que aconteceu ate acabarmos com tudo!

– Especialmente – acrescentou o pequeno Legionário com um sorriso

– quando descobrirem que nós não somos os mesmos soldadinhos de papelão do último lote que enfrentaram...

O tenente Ohlsen deu ordem de fixarmos as baionetas, e nós fomos à carga. Eu me encontrei correndo morro acima em direção ao chalé com o Velho e o Legionário ao meu lado, o tenente um pouco a frente, Porta e Miúdo gritando como selvagens logo atrás. Vi uma ou duas caras redondas de russos olhando boquiabertos de horror, enquanto nos lançávamos sobre eles. O

primeiro grupo não teve a menor chance. Cortamos nosso caminho

.

pelo meio deles e seguimos para travarmos um feroz combate corpo a corpo que em pouco tempo transformou-se num incrível pesadelo, um emaranhado de homens batendo, cortando e decepando no meio de cadáveres de seus próprios companheiros, escorregando e caindo em poças de sangue derramado, pisando com as botas nos corpos agonizantes dos feridos.

Olhei para cima de repente e encontrei um enorme tenente russo, caindo em cima de mim. Ele empunhava sua metralhadora como se fosse um porrete e eu consegui desviar do golpe mortal na hora exata. Puramente por instinto, levantei a baioneta e empurrei-a cegamente em direção ao homem.

Houve um instante de resistência, depois a lâmina afundou suavemente na carne macia de sua barriga. Ele caiu de costas com um grito, levando meu fuzil junto. Em meu terror e na pressa de recuperar a arma, pulei para frente com os dois pés plantados exatamente no rosto de um ferido. Se era um dos nossos ou dos deles, não parei para ver. Arranquei meu fuzil e lancei-me a frente com seus gritos agonizantes ecoando em meus ouvidos.

De vez em quando, em meio a horrível confusão, conseguia, de relance, ver alguém do meu grupo. Em determinado momento, notei

que Porta estava ao meu lado, para logo em seguida ser tragado em meio à bárbara luta.

Fui abrindo meu caminho até o quintal e vi o Miúdo. Ele perdera sua arma e dois russos investiam contra ele. Dei um grito, mas Miúdo já tinha se virado para recebê-los. Com suas enormes mãos, agarrou cada um deles pela garganta e suas cabeças bateram violentamente uma contra a outra. Quando caíram, Miúdo arrancou a arma de um deles e começou a espalhar balas em todas as direções. Tínhamos atingido o grau de desespero em que é cada um por si e se você por acaso matasse um dos seus companheiros, era simplesmente azar dele, Vi um russo agachado atrás de uma pilastra, fazendo pontaria com uma pistola. Antes que ele conseguisse disparar, estourei seus miolos e olhei sem emoção enquanto ele tombava sobre uma poça de sangue. Ao me virar, vi o Porta atacando com sua baioneta, enfiando-a toda nas costas de um jovem russo que tentava fugir.

Vi Heide pisando selvagemmente o rosto de um moribundo que, apesar de estar nos últimos momentos de agonia, ainda abraçava sua arma junto ao peito.

Quantos homens haviam morrido e há quanto tempo à matança durava, eu não tinha a menor ideia. Teriam sido minutos ou horas antes que pudéssemos nos reunir, vitoriosos, no quintal atrás do chalé? Naquele momento, nem sabíamos nem nos interessava. Naquele momento, bastava ter sobrevivido.

Deixamo-nos cair no chão, ofegantes, exaustos, cobertos de lama e sangue, nossos uniformes rasgados, nossos capacetes e armas jogados displicentemente de lado. Alguns dos recrutas mais jovens tinham lágrimas descendo pelo rosto, formando canais na sujeira. Quanto a nós, depois de refeitos do choque de ainda estarmos vivos, começamos a procurar nossos amigos, com olhos injetados de sangue. Será que ainda estavam conosco? Ou estariam lá dentro, no matadouro, com suas tripas de fora ou com as cabeças estouradas?

Vi o Barcelona deitado, com seu uniforme em farrapos. O Velho estava recostado em uma árvore, fumando seu fiel cachimbo. Miúdo e Heide também estavam lá – Heide com os olhos fechados e Miúdo parecendo ter mergulhado a cabeça num balde de sangue. Meu olhar vagou para mais longe e vi Stege, deitado de Costas, fitando vagamente as nuvens. Havia também o Legionário, sentado num degrau, fumando um cigarro e já compenetrado na tarefa de desmontar sua arma e preparando-a para a próxima ação. O

Legionário era um soldado profissional. Estava combatendo há quinze anos e seu primeiro pensamento era sempre voltado para suas armas. Mais longe um pouco estavam Porta e Steiner, dividindo uma garrafa de licor que tinham encontrado em algum lugar. Steiner já parecia estar meio bêbado.

Estavam todos lá. Todos os antigos, aqueles que já tinham passado por isso antes e ainda estavam aqui intatos. Mais de um terço dos recrutas, entretanto, tinha ido. Seus corpos jaziam no local em que tinham tombado, tristes ilhas de morte no meio dos sobreviventes. Alguém sugeriu que os enterrássemos, mas não demos atenção. Por que desgastar ainda mais nossas poucas forças restantes, cavando buracos para cadáveres? Estávamos vivos e exaustos, enquanto eles estavam mortos e não sentiam mais nada.

O tenente Ohlsen saiu do chalé. Perdera o capacete e tinha um talho profundo que ia do canto do seu olho até a boca. Jogou-se no chão e nós olhamos para ele, ansiosos. Ele ergueu um ombro.

– Estavam todos mortos antes de chegarmos aqui.

– E o coronel, senhor? – perguntou Porta, dando-lhe um cigarro.

– Ele também; sua garganta foi cortada de orelha a orelha.

Fez-se silêncio e aí um sorriso malicioso espalhou-se nos lábios de Porta.

– Mas então Deus existe – murmurou.

O tenente ficou sério e disse a Heide

– Pegue dois ou três homens e vá juntar todas as identificações.

– O que, dos russos também? – perguntou Heide.

– Claro. Você devia saber disso sem precisar perguntar.

Assim que Heide completou o trabalho, incendiámos o chalé e voltamos para a estrada, perdendo mais homens ao fazermos isso, graças aos russos que acordaram e nos bombardearam com morteiros.

– Sempre a gente – reclamou Porta, correndo para se proteger. –

Qualquer coisa não vai bem e somos nós que estamos no meio.

Miúdo e o Legionário já estavam instalando a metralhadora pesada.  
O

tenente Ohlsen virou-se para trás e impacientemente fez sinal com a mão para os novos recrutas que tinham ficado atrasados, inseguros se deveriam nos seguir estrada acima ou mergulhar no buraco mais próximo.

– Vamos, mexam-se, pelo amor de Deus! Isso não é hora de ficar por aí apreciando o maldito panorama!

Eles arrastaram-se para frente, como se fossem um rebanho de ovelhas aterrorizadas. Um deles de repente deu um grito agudo de dor e começou a correr em círculo, com as mãos pressionando a barriga. O enfermeiro do nosso pelotão, Berg, imediatamente foi até ele. Arrastou o rapaz para o lado da estrada e rasgou seu uniforme; mas já era tarde demais – o homem estava morto.



Ficamos observando enquanto Berg recolocava sua bolsa com a cruz vermelha a tiracolo e corria para reunir-se a nós. Projéteis caíam na frente e atrás dele. Seu capacete foi arrancado fora e ele cambaleou com a explosão, mas, de alguma forma, alcançou-nos. Ouviram-se altos gritos de alegria e aplausos. Berg era merecidamente popular. Já tínhamos tido oportunidade

.

de vê-lo arriscar sua vida muitas vezes para ajudar a um ferido, caído no meio do fogo inimigo em um campo minado, ou preso em algum arame farpado.

Lembrei de Sebastopol quando Berg voluntariamente voltou para dentro de um prédio em chamas e conseguiu sair, cambaleando, daquele verdadeiro inferno com o tenente Hinka desmaiado sobre os ombros. Foi recomendado para receber a Cruz de Ferro por esse heroico feito, mas recusou educadamente dizendo que não tinha nenhum interesse em colecionar pedaços de ferro. Dois anos mais tarde, seu uniforme ainda estava despido de qualquer condecoração, a não ser a insígnia da Cruz Vermelha.

Eventualmente, a companhia conseguiu atingir relativa segurança em uma área fortemente coberta da floresta que se projetava além das montanhas como se fosse um fiorde. Mais uma vez estávamos sozinhos; o batalhão de Breslau fora totalmente varrido.

*Já estávamos no mesmo trem há vários dias, desde que deixáramos a frente, e tínhamos parado em muitas estações.*

*Frequentemente éramos colocados em desvios durante horas a fio para deixar o caminho livre para cargas mais importantes provavelmente armas e munições. Éramos simplesmente soldados voltando para casa, portanto bem lá embaixo na lista de prioridades.*

*Agora, em nosso sétimo dia de viagem, estávamos outra vez parando.*

*O trem estremeceu e, freou, e durante vários minutos ficamos onde estávamos, sentados sobre a palha em nosso vagão de gado, letárgicos demais até para abrir os olhos. Um pouco depois, Porta espreguiçou-se e abriu a porta de correr para dar uma olhada lá fora.*

*– Hamburgo! – virou-se para mim, gritando. – Estamos em Hamburgo!*

*– Hamburgo?*

*Animamo-nos um pouco. O Legionário espreguiçou-se e o Velho viu-se forçado a pegar o cachimbo e colocá-lo na boca.*

*– Hoje é Pentecostes – informou-nos abruptamente.*

*Todos olhamos para ele.*

*– E daí? – disse Heide. – O que é que Pentecostes tem a ver com o resto?*

*O Velho ergueu os ombros.*

*– Eu não sei, veio d minha memória...*

*– Nesta mesma época, o ano passado – disse Porta – nós estávamos em Demjansk.*

*– E no ano anterior – acrescentou o Miúdo – era Brest-Litovsk.*

*Lembra de Brest-Litovsk? Você se Lembra...*

*– Chega! – disse o Legionário, irritado. – Gostaria que vocês não ficassem olhando pra trás toda hora; é mórbido e não Leva a nada. Por que vocês não tentam, uma vez na vida, olhar pra frente?*

*– Está bem, se é assim que você quer... – Porta fechou os olhos um momento e um excitado sorriso apareceu em seus Lábios. – A primeira coisa que vou fazer a noite quando nos deixarem sair daqui é procurar um puteiro. –*

*que tal? A ideia agrada?*

*Pela euforia geral da companhia reunida, parecia que sim!*

### **Capítulo III**

Hamburgo

Estávamos sentados na cantina, esperando por Barcelona. Já fazia algum tempo, e uns dois de nós – notadamente Porta e Miúdo – estavam a bom caminho andado em direção a uma excessiva e graciosa bebedeira.

O local fedia a cerveja choca e fritura, e o ar estava espesso e pesado da fumaça de cigarros. As mulheres que serviam, de mau humor, apressavam-se, deliberadamente, fazendo o máximo de barulho, jogando pilhas de facas e garfos na pia e batendo a louça no escorredor. Resmungavam incessantemente enquanto trabalhavam.

Porta, estimulado por Deus sabe qual capricho de bêbado, inclinou-se sobre a mesa e, com um dedo acusador, apontou para um holandês da SS que estava sentado em tranquilo estado de semicomá, sem perturbar ninguém, desde que havíamos chegado ali.

– Olha pra aquele porco imundo – disse com voz embotada pela bebida. Virou-se para nós, convidando-nos com um gesto a inspecionar o pobre coitado. – Olhem pro tamanho daquelas orelhas! Se tem uma coisa que não suporto, são orelhas que parece que vão decolar. Olhei com interesse para as orelhas do homem. Elas certamente tinham tendência a ficar em angulo reto com a cabeça, mas talvez eu ainda não tivesse bebido bastante para achar que isso justificava tanta implicância.

Uma moça chegou com uma bandeja cheia de. Canecas de cerveja.

Jogou-as a nossa frente e a cerveja transbordou, formando uma grande e fedorenta poça em cima da mesa. Porta plantou os dois cotovelos dentro dela e desviou sua atenção para uma presa mais interessante, um jovem soldado que usava o emblema de prata do SD\* no colarinho. O holandês da SS permanecera totalmente impassível ao comentário a, respeito de suas orelhas e estava provavelmente mais bêbado que o próprio Porta, mas o jovem soldado já dava sinais de nervosismo.

– Escuta aqui, oh, filho da puta... – disse Porta, assoando ruidosamente o nariz com os dedos e limpando-os em sua própria manga. – Tenho uma faca aqui, nós todos temos facas. Eu e meus amigos, todos temos facas. Sabe pra quê? Sabe pra que é que nós usamos elas?

O homem do SD virou-se para o outro lado e sabiamente manteve o bico calado, mas Porta estava a fim de perturbar alguém e virou o homem outra vez.

– Quer que eu te mostre? – perguntou, com revoltante tom de provocação. – Usamos pra cortar coisas. Quer que eu te mostre o que é que a gente corta? – Fez um gesto obsceno e o Miúdo riu em apoio.

– Na realidade, não estou nem um pouco interessado em suas merdas de facas – disse o homem, bocejando e virando-se outra vez para o outro lado.

Essa tentativa de assumir um ar de calmo desdém só serviu para provocar a ira de Porta. Deu um violento murro na mesa. Todas as canecas de cerveja pularam e balançaram e uma nova onda de cerveja transbordou.

– Por que você não vai foder outro e nos deixa em paz? – gritou Porta

– Que direito você tem de sentar aqui a nossa mesa, seu porco imundo? Vai saindo antes que eu jogue você pra fora!

Peguei minha caneca de cerveja já meio vazia e fiquei olhando com um interesse bastante limitado pelo álcool. O Legionário recostou-se com as pernas esticadas e cruzadas a altura dos tornozelos, quase escorregando da cadeira. O Velho olhava tristemente para dentro de sua caneca. O Miúdo do parecia ser a única outra pessoa realmente muito interessada.

O homem do SD verbalizou aquilo que me pareceu, dentro das circunstâncias, uma razoável objeção a rude provocação de Porta.

- Eu já estava aqui, entendeu? E realmente não me parece que caiba a você estar dando as ordens.

---

\* Sicherheitsdienst (Serviço de Segurança).

Porta bufou e cuspiu.

– E o que é que tem se você está aqui desde o primeiro dia da guerra?

Estou te dizendo agora pra dar o fora daqui!

– E eu estou te dizendo – retrucou o homem do SD, ficando compreensivelmente exasperado – que não vou fazer isso!

Porta olhou para o Miúdo, procurando apoio:

– Insubordinação! Você ouviu isso, não ouviu? Recusando-se a obedecer as ordens de um Stabsgefreiter! – Cambaleou até conseguir ficar em pé, estendeu um braço e colocou-o debaixo do nariz do homem. – Está vendo isso? – com um dedo apontou para suas divisas. – Sabe o que isso significa, espero?

O SD limitou-se a segurar-lhe o braço com o polegar e o indicador, e delicadamente levou-o de volta em direção ao Porta, ao mesmo tempo torcendo o nariz, como se estivesse sentindo algum mau cheiro – que certamente existia.

– Ah, então é assim? – gritou Porta, cada vez mais exaltado. – Essa agora foi o máximo! Você viu, não viu?

Virou-se outra vez para Miúdo, que ansiosamente acenou que sim com a cabeça, empurrando a cadeira para trás. – Toma nota! Escreve o nome dele e o numero! Usou violência com um Stabsgefreiter. Vamos lá, anota tudo!

- Vai te foder! -\_ disse Miúdo aborrecido. \_ Você sabe que não sei escrever.

– Então leva ele lá pra fora e dá, uma porrada nele!

– Olha aqui, seu filho da puta grosseiro... – disse o homem do SD, levantando-se, enquanto Miúdo levantava-se também. Os dois se encararam cada um de um lado da mesa. Miúdo coçou o enorme peito, suspendeu as calças, esticou o braço e pegou o homem pelo pescoço.

– Vamos lá, filhinho... vamos conversar lá fora.

O homem do SD abriu a boca para gritar, mas tamanha era a pressão da enorme pata do Miúdo, que só se ouviu um gemido estrangulado. Miúdo levou-o aos pulos até a saída e Porta sentou-se novamente com o rosto vermelho e ainda zangado. O homem da SS holandesa agora jazia deitado sobre a mesa, com a cabeça numa poça de cerveja.

– Olha lá – disse para o Legionário. – O cara desmaiou. – Aí então ri, divertido, como se essa fosse a coisa mais engraçada do mundo. O Legionário,

.

que nunca perdia o controle, simplesmente sorriu com pena de mim. Alguns momentos mais tarde Miúdo reapareceu sozinho.

– Cadê ele? – perguntei, ainda.

– Deitado na sarjeta – respondeu Miúdo. Bateu com o punho na palma de sua mão e piscou para mim. – Apagou feito uma lâmpada. Eí... – Olhou em volta até o Legionário. – Você lembra do dia em que nós nos conhecemos?

– Lembro – disse o Legionário – O que aconteceu? – perguntei, suficientemente bêbado para ser agradável com o Miúdo e dar a ele a chance de se mostrar.

Em resposta, ele pegou minha mão como se fosse apertá-la num cumprimento normal e lentamente começou a esmagá-la até que eu

gritei de dor.

– Foi isso que aconteceu – disse Miúdo orgulhosamente.

– Muito divertido – comentei, sacudindo a mão. – Para que isso?

– Ah, já está querendo saber muito – disse Miúdo, piscando.

O Legionário deu um de seus sorrisos condescendentes e sacudiu a cabeça para mim, murmurando:

– Deixe que ele tenha seu pequeno momento de glória.

– Mas foi isso mesmo que aconteceu – protestou Miúdo.

– Claro que foi – concordou o Legionário calmamente. – Mas nunca mais, meu amigo! Não caio duas vezes na mesma armadilha.

– Nem eu – resmunguei, enfiando a mão machucada debaixo do braço.

Porta estava batendo na mesa outra vez, berrando que queria mais cerveja. As moças simplesmente torciam o nariz e viravam as costas para ele, mas a Grande Helga, a gerente, saiu de seu lugar atrás do balcão e veio fuzilando para nossa mesa. Plantou-se na frente do Porta, pernas abertas e as mãos na cintura, o vasto corpo uma massa de rugas.

– Como é que você se atreve a xingar minhas meninas dessa maneira?

O que é que você acha que isto aqui é, um bordel?

– Bordel, isso aqui? – retrucou Porta. – Com um time sarnento destes?

A coisa pode estar preta, meu anjo, mas ninguém está tão desesperado assim!



– Vou denunciá-lo – disse a Grande Helga, da mesma forma que dizia muitas vezes por dia para diferentes soldados. – Nós trabalhamos direito aqui e eu gostaria de saber onde é que vocês estariam sem a gente.

– Eu posso te dizer – disse Porta.

A Grande Helga afastou-se um passo.

– São todas boas moças, estas aqui; e deixa eu te avisar que a Gertrude tem um namorado no SD. Se houver mais confusão vou ser obrigada a denunciar vocês.

– Ora, pare de se queixar – disse Miúdo. – Você sabe que, no fundo, gosta da gente.

– Nós só queremos um pouco mais de cerveja – comentei. – Parece até que pedimos seis putas, pelo seu jeito.

A Grande Helga simplesmente virou a cabeça e voltou para o balcão.

Escolheu Gerda, a menos atraente de um grupo já bastante fraco, e vingativamente mandou-a para nós com o pedido. Gerda não era ma garota, mas seu apelido “Cabo de Vassoura” não era a toa. Ela era a coisa mais parecida com um poste telegráfico que eu já vi.

– Se você tivesse um pouquinho mais de bunda, eu me sentiria meio tentado a levar você pra cama – murmurou o Miúdo, tristemente deslizando a mão por baixo da saia de Gerda e tentando apalpar o inexistente traseiro.

Gerda claramente demonstrou o que achava do convite, batendo violentamente com a bandeja na cabeça do Miúdo e indo embora em seguida.

Neste momento, juntou-se a nós o Barcelona que trazia a desagradável notícia de que estávamos de sentinela a partir daquela

noite.

Barcelona estava com um enorme curativo em volta do pescoço, que o obrigava a ficar duro e olhando para frente. Durante nossos últimos dias nas montanhas, fora ferido na garganta por uma granada perdida e estava portanto isento temporariamente do serviço ativo. Poderia e deveria ter ficado no hospital, mas graças ao tenente Ohlsen, que mexeu alguns pauzinhos, tinham-no deixado voltar para a companhia e prestar serviço na enfermaria; não que ele fosse encontrado lá com frequência era mais fácil achá-lo na cantina ou na armaria.

Havia os que achavam que ele era um louco em não aproveitar a possibilidade de uns meses de repouso no hospital, mas Barcelona estava no

.

exército há bastante tempo para saber que depois de internado e longe de seus camaradas, praticamente qualquer coisa podia acontecer quando liberado. As possibilidades de ser mandado de volta para a própria companhia eram remotas e nessa época era quase morte certa ser um novato num grupo já estabelecido.

Todas as piores e mais perigosas tarefas seriam automaticamente destinadas a você e a morte seria uma conclusão lógica.

– Nossa! – disse Barcelona, olhando para a quantidade de canecas de cerveja. – Pelo visto vocês andaram se dedicando de corpo e alma.

– Esquece isso – disse Porta. – O que eu quero saber é onde temos que ficar de sentinela... eu não me importaria se fosse no randevu local...

– Não tivemos tanta sorte. – Barcelona sacudiu a cabeça e pegou a caneca de alguém. – É na puta da Gestapo!

– Quem foi o louco que inventou essa? – perguntou o Legionário.

Barcelona ergueu os ombros e jogou um papel na mesa. O Velho resgatou a folha numa poça de cerveja e olhou-a com indiferença.

– Mil e novecentas horas... Karl Muck Platz, Hamburgo. –

Preocupado, dobrou o papel e colocou-o no bolso.

Steiner voltou repentinamente a vida e olhou para o Barcelona como se ele tivesse pessoalmente arranjado a coisa.

– Maldita Gestapo!

– Não olha pra mim – disse Barcelona – Não fui eu o palhaço que inventou isso. De qualquer modo, levantem as mãos para o céu que não é nada pior. A quarta seção está de serviço na Fuhlsbüttel, como pelotão de execução para a Wehrmacht.

– Eu não me importaria de trocar – disse Miúdo, perverso como sempre. – Sempre se tem a chance de ganhar uns trocados com execuções. Nós já fizemos isso, convenhamos...

– Como? – perguntou Stege desconfiado. – Como é que você faz isso?

– É fácil. Você promete pro cara que vai salvar a vida dele e ele está sempre disposto a te dar tudo que você pedir.

– Você está me dizendo que tiraria dinheiro de um condenado? – Stege parecia não estar acreditando no que ouvia.

– E por que não? – disse Miúdo agressivamente. – Aposto como você também estaria disposto a pagar pra te tirarem do gancho.

– E – acrescentou Porta – não é tão fácil assim. Se descobrem o que você está fazendo, eles te botam a corda no pescoço também.

Stege abriu a boca para protestar, mas, antes que pudesse falar, Heide acordou de um sono profundo e ao abrir os olhos deparou com uma sólida barreira de canecas vazias. Empurrou-as, aborrecido.

– Nós bebemos demais! – Arrotou e pegou a caneca cheia mais próxima. – Como é que conseguimos beber todo esse lote?

– Não vem ao caso – disse Miúdo. – Nós conseguimos e é isso que importa. O melhor é que você vai pagar tudo. Você é o único que tem dinheiro.

– Eu? Eu estou duro! – reclamou Heide.

– Pois sim! Você tem um rolo de notas enfiadas do lado de suas botas!

– Como é que você sabe disso? – perguntou Heide incredulamente.

– Eu dei uma espiada, né? – disse Miúdo, encolhendo os ombros. –

Estava precisando de grana outro dia, aí revistei seu armário. E o único que está com a fechadura defeituosa, você devia mandar consertar. Não fecha direito, sabe?

– Quer dizer que você deliberadamente revistou minhas coisas?

– Acho que é mais ou menos isso.

– Então foi você que roubou os cem marcos?

– Espera aí – disse Miúdo. – Cuidado com as palavras. Eu não disse que roubei nada, disse?

– Mas é óbvio que foi você!

– Então tenta provar! – desafiou Miúdo.

– Eu não preciso provar nada! Você praticamente confessou. Por Deus, você me paga essa! – O rosto de Heide estava branco como um lençol, de tanta raiva. – Eu vou te ver em cana nem que isso seja a última coisa da minha vida...Vou te ver enforcado por causa disso. Vou...

– Pelo amor de Deus – disse o Legionário com languidez. – Que diferença faz?

– Pra mim faz muita! – fuzilou Heide.

– Olha aqui – disse Porta, como que subitamente possuído por uma ideia que ia resolver todo o problema. – Por que nós não levamos umas cervejas conosco pra hora de montar sentinela? Tenho certeza que a Cabo de Vassoura não se importaria de passar algumas por baixo do balcão.

– Ah, é? E o que vamos fazer com elas quando chegarmos a Karl Muck?

– Escondemos num lugar seguro. Tudo bem. Eu conheço um rapaz que já montou guarda lá há pouco tempo; ele diz que o lugar é muito bom. Lá embaixo nas celas. Ninguém jamais se incomoda de ir ver o que você está fazendo.

– O que é que você me diz das celas? – quis saber Steiner.

– Que é que eu digo das celas? Nenhum prisioneiro fica lá mais de uma noite. Eles se livram da maioria na manhã seguinte. Aqueles que a Gestapo quer aguentar um pouco mais, levam pra cima com eles. E mais cômodo. Poupa o trabalho de descer e subir as escadas toda vez que da vontade neles de arrancar umas unhas de alguém. Nem tem necessidade de se preocupar com as celas; os prisioneiros não incomodam ninguém.

– Que tal aquela estátua do Imperador no cavalo? – sugeriu Heide, de repente esquecendo seus 100 marcos e interessando-se pela.

ideia de Porta. –

As patas são ocas. Aposto que dava pra enfiar um bocado de garrafas ali e ninguém notaria.

– Eu já tinha pensado nisso – declarou Miúdo. – Já ia falar nisso.

Sempre bolo bons lugares pra esconder coisas... foi por isso que olhei nas suas botas aquela vez – confiou ao Heide, que teve uma imediata recaída de mau humor.

– Vamos arranjar meia dúzia de garrafas grandes – decidiu Porta. – aí vamos fazer uma mistura. – Chamou Gerda, que saiu de trás do balcão, desconfiada, e aproximou-se.

– Seis garrafas de cerveja – pediu. – Da Dortmünder um tanto assim –

mostrou com o polegar e os dedos bem separados – e o resto de *slivovitz*\*. Tá bem?

– Você é quem sabe – disse ela, encolhendo os ombros. – Eu,

.

---

\* *slivovitz* - aguardente de ameixa.

pessoalmente, não gostaria assim, mas tem gosto pra tudo, não é? – Deu as costas e Porta esfregou as mãos, olhando para o Legionário a procura de confirmação.

– Não é, assim que está certo? Primeiro bota-se a cerveja e depois o *slivovitz*?

O Legionário inclinou a Ca Bega com uma ligeira expressão de divertimento no rosto, como se estivesse observando um grupo de

crianças.

Gerda voltou coma primeira garrafa, sacudindo-a energicamente para misturar os dois líquidos. Porta arrancou-a de suas mãos, horrorizado.

– Que diabo está tentando fazer? Explodir todo mundo?

– Se a sorte me ajudar – disse ela amargamente.

Ela trouxe o restante das garrafas, largou-as displicentemente sobre a mesa e, em silêncio, estendeu a mão, esperando o dinheiro. Contou e examinou cuidadosamente cada nota, pra ver se não eram falsas. Enquanto fazia isso, Steiner saiu do banheiro dos homens. Ficou em pé ao lado da mesa, arrotando e abotoando a braguilha, apesar da Gerda ainda estar ali, contando o dinheiro.

– Nada mais gostoso que uma boa mijada – informou-nos com um suspiro de satisfação. – Ainda mais depois de ficar prendendo um bocadinho...

Pegou sua caneca de cerveja e esvaziou-a com uns poucos e rápidos goles, seu pomo-de-adão pulando vigorosamente para cima e para baixo. Então arrotou novamente e limpou a boca com a manga. Gerda dedicou-lhe uma longa e piedosa olhada, colocou o dinheiro em uma bolsa que trazia por baixo do avental e marchou embora, com as costas muito retas.

– O que é que há de tão gostoso em urinar? – perguntou Porta, que estava a fim de brigar com qualquer um, sob qualquer pretexto.

– Como, o que há de gostoso? – olhou-o Steiner. – Você já mijou muitas vezes, não mijou? Devia saber o que é que há de gostoso nisso.

– Acontece que não sei – disse Porta. – E, me diz uma coisa, o que é que há com você? Você é algum perverso? Ou...

– Ora, vai te foder – disse Steiner, tentando sentar e descobrindo que Porta se espalhara sobre quase todo o banco. Porta bateu com a caneca na mesa e levantou-se desengonçadamente, rugindo.

– Ninguém me manda me foder e fica por isso mesmo!

,Mandou o braço selvagemmente na direção de Steiner. Steiner abaixou-se e prontamente reagiu, acertando Porta com um murro do lado da cabeça.

Porta andou para trás, derrubando o banco, e Steiner seguiu-o, com os braços batendo como dois pistões. Por alguns momentos, brigaram em silêncio, limitando-se a algumas ocasionais ofensas de auto-encorajamento, quando Steiner, num gesto ousado, pegou uma caneca de cerveja e atirou-a na cabeça do Porta. Este desviou-se e o míssil passou voando por ele, indo espatifar-se na parede do fundo.

Imediatamente, Gerda estava sobre nós, com um grande porrete de madeira em suas mãos.

– Quem jogou aquela caneca?

Entusiasticamente, apontamos para Steiner. Gerda, sem um instante de hesitação, baixou o cacete no ombro dele e enquanto Steiner cambaleava com o golpe, ela deu seguimento com uma rápida pancada na cabeça.

Steiner prontamente esqueceu a briga com Porta. Uivando de dor e indignação, virou-se para Gerda que, por sua vez, saiu correndo, tentando alcançar a relativa segurança do balcão. Steiner pulou atrás dela, revirando mesas e cadeiras em seu galope através da sala. Alcançou-a quase no balcão e, empurrando-a para a parede, começou a bater sua cabeça com força contra a parede.

Gerda brigava como uma tigresa, mordendo, arranhando e chutando, usando os dentes, unhas, joelhos, tudo que estava ao seu alcance, ao mesmo tempo gritando a todo vapor.



De repente, a porta atrás do balcão abriu-se e a Grande Helga apareceu. Compreendendo a situação Gao com um olhar, calmamente pegou uma garrafa de champanha e saltou para frente para entrar em ação.

Steiner estava preocupado demais para notar esse novo e altamente perigoso ataque no flanco direito. Helga fez pontaria e a garrafa de champanha atingiu Steiner bem atrás do pescoço. Ele tombou instantaneamente em cima de um monte de serragem, em uma mistura de sangue e champanha.

– Assassino! – berrou Helga, chutando-o sem do ali no chão.

– Maníaco sexual! – gritou Gerda, erguendo o gargalo quebrado da garrafa e tentando rasgar o rosto de Steiner.

Com agilidade surpreendente para alguém tão enorme, a Grande Helga arrancou o gargalo da mão da outra; não que ela tivesse pena de Steiner, mas um assassinato ali no local poderia não ser bem recebido pelas autoridades.

Gerda teve que se satisfazer com uma tal torrente de obscenidades que, juro, nunca tinha ouvido antes, acompanhadas de furiosos pontapés no inconsciente e ensanguentado corpo de Steiner.

A moça chamada Gertrude, que tinha um namorado no SD, subiu cambaleando as escadas com um engradado de cerveja em seus braços musculosos. Tinha cabelos longos, de um louro desbotado, e uma perpétua mancha com pus de um lado do nariz.

Gerda imediatamente correu para ela, apontando exaltadamente para Steiner e gritando alguma coisa a respeito de vingança. Gertrude largou sua caixa de cerveja e olhou para baixo para o Steiner, sem grande interesse.

– O que é que você quer que eu faça?

– Fale com seu amigo no SD! – pediu Gerda, enquanto plantava outro vingativo chute nas costas do Steiner.

– *À la bonne heure\** – respondeu Gertrude em francês.

Ela não fazia a menor ideia do que a expressão significava, mas a frase soava bem e ela a usava toda hora. Essas palavras tinham sido aprendidas com um marinheiro francês com quem tivera um caso de oito dias de duração, tempo que o navio dele ficara em Hamburgo. Gertrude tinha-se ligado a muitos outros marinheiros desde então, mas nunca esquecera de *à la bonne heure*. Se você quisesse qualquer favor especial da Gerda, era só dizer, em tom de admiração e maravilhado: “Ah! Você fala francês, não fala?” e ela mordida a isca imediatamente. Infelizmente, o favor era quase sempre acompanhado de uma seção do seu favorito conto de fadas – de como ela nascera numa rica família francesa e de como eles a haviam abandonado quando ainda criança em aristocrático colégio interno, cuja localização era vaga e nunca podia ser precisada; mas se você estivesse disposto a ouvi-la, então em troca ela prestaria todos os tipos de pequenos favores que você quisesse.

---

\*É isso mesmo! Assim que se fala!

Porta e Miúdo já tinham, certa vez, conseguido grande sucesso por uma noite inteira, comendo metade da comida da cantina e embebedando-se até um torpor quase parálico – tudo a custa do Gerda. Mas o Miúdo pagou por isso mais tarde. Ao voltarem para o quartel, ele cismou de dar uma demonstração para o Porta do modo regulamentar com que um soldado de infantaria – e em particular um soldado de infantaria pertencente ao regimento no qual ele pessoalmente iniciara sua carreira militar – deveria jogar-se no chão para depois rastejar com as mãos e os pés deslizando sobre o estomago.

Enquanto Porta observava. Miúdo mergulhou na rua, de barriga, enfiando a cabeça diretamente numa pedra pontiaguda. A pedra fez um buraco do tamanho de um ovo de pombo na testa do Miúdo e o sangue desceu aos borbotões em seu rosto; ele, entretanto, levantou-se e os dois, de braços, voltaram para o quartel cantando a todo volume: "Soldaten sind keine Acrobaten" (Soldados não são acrobatas).

A ideia pareceu agradá-los e eles ainda estavam inutilmente tentando dar piruetas quando acabaram do lado de fora da porta da enfermaria e o Miúdo desmaiou. Agora, entretanto, ele estava muito acordado. Inclinando-se para frente sobre a mesa encharcada de cerveja, gritou para Gerda:

– Eí, Cabo de Vassoura! Quer uma mãozinha pra te ajudar a afundar a cara dele com uns pontapés? Me arruma uni trago e eu faço isso pra você num instante!

– Vai devagar – rosnou o Velho da outra extremidade da mesa.

O Legionário estendeu uma mão de aço e fechou-a em torno do pulso de Miúdo, enquanto sacudia a Ca Bega em desaprovação.

– Uma brincadeira é uma brincadeira, mas nós não queremos um cadáver em nossas mãos, queremos?

– Não queremos? – perguntou Miúdo, pensativo. – Por que não?

– Porque é uma coisa muito difícil pra gente se livrar – sugeri.

– Por que? Por que a gente não leva o corpo e afunda na água?

Barcelona deu uma gargalhada.

– Você alguma vez já tentou dar um passeio até o porto com um defunto debaixo do braço? A polícia cairia em cima de Você feito uma tonelada de tijolos antes de chegar a metade do caminho.

Enquanto Miúdo digeriria essa desagradável possibilidade, Heide de repente tirou o nariz de sua caneca de cerveja para informar que não sentia a menor vontade de ficar de sentinela naquela noite e estava considerando a possibilidade de ir até o randevu no fim da rua, para ver a famosa prostituta do vestido verde. Nós todos já ouvíramos falar da senhora em questão, embora de minha parte nunca a tivesse visto pessoalmente.

– Veja bem, ela é cara – disse o Barcelona gravemente.

– Mas vale – disse Heide.

– Sabem o Velho Bernie Beberrão? – Porta inclinou-se em nossa direção, com os olhos acesos. – Ele me disse que por uns 2 mil ele passou a noite inteira e metade do dia seguinte com ela. Pelo que falou, não parou o tempo todo e conseguiu 76 vezes...

– Pois sim!

– É verdade – insistiu Heide. – Eu o vi no dia seguinte e ele mal tinha força pra sair da cama.

– Maneira ridícula de gastar dinheiro – disse o Legionário.

– Não sei, não...

Com um sorriso obscuro nos lábios e os pensamentos obviamente longe, Porta pegou um ovo de gaivota e estalou dentro de sua cerveja. Com a ponta de sua baioneta mexeu a mistura por um longo tempo, sonhando.

– Isso é gostoso? – perguntei, enquanto o olhava fascinado.

– Horrível – respondeu Porta, lambendo a baioneta.

– Conta pra gente a história da garota que você pediu em casamento –

sugeriu o Velho, recostando-se para trás em sua cadeira e enchendo o cachimbo. – Temos o tempo certinho antes de entrarmos em serviço – disse, espiando o relógio. Colocou os pés sobre a mesa, acomodando-se comodamente em sua cadeira e preparando-se para ouvir uma das narrativas de Porta – em parte verdadeiras, em parte inventadas, sendo as passagens mais incríveis as que provavelmente tinham realmente acontecido, conhecendo-se o personagem.

Os demais seguimos o exemplo do Velho e colocamos nossos pés sobre a mesa. Steiner jazia no chão, gemendo, e nós o deixamos ficar.

– Bem, foi no princípio da guerra – começou Porta, puxando o resto da gema do ovo para cima do copo com o dedo e chupando-a em seguida. – Antes de começar a luta. Eu estava com o 11º regimento em Paderborn; não sei se vocês já estiveram em Paderborn. Era horrível. Tudo morto, sem nada pra fazer um dia depois do outro a não ser ficar olhando para aqueles bagulhos que moravam ali e corriam pra igreja de cinco em cinco minutos. E não é só isso; pra dizer a verdade, eu não estava tão entusiasmado com a ideia de fazer essa guerra coisa nenhuma. Me parecia coisa de maluco; tiros, bombas e Deus sabe o que mais, nada pra comer, nada pra beber... – Deu um suspiro e balançou a cabeça. – Não me agradava nem um pouco. Não é pra você, disse pra mim mesmo. Não é pra você mesmo, amigo Porta – você tem que cair fora o mais rápido possível. Bem, como vocês sabem, não sou do tipo que senta o rabo e não faz nada. Comigo é tudo na hora. De maneira que, quando decidi, arranjei uma doença meio séria que ameaçou acabar comigo.

– Nunca vou esquecer isso – riu o Velho. – Deus sabe o que ele fez para tentar ficar doente; as porcarias que ele comeu teriam derrubado um elefante! Mas não esse cara. Nunca! Quanto mais tentava, mais saúde ele tinha.

– E isso mesmo, e fiquei tão parrudo que você podia me jogar pra lá e pra cá num campo minado que eu saia inteiro – Porta chupou o

ovo de seus dedos, levantou uma perna, peidou e reiniciou sua história. Sorriu para nós maliciosamente.

– Mas eu me sai bem, no final. – Estava um pouco verde naquela época, mas acabei me encaixando na enfermaria serenamente.

– Lembro da enfermaria - gritou Miúdo excitado – ficava por trás da catedral. Me enfiaram lá quando meu dedão inchou. Estava enorme. Quase tive que cortar fora. Escuta, você lembra daquele açougueiro que tinham lá? –

perguntou a Porta – Aquele com a perna de pau... como era mesmo o nome dele?

– Brettschneider – disse Porta.

– Brettschneider, era esse o filho da puta! Eu me lembro que quando estava lá...

– E a minha história? – perguntou Porta friamente.

Miúdo olhou para ele um instante, piscou e disse:

– Está bem, continue.

– Obrigado. Bem, como estava dizendo, fui carregado pra enfermaria onde vi esse tal médico que você mencionou. E ele era um filho da puta, isso reconheço. Logo no primeiro dia em que eu estava lá, veio marchando até mim com metade do hospital atrás dele. Todo mundo parou na minha cama e ele ficou ali, tossindo na minha cara e perguntando de que eu estava brincando e o que eu achava que tinha. Então eu expliquei que se tratava de paralisia praticamente total, que eu estava totalmente insensível e falei da minha infelicidade, visto que a guerra estava começando e eu louco para contribuir com meu esforço e tudo mais, e o cara ali, o tempo todo, só tossindo, e eu todo paralisado – disse Porta indignado. – Todo

paralisado que não podia nem me desvirar. Podia até ter apanhado uma tuberculose ou uma gonorreia galopante.

Mas, de qualquer maneira, depois de um bocado, o cara deu uma espécie de um gemido – Porta nessa hora gargarejou com o fundo da garganta – e aí concordou comigo que era uma infelicidade. De repente, arrancou minhas cobertas e me deixou ali exposto com todos aqueles estranhos olhando pra mim como se eu fosse um espécime raro tirado de um vidro. Aí então, começou a me apalpar e futucar, a perguntar se eu sentia aqui ou doía ali e eu só deitado, fazendo de conta que não sentia merda nenhuma e sempre pensando “Você não me pega, seu filho da puta, seu escroto, seu médico fedorento!” De qualquer maneira, depois de um pouco, ele se esticou e começou a dizer pra todo mundo da pena que era aquele pobre soldado ficar todo paralisado logo no princípio da guerra. “Mas não faz mal” – ele me disse! – “Vou dar um jeito de você ficar bom de novo. Como é mesmo que você disse que começou?” – perguntou. –

“Meio assim de repente? Mais ou menos na hora que a guerra começou? Como uma espécie de choque?”

Porta olhou em volta para nós e piscou um olho.

– Me dando corda, entende? Se fazendo de compreensivo. Aí eu resolvi melhorar a coisa, fornecendo alguns detalhes. “Tem razão”, disse, “foi exatamente como aconteceu, feito uma espécie de choque, pelo corpo todo, conforme o senhor falou. Eu estava na fila com todos os outros, estavam nos

.

dando o material, e, de repente, o negócio me pegou; e pegou feio. Suor frio, estrelas e tudo virando em volta de mim e um horrível zunido no ouvido.

Consegui avançar mais alguns metros e aí chegou essa espécie de paralisia e tudo ficou escuro...". Ah, vou te contar – disse ,Porta – eu caprichei. Como já disse, eu estava verde naquela, época; até forcei urnas lágrimas e continuei falando como me sentia mal por não poder ir lutar e ganhar medalhas e como meus pobres pais teriam se sentido orgulhosos por terem um filho herói. "Olha"

– ele gritou todo ardente – "com certeza existe uma maneira de fazer um homem que está paralisado servir a seu país, seu povo e seu Führer!" – Sabem o que é que o filho da puta disse? (Todos obedientemente dissemos que não, embora alguns de nós obviamente já soubéssemos uma versão ou outra. Porta cuspiu.) "Ah, sim" – ele disse -\_ "Você pode se levantar e recomeçar a andar como qualquer outro."

"Com isso, deu uma cacetada firme na minha rótula enquanto eu estava desprevenido e minha velha perna deu um chute e arrancou os óculos dele! Nossa, eu não sei quem estava mais furioso, se ele ou eu! De qualquer maneira, assim que ele se recuperou um pouco me alguém pegou e devolveu seus óculos, apanhou um maldito troço comprido de dentro de uma bandeja e começou a enfiar no meu ouvido até que eu achei que ia sair do outro lado da cabeça. Quando acabou de brincar com aquilo, pegou minhas pálpebras e puxou até mais ou menos em cima da minha cabeça e examinou demoradamente meus olhos até que, um pouco depois, pensando que ele talvez fosse daltônico, eu disse: "São azuis" e ele falou "Como?" e, eu disse "Azuis, engraçado ter um médico que é daltônico" e aí ele me xingou barbaramente e começou a pescar no fundo de minha garganta, procurando minhas amígdalas.

Como aquele filho da, puta trabalhou naquele dia! Cutucou minha boca, as orelhas, a bunda; qualquer lugar em que ele pudesse enfiar alguma coisa ele enfiou...

– Mas o . aconteceu no final? – perguntou Stege, para quem a história era nova.



– Calma um instante, eu chego lá! – disse Porta irritado. Ele não suportava ser interrompido ou pressionado para concluir antes de estar preparado para isso. – Em seguida o filho da puta deu um passo pra trás e começou a falar da pena que tinha de mim. “Parte meu coração” – ele disse –

“ver esse jovem tão gravemente enfermo, sendo que seu único desejo seria

.

servir a seu povo, sua pátria e Führer. Talvez fosse melhor” – falou – “colocá-lo em isolamento, quem sabe numa prisão militar? Mas, primeiro, vamos ver como você reage. Não me surpreenderia nem um pouco se você, de repente, ficasse bom. E o que costuma acontecer com doenças do tipo da sua. Elas atacam de repente e se vão de repente, especialmente em épocas como essa, em que o país está em guerra. Você ficaria surpreso” – ele disse – “de ver quantos outros bravos rapazes como você foram atingidos por doenças na flor da idade nessa semana passada, e no entanto a maioria deles” – falou sorrindo com seus dentes sujos – “a maioria deles já está firme e de volta as suas unidades assim como você também vai ficar.”

Porta sacudiu a cabeça.

– A Que filho da puta! Quando dei por mim, ele estava tentando me tirar da cama; queria que eu andasse, que nem um incrível milagre da Bíblia!

Arranjou quatro caras pra me tirar dali e me botar de pé e, naturalmente, assim que me largaram, desmoronei no chão e eles tiveram que me levantar de novo.

Ele não gostou disso. Dava pra ver que ele não gostou. Aposto que teria desistido, ido embora e me largado ali mesmo. Acontece que ele não podia fazer isso, visto que estava ali pra me curar; então, ele se controlou e começou a dizer pra freira que tipo de tratamento ela

tinha que me dar. – “Vamos começar suavemente” – disse. – “Nada muito drástico. Ponham-no numa dieta líquida, para começar. Nada de sólidos. Nada de carne. Certo? E, naturalmente, nada de álcool. Dê eméticos diariamente para fazê-lo vomitar. Um purgante dia sim, dia não para limpar seu intestino. Caso isso não dê certo, tente o quinino; mas nada violento, por enquanto. Vamos ver se conseguimos curá-lo com meios suaves primeiro.” - Aí ele sorriu pra mim, o filho da puta, inclinou-se sobre a cama e falou. – “Nós vamos tirar você daqui e colocá-lo servindo no *front* em tempo recorde, você vai ver só; ainda vamos ver você ganhar medalhas” – falou. – “E

você terá sua chance de ser um herói.”

– Honestamente – disse Porta – era mais uma ameaça que uma promessa. Então, agradeci gentilmente com lágrimas em meus olhos e ao mesmo tempo jurando por Deus que ele não ia levar a melhor comigo...

– E ele levou? – perguntou Stege.

– Claro que levou – disse Porta. zombando. – Com metade do exército

.

tentando a mesma coisa, ele reparava a, léguas de distância. Assim mesmo, levaram onze dias pra me por de pé outra vez. Onze dias de purgatório! Ele conseguiu me tirar de lá, sabia? Eles te deixam num estado tal que você preferia dar um passeio numa merda de um campo minado do que deixar eles cuidarem de você. Eu lembro que tinha mais quatro na mesma enfermaria em que eu estava. Um tinha reumatismo, um estava com problemas nos rins, um tinha perdido a memória e um era simplesmente maluco; pelo menos eu achava que era. Parecia maluco direitinho. O velho Brettschneider disse que ele estava tão são quanto qualquer outro. Eu não sei, não. Fomos considerados todos curados ao mesmo tempo e mandados de volta

todos juntos para o regimento. Bem, nós estávamos de volta há uns dois dias quando aquele maluco enfiou o cano de uma arma na boca e puxou o gatilho. Deixou metade de seu cérebro esparramado no teto... não sei se isso pode ser realmente considerado são...

– Está tudo muito bem – disse Stege – mas não se pode culpar o médico. Ele está fazendo seu trabalho. Ele não pode saber, ao dispensar um falso doente, se o cara vai aguentar a tensão ou não...

– Porra! – disse Porta.

– Eu me lembro desse incidente – mencionou Barcelona – não foi aquele filho da puta daquele sargento... qual era mesmo o nome dele? Gerner, não era? Bem, não foi ele que levou o pobre coitado a se matar?

– Dá mesma maneira que levou muitos outros – concordou Porta. –

Você estava lá naquela vez que ele cismou com o Schnitius? Lembra do Schnitius? Aquele que acabou com os pés amputados? Bem, ele costumava tremer de medo de Gerner. Você estava lá quando ele caiu na pele dele.

– Acho que estou lembrando – disse Barcelona – qualquer coisa a ver com um cinzeiro, não foi?

– Justamente. É isso mesmo. O Gerner apareceu para uma de suas famosas inspeções. Você lembra como ele exigia que tudo estivesse constantemente imaculado? Bem, ele apareceu um dia e nós estávamos todos ali, em posição de sentido, limpos como nunca, sem nem um grão de poeira em lugar nenhum, quando o velho Schnitius de repente descobre que esqueceu de esvaziar o cinzeiro. Acontece que Gerner não fumava e ficava maluco com cinzeiros cheios de pontas de modo que, sem pensar, Schnitius pegou o cinzeiro e jogou debaixo do travesseiro de seu beliche. Bom, tudo correu bem até que

.

Gerner, já quase saindo da sala, por qualquer razão virou-se pra trás e viu a fumaça subindo, com o travesseiro em chamas. Então, naturalmente, correu até lá, gritando feito um maníaco e era a cama do Schnitius, O velho Schnitius estava ali do lado dela, sem realmente ter muitas chances e Gerner virou-se pra ele e disse: “Foi você que jogou essa merda aí?” e o Schnitius não tinha como negar, de maneira que quando fomos ver, o Gerner estava fazendo ele comer todas as cinzas, as pontas e também lamber o cinzeiro por cima...

– É isso mesmo! – gritou Barcelona. – E pouco depois disso o pobre-diabo cuspiu tudo no chão da latrina...

– E, e o Gerner aí apareceu e pegou ele fazendo isso, e disse que ele podia ficar de joelhos e lamber tudo de novo.

Steiner, que aos poucos se recuperava dolorosamente em um assento que ocupara entre nós, com um lenço pressionando sua cabeça ensanguentada, de repente transferiu o lenço para a boca e virou para outro lado, vomitando.

Eu cheguei para frente, incrédulo.

– E ele fez isso? Fez mesmo? – perguntei.

– Claro que fez – disse Porta – ele tinha um medo tremendo daquele verme.

– Eu não teria feito – disse eu, recostando-me outra vez.

Porta olhou para mim:

– Schnitius não estava bêbado como você esta! E era

novato no exército. Não sabia se defender. De qualquer maneira, ele ainda estava ali, de joelhos, vomitando de novo sempre que limpava um pedacinho, quando o comandante chegou, o tenente Enem – disse ao Barcelona.

– Até que ele era legal, para ser um oficial, mas costumava ficar aborrecido quando tinha que cuidar de problemas entre os homens. Aí levou o Schnitius para o escritório e perguntou que diabo ele achava que estava fazendo e o Schnitius, de burro que era, botou a boca no trombone a respeito do Gerner e da maneira que ele estava sendo tratado. Aí então, naturalmente, o tenente ficou mais bravo que nunca, chamou Hauptfeldwebel Edel ao seu escritório e mandou ele arrasar com o Gerner. O resultado foi que Gerner foi preso por dez dias e os outros sargentos se reuniram todos e deram uma surra no Schnitius pelo que ele fez com o Gerner.

Se o imbecil tivesse tido um pouco de juízo, nunca teria nem

.

mencionado o nome de Gerner. Ele tinha que dizer que gostava de comer cuspe ou que estava pagando uma promessa, ou qualquer coisa assim. Só que, como já falei, nós todos éramos tão verdes naquela época...

– Mas, espera aí – interrompeu o Velho – eu pensei que você ia nos contar da garota que você pediu em casamento.

– Ah, sim – disse Porta. – Sim, foi depois de eu ter sido posto pra fora da enfermaria. Enquanto estava La, eu tinha visto aquela fulana diversas vezes e tinha gostado um pouco dela. Ela costumava zanzar atrás do Brettschneider quando ele visitava as enfermarias com seu pequeno bando de seguidores.. Para falar a verdade, eu estava bastante caído por ela. Quando sai, comecei a enviar cartões postais. O primeiro que mandei, nunca vou esquecer, era um daqueles antigos que imprimiam naquela época e tinha um Feldwebel todo vestido a moda antiga, estrangulando um soldado

polonês ou coisa que o valha. E lá em cima, em letras grandes, dizia assim “Vingança!” Ainda me lembro da minha vontade de saber se ela tinha entendido a mensagem.

– Que mensagem? – perguntou Stege.

– Ora, que eu queria comer ela, entende?

– E ela entendeu? – perguntou Stege maravilhado.

Ele ainda não tinha aprendido que, ao ouvir uma das histórias do Porta, você tinha que aceitá-la do jeito que era, sem grandes preocupações com lógica.

– Não, acho que no principio não entendeu. Pelo menos não recebi nem uma palavra dela. Então, no fim, mandei um com uma mensagem escrita nas costas. Esse tinha um aviador sentado num banco com uma garota. E o aviador estava com as mãos enfiadas entre as pernas da moça e ela estava de olho comprido pra ele. Nas costas eu escrevi uma espécie de bilhete de amor...

– O que é que você dizia? – perguntou Miúdo.

– Eu não me lembro, depois de todo esse tempo. Só sei que caprichei um bocado. Não escrevi nada de muito batido. Comecei dizendo que esperava que ela não considerasse que era muita liberdade escrever pra uma dama lá de um quartel de merda como o que eu estava, só que achei que merda talvez não fosse a palavra apropriada, de modo que risquei e escrevi prussiano no lugar.

Caprichei, entende?

Não fui escrevendo direto o que vinha na minha Cabeça.

– Espero que ela tenha gostado – disse Stege.

– Se gostou! Ficou toda cheia de si, provavelmente nunca tinha sido cortejada assim em sua vida. Veja bem, no princípio ela estava tímida. Tive que esperar dias até que ela concordasse em me ver. Aí ela mandou um garoto com um recado dizendo que eu podia fazer uma visitinha se quisesse. Ela morava com a família, naturalmente. Era uma velha casa na Bismarckstrasse. Eu sabia que tinha de causar uma boa impressão, de maneira que fiz a barba, arrumei o velho uniforme e me lavei um bocado; foi bom que tivesse feito isso tudo porque, quando cheguei lá, era uma dessas casas elegantes e a porta foi aberta pela empregada, que por sinal era muito fina também. Queria saber se eu tinha um cartão pra me anunciar. “Eu não preciso de cartão nenhum”, disse pra ela.

“Pergunte a qualquer um em Paderborn” falei. “Sou muito conhecido por essas bandas”. Então ela se foi andando como se tivessem enfiado uma bengala no rabo dela, e eu fiquei ali na entrada. Enquanto estava sozinho, dei uma rápida espiada em volta e aproveitei a oportunidade pra limpar minhas botas numa almofada de veludo que eles tinham no sofá! Veludo é uma das melhores coisas que existem .pra dar brilho em botas e, agora, com os pés limpos, estava começando a me sentir como um verdadeiro cavalheiro.

– Espere um instante – protestou Miúdo. – Você não tinha dito que estava na entrada?

– Exatamente. Foi aí que ela me deixou.

– Então como é que você usou almofadas de veludo tiradas de um sofá pra limpar as botas?

– Porque eles têm um enorme sofá na entrada, tai porque! Porra, a gente vê logo que você nunca esteve em nenhum lugar de classe! Você com certeza acha que a entrada é uma merda de uma passagenzinha atrás da porta da frente, não acha? Pois não é; é um grande espaço com móveis, quadros e tudo, como se fosse uma

sala. E o lugar em que eles sentam pra comer é diferente do lugar onde sentam pra bater papo. E onde eles sentam e batem papo não é embaixo como você e eu estamos acostumados; é lá em cima no primeiro andar. E onde...

– É o espaldar da porra da cadeira é coberto de vison!

– debochou Miúdo. – Pula os detalhes chatos e só conta as partes sujas. O que é que aconteceu depois? Ela desceu para a tal entrada que parece

.

uma sala e você puxou ela pro sofá com as almofadas de veludo e meteu-lhe a linguixa?

– Perdão – disse Porta – mas me recuso a ser pressionado. Ou você ouve toda a história e nada além da história e aceita os trechos artísticos junto com os físicos, ou eu desisto e você pode começar a contar seus malditos contos de fadas. Ou tudo ou nada; tenho orgulho da mesma maneira que o Schiller e os outros. Se quiser apreciar as partes picantes, você tem que engolir o resto primeiro. E como não comer bolo sem antes comer pão com manteiga.

Miúdo encolheu-se, resmungando, e pediu que o chamássemos quando chegasse a hora de Porta comer a garota. Se é que tinha comido. Steiner virou-se e perguntou, tonto e com o lenço todo manchado de sangue e vômito.

– O que é que está acontecendo?

– Nada! – Miúdo ergueu-se de novo, triunfantemente. – E justamente disso que eu estou reclamando; não está acontecendo nada. Se fosse eu, já teria comido ela dez vezes antes mesmo de chegar em casa. Aí eu teria comido ela no sofá e depois nas almofadas de veludo e...



– Mas o que aconteceu? – perguntei ao Porta. – O que aconteceu no fim?

Porta sacudiu os ombros tristemente. Era óbvio que o Miúdo estragara aquilo que ele considerava o lado artístico de sua alma e que jamais ouviríamos o fim da história.

– Conta pelo menos o pedaço em que você pediu ao pai dela para casar

– insistiu o Velho.

– Por quê? – disse Porta – Não é engraçado.

– Isso é uma questão de opinião – disse o Velho que, obviamente, já ouvira a história muitas vezes antes.

– Porra! – disse Porta aborrecido – Eu só perguntei a ele se podia ter a mão dela em casamento para que a gente pudesse mandar brasa juntos de maneira legal! O que é que tem de engraçado nisso? Eu podia ter metido nela num banco do parque, não podia? Podia ter trepado com ela na hora que eu quisesse...

– É uma pena que não tenha feito isso – disse Miúdo amargamente.

–

aí poderia ter uma história que valesse a pena contar.

– Pelo visto – disse eu – você não chegou a casar com ela?

Porta limitou-se a me dar uma olhada de desprezo e virou para o outro lado.

– Claro que não! – disse o Miúdo. – Ele nunca casou com ela, nunca fodeu ela, nunca fez merda nenhuma com ela!

Naquele instante, o alto-falante começou a transmitir uma ordem a todos os chefes de seção da Quinta Companhia para se dirigirem a

sala de armamento para a distribuição de armas. O Velho esvaziou o cachimbo e levantou-se.

– Esta. na hora – disse. – Quem vai carregar o Steiner?

Nós todos nós dirigimos para a porta, um pior que o outro de cansaço.

Miúdo estava furioso com Porta e Porta por sua vez resolveu ficar furioso com todos; Steiner tinha que ser sustentado por Barcelona e o Legionário, e Heide parecia um sonâmbulo. Ao desfilar-mos em frente ao balcão, a cabeça de Gerda surgiu de repente, com seus olhos pálidos marcados pelo ódio e a boca contraída cobrindo os longos dentes.

– Espero que vocês todos torrem no inferno! – sibilou.

Este foi o fim de uma noite de bebedeira.

– Olha aqui: eles podem fazer o que quiserem declarou o jovem, seguro de si. – Não doa a mínima para nenhum deles Por mim, podem se foder!

*Ele estava sentado no corredor com os pés dentro da pia e comendo pepinos em conserva que tirava de um vidro. Enquanto falava, seus companheiros, com a cabeça, demonstravam aprovação. A casa estava cheia de gente jovem, rapazes e moças, todos barulhentos e seguros de si; seguros de sua capacidade de resistir a autoridade e de sua disposição de enfrentar a morte antes de lutar por uma causa em que não acreditavam. Sentados em cadeiras à mesa, deitados no chão, na cozinha, na sala, nos quartos e banheiro, esse bando de jovens rebeldes gritava sua união.*

*– Não é nossa guerra! – gritava uma voz sem dono debaixo de uma mesa. – Não a começamos, não a queremos e não vamos participar dela!*

*– Pessoas morrem diariamente, aos milhares, e os pobres coitados nem sabem por que estão morrendo.*

*– Gente é torturada na Gestapo. Todos estão com medo de abrir suas bocas para dizer a verdade – declarou uma moça que não era tão jovem quanto parecia e fazia o máximo para seduzir um rapazinho nervoso que ainda em virgem.*

*– Bem, eu não tenho medo – gritou uma criatura de aspecto frágil de seu lugar em cima de um fogão apagado.*

*– Quando chegar minha vez de falar, vou dizer a eles exatamente o que eu acho!*

*– Calma! – murmuraram seus companheiros, enquanto o nervoso jovem tirava seus óculos e vigorosamente os limpava, meio alarmado com sua própria ousadia por estar em tal companhia.*

*– E se a Gestapo vier? – perguntou um de coração mais fraco, sentado no corredor.*

*– Deixa eles virem! – respondeu com amplos gestos um jovem rapaz que tinha o hábito de declamar poemas dramáticos e estava sentado na mesa da cozinha. – Deixa eles virem! O que importa? Essa terra é nossa porque nós somos o futuro! Eles não podem nos forçar a lutar e a nos destruir!*

*Num domingo a noite, cinco meses mais tarde, suas reuniões semanais foram encerrados pela súbita chegada de três homens. Três homens com casacos de couro e usando coldres debaixo do braço.*

*Eles encontraram um minúsculo grupo oferecendo alguma teimosa resistência, porém, em sua maioria, os orgulhosos jovens da Alemanha foram rapidamente dominados.*

*O rapazinho nervoso, que os recebeu com altos gritos histéricos, foi silenciado com uma violenta bofetada no rosto.*

*A moça que não era tão jovem quanto parecia e que jamais conseguiu seduzir o rapaz, cuspiu meia dúzia de obscenidades antes de levar um pontapé no estomago e ser empurrada para o lado.*

*O garoto que monopolizara a pia estava fazendo amor no chão do banheiro com sua namorada. Os dois foram separados por umas poucas, porém bem localizadas coronhadas de um pistola e foram Levados para junto dos outros.*

*O poeta molhou as calças de medo no instante em que os intrusos chegaram. Não ofereceu resistência de nenhum tipo.*

*Formando uma longa fila, cabisbaixos e arrastando os pés em coluna por um, cinquenta e dois rapazes e moças deixaram a casa e entraram em dois*

*ônibus verdes que aguardavam do lado de fora. Eles eram o futuro, mas o medo era uma realidade desconhecida e eles se defrontavam cara a cara com ele pela primeira vez.*

*Durante três dias foram mantidos na Stadthausbrücke nº 8. O*

*tratamento não fora particularmente duro, mas o simples fato de estar ali já era o bastante; era suficiente para aprenderem o significado do medo e compreenderem que a coragem não tinha lugar em suas vidas. Coragem era só para aqueles que estavam no poder.*

*Depois de três dias, foram uniformizados e mandados para treinamento. Vários morreram durante seus cursos preliminares de instrução, alguns por acidentes, outros porque preferiram assim. Quanta aos restantes, foram lutando e tentando entrar num acordo com sua nova situação e suas novas identidades; tentaram admitir o*

*fato de que, olhando bem, eles não eram diferentes dos pobres idiotas que tanto detestavam.*

*Aquela guerra não era deles. Não queriam participar dela, mio a tinham começado, nem acreditavam. nela. Mas, mesmo assim, combateram.*

## **Capítulo IV**

De sentinela na gestapo

Nós os vimos subindo as escadas, empurrando uma senhora entre eles.

Os dois Unterscharführer, Schultz e Paulus, os mais incansáveis caçadores de cabeça do Kriminalrat Paul Bielert.

Ficamos parados na entrada do edifício, olhando-os entrar.

– Fico imaginando o que aquela velha fez – comentou Porta.

Dei de ombros e não respondi nada. O que poderia ter dito? Como podia saber o que uma pobre velha vestindo um casaco cheirando a naftalina teria feito a Gestapo? Sempre me perguntava como um cidadão médio sem influência poderia alguma vez ofender essa gente.

Ao passar por nós, a velha virou-se e sorriu. Abriu um pouco a boca, então Paulus deu-lhe um empurrão e eles passaram pela porta. Fiquei imaginando o que ela teria para nos dizer, dois soldados estranhos de pé na chuva, com filetes de água pingando dos capacetes e descendo pelo pescoço.

Nós nos viramos e vimos os três dirigindo-se para os elevadores. – A velha mal podia acompanhar os dois homens com seus passos largos. Schultz deu-lhe um outro empurrão.

– Vamos lá, vovó. Não temos o dia todo. A senhora não é a única convidada para a festa.

Apertaram o botão e ficaram esperando o elevador. Paulus de repente nos viu, Porta e eu, em pé, olhando da porta, e acenou impacientemente.

– Sumam daqui! Vocês deviam estar de serviço, e isso aqui não é uma pantomima. Andem, sumam!

– Calma, cara – berrou Porta. – Você não me dá ordens, coração!

– É isso que você pensa! – Paulus veio caminhando em nossa direção, os dois olhos minúsculos e apertados. – Você parece ter esquecido que sou um Unterscharführer...

– Grande merda.

-- Como você ousa falar assim comigo? – perguntou Paulus, quase tio chocado quanto eu.

– Por que não? – respondeu Porta, com um de seus sorrisos maliciosos.

– Você não pode fazer nada contra mim... não sem que eu bote a boca no mundo sobre aquela batida que você deu na Herbertstrasse nº 7. Você não esqueceu ainda, não é? Porque posso lhe dar certeza de que eu também não esqueci. Na verdade, tenho até pensado, Paulus, temos lugar para alguém como você no nosso regimento. O que você acha de deixar o SD e vir se juntar a nós, hem? Por muito menos do que você fez, uns outros caras vieram direto para o nosso regimento.

Os olhos do homem se arregalaram e depois se apertaram de novo.

– O que você sabe sobre a Herbertstrasse? – perguntou.

– Pra começar, cara, sei que você é um ladrão...

Paulus se empertigou todo e levantou as sobrancelhas.

– Você está insinuando chamar um Unterscharführer da SD de ladrão?

– Chamo agora a primeira vez – disse Porta alegremente. – E vou chamar toda vez que me der vontade, e onde eu quiser Por que não? Você tem alguma objeção?

Paulus ouviu o elevador chegando. Apertou os lábios e saiu andando, sem olhar para trás em nossa direção. Porta observou-o com um trejeito de satisfação nos lábios.

– Isso vai deixar ele acordado por muitas noites, esse filho da puta!

- Por quê? – perguntei. - O que aconteceu na Herbertstrasse.

Voltamos de novo para a chuva.

– Para falar a verdade – admitiu Porta – não sei muito bem, exceto que eles pegaram aquelas duas putas uns dias atrás. As duas que estavam

.

escondendo dois desertores. Parece que eles deram uma batida no local e seja o que for que aconteceu por lá foi o suficiente para fazer o velho Paulus pensar duas vezes, não foi? Viu como ele mudou de cor?

– Mas você tem que saber mais do que isso.

– Só de ouvir falar – disse Porta, dando de ombros. – Uma das mulheres que moram no nº 7, não as duas que eles levaram, uma outra; o lugar está cheio delas, ela estava me contando que Paulus e

um outro cara roubaram os cartões de racionamento das garotas e carregaram as suas economias. Eu só

.tive certeza de que era verdade agora.

– Você está querendo me dizer que tentou o golpe sem ter certeza?

–

perguntei horrorizado.

– E por que não? Quem não arrisca não petisca, meu caro, como disse alguém um dia.

– E agora? Você vai dedurar ele?

– Não antes de tirar o que puder dele – disse Porta friamente. –

Quando ele não tiver mais uso nenhum para mim, vou me certificar de que ele seja mandado para Fuhlsbüttel, e no dia em que ele estiver em uma unidade disciplinar, vou sair por aí e fazer loucuras na cidade.

– Sempre achando que vai estar vivo para isso – resmunguei. – Um dia desses você vai acabar exagerando um pouco. Um dia vai encontrar alguém que não vai ceder e aí você se ferra todo.

– Porra! – gritou Porta. – Você pensa que eu não sei só que estou fazendo? Eles são todos iguais, esses caras, de Himmler para baixo. Na hora que você faz uma pequena chantagem com eles, os homens se enroscam todos e ficam se cagando. Têm sempre alguma coisa para esconder, sabe? Tudo que a gente tem que fazer é descobrir o que é.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, contemplando a rua vazia. A chuva batia nos nossos rostos, entrava pelos nossos olhos e descia pelo pescoço.



- /Me pergunto o que aquela velhota pode ter feito – disse.
- Eu não sei. Abriu demais a boca, suponho.
- Você acha que eles vão dar a ela o tratamento completo?
- E por que não? A única razão de eles trazerem as pessoas aqui é ver a altura dos gritos que dão.

Caminhamos pelo lado do edifício, nossas botas pesadas ressoando na calçada. A luz fraca dos postes de luz refletia-se em nossos rifles e nos capacetes.

– Caia bem um copo de soda e *slivovitz* agora – falou Porta com desejo.

– Se for *slivovitz* e soda – comentei – me junto a você: três quartos de *slivovitz* e o resto de soda, e Deus me segure! – Depois acrescentei então irritado ao sentir a camisa molhada contra as minhas costas. – Estou de saco cheio dessa chuvinha de merda! Estou de saco cheio dessa maldita guerra e tudo que tem a ver com ela! Estamos todos de saco cheio. Eles estão cheios, nós estamos cheios, por que diabos não entramos num acordei e voltamos para casa?

– Que esperança! – disse Porta cinicamente. – Nós que temos que lutar nesta putaria é que estamos de saco cheio, e não somos nós que podemos fazer ela parar. Os caras que começam a guerra e que param com ela não querem saber do que você gosta ou não. Eles não ligam a mínima para o que nós sentimos por ela e não vão ficar cansados enquanto continuarem ganhando dinheiro com ela. Vão continuar até nós todos estarmos mortos e enterrados.

Não ligam a mínima! E aqueles do lado de lá – fez um gesto na direção da Inglaterra e do resto da Europa – eles são tão ruins quanto os do lado de cá.

Vingança, isso é o que querem. Vingança e dinheiro, isso é tudo o que eles querem.

– É como o Legionário disse outro dia – concordei.

– Eles chamam isso aqui de Segunda Guerra Mundial, mas é a mesma droga da Primeira Guerra Mundial e de qualquer outra guerra desse mundo. E

tudo uma guerra sé, que nunca acaba. A gente pensa que acabou e logo começa uma outra, mas ele está certo, é tudo a mesma guerra, só que lutada em fronts diferentes, em épocas diferentes, com armas diferentes... Lembro-me muito bem do Legionário dizendo isso. – “E nunca vai acabar” – disse ele – “porque eles não querem que acabe. Por que iam querer? Enquanto a guerra continuar, o capitalismo deles pode florescer. Faz sentido, não faz? Por isso, tá na cara que eles vão continuar com ela. Pode morrer um pouco de vez em quando, mas eles vão se certificar de que o fogo nunca apague de todo. Vai sempre ter uma

.

peessoa lá para atijar a chama. – “Isso é traição!” – gritou Heide. – “Podia denunciar você por isso! Isso é conversa comunista!” – “Foda-se” – disse o Legionário com repugnância – “Comunistas, nazistas, capitalistas, detesto todos eles. Sou só um soldado, fazendo o que me mandam fazer.” – O Velho olhou para ele uns instantes, depois perguntou: – “Você gosta de ser soldado?” – “Isso não importa” – disse o Legionário, dando de ombros. – “É um trabalho como outro qualquer. Ninguém nunca se incomodou de me perguntar o que eu gostaria de fazer. Não tive nunca escolha.” – “E é por isso que você faz?” –

“Você pode encarar assim, se quiser.” – O Legionário adiantou-se um pouco para encará-lo mais de perto. – “E você, gosta de ser soldado? Teve alguma escolha sobre isso? Alguém tem? Por que as pessoas continuam até pagar os impostos? Ou a não dirigir sem

carteira? Ou a pagar pela comida em vez de roubar? Por que gostam de fazer isso? Ou porque não têm outra escolha? E

porque não têm mesmo outra escolha, é isso aí. Ou se obedece à lei ou se vai para a cadeia. Ou, no meu caso em particular, ser um soldado ou morrer de fome. Ou no nosso caso agora – o seu caso, o meu caso, o caso de Sven, de Porta e de Miúdo – ser um soldado e fazer o que eles mandam ou ser colocado no muro e ver os nossos miolos estourados.” – Recostou-se de novo, balançando a cabeça. – “E se você chama a isso um caso de escolha, eu não.”

Suspirei e observei a chuva caindo incessantemente do meu capacete.

– Serviço de filho da puta – falei. – Parece que se arrasta por semanas seguidas.

– Vamos rezar por um gato – disse Porta. – Um gato preto bem gordo para a gente dar um chute. Qualquer coisa para aliviar a monotonia...

Havíamos voltado e estávamos novamente em frente a entrada do edifício, com as suas paredes ameaças, as seteiras e as torres.

– Vamos dar uma fugida ali para trás e fumar um pouco – disse Porta.

– Podemos sair dessa chuva miserável. Ninguém vai procurar a gente aqui.

Fomos para trás do muro, nos ajeitamos em um lugar seco e tiramos os capacetes. Faltavam apenas quinze minutos para que Heide e Miúdo surgissem para nos render. Na certa trariam alguma coisa forte para beber.

– Quem sabe? – disse Porta esperançoso. – A gente fica aqui bastante tempo e podemos dar a alguém a oportunidade que está

esperando há muito tempo para mandar essa corja toda para o alto. Sabe, se alguém aparecesse aqui com uma bomba na mão e me pedisse para olhar uns minutos para o outro lado, eu obedecia na mesma hora. E não precisava nem me subornar.

– Por falar em dinheiro – falei, agachando no chão – e aqueles capacetes de aço que o Legionário roubou do almoxarifado? O que aconteceu com eles?

– Estão com um porteiro sueco na Bernhard Nachtstrasse agora. Ele diz que eles estão bem seguros, mas não podem ficar lá para sempre. Tem um serralheiro na Thalstrasse que está a fim de comprar, mas ele quer que a gente leve para um depósito em Ernst Strasse, bem em frente a estação de Altona. O

problema é levar na carga para lá. Não podemos usar os nossos próprios caminhões, nunca íamos conseguir passar.

– Quanto ele quer pagar? – perguntei. E depois, acrescentei: – Por falar nisso, sei onde a gente pode conseguir uma carga de balas de morteiros, mas o problema também é transporte. Nós íamos ter que ir de manhã e íamos precisar de um caminhão da SS. E também íamos precisar de uma permissão especial assinada pela SS, ou então eles não deixariam a gente pegar a carga. Eles estão um pouco nervosos desde que um cara conseguiu fugir com uns motores que não eram dele. Mesmo assim, se conseguíssemos o transporte, valia a pena tentar. Recebi essa informação de um cara que conheço na SS; ele tem uma cicatriz do tamanho do Everest porque uma vez tentou falar demais e eles o pegaram.

– Esse serralheiro – disse Porta. – Ele quer dar 67 *pfennigs* por quilo.

Talvez a gente consiga arrancar um pouco mais dele pelas balas. Vamos dizer.

... 69... de qualquer maneira, como você diz, vale a pena tentar. Miúdo podia arranjar um conjunto novo de placas "frias" e se a gente descobrisse um Krupp grande, podíamos ter sucesso. É um irmão gêmeo do caminhão da SS, quase idêntico.

– E a permissão?

– O seu amigo na SS não podia arranjar para nós?

– Pode ser. Quanto você acha que vamos ter que dar para ele fazer isso?

Um chute na bunda – falou Porta. – Nós temos ele nas mãos, não esqueça. Um pio sobre a gente e ele desaparece.

– Certo, mas... cortei o que ia dizer e apertei o pulso de Porta ao ouvir o som de passos se aproximando.

– Cuidado! Vem alguém aí! Ficamos lá sentados por uns momentos, os ouvidos atentos, e então Porta ajeitou a boca do rifle na seteira.

– Se for um filho da puta da Gestapo, eu atiro – decidiu. – Se alguém falar alguma coisa, a gente diz que pensamos que era um sabotador.

– Você está maluco? – falei. – A gente nunca ia escapar dessa.

Porta abaixou repentinamente o rifle, obviamente desapontado.

– É o Miúdo com Heide.

Olhamos pelo alto e vimos os dois se aproximando devagar. Estavam falando veementemente e Miúdo tinha uma garrafa na mão.

– Obrigado, Senhor, pelo Imperador – suspirou Porta – e principalmente pelo seu cavalo.

Ouvimos a risada alta de Miúdo e depois o som baixo da voz de Heide, resmungando e xingando.

– Esse cara é uma merda, um sacana, um filho da puta e vai ter o que merece. Um veado estúpido. Dessa vez ele vai ter. – Fez uma parada, cuspiu na calçada e pisou no cuspe com o salto da bota. – Espera só até eu por as mãos nele. Espera!

– Eu também não vou com ele – falou Miúdo.

– O maior monte de merda que já encontrei na minha vida – disse Heide vingativamente.

Porta riu e me deu uma cotovelada nas costelas

– Deve ser o Feldwebel Brandt. Quer apostar?

– De jeito nenhum – eu disse. – Apostar num troço certo?

– Bom, já era tempo de ele ser eliminado. Parece que o Julius tem algum plano.

– Eu topo – falei. – Não vou com aquele filho da puta.

– E se eu pulasse bastante em cima da barriga dele até ele botar os bofes para fora? – ouvimos Miúdo sugerir com seus modos muito solícitos.

– Porra! – Havia um brilho fanático nos olhos de Heide. – Só de pensar no porco já fico enjoado! Ainda não sei como aconteceu... – Ficou parado uns tempos e abriu os braços em suplica. – Miúdo, me diz... eu não usou o mais limpo, mais inteligente, o mais arrumado de todos os soldados no regimento?

Em toda a divisão? Nesse maldito exército?

– É, cara. E. Acho que você tem razão – disse Miúdo balançando a cabeça com vigor.

– Claro que tenho razão! Olha para a minha tira do capacete, olha, vamos! Te dou os meus salários dos próximos cinco anos se você achar uma marca que seja nela, pois bem, não pode, eu te prometo, por isso, não precisa arrancar a minha cabeça! – Heide soltou-se de Miúdo que havia tomado a oferta literalmente e olhava cuidadosamente para a tira do capacete, segurando-a com a sua enorme mão. – Sabe de uma coisa – continuou Heide – quando eu estava em treinamento, e isso é a pura verdade, por Deus, eles costumavam terminar olhando para as nossas bundas se não conseguiam achar nada de errado conosco. E sabe o que mais? Minha bunda era a mais limpa em toda a companhia! E ainda é! Você pode olhar a minha bunda em qualquer dia da semana, a qualquer hora do dia, e ela vai estar mais limpa do que bunda de neném. Juro – gritou Heide, ficando cada vez mais excitado – que lavo essa porra três vezes por dia!

– Eu acredito! – berrou Miúdo, deixando-se levar pelo entusiasmo de Heide. – Acredito em você, não é preciso me mostrar!

– Olhe para o meu pente! – Heide puxou-o do bolso e empurrou-o diante do rosto de Miúdo. – Mais claro do que o dia em que comprei! E me diz uma coisa, qual é a primeira coisa que faço quando a gente tem que cavar alguma coisa em algum lugar? Qual é a primeira coisa que faço?

– Você limpa as unhas – disse Miúdo positivamente. – Já vi você fazer isso.

– Exatamente. Limpo minhas unhas. E com o que faço isso? Faço com uma lima de unha, não com a ponta da minha baioneta; como você e os outros.

– Isso mesmo – concordou Miúdo. – Está certo.

– E que tal isso aqui! – Cheio de raiva, Heide tirou o capacete e apontou para a cabeça. – Nem um fio de cabelo fora do lugar. Tudo de acordo com o regulamento, penteado de acordo com o

regulamento, até as pulgas marcham em linha reta na direita! Mas Leopold Brandt, o Feldwebel do diabo, que Deus apodreça seus ovos, Leopold Brandt tem que me chamar a atenção só porque a minha divisão do cabelo não está perfeita! Logo eu! – gemeu Heide, ficando vermelho. – Logo eu, de todos vocês!

– É uma liberdade diabólica – disse Miúdo veementemente. – Mais do que isso. É um ultraje!

– É mesmo – concordou Miúdo – é um ultraje!

– O homem é um louco! – continuou Heide. – Ele me fez ficar num canto do pátio enquanto ele trepava no telhado do QG da Terceira Companhia e me olhava através de um telêmetro só assim é que ele conseguiu provar que o desgraçado não estava reto!

– Isso é mesmo loucura – disse Miúdo.

Os dois avançaram, viram-nos e passaram para trás da proteção do muro para se juntar a nós.

– Por que tudo isso? – perguntou Porta. – É tudo por causa do Brandt, não é?

– Vou contar uma coisa pra vocês – confidenciou Heide – só quero que guardem só para vocês. Se conseguirmos colocar o amigo Brandt como marcador no numero três, da próxima vez que tivermos treinamento com rifle com munição real – fez uma pausa significativa e piscou – vai ser o fim daquele verme nojento!

– Como?

– Contamos a eles ou não? – sussurrou Miúdo no ouvido de Heide.

– Se eles jurarem manter a boca fechada.



Porta e eu instintivamente juramos. Porta deu um gole jubilante no *slivovitz* da garrafa e passou-o para Porta.

– Foi assim – falou. – Fui eu que pensei nisso pela primeira vez, e eu que organizei tudo, tive a ideia quando estava no stand de rifle semana passada, a ideia de como sumir com o desgraçado. Era apenas uma questão de oportunidade. – Pegou de Volta a garrafa e deu um outro trago. –

.

Tive a oportunidade uns dias atrás. Fui mandado junto com um outro cara para mudar a placa no número dois. Enquanto estávamos fazendo isso, ele teve que ir até as latrinas para mijar, só vendo como o Hinka fica furioso se o lugar começa a feder a urina; ele não suporta ver ninguém mijando no Terceiro Reich. Bom, mas enquanto ele estava lá, tive a oportunidade de tirar a placa do número três e fixá-la um pouco abaixo novamente, percebem? – Demonstrou, com uma das mãos abaixo do queixo.

– O resultado é que qualquer pessoa de pé na vala de proteção fica, com a cabeça desprotegida e com a possibilidade de ser estraçalhada, e ninguém pode dizer quem foi o responsável.

– Muito inteligente – eu disse – mas como você pode garantir que é o Leopold que está no número três na hora certa?

– Não sou tão estúpido como vocês podem pensar – respondeu Miúdo, batendo de leve na própria cabeça – já tenho tudo planejado. Primeiro, é o Legionário que faz as listas, então ele pode facilmente conseguir que o Leopold esteja no número três. Segundo, todos sabemos que Leopold gosta de se mostrar quando está lá. E terceiro, sempre terminamos atirando com luneta, e é sempre no número três, certo?

– Certo – falei – mas ainda não entendi.

– Pois bem, aí alguém – e olhou sugestivamente para Heide e Porta  
–

alguém tem que sair e terminar o trabalho fixando alguns explosivos na seteira onde Leopold vai colocar a sua cara feia, e então não vai ser culpa de ninguém se alguém atirar um pouco para o lado, não é?

– É uma mamata! – Heide esfregou as mãos uma na outra. – Não pode falhar!

– Só tem uma coisa – falei. – E se o Velho descobrir? Vamos ter que pagar e muito, já percebeu que é assassinato premeditado?

– O que, matar um merda daquele? – Porta parecia sinceramente surpreso. – Isso não é assassinato, é um serviço ao nosso país!

– É? Pois tente dizer isso para o Velho.

v Olha – disse Heide, chegando-se a mim e fechando os punhos em sinal de aviso – você não tem que vir conosco, ninguém está te forçando, mas se der um pio, está morto!

– Não estou derramando lágrimas pelo Leopold – disse, empurrando-lhe o punho. – Só não estou a fim de arriscar o pescoço por um filho da puta como aquele.

– Ninguém vai arriscar coisa nenhuma – disse Porta. Tirou uns dados do bolso, agachou-se, soprou-os, sacudiu-os na mão e soprou de novo. – Que tal um joguinho? Quem vai?

Miúdo agachou-se também e juntou-se a ele. Olhou com interesse enquanto Porta repetia a operação com os dados.

- Pra que essa cena toda? Todo mundo sabe quer estão viciados.

Porta levantou os olhos, indignado.

– É aí que você se engana. Não ia nunca usar dados viciados para jogar com vocês. Para falar a verdade, tenho dois conjuntos. Este é o bom.

– Ha, ha, ha – disse Heide.

Vagarosamente, Porta virou a cabeça para olhar para ele. Devagar, jogou os dados de mão para mão.

– Isso me lembra – falou – você me deve dois litros de *slivovitz* e doze cachimbos de ópio. Vencidos ontem. Devia ter ficado de boca calada e eu teria esquecido. E de agora em diante, os juros sobem a 80 por cento. Sabe, Julius, você vai ter que começar a se controlar. Muita dívida não é muito bom para um homem. – Guardou os dados, levantou-se e pegou um pequeno caderno preto.

Passou a língua no dedo e começou a folhear as páginas. – Vamos ver como é que estamos. Pronto. Julius Marius Heide. Unteroffizier, Regimento 27, 521

Companhia, Seção Dois, Grupo Três, foi isso que escrevi aqui. – Olhou fixamente para Heide. – Suponho que não pode negar que é você.

– Você sabe muito bem que é! – respondeu Heide. – Muito engraçado Porta levantou as sobrancelhas ameaçadoramente. Segurou o livro junto do rosto e pediu a Miúdo para jogar o facho de luz da lanterna sobre a página.

– Quatro de abril nove garrafas de vodca. Sete de abril três garrafas de *slivovitz*. Doze de abril tenho anotado aqui que é o seu aniversário. Está alto, muito alto. Você me deve mais por esse dia do que por qualquer outro: 712

marcos e 13 *pfennigs*, 21 garrafas de *slivovitz*, nove cachimbos de ópio, aguardente dinamarquesa, meia garrafa de cerveja. Dortmund, entradas

grátis para o randevu por um mês...

A voz de Porta continuou a se arrastar, listando todas as dívidas de Heide.

– Aí chegamos ao dia 20, dia do aniversário de Adolf. Vamos ver o que você me deve daquele dia. Deve significar algo muito especial para você, Julius. – Porta lançou-lhe um olhar malicioso. – Afinal de contas, você era um membro do Partido, se não me engano.

– Era- concordou Heide. – Você sabe muito bem que não sou mais.

– Só porque eles te mandaram embora – disse Porta brutalmente. –

Não podiam mais nem te ver. Bom, mas no dia do aniversário de Adolf você perdeu 3.412 Reichsmarks e 12 pfennigs. E pode aumentar 80 por cento a esse todo. Na velocidade que você vai, parece que nunca vai ficar livre de dividas, não é?

– Eí, eu queria saber escrever! – exclamou Miúdo, pegando repentinamente o livro de Porta e examinando as anotações. – Aposto que se eu soubesse escrever, seria um milionário agora. Sabe o que eu ia fazer? Eu dopava um desses ricos e roubava o talão de cheque dele. Depois, era só assinar os cheques e passar a mão no dinheiro.

Deu um sorriso largo para todos nós, triunfalmente.

Ninguém teve coragem de desiludi-lo. Porta voltou a perseguir Heide.

– Olha aqui – disse amigavelmente – somos companheiros há muito tempo, você e eu. Não gosto de sentir que você está preocupado porque me deve o tempo todo. Que tal cancelar tudo?

– Você quer dizer cancelar a dívida? – perguntou Heide, incapaz de acreditar na sua sorte.

– Mais ou menos isso – concordou Porta com um sorriso malicioso.

– Vocês ouviram isso? – disse ele, voltando-se instantaneamente para Miúdo e eu. – Vocês são testemunhas!

– Calma, rapaz – disse Porta. – Não precisa ficar tão excitado. Espere até ouvir as minhas condições.

– Que condições? – perguntou Heide, logo enchendo-se de suspeitas, como era de se esperar.

– Bom, para começar, quero aqueles três fardos de fazenda que você tem escondidos no quarto de Cabo de Vassoura, e também quero

.

os dois barris de arenques holandeses que você deixou com aquele dentista na Hein Hoyer Strasse.

O assombro de Heide era de dar pena. Sua boca se abriu, seus olhos se arregalaram e ele gaguejou ao falar:

– Como é que você sabe disso?

– Sei muito mais do que você pensa! – disse Porta, com um brilho maldoso nos olhos. – Sei de tudo que é para saber sobre você. Me obrigo a saber essas coisas sobre pessoas que me devem tanto quanto você.

– Os... tapetes em Paulinem Platz? – perguntou Heide, perturbado demais para ser circunspecto.

– Claro. \_ Porta hesitou uns momentos depois jogou

verde. – Me dá os tapetes também e eu esqueço o resto.

Seu tiro no escuro atingiu o alvo. Era óbvio pela reação de Heide que havia na verdade alguma coisa a mais do que a fazenda, os arenques e os tapetes.

– Como posso saber que você não vai tentar fazer chantagem comigo?

– Eu dou a minha palavra – Porta levantou o braço como se fizesse um juramento.

– Sua palavra! – zombou Heide. – Eu não confiaria em você por nada desse mundo. Pode ficar com os arenques e a fazenda, e os tapetes a gente divide.

– Quem é que dá as ordens aqui, eu ou você? – quis saber Porta.

Enfiou os dedos em suas costelas. – É a mim que você deve o dinheiro e sou eu que tenho que dizer o que vou levar. Fico com todos os tapetes.

– Isso é alto demais! – protestou Heide. – Oitocentos tapetes! Isso é muito mais do que a minha maldita dívida, com você...

– Ou você aceita ou não aceita – disse Porta. – Mas se não cooperar comigo, também não vou cooperar com você.

– Você quer dizer que ia abrir o bico e me trair? – perguntou Heide indignado.

– Claro, todas as vezes e sobre tudo que eu sei. Não esqueci ainda o que você fez com aquele civil daquela vez. Não esqueço fácil essas coisas.

– Ora – disse Heide, dando de ombros – se você for cutucar o passado... mas uma coisa eu te digo. Os arenques e os tapetes são

quentes, por isso, não me culpe se for apanhado por causa deles. Lembre-se de que eu não vou saber nada sobre eles.

– Não se engane – disse Porta. – Eles me apanham e eu faço eles pegarem você também.

– Olha aqui, ouça uma coisa – falou Heide. – Eu podia te quebrar aqui mesmo e agora se quisesse, e sabe por quê? Porque acontece que conheço um cara que trabalha num dos depósitos da SS. E sei também que eles estão atrás de alguém que roubou uma carga enorme de capacetes de aço. Já têm até uma cela pronta esperando por ele em Fuhlsbüttel.

– E daí?

– E dai que foi você que roubou aqueles capacetes! – berrou Heide.

– Pelo amor de Deus, gente – falei nervosamente. – Vocês vão trazer metade dos putos da Gestapo em cima da gente se continuarem a gritar assim.

Heide abaixou a voz e falou num sussurro cheio de veneno: – Continue a meter o bedelho nos meus negócios e eu faço você acabar quebrando pedras num campo de trabalhos forçados dentro de muito pouco tempo.

Foi Miúdo, com uma de suas observações irrelevantes, que interveio e evitou um provável derramamento de sangue.

– No dia que a gente acabou com o Leopold observou de repente, pareceu a todos nós, embora ele sem dúvida deva ter ficado ruminando isso em sua cabeça por muito tempo – vou comer um montão de salsichas com *slivovitz*.

– Molhou os lábios e esfregou a mão na barriga. – Vai ser uma verdadeira festa, uma festança!

– Uma coisa – eu disse – Leopoldo seus companheiros devem estar muito orgulhosos de nós. Estão sempre berrando conosco para sermos tão duros quanto Krupp e seu aço precioso, pois muito cedo vão saber que somos mesmo.

Fizeram um bom trabalho conosco.

– Krupp e seu aço! – falou Miúdo em tom, de deboche. – Uma manteiga derretida, isso sim. Vejam só isso!

Deu um murro no muro de concreto; seu punho continuou inteiro, mas a parede balançou violentamente e uma rachadura apareceu no centro, espalhando-se em duas direções. Olhamos para aquilo boquiabertos,

Impressionados como sempre pelas demonstrações de força de Miúdo. Era um gigante comparado com o resto de nós, e em muitas ocasiões nós já o viramos partir um tijolo com as mãos livres. Uma vez ele quebrou o pescoço de uma vaca com um só soco na sua garganta. Porta também era capaz de partir um tijolo, porém tinha sempre que tentar algumas vezes. Steiner uma vez tentou fazer, porém quebrou todos os ossos da mão. O resto de nós ficava contente só de olhar e o Miúdo ultimamente dera para praticar com barras de aço, desprezando os tijolos como se fossem brinquedos infantis. Ouvimos o som de passos se aproximando e paramos para ouvir. Soavam como os passos medidos de um soldado.

– Quem é? – perguntou Porta, em voz baixa. – Miúdo, vai dar uma olhada.

Ruidosamente, Miúdo saiu do nosso abrigo.



– Pare ou eu atiro!

Os passos cessaram abruptamente e ouvimos uma voz conhecida:

– Pare de palhaçada, sou eu.

– Quem é você? – perguntou Miúdo.

– Pelo amor de Deus! – disse Barcelona. – Se você não consegue reconhecer ia minha voz depois desses anos todos, precisa mandar examinar os ouvidos.

– Não adianta – disse Miúdo obstinadamente. – Tenho que ouvir a senha antes de deixar qualquer pessoa passar.

– Deixa disso, cara! – Ouvimos os passos de Barcelona recomeçarem, depois cessarem repentinamente diante de um grito selvagem de Miúdo:

– Diga a senha ou atiro!

– Olha aqui, seu bobalhão, sou eu, Barcelona! Abaixa esse rifle e deixa de palhaçada!

Heide arrastou-se até Miúdo e falou com ele na escuridão, urgentemente:

– O que te deu, cara? Deixa ele passar, antes que aconteça um acidente qualquer.

– Tenho que ouvir a senha – falou Miúdo. – Sou um bom soldado, sou sim. Sei o que se espera de mim, não posso deixar qualquer

.

babaca passar assim sem mais nem menos.

Parecia ser definitivo. Barcelona estava de pé, incerto do que fazer, alguns metros adiante. Prendi a respiração, imaginando o que tinha dado na cabeça de Miúdo, mas sabendo por experiências passadas que era arranjar barulho se meter com ele quando estava com um desses humores.

– Pelo amor de Deus! – gritou Barcelona, perdendo repentinamente a paciência. Lançou-se sobre Miúdo, passou por ele rapidamente e caiu de cabeça entre nós.

Miúdo abaixou o rifle e veio depois dele:

– Isso deixou ele preocupado – comentou sorrateiramente. – Estava, quase verde de medo.

– De que você acha que está brincando, seu macaco imbecil? –

perguntou Barcelona, voltando-se para ele. – E que droga de senha é essa afinal?

– Como posso saber? – perguntou Miúdo, dando de ombros. – Você é, o Feldwebel por aqui, não eu. Se você não sabe qual é, como podem esperar que a gente saiba?

– Você está maluco, seu imbecil? – perguntou Barcelona, meio murcho. Viu a garrafa de *slivovitz* e estendeu a mão. – Vamos tomar um trago; o Velho me mandou aqui para dizer que por muita sorte vamos ter uma noite tranquila hoje. A Gestapo está ocupada fazendo uma blitz no seu pessoal, e Bielert está arrochando seus homens. Eles não devem ter tempo nenhum para se preocupar conosco.

– Por que isso assim de repente? – perguntei. – Qual é o objetivo disso?

– É a grande limpeza periódica – explicou Barcelona.

– Fazem isso de vez em quando, só para manter a turma bem alerta.

– E por que eles prendem os homens?

– Por nada em especial e por tudo. Tudo desde assassinato de primeiro grau até roubar uma meia dúzia de clipes dos oficiais, assassinatos, pederastia, estupro e incesto, qualquer um que você fale, eles fizeram. Bielert está com metade da Gestapo em fila lá embaixo esperando para entrar nas celas. E olha, se continuar assim, ele vai ser o único restante amanhã de manhã.

- O que seria bem feito... – comecei a falar, quando Porta de repente me interrompeu com um grito.

– Espere! Podemos faturar em cima disso, se nós oferecermos para dar uma mãozinha...

– Quem? – interveio Miúdo, parecendo meio confuso.

– Bielert?

– Claro que é o Bielert! Quem mais podia ser, meu Deus?

– Mas para quê? – balbuciou Miúdo.

– “*Qui vivra, verra*”\* – respondeu Barcelona, com um sorriso de lobo.

Quinze minutos mais tarde a sentinela foi mudada e ficamos livres para voltar a sala da guarda. Barcelona já tinha ido antes com a novidade da sugestão de Porta, o Velho já tinha oferecido os nossos serviços a um Bielert muito surpreso e o cenário já estava preparado. Entramos todos juntos e Porta imediatamente tomou conta da situação:

– Sou eu que vou examinar os bolsos deles.

– Muito justo – aprovou o Legionário. – Você na certa tem um bom nariz para saquear.

– Vê lá, minha gente – disse o Velho. – O que vocês estão propondo recebe o nome de desapropriação de fundos.

– Eí, pare de gemer! – disse Porta com um aceno de mão insolente.

Ouviu-se uma batida na porta. O Velho foi devagar até lá e um secretário empurrou três homens do SD para a sala.

– Todos candidatos para a prisão – disse repentinamente. – Cuidem bem deles. – Jogou três formulários amarelos sobre a mesa do Velho e deixou a sala.

Barcelona abriu os formulários e olhou os detalhes, os nomes dos homens, as tropas e os crimes pelos quais foram presos. No canto do alto, a esquerda, estava explicado que o prisioneiro seria levado a um tribunal SS

dentro de 48 horas, mas que estaria nesse ínterim guardado por uma companhia disciplinar. Em outras palavras, nós.

Porta colocara-se no meio da sala. Deu uma olhada maliciosa de boas-vindas aos prisioneiros.

– Deem uma boa olhada – disse com falso bom humor – e vejam o que pensam de mim. Vamos ficar juntos nas próximas horas, então temos que tentar nos dar bem.

Depende inteiramente de vocês, é claro, se isso vai acontecer

· \_\_\_\_\_

\* O que viver, verá.

ou não. Falando sobre mim, sou uma pessoa muito fácil de conviver. Mas sou como um gato, entendem? Me cutuca da maneira errada e

eu não fico bem.

Meu nome é Joseph Porta, do 27º Regimento, e sou um Obergefreiter, espinha dorsal do Exército Alemão e não se esqueçam disso. Muito bem, vamos esvaziar os bolsos.

Relutantemente, os três homens despejaram os seus pertences sobre a mesa. Unterscharführer Blank parecia compreensivelmente ansioso ao apresentar cinco cigarros de maconha. Porta pegou-os e cheirou-os.

– Você devia estar envergonhado disso – falou. – Carregando essa muamba com você. Sabe muito bem que é contra o regulamento.

– Um dos prisioneiros deu para mim – balbuciou Blank em uma tentativa de tornar o crime menos hediondo.

– Parece uma desculpa suficientemente boa – disse Porta, dando de ombros. – Um prisioneiro deu para você, e agora um prisioneiro está dando para mim. – Colocou-os cuidadosamente no bolso e mudou a atenção para Scharführer Leutz. – E você? Recebeu alguns presentes, hem? – Sem esperar pela resposta de Leutz, pegou cinco pacotes de papel e abriu um deles. – Só precisamos agora dos cachimbos e vamos ter uma verdadeira caverna do ópio por aqui, não é mesmo? – Olhou para Leutz. – Como você pode suportar carregar essa coisa nojenta? Você, que devia ser um dos protetores da Mãe Pátria!

Leutz abaixou o olhar para o chão. Acho que ele sentia dolorosamente a sua situação tão ofensiva, sendo repreendido por esse tolo desse Obergefreiter e incapaz de fazer alguma coisa. Olhou novamente para o alto e vi seus músculos mexerem, mas ao mesmo tempo ele viu Miúdo e parou. Miúdo –

estava brincando negligentemente com uma pá; uma pá grande e forte, com um cabo grosso de madeira reforçado com tiras de ferro. Exatamente quando Leutz olhou, Miúdo quebrou facilmente a pá em

duas e jogou os dois pedaços para o lado. Olhou na direção de Porta:

– Estou ficando sem prática – reclamou. – Que tal me emprestar um desses aí para eu treinar um pouco?

– Mais tarde – respondeu Porta. – Se eles não se comportarem.

Guardou o ópio junto com a maconha e virou-se para examinar um relógio de pulso de ouro, erguendo-o e ouvindo o seu tique-taque com olhar de aprovação:

– Nada mau – disse, distraidamente guardando-o no bolso.

Leutz respirou fundo algumas vezes, porém não disse nada. Porta deu um olhar avarento para o Obercharführer Krug e foi imediatamente atraído pela visão sedutora de um anel de ouro em um de seus dedos. Duas tiras de ouro retorcidas representando cobras, as cabeças feitas de diamantes. Porta estendeu a mão.

– É melhor eu pegar para você porque senão não vai conseguir dormir de preocupação. – Krug protestou veementemente e Porta apontou-lhe um dedo impaciente no rosto: – Cale essa boca quando estiver diante de um Obergefreiter – disse com ar de grandeza. – E vamos lá com esse anel. Quero saber primeiro de quem você roubou.

Krug mudou de tática. Colocou as mãos nas cadeiras e empinou o peito. O Velho escrevia cuidadosamente em sua mesa, não tirando nenhuma vez os olhos do registro.

– Você não vê que eu sou um Obercharführer? – esbravejou Krug.

– Não sou cego – disse Porta com arrogância. – Mas desde que você é meu prisioneiro, não me importa se você é um general, vou te tratar como a merda que você é aqui.

– Vou fazer um relatório sobre isso – disse Krug, ficando com o rosto vermelho e cheio de manchas. – Exijo que você me trate com respeito, de acordo com o regulamento...

– Respeito! – zombou Porta. – Você não serve nem para limpar a minha bunda! E quanto mais cedo você compreender que não está numa posição muito saudável, melhor para você. – Esticou novamente a mão. – Vou lhe dizer quem ia gostar desse anel – comentou para nós. – A Velha Fogueta lá no Furacão. Ela já me prestou bons serviços, aquela mulher. É muito justo que ela receba alguma coisa para se lembrar de mim. E se você se comportar direitinho – informou a Krug – digo para ela que foi um presente que você me deu e toda vez que estivermos juntos por lá, vamos dedicar um pensamento a você na Brigada Dirlewanger.

Vi um tique nervoso descer pelo lado da testa de Krug ao ouvir a menção da Brigada Dirlewanger. Deveria ser segredo absoluto, mas sabíamos muito bem, e Krug e seus companheiros sabiam também, que era uma brigada disciplinar da SS cuja única missão era caçar e matar, por que

meio fosse, os guerrilheiros que se aglomeravam nas densas florestas a volta de Minsk. A Brigada era comandada pelo Brigadenführer SS Dirlewanger. Ele havia sido apanhado para essa posição da prisão, onde estivera servindo uma sentença por crimes de violência, e tinha um veio quase psicótico de sadismo em si. Na verdade, em uma ocasião, ele havia avançado um pouco o sinal e até Himmler e Heydrich o haviam chamado a corte marcial e condenado a morte.

Houve uma longa lista de condenações contra ele, começando com a menos brutal, o estupro de vários prisioneiros poloneses, porém o assassino estava sob a proteção poderosa do Obergruppenführer SS Berger, que, após mais de uma hora de conversa, conseguiu

convencer Heydrich e Himmler de que, pelo bem da Pátria e pela sobrevivência, era necessário tolerar Dirlewanger e seus rudes métodos de tática de guerra. Heydrich particularmente ficou impressionado pelos seus argumentos, já que eles coincidiam grandemente com o seu próprio preceito de opor terror com terror e violência com mais violência.

Dirlewanger por fim teve a morte que merecia, embora infelizmente não antes do dia 21 de janeiro de 1945. Ele mesmo introduzira originalmente a tortura bárbara de torrar os homens vagorosamente acima de um fogo aberto, e um dia na Polônia ele pagou na mesma moeda. Um grupo de soldados alemães descobriu-o pendurado em uma árvore, de cabeça para baixo, sua cabeça, pendendo alguns centímetros acima de brasas acesas, todo cozido como um pedaço de carne de porco assada. Segundo alguns guerrilheiros poloneses, a operação foi levada a cabo por oito de seus próprios homens, que haviam feito um círculo a sua volta, cantando alegremente enquanto ele sofria e morria. Ele berrara por quatro horas e meia. Hoje, no Museu de Guerra em Varsóvia, há um quadro lembrando o acontecimento, com o odiado rosto de Dirlewanger plenamente discernível entre as chamas saltadas do fogo.

Krug olhou para Porta, as sobrancelhas abaixadas. Não tinha ilusões em relação ao seu destino provável, podia adivinhar muito bem o que o esperava. Vira muitos e muitos homens, velhos camaradas, serem mandados para a Brigada Dirlewanger, porém era verdade que nunca vira nenhum deles voltar. Dizia-se que não apenas os homens desapareciam para sempre como também qualquer traço de suas identidades, seus papéis, suas posses, seus nomes nos registros, tudo era eliminado.

Krug só tinha uma chance, e mesmo assim muito remota, totalmente na dependência dos caprichos do diretor da prisão militar de Torgau, e aquele filho da puta de um braço só, refletiu Krug tristemente, não morria de amores pela Gestapo. Havia somente uma coisa a fazer, e era ter um comportamento exemplar como



prisioneiro e aproveitar cada oportunidade para declarar o próprio ódio a SS. O diretor devia ter seus espiões em toda parte e mais cedo ou mais tarde logo chegariam a ele notícias do prisioneiro Krug. Talvez, com alguma sorte, teria então possibilidade de evitar a Brigada Dirlewanger...

– Então? – perguntou Porta.

Krug balançou a cabeça, livrando-se dos presságios, e olhou desafiadoramente para Porta. Com dois passos rápidos e leves, Miúdo estava ao seu lado, uma figura enorme e ameaçadora a seus pés. Diante das circunstâncias, parecia sem dúvida bastante fútil continuar os seus protestos.

Krug tirou o anel e entregou-o com relutância.

– Assim é melhor – disse o Miúdo, dando-lhe um empurrão na direção da porta, depois pelo corredor até a cela. – Vamos lá trancar você por essa noite. Você vai ficar bem e confortável aqui até seus companheiros aparecerem para apanhá-lo amanhã de manhã.

– Que Deus o ajude – disse Porta alegremente. – Não tem a mínima chance, o sem-vergonha. Já está morto.

Miúdo abriu uma porta e empurraram Krug para a cela vazia. Miúdo ficou balançando um molho de chaves, enquanto Porta perdia-se em admiração pelo anel roubado.

– Como é que é? – perguntou Miúdo curiosamente – ser um morto-vivo?

Krug começou a suar; Enxugou a testa com um lenço sujo, no canto do qual podia-se ver umas iniciais que certamente não pertenciam a ele.

– P. L. – Porta leu alto, devagar. Referia-se a outras iniciais, as que estavam gravadas na parte interna do anel.

– Quem é P. L., Krug?

Gotas de suor emergiram rapidamente na testa de Krug.

– Paula Landau. Morreu em Neuengamme.

– E ela te deu o anel por tomar conta dela tão bem? – comentou Porta com um sorriso malicioso.

Krug balançava o lenço de um lado para outro, indefeso, todo o seu

rosto agora banhado pelo suor. Paula Landau. O medo da descoberta tinha estado sempre com ele desde que tirara o anel do dedo da garota – o dedo da garota quase morta. Não havia sido culpa sua a morte dela; ela mais parecia um cadáver do que um ser humano a partir do momento que a tinham trazido para Neuengamme. Não havia nada que Krug pudesse ter feito para salvá-la e ninguém teria agradecido a ele se o tivesse feito. Não era a morte que tinha na consciência, era o anel. Roubara aquele anel, e só isso era considerado um ato de traição punível com a morte. Claro que se ele não tivesse roubado, outro mais acima dele teria certamente feito isso, porém parecia muito pouco provável que qualquer tribunal aceitasse isso como um argumento válido em sua defesa. Krug lançou um olhar furtivo para Porta, depois curvou-se rapidamente e tirou o salto de sua bota. Com o rosto vermelho, levantou-se e jogou duas notas de 50 dólares para os seus atormentadores.

– É tudo que tenho, vocês podem ficar com. elas; acho que não vou precisar mais.

Era um pedido tácito para que o assunto de Paula Landau morresse e Porta deixou que ele morresse; não por nenhuma solidariedade,

mas simplesmente porque parecia que não havia nenhuma vantagem em particular a ser tirada com a perseguição do assunto.

– Por que eles te pegaram? – perguntou o Miúdo. – E você não admitiu o negócio, não é?

Krug arriou a cabeça silenciosamente.

– Porra! – disse Miúdo, olhando-o com um olhar incrédulo. – Eles fazem todo mundo ficar pateta na Gestapo?

– Não havia por que negar – disse Krug, dando de ombros. – Eles armaram uma armadilha para mim, tinham toda a prova de que precisavam.

Não havia nada que eu pudesse dizer.

– Sempre negue tudo – cantou Miúdo, como se recitasse uma lição que decorara. – Mas então por que eles te prenderam? Pegaram você roubando coisas?

– Não. Eu estava só tentando um pouco de... ham... bem... chantagem, suponho. Acho que fui longe demais. Passei da linha.

– Tem sempre um cara idiota que acaba sendo preso – disse Miúdo filosoficamente. – E somente uma questão de saber quando parar. Como eu,

.

por exemplo, se eu pudesse botar as mãos em dez cachimbos de ópio, só levava oito. No final, sempre compensa.

– Está tudo muito certo – protestou Krug fracamente – mas no que se refere a mim, vocês passaram a mão em tudo que puderam.

– Bom, com você é diferente – disse Miúdo bem A vontade. – Os homens mortos não podem falar, hem? E você já está mais pra lá do

que pra cá, cara, sei disso, porque dei uma olhada nos seus papéis. Eu posso não saber ler, mas não sou daltônico, e sei muito bem o que uma enorme marca vermelha significa, quer dizer Dirlewanger, e Dirlewanger quer dizer morte. – Curvou-se um pouco e falou confidencialmente para Krug: – Você já viu alguma vez o que acontece com os companheiros quando os guerrilheiros do Tio Stalin botam as mãos neles? – Krug balançou a cabeça, hipnotizado pelo horror, e Miúdo voltou-se triunfalmente para Porta: – Conta pra ele, conta pra ele o que a gente viu! Conta daquele cara que foi comido vivo pelas formigas.

– Isso não é nada – disse Porta com desdém. – Eles sabem tudo sobre esse truque na Gestapo. Mas e aquele que eles prendem a pessoa em duas árvores e deixam lá para os pássaros bicarem os olhos? – Voltou-se para Krug informalmente. – Você ouviu falar sobre aquele, não é? Te amarram pelas pernas, cada perna numa árvore diferente, e deixam você lá pra apodrecer...

– Terrível – comentou Miúdo. – Terrível. Só me lembro de uma pessoa que sobreviveu. Foi aquela garota, tasha de Mogilev. Lembra dela?

– Me lembro do estado em que estava quando eles ela a soltaram – disse Porta. – Ela tinha sido marcada com duas suásticas enormes, uma em cada lado da bunda, e pendurada nuazinha. Os pássaros atacaram o rosto dela,

– É, mas ela pediu isso – disse Miúdo. – Ela estava vendendo informações para o nosso lado e ferrando o próprio povo a torto e a direito.

– No fim, ela se jogou debaixo de um trem – falou Porta. – Mas e aquele cara SS que eles pegaram? Qual era o nome dele? Ginge?

– E isso mesmo! Eles prenderam o cara num pau e assaram ele como um porco! – gritou Miúdo entusiasmado.

– E ele não estava nem no grupo de Dirlewanger. Era só um oficial da Waffen SS. – Porta olhou carinhosamente na direção de Krug. – Você quer um conselho? – perguntou. Krug concordou, o rosto pálido e suado. – Na primeira chance que tiver lá em Fuhlsbüttel, enfia o pescoço numa corda e se enforca, não adianta esperar que eles te deixem escapar, você não tem nenhuma chance.

E não comece a pensar que eles vão te mandar para um FGA\* Os únicos homens da SS que pegamos são os que fizeram alguma coisa bem pequena como manchar papéis ou mijar nos vasos de plantas do comandante, mas você se encheu todo de merda, meu caro. É muito melhor acabar logo com você enquanto ainda tem chance.

Porta e Miúdo deixaram a cela. A pesada porta bateu atrás deles e seus passos ecoaram no caminho de volta pelo corredor. Krug ficou uns instantes onde eles o tinham deixado, depois devagar foi escorregando para o chão e ficou lá, olhando para o concreto em total desespero. Toda a sua vida ouvira que chegaria a um final triste e agora parecia que ele chegara. Sentia que o conselho de Porta tinha sido bom, porém sabia que nunca conseguiria fazê-lo.

Mesmo agora não conseguia aceitar a própria falta de sorte. Entretanto, enquanto olhava a volta da cela, o pesadelo ficava cada vez mais claro, mais próximo, mais realista. O compartimento era vazio e clínico e incrivelmente limpo. Havia muito ar frio, porém nenhuma cama, nenhum cobertor, nenhum banco. E se isso era o exército para você, como não seria a Brigada Dirlewanger”

Krug caiu finalmente num meio sono perturbado, e acordava cada vinte minutos ou com alguém andando no corredor com as pesadas botas ou pela batida das portas das celas. .As celas estavam todas cheias, e pela quantidade de movimento durante a noite, parecia que Bielert estava continuando a sua limpeza frenética pelos escadões. Não que isso servisse de consolo para Krug, tremendo no chão vazio da sua cela gelada. Achou o prospecto de morrer na

companhia de seus antigos colegas SD muito pouco mais convidativo do que se enforcar.

Na sala de guarda, o trabalho se acalmara e Heide e Porta tinham começado um jogo de cartas. Inevitavelmente, a paz foi logo perturbada por palavrões altos, gritos venenosos de acusação e ataques que se cruzavam pela mesa.

---

\* Feldgefangenabteilung (campo-disciplinar).

Nesta ocasião, parecia provado acima de qualquer dúvida que Porta era o culpado. Ele escondera o ás de espadas na sua manga e sorrateiramente o passara para a mão em uma hora em que a mesa assumira proporções tentadoras.

Heide enfiou a faca na mesa, a apenas alguns centímetros do braço de Porta.

– Você está roubando de novo!

– E daí? – perguntou Porta irritado. Trapacear era afinal de contas um risco aceitável do jogo de cartas.

– Você estava com o ás de espadas! – berrou Heide.

– Eu vi!

– Ora, um de nós tem que estar com ele – declarou Porta. – O que faz você pensar que só você tem direito a ele?

Heide ficou pálido e rígido. Enquanto Porta despreocupadamente apresentou a sua mão para todos verem a carta incriminadora, Heide arrancou a faca da mesa e passou com ela a apenas alguns centímetros do ombro de Porta.

Porta mexeu-se na hora exata. Rápido como um relâmpago, sua mão partiu certa na direção da garganta de Heide. Heide, também, evitou o golpe.

Quando a briga começou de verdade, os dois estavam equilibrados.

Porta agarrou uma garrafa, quebrou-a contra a parede e lançou-a na direção do rosto de Heide. Heide viu a garrafa e teve tempo de desviar. Deu uma risada alta e triunfante e avançou de novo com a faca. Via-a pronta para golpear, e então ouviu-se um grito de dor quando Porta deu uma joelhada no saco de Heide. A faca caiu no chão. Heide caiu para trás, impulsionado pelas mãos de Porta, fechadas com força a Volta de sua garganta. Ficamos olhando com interesse enquanto Porta prendeu Heide contra a parede e começou a sacudir a sua cabeça. Heide foi descendo devagar até o chão e Porta acompanhou-o, em busca de sangue.

– Basta! – A voz do Velho cortou o silêncio repentinamente. – Deem um tempo, pelo amor de Deus!

– Gostaria de afundar essa cara horrível dele! – falou Porta, arfante.

Olhamos para o rosto de Heide. Além de ser feio, era o único rosto apresentável, sem marca e respeitável entre todos nós. Podíamos todos, exceto Heide, orgulhar-nos de desfigurações mais ou menos permanentes. Miúdo tinha

.

perdido uma orelha, eu tinha o nariz quebrado, Barcelona um olho de vidro, o Legionário uma cicatriz enrugada, e ainda outras coisas, porém o rosto de Heide era fresco e limpo e também cuidadosamente escanhado, e pude então entender como Porta se sentia em relação a isso, e porque tinha essa vontade de afundar a cara dele. Ora, afinal de contas, Heide também devia ter algumas lembranças da guerra para carregar para o resto da vida.

– Bate até ele morrer! – retrucou Miúdo impiedoso.

– Cale essa boca – ordenou o Velho. – Quantas vezes mais tenho que dizer a vocês que sou eu que dou as ordens aqui?

Pegou então a sua submetralhadora e encarapitou-se na ponta da mesa com ela, balançando uma perna e olhando para nós. Olhamos para ele incertos.

Tínhamos toda a certeza de que ele nunca a usaria; o Velho não fazia esse tipo; entretanto, toda vez que falava sério de verdade, sempre tomávamos cuidado para fazer-lhe a vontade.

Heide voltou devagar a si. Segurou a cabeça dolorida nas mãos e olhou para Porta com um brilho de ódio ainda nos olhos:

– Trapaceiro – falou entre os belos dentes.

Depois, cuspiu um punhado de sangue e cautelosamente sentiu a garganta, que estava machucada e vermelha, com as marcas dos dedos de Porta ainda aparecendo claramente.

– Dê-se por muito feliz por estar com a sua cabeça no lugar – berrou Porta. – Qualquer dia desses ainda vou fazer a festa nesse seu belo rosto.

Quando você tiver perdido uma orelha ou um olho e alguns dentes, não vai ter uma opinião tão elevada sobre você mesmo.

Heide ficou de pé devagar, arrastando-se pela parede:

– Só por que você é feio que dói – disse arrogantemente – não tem que sentir ciúme da boa aparência dos outros. Você devia tentar se lavar e se barbear de vez em quando; faria maravilhas em sua cara.

Ele tinha razão; tinha mesmo razão, Mas antes que Porta pudesse fazer uma das suas normais observações obscenas, fomos



interrompidos pela chegada de dois homens SD e da velha que viramos um pouco mais cedo. De uma velha rígida e bem conservada, ela se transformara em uma velha bruxa encarquilhada, com olheiras pretas debaixo dos olhos e uma boca enrugada

.

como uma ameixa seca. Eles a puseram de pé em um canto e apresentaram o maço de papel habitual para o Velho.

– Para você. É só encher da maneira de sempre.

– Esperem um momento, não precisa tanta pressa. – O Velho olhou para a prisioneira, olhou de novo para os papéis e depois para os homens do SD. – Vocês vieram ao lugar errado. Não temos negócio nenhum com os civis.

Pertencemos ao exército, não a Gestapo.

Um dos homens curvou-se um pouco e falou algumas palavras no ouvido do Velho. O Velho franziu a testa, olhou de novo para a prisioneira:

– Compreendo. Bom, se é assim...

– Esteja a vontade, é claro – comentou o homem, dando de ombros.  
–

É que pensei que ela estaria melhor aqui com vocês, não que isso faça a menor diferença. É mais um dia de trabalho, no que diz respeito a mim. Veja bem –

passou a mão cansada pela testa, como se tivesse a responsabilidade do mundo em seus ombros – não é nada fácil. Exige mais de você do que você pode admitir. Há momentos em que me vejo desejando alguma coisa menos sobrecarregada, mas...

Deu de ombros novamente, de forma eloquente. Porta imediatamente assobiou e Miúdo soltou um peido.

– Tragam os violinos! – escarneceu o Legionário. – Ninguém te obrigou a ser um policial, não é mesmo? O exército está atrás de homens, caso você esteja interessado...

– Quem, ele? – disse Porta. – Ele no exército? Não me faça rir!

Antes que o objeto do escárnio dos dois pudesse responder a altura, foram interrompidos por uma voz inesperada de um canto esquecido.

– Crianças, crianças, não briguem! As palavras ásperas nunca podem ser devolvidas e mais tarde vocês vão se arrepender. .

Completamente confusos, voltamo-nos para a velha senhora no canto da sala. Sorriu para nós, bondosamente.

– Já existe tanta infelicidade e discórdia no mundo – continuou ela em sua voz trêmulas e balbuciada. – Por isso peço para vocês não aumentarem o que já tem. Vocês no fundo são bons garotos, mas a guerra é uma época muito

.

difícil, mexe com os nervos e faz as pessoas se comportarem como nunca poderiam sonhar agir em tempo de paz. – Fez uma pausa, mas estávamos pasmos demais para falar alguma coisa. – Devem tentar seguir o exemplo de seu excelente chefe – falou. – Herr Bielert. Um cavalheiro, e tão gentil. Insistiu em arranjar um carro para me levar para casa. – Ela nos deu então um charmoso sorriso com sua boca enrugada. – Ele ficou tão horrorizado quando eu disse que podia ir andando!

Miúdo abriu a boca para dizer alguma coisa, mas Barcelona deu-lhe um bom pontapé na perna e ele fechou a boca.

Os dois homens do SD estavam de pé junto a porta, meio apalermados.

Um deles esticou a mão na direção do maço de papéis.

– Talvez agora você possa entender por que trouxemos a mulher para cá.

– Está certo – disse o Velho bruscamente. – Deixem-na e saiam daqui.

A velha apertou as mãos dos dois guardas, como se estivesse fazendo uma visita social.

– Obrigada por ficarem tomando conta de mim. E lembrem-se, a qualquer hora que estejam perto de Friedrichsberg, vão me fazer uma visita.

Vocês sabem o meu endereço.

Sempre tenho um bom suprimento de balas e revistas ilustradas para oferecer aos meus visitantes... Vocês sempre gostam de revistas.

Após responderem desconfortavelmente, eles foram embora. No alto da escada, um deles se voltou.

– Adeus, Frau Dreyer.

Ficou vermelho ao dizer isso. Frau Dreyer levantou graciosamente a mão quando o Legionário trancava a porta atrás deles, colocando uma barreira entre os nossos dois mundos; eles eram a Gestapo, nós éramos o exército, e quanto a nós, era assim que deveria ficar.

A pequena velhinha abriu a bolsa e tirou de lá um pacote de balas que ofereceu para nós. Apreciamos com prazer e servimo-nos avidamente. Miúdo, na verdade, serviu-se duas vezes.

– Não se preocupe – falou para ela. – A senhora está com o exército agora. – Fez um sinal com a cabeça e piscou, e olhamos para ele com

.

apreensão. Nunca era possível saber, com Miúdo, o que ele ia falar em seguida; ele não era a companhia ideal para uma senhora sensível.

– Sabemos como lidar com esses sem-vergonhas – continuou orgulhosamente. – Sabe, me lembro de uma vez...

Interrompeu a frase de repente ao receber um outro chute de Barcelona.

– Não acho que Frau Dreyer esteja muito interessada nesse tipo de coisa.

– Que tipo de coisa? Por que não? – perguntou Miúdo,

instantaneamente agressivo. – Eu ia contar a ela aquela vez em Pinsk, quando ajudamos aquelas três putas a fugir da Gestapo.

– Ora, pare! – gritou Barcelona.

Foi a própria Frau Dreyer quem interveio:

– Deixe o coitado falar. Ele é só uma criança grande. Tenho certeza de que não faria mal a uma mosca e eu gostaria de ouvir a sua história.

Miúdo olhou para ela com olhos arregalados. Porta reprimiu uma gargalhada.

– Ele não é nada mais do que um grande mentiroso. Conta mentiras como a senhora e eu comemos ou dormimos. Faz assim naturalmente. Não consegue se conter, se a senhora me entende.

Por exemplo, a gente diz que hoje é segunda-feira, dia 19, e ele então diz que é terça-feira, dia 20. Não tem razão especial. Puro hábito. Não se pode acreditar no que ele diz.

– Ele venderia a alma por meio pfennig – aparteou Steiner.

Miúdo estava preparado para protestar da maneira mais natural para ele. Pegou uma cadeira e já ia derrubá-la na cabeça de Porta, mas o Legionário falou alguma coisa em seu ouvido, segurando-lhe o braço. O Legionário sempre conseguia maravilhas com Miúdo. Ele abaixou a cadeira e foi para um canto da sala, resmungando.

Nós outros, sorrindo vagamente para a senhora, sentamos para jogar dados. Frau Dreyer nos olhou por uns tempos, e depois, para nosso alívio, sentou-se em uma cadeira e dormiu. Dormiu por meia hora e então a gargalhada estrondosa de Porta acordou-a de novo. Tentamos não notar, porém sua voz trêmula logo soou pelo quarto.

– Se vocês não se incomodam – disse – gostaria de ir para casa, agora.

Acham que meu carro já está pronto agora.

– Porta soltou um grito selvagem de alegria ao abaixar seis ases.

– Herr Bielert me prometeu mesmo um carro, sabem.

Apertamos os dentes e fizemos o melhor que pudemos para fechar os ouvidos. Ela era somente uma velha estúpida que não tinha a mínima ideia do que estava se passando. Talvez ela fosse assim de nascença, ou então estava em estado adiantado de senilidade. Certamente não parecia perceber que estava agora nas mãos de um dos sistemas judiciais mais terríveis do mundo.

Heide segurou os dados, sacudiu-os com bastante força, fazendo o maior barulho possível, e lançou-os elegantemente sobre a mesa. Seis ases.

Assim como Porta antes dele, soltou um grito de alegria. Depois, em silêncio, levantou-os da mesa e preparou-se para uma outra jogada.

– Herr Feldwebel – prosseguiu a voz aguda, que estava começando a dar nos nossos nervos – seria muito trabalho pedir ao senhor que visse se o meu carro está pronto? Estou ficando muito cansada nessa cadeira. Gostaria muito de ser levada para casa agora.

Heide jogou os dados novamente. Outra vez seis ases. Ninguém disse uma palavra. Porta umedeceu os lábios, pegou os dados e olhou para eles cheio de suspeita. Heide sorriu.

– Lamento desapontá-lo, mas não são viciados. O que você tem que aprender é que é preciso inteligência para jogar esse jogo. Uma inteligência que alguns de nós têm e outros não. É só para provar isso, vou jogar novamente e tirar os seis, o dobro ou nada.

– Não seja bobo, cara – disse Barcelona. – Você não vai tirar.

– Quer apostar? – perguntou Heide.

Então, sorrindo, apanhou os dados, levantou o braço acima da cabeça como um lutador de boxe e sacudiu firmemente o copo de couro antes de jogar os dados na mesa. Manteve o copo emborcado e seguro por no mínimo um minuto, calmamente deixando passar o tempo e acendendo um cigarro. Era um dos cigarros de Porta, porém Porta estava olhando tão firme para o copo que nem notou.

– Oh, queridos, como me doem os pobres pés! – disse num suspiro Frau Dreyer, com um toque de autocomiseração perpassando a sua voz. –

Coloquei os meus melhores sapatos para vir aqui, e eles me apertam tanto; estou aqui desde cedo, sabem...

Heide soltou a fumaça calmamente e ficou tamborilando os dedos sobre o copo.

– Anda, anda! – murmurou Steiner. – Vamos ver isso!

– Não tem razão nenhuma para esse suspense – disse Heide suavemente. – Posso dizer a vocês o que tem aqui embaixo sem olhar: seis ases.

– Aqui, ó!

– Vocês não acreditam? – perguntou Heide docemente. – Pois bem, vou dizer a vocês o que vou fazer. Não vamos apostar o dobro ou nada, vai ser dez vezes ou nada.

Porta começou a roer nervosamente a unha. Passou a mão pelo cabelo vermelho e esfregou o rosto com indecisão.

– Isso é maluquice – declarou o Legionário. – Você não pode saber que aí tem seis ases...

Ouviram de novo a voz arrastada da velha. – São duas horas, Herr Feldwebel. Ainda tem umas três horas até passar o primeiro bonde. O que vou fazer se o carro não vier?

Devagar, Heide começou a apertar a mão sobre o copo de couro. Sua voz estivera bem firme, porém vi o suor brotando em sua testa. Nós todos nos aproximamos mais da mesa. Miúdo estava com um cigarro esquecido pendendo da boca. Porta tinha roído as unhas quase até o osso. A qualquer minuto agora saberíamos a verdade.

– Você tem certeza? – disse o Velho, não ousando tirar os olhos dos copos para olhar para Heide. – Você tem mesmo certeza?

– Tenho – confirmou Heide, e uma gota de suor desceu pelos seus lábios, indo cair em cima da mesa.

O rifle de alguém caiu ao chão, porém nossa concentração era intensa e o barulho mal penetrou as bordas externas da nossa consciência.

– Estou ouvindo um carro. Estou ouvindo muito bem o barulho de um carro. Talvez tenha vindo me buscar, afinal.

Frau Dreyer levantou-se da cadeira e começou a abotoar o velho casaco.

Devagar, bem devagar, Heide levantou o copo.

Havia tirado os seis ases.

A tensão se quebrou repentinamente. Miúdo jogou a cadeira na parede e bateu com os punhos na mesa. Steiner soltou um grito bem alto. Nós outros nos encostamos na cadeira e deixamos escapar enormes suspiros. Porta retirou o olhar fascinado dos dados e olhou quase humildemente para Heide.

– Como você faz isso, Julius? Conta pra gente como é que você faz isso, seis ases três vezes seguidas! Nunca vi isso em minha vida.

– Como falei antes, é preciso muita inteligência. – Heide passou as costas da mão sobre a testa e reassumiu o seu ar habitual de arrogância. – Se você contar o que me deve, acho que você vai descobrir que as minhas dívidas com você acabaram.

– Vou jogar mais uma rodada com você – disse Porta, franzindo a testa.

O suor imediatamente surgiu de novo no rosto de Heide.

Olhou direto nos olhos gananciosos e Miúdos de Porta e parecia bastante tentado. Mas por fim, levantou-se e empurrou a cadeira.

– Já fiz três vezes, é mais do que suficiente. Se a gente faz muitas vezes, fica chato.

– Porra! – gritou Porta. – Você sabe muito bem que não pode repetir isso, nem se tentasse a noite toda!



Heide deu de ombros. Podia fazer. Olhou na direção de Frau Dreyer.

– Por que a Gestapo foi buscá-la? – perguntou friamente. Não que ele se importasse com isso, mas era uma maneira, de silenciar Porta.

– Ah, meu filho, foi a minha vizinha – disse Frau Dreyer, com um tom de voz brando. – Ela. escreveu para eles que eu havia insultado o Führer.

Nós todos nos voltamos, a atenção presa na velha. Insultou o Führer!

Isso podia ser interessante. Stege chegou-se um pouco a mim e falou:

– A pobre velhota aí pode ser morta por isso!

Todos olhamos para Frau Dreyer, que se tornara de repente um objeto de incrível assombro. Não porque ela poderia ser condenada a morte, Deus

.

sabia, estávamos muito acostumados a isso, mas porque ela ficava sentada lá, toda inocente, sem perceber a enormidade de seu crime e a sua provável consequência.

– Como a senhora insultou o Führer? – perguntou Heide.

Frau Dreyer tocou de leve a ponta do nariz com um lenço que cheirava a alfazema,

– Bom, não foi nada, na verdade. Ou pelo menos, somente o que todo mundo anda dizendo. Foi durante aquela horrível batida do ano passado; vocês se lembram, eles bombardearam Landungsbrücke e a escola atrás da estátua de Bismarck. Frau Becker e eu, Frau Becker é a minha vizinha, fomos até lá dar uma olhada nos danos. E

foi então que eu fiz a observação que contrariou tanto Herr Bielert, embora como podia eu saber, se todo mundo estava falando a mesma coisa há dias? “Era melhor na época do querido imperador”, eu disse.

“Pelo menos eles não voavam sobre as nossas cabeças jogando bombas na gente. E de qualquer forma” – ela nos olhou seriamente – “um homem como Adolf Hitler, o que ele sabe sobre como governar um país? Tenho certeza que ele está tentando fazer o melhor possível, mas ele nasceu na pobreza e não sabe nada das coisas da vida.”

Olhamos para ela em um silêncio de choque e incredulidade.

Barcelona engoliu em seco umas duas vezes antes de dizer:

– A senhora... a senhora repetiu tudo isso para Herr Bielert?

– Claro – disse Frau Dreyer, com um gesto orgulhoso de cabeça. – Ele perguntou minha opinião, e eu dei. Não sou ainda tão senil para dar uma opinião, espero.

– Não, mas a senhora... a senhora não devia... não devia – as palavras fugiram a Barcelona. Abriu os olhos sem saber o que fazer, olhando na nossa direção.

– Vamos ver o que os dados têm a dizer sobre isso – disse Porta, dando de ombros, despreocupado. – Ela vai morrer ou não vai? – E passou um dedo pela garganta, piscando para nos, diabolicamente.

Sentamos a volta da mesa e cada um pressionou o dedão esquerdo na ponta da mesa. Heide jogou os dados.

– O que vai ser? – perguntou.

– Os números vão decidir a sorte dela – sugeriu Miúdo.

- Tá legal.
- Um – disse Steiner.
- Um contra seis – disse Porta.
- Um contra seis – dissemos em coro.

Os dados rolaram pela mesa.

Oito soldados jogando dados nas prisões da Gestapo, da mesma forma que os soldados romanos, naquela época, haviam jogado ao pé de uma colina perto de Jerusalém.

v Isso é vergonhoso – disse o Velho de repente. – Parem com isso, pelo amor de Deus.

O Virou então a cadeira, ficando de frente para Frau Dreyer, e começou a falar animadamente sobre Deus sabe o que; qualquer coisa para afastar a atenção dela do jogo macabro que estava acontecendo ali.

Os dados pararam na mesa: quatro ases, dois seis...

- Ela vai morrer – murmurou Barcelona. – Os dados estão sempre certos.
- Todo mundo concordou, um contra seis? – perguntou Heide.

Porta concordou:

- Seis para vida, um para morte.

Olhamos então para Frau Dreyer. Estava contando animadamente para o Velho a história de seu falecido marido.

- Ele foi morto em Verdun – nós a ouvimos dizer. – Estava no terceiro regimento de Dragões, em Stental. Era bom lá em Stental.

Eu gostava muito de lá; nós nos divertíamos muito. Meu marido pertenceu aos Dragões desde 1908

até a sua morte, morreu em dezembro, dia 23 em 1917. Ele tinha saído para procurar um pinheiro para nossa árvore de Natal e foi morto por uma bala perdida na volta para casa. Era um bom soldado e um homem bravo. Estava com Hauptmann Haupt e Oberleutnant Jenditsch quando eles tomaram o forte de Douaumont...

– Douaumont! – gritou Miúdo, o rosto banhado em sorrisos. – Sei tudo sobre Douaumont! Os prussianos ficaram lá só uns cinco minutos até os franceses mandarem eles de bunda pra cima para o outro lado do Reno, e

.

você, vai se foder! – disse zangadamente na direção de Heide.

– Por que está tentando me bater? Deixe o seu pé quietinho do seu lado.

– O marido da Frau Dreyer foi morto em Verdun – Heide lembrou-lhe.

– Você não podia tomar mais cuidado com o que fala?

– Só estou dizendo a verdade – Miúdo esticou o lábio inferior exageradamente. – Pergunta só por aí se não foi assim.

– Ele está certo – disse Porta. – Os franceses derrubaram eles tão fácil em Douaumont que até o Príncipe Herdeiro foi esculhambado pelo velho Imperador.

Barcelona franziu a testa para ele e voltou-se para Frau Dreyer:

– O que Herr Bielert disse para a senhora, exatamente?

– Ela suspirou e franziu a testa e tirou os olhos de uma fotografia de Himmler, que parecia hipnotizá-la. Ao pé da fotografia, impresso em letras douradas, os dizeres eram os seguintes:

HEINRICH HIMMLER Reichsführer da SS

Chef der Polizei\*

Minister des Innerefen\*

– Herr Bielert foi tão gentil. Ouviu tudo que eu tinha a dizer, e posso lhes dizer que ele ficou contrariado, e eu pensei que talvez tivesse dito alguma ofensa, mas então ele falou que estava tudo acabado e que eu não tinha que me preocupar mais com isso.

Olhou então para Himmler de novo e sorriu.

– Ele lhe falou o que ia acontecer com a senhora? – perguntou o Velho. – Ele escreveu o que a senhora disse sobre o Führer?

– Ah, sim, na verdade ele foi muito metuculoso. Ditou tudo, palavra por palavra para um outro cavalheiro que estava sentado na sala comigo. Acho

.

---

\* Chefe de Polícia.

\*\* Ministro do Interior,

que fiquei um pouco sonolenta, acho que talvez tenha dormido um pouco, porque descobri que eles tinham escrito quase um livro no final, e então Herr Bielert me disse que eu devia ir a Berlim.

– Para ver o Führer?

– Oh, não, meu filho! Tenho certeza de que ele está muito ocupado para se preocupar com pessoas como eu. – Olhou novamente para a fotografia de Himmler, e sua testa se enrugou. – Não me lembro bem, havia algumas iniciais, sei disso...

– RSHA?\* – sugeriu Barcelona, no frio silêncio que caíra sobre a sala.

– Ah, isso mesmo! E isso! – Frau Dreyer cruzou as duas mãos e olhou para Barcelona. – O senhor conhece esse lugar, Herr Feldwebel?

Barcelona olhou para nós, a procura de ajuda, mas nós nos viramos e deixamos que ele resolvesse.

– Conheço... é um... um grande departamento em Berlim.

– O que é que eles fazem lá?

– Eles... – Barcelona passou as mãos desesperadamente pelo cabelo. –

Bom, é um tipo de mistura entre... um tabelião e uma agência de emprego.

– Gostei! – aprovou Porta turbulentamente. – Gostei muito. Mas você deixou de fora a parte mais importante.

– E que parte é essa? – perguntou Frau Dreyer inocentemente.

– Bom, eu vou lhe contar. O RS...

– Pelo amor de Deus – disse o Velho. – Segure essa língua!

– Fico me perguntando se eles querem me oferecer emprego. – Frau Dreyer suspirou e tirou um dos sapatos. – Receio ser quase inútil. Sofro dos meus pés, sabe. Devia ter ido ao pedicuro essa tarde, mas

é claro que tive de perder a hora por causa de ter que vir aqui encontrar Herr Bielert.

Nós todos fizemos um aceno em silêncio, solenes e sem jeito, esperando que ela pudesse desaparecer de repente, morrer, virar pedra,

.

---

\* Reichssicherheitshauptamt (Escritório Central de Segurança do Reich) – O principal departamento de segurança do governo nazista qualquer coisa que pudesse nos salvar desse embaraço. Ela recostou-se na cadeira e começou a falar, falando com digressões, a maneira das pessoas velhas, mais para si própria do que para nós mesmos.

– Eu não estava em casa quando eles chegaram. Tinha ido acertar contas com Herr Berg no Gansemarkt. Vou lá uma vez por mês. Cheguei cedo, é claro, sempre chego. Gosto de me sentar um pouco na estação e ver as pessoas passarem. E nessa época do ano eles tem tantas flores bonitas pra gente ver. Conheço Herr Gelbenschneid, o chefe da estação. Conheço até muito bem.

Ele tem jeito para plantas, suas rosas são as mais bonitas que já vi. Gostaria de poder cultivar rosas assim, mas é assim sempre, se a gente não tem boa mão, não se pode fazer nada. Balançou a cabeça, resignada, e Miúdo balançou também a dele, concordando. – Pois é, mas logo que cheguei no alto da minha rua vi que alguma coisa de fora do comum havia acontecido. Vi o carro, sabem.

Um carro grande, cinza, e sabia que pertencia a SS porque já tinha visto antes.

Primeiro pensei que tivessem ido ver a minha vizinha, Frau Becker. Ela tem um filho na SS. E um Untersturmführer na divisão Reich. Ela

tem muito orgulho dele, naturalmente. Antes de ser promovido a oficial, ele estava em outro regimento, qual era mesmo? O SS Westland, acho. Meu filho mais novo estava na SS também. Eu não queria que ele fosse, mas ele só fazia o que queria.

Atraído pelo uniforme, na certa. Os jovens são tão facilmente levados por essas coisas. Bom, de qualquer forma, ele está morto agora. Eles me mandaram a sua Cruz de Ferro. Lembro que ele ficou muito zangado comigo quando eu disse que o pai dele não ficaria nada contente de ver que ele estava na SS. "Você deve esperar", eu disse para ele. "Espere até ser chamado, como seus irmãos."

Três irmãos, ele tinha. Dois deles entraram para um regimento de infantaria e o mais velho foi para o corpo de sapadores. Ele também está morto agora. Os dois outros foram dados como desaparecidos. Podem estar vivos ainda, não sei.

Tento não pensar muito sobre isso. Mas o mais novo, ele sempre fazia só o que queria. Quando falei para ele esperar ser chamado, e não desperdiçar a vida.

Dele daquele jeito, ele disse: "Mãe, seria dever meu dar parte da senhora por estar sendo derrotista, mas somente dessa vez vou fingir não ter ouvido nada.

Mas lembre-se, nunca mais. Da próxima vez vou dar parte da senhora,

.

mesmo sendo a minha mãe." Oh, meu filho, ele estava tão zangado comigo; não quis nem me dar um beijo de despedida quando partiu, e agora está morto, como os outros, e não tenho nada dele a não ser sua Cruz de Ferro. Guardo na gaveta junto com as roupas dele de bebê. Suas camisas pequenininhas e os sapatinhos de tricô.



Repentinamente, olhou para nós e sorriu. Miúdo sorriu para ela, de uma maneira muito fraca, em minha opinião.

– Mas então, quando desci a rua vi que o carro estava estacionado em frente a minha porta, não na de Frau Becker; pensei por uns momentos que era o Paul voltando da cova, Paul era meu filho mais novo, é claro, o que eu estava falando. O homem que saiu do carro parecia muito com ele, tenho certeza. Um metro e oitenta de altura, ombros largos, quadris estreitos, cabelos louros, olhos azuis, ele sempre foi o mais bonito dos quatro, e esse jovem era tão parecido com ele que cheguei a levar um choque. E quando falou, foi tão gentil, tão fino, demonstrando uma excelente educação. Deve ter vindo de uma boa família, sabem. A única coisa que não gostei foi a roupa preta que vestia. Parecia todo preto da cabeça aos pés, tão frio, tão impessoal, mas pode ser que fosse o uniforme dele.

Sorrindo ora para Miúdo, ora para a fotografia, de Himmler, ela nos descreveu tudo. Eu conseguia ver tudo muito bem: o jovem deus louro da SS, com seus olhos azuis arrogantes e suas botas pretas, e a velha tola, apagada e confiante, e muito ocupada comparando-o com o seu bebê morto para notar a ameaça escondida atrás de sua fachada de educado charme.

– “Frau Dreyer?” – ele perguntara educadamente, ao sair do carro.

E a velha, toda excitada, se apresentara a ele e estendera a mão, e sentira-a apertada por uma manopla, e o homem prosseguira para certificar-se se ela era de verdade Emilie Dreyer que morava em Hindenburgstrasse, nº 9. E

o tempo todo lá, com um sorriso suave no rosto e uma Walther 7.65 no bolso, e a velha Frau Dreyer de nada suspeitando. Voltou-se e abriu a porta do carro, para deixá-la entrar no banco de trás. Queriam vê-la no quartel-general, havia coisas para serem faladas.

– “Oh, lamento, mas não posso ir hoje! Tenho hora marcada com o Dr.

Jöhr, para examinar meus pés, sabe. Sofro muito com os meus pés.”

E o homem da SS riu alto diante dessa resposta. Uma visita ao pedicuro! Essa fora a desculpa mais pobre que ele ouvira.

Frau Dreyer nunca descobriu por que ele achou sua inocente declaração tão engraçada. Continuou então a explicar, talvez ele não tivesse compreendido a seriedade do problema, que o Dr. Jöhr era um homem ocupado, com uma grande clientela, e se a pessoa não cancelasse a hora com pelo menos 24 horas de antecedência tinha que pagar por ela.

O homem da SS riu ainda mais alto. Pelo menos ele tinha um grande senso de humor.

– “Não se preocupe com seus pés, senhora. Vamos nos comunicar com o Dr. Jöhr e fazer com que não lhe cobre.”

– “Mas o senhor sabe” – ela continuou – “talvez leve semanas para eu arranjar outra hora. Ele é um homem tio ocupado...”

Perdendo a paciência com aquele traste louco, o homem da SS pegara-a pelo braço e empurrara-a para dentro do carro. Ao fazer isso, ela percebera que ele não tinha o braço esquerdo, e isso a desviara completamente do problema de seus pés. Uma coisa tão horrível de acontecer! Uma tragédia, um desastre, um.

– “A senhora se incomoda se não discutirmos o assunto?...” – disse ele secamente.

Ela mostrou-lhe o anel da SS que pertencera a Paul. Falou com ele sobre Paul, sobre sua Cruz de Ferro e sobre como ele morrera pelo país, porém o jovem parecia curiosamente desinteressado. Jogara-a no banco de trás do carro e batera a porta atrás dela, e eles tinham ido a toda velocidade para a Gestapo. Iam a todo lugar em alta velocidade, essas pessoas.

O motorista era um tipo bem diferente do outro homem. Um tipo grosseiro, rígido e bruto. Nenhum modo, nenhum berço. Tinha um olho de vidro, mal feito e que parecia mais uma rua de sangue do que um olho de vidro.

E seu rosto era grosseiro e vulgar, e Frau Dreyer sentira desde o início que ele não simpatizara com ela.

– “Tenha cuidado, vovó!” – foram as primeiras palavras que ele dissera a ela quando fora jogada dentro do carro; e depois, voltando-se para o companheiro: – “Espero que a velha aí atrás se comporte direitinho”.

– “Cuide da direção e deixe o resto comigo” – fora a resposta do jovem.

Frau Dreyer achou que a censura implícita na resposta se justificara.

–

Não cabia a um homem daquela classe me chamar de vovó – comentou ela para nós. – E quanto aí me chamar de velha, acho isso uma total falta de respeito aos mais velhos.

– Entendo – respondeu Miúdo. – Mas se eu fosse a senhora, não ficava muito zangada por causa disso. Isso é, não é como chamar alguém de...

Em cima da hora, Porta colocou a mão em sua boca.

– No futuro, restrinja as suas observações a um simples sim ou não, e então poderemos descansar um pouco mais.

– Não se meta nisso! – gritou Miúdo, soltando-se, indignado. – Vou dizer sempre o que eu quiser e isso não é da sua conta. E com certeza nunca mais vou dizer sim, por nada. A primeira vez que falei sim fui parar dois meses na cadeia. Jurei que nunca mais falava sim.

– Desde que você diga sempre não – respondeu Porta. – É só o que pedimos.

E então voltou-se para o banco no qual ele estava arrumando um de seus baralhos marcados. Ele sempre os guardava com muito cuidado no mesmo papel de embrulho, arrumando-os com um cuidado e uma atenção que nunca utilizava quando lhe confiavam tarefas mais oficiais.

Barcelona e Heide jogavam negligentemente os dados de novo. Frau Dreyer continuou com a sua história como se não houvesse havido nenhuma interrupção.

– Não pude deixar de achar o outro um homem muito desagradável.

Dirigia muito depressa e muito perigosamente, e em várias ocasiões juro que as pessoas só escaparam por um milagre. E ele só ria, como se aquilo fosse uma brincadeira. Depois, em Harversterhude, eles pararam para pegar uma jovem.

Não sei por que eles a queriam, deixaram-na em um outro edifício antes de chegarmos aqui. Não sei exatamente onde, mas devo dizer que até o jovem que era tão charmoso comigo comportou-se de uma maneira muito deselegante com ela. Talvez ela tenha feito alguma coisa errada, não sei, mas não vejo por que ele tinha que bater nela do jeito que bateu. Um cavalheiro nunca devia bater

.

numa mulher, nunca! E se faz isso, apenas demonstra que não é um cavalheiro, e eu disse isso para o rapaz. O senhor não concorda comigo, Herr Feldwebel?

– Concordo plenamente . – disse o Velho seriamente.

– Eu não ia bater nela – disse Miúdo. – Qual é a razão de fazer isso?

Estou pensando em coisa muito melhor para fazer. Por que bater nelas se a gente pode...

Desta vez foi o Legionário que fez com que ele se calasse. Frau Dreyer continuou brandamente.

- Quando chegamos aqui – explicou para nós – eles me levaram para um tipo de sala de espera lá no terceiro andar. Parecia haver muita gente lá que também viera para entrevistas, e eles me deixaram com eles por uns momentos.

não muito educado, pensei, porque afinal de contas, eu não tinha pedido para ver Herr Bielert. Ele é que tinha mandado me buscar. Por isso acho que eles deviam ter se esforçado um pouco mais, entretanto, acho que são homens muito ocupados e estamos numa guerra. Mas mesmo quando eles me tiraram da sala de espera, não vi Herr Bielert. Eles insistiram em revirar todos os meus bolsos e a minha bolsa e em carregar muitas cartas pessoais. Sei que estavam fazendo só o que tinham que fazer. Sei que estamos numa guerra, e que temos que tomar cuidado com agentes externos, mas mesmo assim não posso deixar de achar que eles estavam se excedendo um pouco, e ainda estou sem saber que direito eles tem de ler as minhas cartas pessoais. De qualquer forma, depois que me examinaram, me levaram para uma segunda sala de espera. Não gostei nada de lá. Um homem velho com um revolver ficou sentado numa cadeira e não deixava ninguém falar. Foi muito cansativo, e eu também estava com fome.

Eles a haviam deixado lá por algumas horas, e então o Oberscharführer de um braço só apanhara-a e levava-a para uma pequena sala em um outro lugar do edifício, onde dois homens a paisana lhe perguntaram se ela alguma vez chamara o Führer de bobo.

– Bom, é claro – ela nos disse – que neguei imediatamente. Disse que alguém havia andado espalhando mentiras horríveis sobre mim.

E então eles me pediram se eu poderia fazer o favor de ajudá-los, porque era o trabalho deles examinar todas essas coisas e se certificar que ninguém falasse mal do Führer, e realmente, no final eles foram muito gentis e me disseram que eu podia pensar devagar e tentar me lembrar exatamente do que foi que eu falei.

– “A senhora nunca falou para a sua vizinha, Frau Becker, que achava que o Führer tinha sido um tolo por começar a guerra?” – Bielert perguntara a ela.

– “Ah, sim” – ela dissera a ele. – “Eu disse isso e diria. de novo. Acho essa guerra uma loucura.”

E então, para a sua perplexidade, eles todos tinham rido animadamente e o homem tinha escrito as suas palavras em uma folha de papel.

– “Esta vendo, Frau Dreyer, é como dissemos, a senhora chamou o Führer de bobo.”

Ela ficara confusa então. Assegurou-lhes que, ao dizer que a guerra era uma tolice, não queria dizer que o Führer era um tolo. Não podia... não faria...

Não ia...

– “Mas certamente” – insistira Bielert – “pessoas que cometem tolices são tolas, não é mesmo?”

Ela teve que admitir a lógica desse pensamento.

– Porém, como disse a ele, eu não era a única pessoa que dizia essas coisas. Todos estavam falando isso. Eu estava apenas repetindo o que ouvira.

Claro que Bielert imediatamente perguntara quem, onde e quando.

– “Bom, tem Herr Gelbenschneid, o chefe da estação, para começar.

Tenho frequentemente ouvido comentários seus sobre a guerra, dizendo quem é a pior coisa que podia acontecer com a Alemanha. E tem também Frau Dietrich, a enfermeira do quiropodista. Ela me falou outro dia mesmo que desejava que a guerra nunca tivesse começado e quanto mais cedo nós perdêssemos a guerra melhor, na opinião dela. E depois...”

Em sua ignorância ela ditara uma lista inteira de nomes para o acompanhante de Bielert, ávido por anotações, que prontamente passara-os para o Oberscharführer – certamente para ação imediata.

– E então – disse Frau Dreyer assombrada – eles quiseram saber se eu já estivera num hospital para doentes mentais.

– Só por curiosidade – disse Porta, voltando-se – já esteve?

– Oh, não, não estive, e me pareceu uma pergunta tão estranha que quase fiquei com medo e comecei a chorar. Para dizer a verdade – confessou Frau Dreyer – eu estava com medo que eles me fizessem pagar uma multa.

.

Por dizer coisas que não devia ter dito, embora não achasse que eles estivessem errados. Perguntei a eles se não poderia pedir desculpas em vez de pagar uma multa, porque tudo que tenho é a minha pensão de viúva, sabem, e não podia mesmo pagar. Disseram que eu não tinha que pagar multa nenhuma, para não me preocupar, e que aceitariam as minhas desculpas para o Führer. E então, me lembro, ficaram muito simpáticos e começaram a fazer perguntas sobre os meus garotos. Estavam tão interessados neles, quase que me desliguei inteiramente das outras coisas! Falamos de uma coisa e de outra e aconteceu que Herr Bielert era um grande amigo do Bent, que por sua vez era um dos mais chegados companheiros do meu Kurt nos velhos tempos. Ele se tornou um Obersturmführer da SS, e

sempre costumava aparecer para visitar a gente quando Kurt estava de folga. Ele era um rapaz muito corajoso, uma fileira de medalhas no peito, e, no entanto, não acreditava na guerra também. Lembro de uma vez, era um pouco antes do aniversário do meu Kurt, logo antes do batalhão ser mandado para a frente, me lembro do Bent me dizendo que os Führer era apenas um homem, não um Deus, e que como todos os homens ele as vezes cometia erros. E quanto a Himmler, não posso nem lhes dizer como Bent e Kurt ficavam zangados toda vez que se mencionava o nome de Himmler! Dava para pensar que o pobre homem havia feito algum mal a eles!

Me lembro também...

– Espere um momento – disse o Velho, franzindo a testa – a senhora não falou isso para ele, falou? Contou para Bielert?

– Ah, sim. Conteí tudo – disse ela, alegremente. – Eles estavam tão interessados, sabem, e Herr Bielert me disse que o Bent sempre fora inteligente e que fora desperdiçado no front, e por isso iam chamá-lo de volta para Hamburgo e promovê-lo. Eu queria escrever e contar tudo para ele logo, mas eles me disseram que não, porque queriam que fosse uma surpresa para ele.

– Claro – concordou o Velho solenemente. – E que mais a senhora falou enquanto estava lá?

– Bom, deixe-me ver – apertou a testa enrugada, tentando lembrar-se.

– Falamos do meu sobrinho Dietrich. Ele é estudante de teologia, sabe. Por uma razão qualquer, Herr Bielert parecia achar que ele tivesse falado mal do Führer.

Ele me pediu para falar o que Dietrich tinha comentado, mas eu disse que não me lembrava de nada que ele tenha dito. E Herr Bielert ficou muito zangado e gritou comigo; não consegui entender o que foi que eu fiz de errado, enquanto o outro homem ficava



balançando a cabeça para mim e eu fiquei tão confusa que não sei o que teria feito se o telefone de Herr Bielert não tivesse começado a chamar. E depois todos correram com os revólveres em punho e eu fiquei sozinha por uns instantes até um outro homem chegar para me apanhar.

– Trouxeram a senhora para cá? – perguntou o Legionário.

– Ah, não – falou ela. – Eles me trancaram numa sala pequena, e depois vieram de novo e me levaram mais uma vez para ver Herr Bielert. E aí então eles escreveram tudo que eu tinha dito e eu tive que assinar os papéis. –

Deu um sorriso. – Depois que eu fiz isso, ficaram de novo contentes comigo.

Eles me deram café e bolo, e disseram que eu tinha que ser bem tratada.

Olhamos para ela em silêncio. Era inacreditável que alguém pudesse ser tão inocente.

– Será que o meu carro vai vir logo?

Ela dirigiu o seu pedido ao Velho, que procurou encorajá-la vagamente e olhou depois para todos nós. Mexemos os pés e olhamos para o chão.

– Um dia, quando vocês puderem e tiverem um tempinho – disse Frau Dreyer educadamente – deem um pulo em minha casa e me façam uma visita.

Me avisem antes e eu vou dar um jeito de preparar um dos meus bolos de fruta para vocês. Todos os rapazes gostam de meu bolo de fruta.

Agradecemos em voz baixa. Ela sorriu para nós e balançou a cabeça para cima e para baixo em seu pescoço frágil, então, para nosso alívio indescritível, suas pálpebras caíram e ela afundou em um sono exausto, roncando de leve e ritmadamente.

Porta terminara de arrumar o baralho marcado. Sugeri um jogo e nós topamos, desde que jogássemos com o baralho de Barcelona.

Duas horas mais tarde, ainda estávamos jogando; tão entretidos que mal levantávamos, só mesmo para ir até ao mictório mijar. Frau Dreyer continuava a dormir.

Fomos perturbados por uma batida impaciente na porta. Barcelona foi atender e se viu de cara com dois homens do SD carregando submetralhadoras.

– Heil Hitler! – cumprimentaram-se severamente. – Vocês tem uma Emilie Dreyer aqui com vocês?

Ao som de seu nome, a velha se levantou. Arrastou-se pela sala, pesada pelo sono.

– É o meu carro?

– E sim, madame. Seu carro. Junte as suas coisas e venha conosco.

Vamos levá-la para Fuhlsbüttel.

– Fuhlsbüttel? – ela hesitou. – Mas eu não quero ir para Fuhlsbüttel, quero ir para casa.

– Quem é que não quer? – disse o homem do SD, rindo.

– Mas Herr Bielert falou...

– Herr Bielert falou que ia arranjar um carro para a senhora, e arranjou.

E nós todos vamos entrar nele para um gostoso passeio até Fuhlsbüttel. Seja boazinha e vamos andando. Não quero ser grosseiro com uma pessoa que pode ser minha avó.

Pela primeira vez, Frau Dreyer começou vagamente a perceber um pouco da verdade. Voltou-se, trêmula, para o Velho e esticou as mãos:

– Herr Feldwebel...

– Deus vai protegê-la – disse o Velho, muito baixo e quase como se tivesse com vergonha de si mesmo. – vá com eles, Frau Dreyer. É tudo que pode fazer. Tudo que qualquer um de nós pode fazer.

– Claro – disse ela duvidosa.

Ficou parada uns instantes, indefesa, o rosto velho e marcado tremendo. Demos a ela a bolsa e o casaco, e em silêncio ela caminhou atrás dos homens do SD. Um dos cordões de seus sapatos estava desamarrado e as duas meias grossas de lã, se amontoavam na altura de seus tornozelos. A pesada porta bateu atrás dela. Ouvimos as outras portas baterem também, a medida que os prisioneiros eram retirados das celas. Foram levados ao pátio, e embarcados nos grandes caminhões verdes que os levariam para Fuhlsbüttel.

Em um deles estava uma velha senhora que mesmo agora não podia entender o crime que cometera.

Na sala de guarda ninguém falou e evitamos olhar um para o outro.

Sentíamos vergonha de nós mesmos e dos uniformes que vestíamos.

Um pouco depois, Miúdo saiu da sala. Também sem dar uma palavra.

Voltamos com pouco entusiasmo para. O nosso joguinho, porém antes de podermos distribuir uma outra mão, Miúdo estava de volta.

– Krug apareceu morto em sua cela! – falou ele excitadamente. –

Enforcou-se com os suspensórios!

A tensão agora se quebrara. Saímos correndo para fora da sala a fim de testemunhar a cena. Krug pendia do teto como uma boneca de pano disforme.

O rosto estava azul e inchado, os olhos saltados olhavam para nós como vidro.

O pescoço estava incrivelmente comprido. Abaixo dele, sobre o chão, via-se o seu quepe.

– A melhor coisa que ele poderia ter feito – disse Barcelona.

Olhamos friamente para o corpo pendurado.

– Não precisamos sentir pena desse rato – declarou Miúdo.

Acho que nenhum de nós sentia. Nem mesmo Stege tentou falar em sua, defesa.

– Vamos ter de colocar no relatório – disse o Velho.

– Vai feder se não pusermos.

Caminhamos de volta pelo corredor até a sala de guarda. Enquanto o Velho sentava-se em sua mesa e segurava uma caneta, nós outros voltamos bem felizes agora ao nosso jogo de cartas interrompido.

– Pena ele não ter tido a decência de esperar até chegar a Fuhlsbüttel –

disse Porta, embaralhando rapidamente as cartas enquanto nós outros o olhávamos como abutres diante da presa. – Algumas pessoas tem um mau gosto natural.

*Eram verdadeiros contrabandistas. Nascidos para se meterem sempre em encrenca e sempre cair fora dela novamente, respeitando a traição e a esperteza de cada um, mesmo enquanto tentavam sair-se melhor do que os outros. Roubavam tudo que podiam conseguir, vendiam tudo que cruzavam seus caminhos, desde mulheres até cartuchos usados.*

*O chofer da SS segurou o cigarro na palma da mão por um momento, olhado-o pensativamente. Depois, levantou-o até o nariz e cheirou-o desconfiado.*

*– Acho que você é um mentiroso escroto – declarou enfim. – Abra e deixe que eu veja por mim mesmo.*

*– Você duvida da minha palavra? – perguntou Porta arrogantemente.*

*– Se estou dizendo que tem ópio em cada cigarro, é porque tem em cada cigarro.*

*Cuspiu com desdém na bandeira da SS que pendia do carro Mercedes.*

*O chofer imediatamente devolveu o cumprimento deixando escapar um som de desprezo na direção do monumento erigido em memória dos soldados mortos na Primeira Guerra Mundial.*

*Com essa "troca de formalidades, voltaram aos negócios.*

*– Tenho uma boa partida de pneus de automóvel – ofereceu o homem da SS. – Pertinho de você; o único problema é que eles agora andam um pouco perigosos.*

*– Você vai estar em muito perigo – disse Porta – se eles lhe puserem as mãos. Aposto como mais cedo ou mais tarde você vai acabar como um de nós.*

*O homem da SS balançou os ombros indiferente.*

*– É um risco que a gente corre – disse laconicamente.*

*– Se está interessado, posso lhe dar o endereço de um bom espetáculo de strip-tease;*

*– Já conheço muitos espetáculos de strip-tease.*

*– Não como esse. Não por aqui. Não com belezas completamente nuas nele.*

*Porta lambeu os lábios. Seu rosto ficou logo vermelho.*

*– Completamente nuas?*

*– Quase. Sapatos, meias, ligas, o suficiente para excitar. Não se pode reclamar, não é?*

*– Você pode pagar para eu sair com elas uma noite? – perguntou Porta, pigarreando várias vezes.*

*– E por que não?*

*Os dois se aproximaram bem e começaram a discutir os termos do negócio.*

## **Capítulo V**

Porta e a SS

Um dia, bem de repente e quase sem aviso, o tenente Ohlsen foi preso.

Era acusado de ter-se associado com um grupo de oficiais suspeitos, e de ter dito coisas difamatórias sobre o Führer. Mais tarde descobrimos que fora a sua mulher quem o denunciara.

Vieram buscá-lo uma manhã, dois soldados da polícia militar e um tenente, movendo-se tão furtivamente pelo acampamento e de uma maneira tão silenciosa que imediatamente chamaram a atenção. Sem dúvida, o objetivo deles era pegar Ohlsen com o mínimo de confusão e tirá-lo de lá antes que muitas perguntas fossem feitas, porém felizmente tivemos notícias da presença deles e fomos capazes de avisar ao coronel Hinka. Não que alguém pudesse fazer alguma coisa, mas pelo menos podíamos ter uma boa briga. Havia alguns oficiais que adoraríamos ver presos, porém o tenente Ohlsen não fazia parte desse grupo. Ficara com a companhia dois anos e servia com o regimento desde 1938, e não pretendíamos ficar olhando apenas enquanto eles o prendiam.

Ao ouvir as novidades, o coronel Hinka mandou o seu ajudante de ordens prender os dois policiais quando esses deixassem o quartel-general da companhia. Os guardas foram alertados e todas as saídas fechadas. Ninguém podia deixar o edifício.

O ajudante de ordens sorriu suavemente para o oficial que estava junto com os PMs.

– O coronel Hinka gostaria de falar com o senhor, tenente. Se o senhor puder me acompanhar, eu mesmo o levarei ao seu escritório.

O tenente e os dois policiais o seguiram, teimosamente carregando Ohlsen com eles era a presa que receberam ordens de pegar e não tinham intenção alguma de deixá-lo escapar a essa altura dos acontecimentos.

No escritório de Hinka estourou o temporal. Hinka, furioso com o fato de que policiais principiantes tentassem prender um dos seus oficiais sem primeiro pedir a sua permissão, berrou que ninguém devia deixar o lugar sem que tudo fosse feito de acordo com o que

ele achava satisfatório. Pegou o telefone e ligou direto para o Kommandantur em Hamburgo. Eles imediatamente negaram qualquer responsabilidade. Tentou Hanover, sem sucesso. Tentou a Abwehr,\* que disse não saber nada da história. Finalmente, em desespero, fez uma ligação para o Departamento de Pessoal do Exército em Berlim e pediu para falar com o general Rudolf Schmudt.

Não é necessário dizer que uma quantidade tão enorme de atividade no que deveria ter sido uma manhã como outra qualquer não passou despercebida aos olhos atentos da Gestapo.

Não demorou muito e um Mercedes cinza familiar parou com dois Unterscharführer da SS e um civil baixo e arrumado, vestido todo de preto. O

civil parecia ao mesmo tempo desarrumado e sinistro. Como um funcionário de um banco indo ao funeral de sua avó com o seu reluzente chapéu, o pesado casaco preto, as luvas, o lenço de pescoço, o guarda-chuva, e seus ombros curvados e os passos barulhentos; como uma doninha atrás de um coelho, com os olhos pequenos movendo-se furtivamente de um lado para outro, brilhantes e duros como diamantes, não perdendo nada e sempre alerta.

O capitão Brockmann mal pôde acreditar no que via ao passar por essa criatura curiosamente vestida que subia as escadas. Parou um momento, olhando-o, depois saiu correndo para ver o sargento de dia.

– Quem era aquele palhaço?

– Não sei, senhor. Pedi a ele o passe, mas ele continuou seguindo pela escada como se não tivesse me ouvido. Como se fosse um fantasma ou uma coisa assim.



– Um fantasma! – O capitão deu uma risada rápida. – Um maluco que fugiu do hospício, isso sim. Ninguém que fosse mesmo remotamente normal

.

---

\* Serviço de informações do exército alemão.

ia sair andando por aí com aquela roupa gaiata. – Tirou o telefone do gancho e discou um numero. – Klaus, tem um cara vestido de preto da cabeça aos pés andando por aí como se fosse dono do lugar. Apanhe-o e traga-o imediatamente até aqui sob escolta.

Riu e esfregou as mãos uma na outra ao recolocar o fone no gancho.

Quem quer que fosse esse maníaco, eles iam se divertir com ele. O capitão Brockmann tinha uma certa, reputação no regimento de ser inteligente e espertalhão, embora para alguns ele as vezes fosse um pouco longe demais.

Não tinha nem um mês, ele conseguira levar o tenente Köhler ao suicídio.

Porém ninguém provavelmente se incomodaria com o que ia acontecer com essa coisa funérea arrastando-se pelo edifício com o seu guarda-chuva e os ombros curvados.

Brockmann telefonou para um ou dois de seus amigos mais íntimos entre os colegas oficiais e convidou-os para a festa.

O intruso foi detido no corredor por um Feldwebel e levado a sala de Brockmann. Foi sem dizer uma só palavra, apenas com um sorriso torcido sobre os lábios e um brilho de antecipação em seus olhos de diamante.

Brockmann estava esperando por ele, pernas afastadas, mãos nas cadeiras, enquanto seus companheiros recostavam-se indolentemente sobre poltronas e fumavam e se preparavam para ver o espetáculo.

– E então? – berrou Brockmann, inclinando-se para a frente levemente nas pontas dos pés, fazendo com que as botas rangessem. – Que diabo você pensa que está fazendo, andando pelo quartel como se isso aqui fosse um parque de diversões público? Os civis não têm permissão para ficar no local sem um passe especial, e, mesmo se têm esse passe especial, devem mostrá-lo para o sargento de serviço e não entrar sem dar uma palavra. – Balançou um pouco mais, rangendo como um antigo navio a vela no mar. – Você é surdo e mudo ou coisa parecida? Por que não respondeu quando o sargento pediu os seus papéis?

O civil ficou parado, a cabeça arriada, olhando com interesse para o chão. Brockmann pegou o chicote de montaria da mesa e bateu com força no lado da bota. Depois, segurou-o atrás das costas, balançando-se para frente e para trás sobre os calcanhares e sacudindo levemente o chicote

.

de um lado para o outro, de modo a fazer barulho com as esporas. Ao mesmo tempo, sugou diligentemente um dente cariado e lançou um olhar divertido para os oficiais presentes. Eles, por sua vez, sorriram encorajando-o, enquanto fumavam os seus cigarros.

– Você percebe que eu poderia trancafiá-lo e deixar você lá apodrecendo, sem perguntas? E um velho corvo preto como você, podia ser perigoso. Pelo que sei, você está com os bolsos entulhados de bombas-relógio, planejando explodir todo o quartel!

O civil levantou os olhos. Olhou suavemente o rosto de Brockmann, com a expressão distante e calculadora, como se esse momento presente não tivesse importância alguma e ele estivesse pensando

sobre coisas mais importantes. Brockmann lançou o chicote de montaria no grande guarda-chuva preto.

– Você tem uma licença para isso?

– Claro que não, o homem é um sabotador! – decretou o tenente Berni, apagando o cigarro e chegando-se mais perto para ver melhor. – Está na cara.

Roupa tradicional de sabotador.

Todos riram. Começaram a dar voltas em torno do homem, examinando-o sob todos os ângulos, notando o brilho meio esverdeado de seu chapéu, o pescoço afundado e os ombros encurvados, o casaco ridiculamente longo e as enormes luvas que sobravam em suas mãos.

– Seria bom para ele entrar para o exército – declarou o tenente Reichelt. – Ver um pouco de ação, tirar um pouco de tensão de cima dele.

Não que Reichelt tivesse alguma vez visto ação. Antes da guerra fora um negociante de vinhos e agora comprava a sua liberdade com conhaque e champanha. Reichelt estava tendo uma boa guerra. Tinha construído uma reputação como mulherengo, e nunca tinha menos do que três amantes ao mesmo tempo, desfazendo-se delas todas depois de algumas semanas e procurando depois mais três delicias.

– Brockmann, acho que você devia examinar os papéis dele –

comentou Schmidt, que era o intendente-geral e cuja guerra caminhava tão suavemente quanto a de Reichelt.

Em vez de mulheres, Schmidt tinha comida. Vivia para comer. Não apenas comia, mas também roubava comida e vendia para um açougueiro em

Lübeckerstrasse. O açougueiro de Lübeckerstrasse negociava quase que exclusivamente com comida roubada do quartel. Schmidt não era o seu único fornecedor.

– Você vai acabar descobrindo – continuou Schmidt – que ele mentiu para se livrar do exército. Devia pelo menos estar nos batalhões territoriais.

Você ia gostar muito – falou para o civil impassível. – Não ia lhe fazer mal algum.

O homem continuou em silêncio. Schmidt franziu a testa, perplexo.

– Você não acha que o cara aí é ruim da cabeça, acha?

Houve uma batida na porta, e, antes que alguém pudesse ir abrir, um Unterscharführer já estava dentro da sala. Era alto e forte e tinha bem mais de um metro e oitenta. Em sua manga estavam as letras SD; em seu quepe, descuidadamente pendendo para trás, brilhava a caveira de prata. Ignorou Brockmann e dirigiu-se diretamente ao civil. Saudou-o vivamente.

– Heil Hitler, Standartenführer! Acabamos de receber uma mensagem pelo rádio da RSHA. Disseram para transmitir-lhe imediatamente, senhor: o Comando nº 7 acabou de completar com sucesso a missão.

O Standartenführer fez um gesto afirmativo com a cabeça, como se estivesse plenamente satisfeito. Os olhos brilharam atrás dos óculos.

– Muito bem, Muller. Diga-lhes que desejo que os prisioneiros sejam mantidos no maior sigilo. Ninguém deve interrogá-los antes da minha chegada.

Em um minuto estarei com vocês.

Müller saudou-o de novo e deixou a sala. O civil voltou-se para os oficiais.

– Obrigado, cavalheiros, pela distração. Foi bastante esclarecedor.

Tenho que ir agora, porém tenho certeza de que vamos nos encontrar de novo.

Heil Hitler! – Saiu da sala atrás de Müller.

Os oficiais olharam-no apreensivos, não mais tão seguros de sua onisciência.

– Que diabos foi isso? – perguntou Brockmann. Andou até a porta, abriu-a e gritou: – Sargento!

– Pronto, senhor?

– Descubra quem era aquele homem e me traga a resposta dentro de cinco minutos se não quer se meter em encrenca.

– Sim, senhor.

Brockmann voltou para a sala e abandonou o seu chicote de montaria de uma maneira não tão segura quanto anteriormente.

– Gestapo? – perguntou Schmidt, lambendo os lábios e aparentando um certo nervosismo.

Pelo silêncio, sabia que estava certo. Tinha que ser da Gestapo.

Schmidt passou a mão gorda e rosada pela testa e sentiu um aperto repentino no peito. Havia umas salsichas e umas caixas de presunto, feijão italiano e uma ou duas outras coisas que ele estava guardando para o açougueiro em Lübeckerstrasse, e com a Gestapo por ali, ninguém podia saber, nunca era tão seguro...

Murmurando uma desculpa por entre os dentes, Schmidt deixou a sala e saiu correndo com as pernas gordas e trêmulas para o seu próprio departamento. Em, uma questão de segundos, o depósito inteiro tinha sido vasculhado e as pessoas que trabalhavam com ele deixaram o que estavam fazendo antes para receber as novas ordens. Vinte minutos mais tarde, dois caminhões saíram do quartel, cheios de presunto e feijão. Foram depositados em um lugar seguro, com o número invertido de Schmidt, em um regimento de artilharia, e toda a operação custou a Schmidt, vários quilos de peso e dezenove caixas de champanha. As dezenove caixas de champanha cancelavam todo o lucro que ele teria com o presunto.

Nem todos no quartel sabiam que a Gestapo estivera lá. E mesmo entre aqueles que haviam ouvido rumores, nem todos entraram em pânico. Um certo Obergefreiter, que supostamente devia estar de sentinela nessa hora, falava amigavelmente com o chofer do Mercedes. Discutiam negócios juntos, e estavam fazendo isso desde que o Standartenführer entrara no edifício.

– Bom, vamos logo com isso! – apressou o chofer. – Quanto você quer pelos... – Deu uma olhada a volta com desconfiança e disse em voz baixa: – ...

por eles? – substituiu. Na manga direita, carregava uma braçadeira com as letras RSHA.

– Eles valem bastante – disse Porta. – Quanto você está preparado para me oferecer, acho que assim fica melhor.

O homem hesitou. Uma expressão maliciosa apareceu em seus olhos.

– Mil? – Enfiou a mão nos bolsos e tirou de lá um maço de notas.

Porta deu uma gargalhada em resposta.

– Você perdeu a noção das coisas? – disse em tom de zombaria. – O

que você pensa que esse lugar aqui é, uma instituição de caridade? Mil! Você deve estar brincando! – Empurrou o quepe para trás, segurou o rifle mais confortavelmente e enfiou as duas mãos nos bolsos. – Olha aqui, cara, ninguém está te forçando a comprar as mercadorias – disse suavemente. – Você não é obrigado a ficar com elas se não quiser. Só lhe ofereci porque achei que você parecia bem esperto para saber o que fazer com elas. Não adianta nada deixar um amador botar as mãos, ele não saberia como se livrar delas e então ia acabar colocando a gente em encrenca. Mas como achei que você era um cara que sabe como se virar...

– Olha aqui, eu podia conseguir essas malditas mercadorias de graça se quisesse de verdade! – O chofer virou-se e cuspiu com desdém na estatua para a memória dos mortos da Primeira Guerra Mundial.

– Ah, é mesmo? – debochou Porta. – Eu não nasci ontem, rapaz, e não adianta nada pensar que pode me passar a perna.

E como desforra, tirou uma das mãos do bolso, inclinou-se sobre o Mercedes e assoou com bastante força o nariz na bandeira da SS que pendia da capota do carro.

O homem da SS fingiu não ter visto. Simplesmente virou-se e cuspiu pela segunda vez no morto glorioso do 76º Regimento de Infantaria.

– Me parece – disse então – me parece que você não sabe quem eu sou ou para quem trabalho. – Encheu o peito ao pronunciar essa última frase. Seu rosto resplandecia de orgulho. – Foi o meu chefe que acabou de entrar lá. Foi falar com o seu comandante.

– E daí? – perguntou Porta friamente.

– E daí que você vai mudar um pouco a maneira de falar quando souber quem é ele. Aposto que vai ficar tão apavorado que vai me dar os seus preciosos cigarros de graça. – O homem da SS sorriu sem muito prazer e esticou mão direita, deixando a mostra as letras

RSHA em sua manga. – Posso ser comprado... – por um certo preço – admitiu. - Vamos dizer, doze cachimbos de ópio.

– Comprado? – Porta novamente se inclinou e cuspiu na bandeira da SS. – Por que diabos eu ia querer comprar um verme como você?

– Cala a boca, cara. Você não me compra; você compra o meu silêncio.

– Isso é uma piada! – Mais uma vez, Porta cuspiu. A bandeira com a suástica, flutuando tão bravamente há alguns instantes atrás, estava começando a pender sob o peso de tanta umidade. – Você pode ficar com o seu silêncio fodido! Você pensa que eu ligo a mínima para um merdinha como você?

A boca do homem da SS se torceu em um sorriso de desdém e auto-satisfação. Sentia-se muito seguro de si mesmo. Esticou a cabeça para fora do Mercedes.

– É melhor começar a ligar, é isso que tenho para lhe dizer; porque se não tomar cuidado é capaz de entrar em uma grande fria. Meu chefe não é nada mais nada menos do que o Standartenführer Paul Bielert!

Um tom de referência e orgulho tomou conta de sua voz ao pronunciar esse nome. Seus olhos reluziram com o fervor devoto de um missionário falando a um bando de bêbedos habituais sobre Deus.

Porta deu uns passos, aproximando-se bem do carro, e cuspiu de novo na bandeira.

– Eu estou me lixando para Paul Bielert! – declarou. – Paul Bielert que vá se foder! Que se dane!



O homem da SS apertou os olhos e olhou para Porta com estupefação;

– Como você ousa falar assim sobre o Standartenführer? – Balançou a cabeça perplexo. – Você deve ser totalmente maluco, um lunático declarado, você não pode sair por aí dizendo “que se foda Paul Bielert” e não pagar por isso! Bielert é o maior filho da puta de toda a Alemanha! Ele vai fazer suspensórios das suas tripas se ouvir isso. – Sua voz assumiu agora um tom de encantamento. – Até o SS Heinrich se caga todo quando ouve o nome de Bielert. Só um homem conseguiu fazer páreo com Bielert: O Gruppenführer Heydrich, e todo mundo sabe como *ele* é.

Porta apoiou-se contra o lado do carro e olhou para o extremado chofer.

– E quanto a você então? – perguntou em tom casual. – Se ele é tão mau assim como diz, você deve estar com um medo danado.

– Todo mundo está apavorado - respondeu o chofer – E você também estaria se tivesse um pouquinho de cabeça. E é bom lembrar uma coisa, cara, é muito bom ficar aqui fora xingando e se gabando, mas você não vai ficar assim tão confiante quando vier a hora!

– A hora? – disse Porta inocentemente. – Que hora?

– O dia do seu ajuste de contas, é isso, cara, o dia que você tiver que enfrentar o Standartenführer.

– E o que faz você pensar que isso vai acontecer?

– Eu não acho, eu sei, porque posso ir as autoridades a qualquer hora que eu quiser e botar para fora tudo sobre o seu tráfico de drogas. E quando você estiver em frente de Bielert, vai desejar nunca ter forçado tanto a sua sorte.

Não tem muito tempo ele executou nove homens, só por causa disso. Quando digo executou, significa cabeças cortadas, em cima do cepo. Nove de uma vez só. Nove cabeças rolando para a cesta! Estou te dizendo, cara, se você cair nas mãos dele, não tem chance nenhuma. Ele não corta a cabeça dos homens porque cometeram crimes; é porque isso o diverte!

– Porra – disse Porta com desdém – e isso é alguma coisa? Eu tive um Comandante uma vez que era praticamente um maníaco homicida. Lindenau, esse era o nome dele. Nós costumávamos chamar o coronel de Papai Lindenau, como um sinal de nossa afeição, – Porta sorriu, como se estivesse se deliciando com alguma lembrança particularmente agradável. – Foi queimado e virou cinzas em Kiev Pavlo. Eu vi. – Riu alto por alguns instantes, depois olhou novamente para o homem da SS. – Te garanto, cara, Bielert ainda é um bebê de colo comparado com Papai Lindenau.

– Como você sabe? – perguntou o homem com ciúmes. – Você nunca

teve nada a ver com o Standartenführer.

– É isso que você pensa. Você vai ficar surpreso quando souber as pessoas com quem tive negócios em minha vida, as pessoas com quem mantenho relações pessoais.

– Relações pessoais? – O chofer franziu a testa. – O que você quer dizer com isso?

– As pessoas em minha posição – disse Porta com dignidade – têm negócios tanto com pessoas de cima como com as de baixo. E quando a gente tem negócios com as pessoas, a gente acaba tendo relações pessoais com essas

.

peessoas, a gente tem que fazer isso, porque senão não poderíamos ter negócios, não é verdade? A gente sabe muito sobre eles e eles sobre nós. Assim: eu ofereço alguma coisa a você e você compra, então a gente pode dizer que tivemos uma relação pessoal um com o outro, se é que você saca o que eu digo, O chofer ficou em silêncio por uns momentos, relutando em acreditar no que Porta estava dizendo, entretanto sem poder desmentir tudo diretamente.

Porta fechou um olho, fez uma pontaria cuidadosa e talvez pela décima vez acertou em cheio. O chofer esticou-se mais ainda para fora da janela e olhou com olhar acusador para a capota do carro.

– Vê se guarda seus cuspes para você! – berrou. – Olha só para a bandeira! Esta. arruinada!

– Pois é, cara – disse Porta com um sorriso. – Parece que saiu de um temporal.

Vermelho de raiva, o chofer andou apressado até a frente do carro e tentou sem sucesso secar a bandeira na manga da camisa.

– Se você fizer isso de novo – falou para Porta, voltando para o carro –

vai ter problemas.

– Você acha que eu me incomodo? – perguntou Porta indiferente.

O homem da SS bateu com força a porta do carro, colocando a cabeça para fora da janela, olhando com suspeita para Porta.

– Você teve mesmo negócios com o Standartenführer?

– Nem queira saber.

– Eu estou perguntando, teve?

– E você acha que eu ia contar? Por que você não tenta correr para ele como falou e contar aquelas histórias? Você vai logo descobrir se eu tive negócios com ele ou não; mas vou lhe prevenir – Porta curvou-se e colocou o rosto bem junto ao do chofer – não te aconselho a tentar a não ser que queira passar um bom tempo em Torgau.

– Quem foi que falou em Torgau? – o chofer recuou a cabeça e olhou para Porta com uma inocência tocante. – Quem foi que falou em sair correndo para falar com o Standartenführer?

– Foi você. Agora mesmo. Lembra?

– Esquece. – O chofer deu de ombros. – A gente diz essas coisas, é tudo um monte de merda. Eu não queria dizer nada com isso, mesmo. – Tentou

.

dar uma risada. – Pensei que você fosse me contar sobre o seu velho Comandante, Papai Lindenau, que morreu queimado em Kiev Pavlo.

– E os cigarros?

– Vou ficar com eles, não se preocupe. Vou ficar! – disse o chofer com determinação. – Dá o seu prego, e eu vou lhe dar o nome de um lugar que eu sei que é seguro.

– Que tipo de lugar?

– Um lugar de muita classe. Um estabelecimento muito superior. – O chofer fechou um olho. – Pode acreditar em mim, é muito melhor do que os comuns.

– Born, posso pensar nisso – disse Porta suavemente. – Mas não se fala mais em correr para o Bielert, hem? Homens de nada como você não deviam se misturar com esse tipo de pessoa. Você não sabe em que coisa está se metendo. Agora, veja eu, por exemplo – empinou o peito – você não vai para um regimento disciplinar por nada, rapaz. Vocês aí da SS têm tudo muito fácil.

Ficam muito moles. Não me convenci de estar agindo certo quando te ofereço o troço. Como posso saber que você não vai dar com a língua nos dentes? Mas se você fizer isso, pode gravar as minhas palavras, o seu amigo Bielert não vai gostar nada. Ele é um profissional, eu te garanto. Mas você – Porta fez uma careta – você é apenas um amador. Vê lá se não vai perder o controle no último minuto e nós vamos ficar em péssima situação!

– Eu nunca fiz isso antes! – protestou indignado o homem.

– É, mas essa mercadoria aqui é quente. Nunca te vendi coisa assim antes.

O chofer lambeu os lábios.

– Olha, eu te dou três mil em vez de mil, e vou incluir uma caixa de leite em pó. Que tal?

– De onde é que vem esse leite em pó?

– Da Dinamarca – disse o homem orgulhosamente. – Roubei da Organização Todt de lá.

– É seguro?

– Se é! E vou te dar aquele endereço que prometi. Não posso oferecer nada mais justo agora, não é?

Porta pareceu refletir por uns instantes. Coçou um braço, empurrou o capacete da parte de detrás da cabeça para frente. Pensativamente, sugou um dos seus dentes restantes.

O homem da SS, agora desejando o ópio mais do que tudo no mundo, começou a ficar desesperado.

– Acabei de me lembrar de mais uma coisa – falou. – Tenho um montão de fotos que você pode ficar também, se quiser.

– Fotos? – disse Porta com desdém. – Pra que eu ia querer fotos?

– Elas valem a pena – disse o chofer, com uma piscadela maliciosa.

Dou a minha palavra. – Fez uns gestos levemente obscenos com as mãos. – Não são fotografias comuns, acredite. São verdadeiras fotos de arte, cara. Tudo que a gente já sonhou. Para todos os gostos. O suficiente para fazer um macaco castrado bater bronha.

– Não conheço nenhum macaco castrado – objetou Porta; entretanto parecia bem tentado pela ideia. – Onde estão as fotos?

– Elas estão comigo. – O chofer deu um sorriso capcioso. – Não são o tipo de coisa que a gente pode deixar solta por aí.

– Vamos dar uma olhada.

Porta estendeu a mão suja, que o chofer ignorou com uma bronca:

– Que diabo! Você pensa que eu nasci ontem?

– Está bom. Você sabe muito bem o que pode fazer com as suas fotos!

– Porta puxou a mão, pendurou o fuzil no ombro e preparou-se para partir.

O chofer imediatamente curvou-se para fora do carro e agarrou-lhe o braço:

– Por que tanta pressa? A gente pode chegar a um acordo.

Os dois se olharam, cheios de cautela.

– Deixa eu ver as fotos.

– Eu seguro as fotos e deixo você dar uma olhada. De longe –  
contemporizou o chofer.

– Sabe de uma coisa? – disse Porta insolentemente. – Eu podia vender a coisa em outro lugar por três vezes mais do que você está me oferecendo.

Estou-lhe deixando ter a primeira opção porque tenho a impressão engraçada de que você é capaz de se tornar um de nós muito cedo.

– Um de vocês? – O chofer lançou-lhe um rápido olhar de alarme. –  
O

que você quer dizer com “um de nós”?

– Da nossa unidade. Veja o troço dessa maneira, você já botou as suas mãos sujas em muitos cachimbos para se safar dessa. Você não é muito esperto.

Mais cedo ou mais tarde eles vão te pegar, e da maneira que você está fazendo a coisa não vai demorar muito. E quando isso acontecer, cara, acho que vamos ter o prazer de sua companhia,

marchando ao nosso lado, escondendo-se nas trincheiras conosco. E aí então você vai saber que chegou de verdade. Depois uma pequena estada em Torgau, é claro.

– Ah? Você acha mesmo? Pois é aí que você se engana, cara. Se chegar o dia que eles vão me tirar da SS e me mandar para um regimento disciplinar, não vai ser para a sua insignificante unidade, mas para a cavalaria.

Eles tem um grupo próprio, e é para lá que eu vou ser mandado.

– Ah, agora você está falando do 37º de Uhlans – comentou Porta. – O

único problema é que você está atrasado. Eles não existem mais. A 49ª Divisão de Kalmykrytter fez deles picadinho há algum tempo atrás. Só dez sobreviveram e eles não se incomodaram de reformar o regimento, portanto, homem, você está sem sorte.

O chofer encarou Porta, os olhos quase saltando das órbitas.

– Isso é verdade?

– E eu digo mentira?

Houve um longo silêncio. Porta estava de pé, ao lado do carro, despreocupadamente limpando as unhas.

– Se eu... se eu for para vocês então – perguntou

o chofer, finalmente. – Como você acha que vou me sair?

– E difícil dizer – falou Porta, meneando os ombros. – Alguns duram, outros não. Uns descem, outros sobem.

– Vocês tem algum corneteiro na companhia?



– Você gostaria de ser um corneteiro, hem? – Porta deu uma olhada para o rapaz e sorriu. – Isso já é uma mudança e tanto, não? Há alguns minutos atrás você nem ao menos olharia para nós. Não está tão convencido agora, hem?

– Eu nunca fui convencido – protestou o chofer veementemente. – Não sou bobo a esse ponto. Nunca é bom a gente estar muito certo de alguma coisa nesse mundo horrível. Todo mundo sabe que não se pode durar muito sob as ordens do Standartenführer. Acho que eu tenho uma boa chance com vocês.

Vamos dizer que eles me mandem para a sua unidade, tem alguma coisa

.

que você pode fazer por mim?

– Ajudar você? – perguntou Porta, imediatamente enchendo-se de suspeitas.

– A ser o corneteiro. Espere um pouco, vou te mostrar.

– Enfiou a mão no porta-luvas e tirou de lá um trompete, limpo e reluzente, e com a fita dourada da cavalaria.

– Olhe aqui – apontou para quatro rosetas grudadas no instrumento.

–

Tá vendo isso? Ganhei em competições. Já toquei esse troço em todos os lugares. Toquei uma vez em um dos rega-bofes de Adolf, quando todos os figurões vão comer com ele. Toquei para o velho rei Carol, toquei também em 1938 quando Chamberlain veio e fizeram a cabeça dele. Saiu até uma foto minha nos jornais ingleses. Com nome e tudo. As pessoas prestaram mais atenção em mim do que em Adolf e Chamberlain.

– Não é surpresa – disse Porta secamente. – Quem ia querer ouvir aqueles dois palhaços falando idiotices?

– Olha aqui, se você não acredita em mim...

– Eu acredito em você, pelo amor de Deus! – Porta empurrou com raiva o trompete quando o homem levantou-o para levá-lo a boca. – Não toca esse maldito instrumento, cara, senão todo esse quartel filho da puta vai sair correndo para dar uma olhada!

– Eu só queria te mostrar...

– Pois deixe isso para lá. Espere até acontecer e eu vou ver o que posso fazer.

– Você vai falar com o seu Comandante sobre mim?

– Olha aqui – disse Porta. – Você não entendeu nada. Eu não preciso falar com ele. Sou eu que praticamente mando na companhia. Estou dizendo que você vai ser o corneteiro e você vai ser o ponto final.

O chofer olhou para ele em dúvida, e Porta passou-lhe o braço amigavelmente pelos ombros.

– Vá até o Bernard Beberrão uma hora dessas e leva a sua corneta.

Mostra pra gente o que você é capaz de fazer.

– E os cigarros?

– Eu é que pergunto: e os cigarros? Vai querer ou não?

– Claro que quero, é só uma questão de preço. Se você ficasse com as fotos, juro que não ia se arrepender. Vou repetir: você não vai encontrar nada

.

parecido com o que tenho. Valem doze cachimbos de ópio sozinhas. Olha... dá uma olhada.

Pegou então uma pequena pasta de seu bolso e selecionou uma fotografia. Porta olhou para ela friamente, aparentemente sem se impressionar.

Apenas o brilho de seus olhos pequenos traia a sua vontade de pegá-la, o que não passou despercebido ao chofer. Matreiramente, guardou a fotografia e segurou outra mostrando uma cena de tamanha sacanagem que Porta foi apanhado de surpresa. Incapaz de se conter por mais tempo, esticou a mão para pegá-la. O homem da SS sorriu e tirou-a de seu alcance.

– Nada mau, hem? E essa é uma das mais suaves, espera só até ver as outras! – Lambeu os lábios e piscou para Porta. – Vai te dar sonhos bem molhados por um mês ou mais!

Porta procurou em vão a sua perdida dignidade. Deu um passo atrás e fungou:

– Posso arranjar muito disso e de verdade! – falou. – Pra que quero fotografias?

– Espera até eles te mandarem para as trincheiras. Aposto que lá não é tão fácil.

– Há muitas maneiras – disse Porta secamente.

– É mesmo? Se é assim que você pensa... – O homem da SS folheou rapidamente as fotografias, parando uma vez ou outra em uma que chamava a sua atenção em especial, excitando Porta ainda mais com um risinho ou então esticando o lábio. – Olha, você está deixando escapar um bom investimento.

Pensei que você fosse um pouco mais esperto, afinal de contas, quando você ficar cansado de olhar para elas, sempre pode fazer

negócio com um outro grupo de fotos ou então passá-las para uma outra pessoa por um bom preço.

Mas se elas não fizeram nada com você, ficamos por aqui...

– Espere um pouco – Porta esticou a mão. – Deixa eu dar uma olhada rápida, ter certeza de que são genuínas e tudo que você diz que elas são. Já fui enganado assim uma vez e isso não vai acontecer de novo.

– Como?

– Um filho da puta qualquer me vendeu 35 fotos. Ele me mostrou quatro e eu fui muito louco e acreditei na palavra dele em relação as outras.

Quando cheguei em casa e olhei, descobri que tinha sido enganado, as outras eram todas fotografias de cenários horríveis, edifícios e outros bichos. Passei oito dias procurando por aquele sem-vergonha. Cheguei até a prometer umas garrafas de vodca para o Miúdo se ele pegasse o cara para mim. Mas vou botar as mãos nele um dia, tenho certeza. Nunca me esqueço da cara de ninguém. E

quando eu agarrar... – Curvou-se na direção da janela do carro, e rapidamente apareceu com uma faca na mão; fez um movimento brusco com ela no ar, a apenas alguns centímetros do rosto do chofer. – Ele não vai viver mais para vender nenhuma foto suja, isso eu lhe prometo.

– Já sei – disse o chofer, tremendo o lábio superior. – Não precisa demonstrar.

– É que pensei que você ia gostar de saber.

– Você não está pensando que eu ia ser tão idiota assim de tentar a mesma coisa com você, né? Não com um amigo. Não com alguém como você.

– E por que não? – falou Porta. – Se fosse eu, tentava o truque com você, se achasse que ia me dar bem. Tentava com qualquer pessoa que eu achasse que era bastante idiota para cair. E você e eu, Xará, nós somos irmãos de sangue. O que eu podia fazer, você também ia fazer, e sabemos muito bem disso. Por isso, sabe, vamos dar uma olhada nas fotos antes de decidir qualquer coisa.

– Bom, cara, eu não... – o chofer, pensativamente, mexia no lóbulo da orelha com a chave de ignição. – Vamos fazer um negócio: eu deixo você dar uma olhadinha nas fotos e você me deixa ficar com um cigarro enquanto olha.

Só para segurar, como medida de segurança.

A troca foi feita. Porta mal pode segurar as fotos tempo suficiente para ver. O chofer ficou segurando o cigarro de ópio, olhando o rosto de Porta mudar de expressão enquanto seus olhos pequenos admiravam cada foto de sacanagem.

– Gosta? – perguntou casualmente o chofer.

Porta engoliu em seco algumas vezes, pigarreou, fez uma tentativa de falar em tom normal:

– Nada mau – concordou. – Algumas delas são muito excitantes. Acho que vou poder alugar as fotos – disse de má vontade – quando já tiver cansado delas. O Miúdo é bobo demais a ponto de me dar o pagamento de um ano só para pegar nelas uns instantes. Está certo, negócio fechado.

Os últimos onze cigarros foram entregues. Porta colocou as fotografias no bolso e o chofer estendeu-lhe três maços de notas, presos por uma tira. Porta ficou impassível, contando-as.

O chofer cheirou os cigarros de ópio. Eram firmes e bem feitos, os melhores que vira nesses últimos tempos. Ficou pensando se valeria

o trabalho e o dinheiro embriagar Porta um dia e tentar descobrir onde ele conseguia os cigarros...

– Eí, espere aí – disse Porta. – Está faltando cem marcos.

– Não pode ser. Tem mil em cada mago, eu mesmo contei.

– Pois então conte de novo. O chofer contou. Três vezes. Faltavam cem marcos. Balançou a cabeça perplexo, porém a necessidade do ópio era grande e ele não tinha nenhuma intenção de perder a chance por causa de cem marcos. Pegou mais uma nota.

– Agora melhorou. – Porta passou um elástico por volta dos três magos e guardou-os no bolso. – E não se esqueça daquele endereço que você me prometeu.

– Vou te dar agora mesmo. E perto de Alster. Uma casa branca com telhado preto, não tem como errar. – Rabiscou qualquer coisa num pedaço de papel e deu a Porta. – É um lugar meio estranho, antigamente pertencia a uns chineses.

– E eles deixaram alguma das mulhas deles por lá? Bem que eu queria dar uma bicadinha numa “Perseguida do Oriente”. Dizem – comentou Porta casualmente – que as chinas podem fazer até de cabeça para baixo.

– Não sei nada disso, mas você vai ter o seu dinheiro certinho. Diz pra eles que é da parte do Rudolf. Rudolf Kleber. Eles me conhecem. Eles... –

Interrompeu a frase, empertigando-se rapidamente. – Cuidado, o homem está voltando!

Em fração de segundos, Rudolf transformou-se no perfeito chofer, sentado reto e pacientemente atrás do volante, os cigarros de ópio desaparecidos em um bolso falso com um rápido movimento de mão.

Porta deu um passo atrás e voltou a posição de guarda.

Parecia que estivera assim, sem se mover, por cem anos. Apenas os olhos rodavam de um lado para o outro, observando os três homens que saíam do edifício. Paul Bielert, vestido de preto dos pés a cabeça; o Unterscharführer, com a mão no revolver; e o tenente Ohlsen entre eles. Entraram no carro e o Mercedes cinza, baixo e comprido, saiu majestosamente do quartel.

Porta viu-o desaparecer. Perguntou-se por instantes para onde estariam levando o tenente e por que. porém tinha negócios mais importantes para resolver e logo abandonou o posto, deixou o quartel entregue a si mesmo, e dirigiu-se para as garagens. Lá, agachado atrás de uma pilha de tambores de óleo, olhou satisfeito para as suas muambas. Olhou as fotos, estudando cada uma detalhadamente e cheio de volúpia, até que a excitação tornou-se insuportável e ele teve que guardá-las para uma ocasião mais adequada. Pegou o maço de notas e contou-as de novo. Depois, de um outro bolso, tirou uma nota de cem marcos. Com um sorriso de satisfação, colocou-a junto das outras e prendeu-as com o elástico., Isso ia ensinar aquele idiota do Kleber a ficar de olhos abertos.

Mais tarde um pouco, achou que era hora de voltar para o posto, onde encontrou Heide esperando por ele.

– Por onde você andava? – perguntou bruscamente.

– Miúdo já veio aqui duas vezes e não achou você!

– Te manda, cara – disse Porta, com sua habitual afabilidade. – Você me cansa. Tinha coisas mais importantes pra fazer do que ficar brincando de soldado.

– Cala essa boca! – gritou Heide. - Você devia estar de serviço aqui e vai ficar de guarda! Você recebe ordens de mim, não é você que me dá ordens aqui!

– Quem falou?

– Eu! – gritou Heide. Parou e respirou fundo. – Talvez você não tenha sabido, mas tivemos a Gestapo hoje.

Eles correram tudo por aqui. Procurando por você, não duvido nada.

Sempre falei que você ia acabar com uma corda no pescoço.

– Ainda não foi dessa vez, cara. Já vieram e já foram, e não era atrás de mim que eles estavam.

– Bom, de qualquer forma – disse Heide mal-humorado – estou mais do que cansado de ter que cobrir você.

Da próxima vez que isso acontecer, você vai aguentar as consequências e pode até acabar com a corda no pescoço pelo que me cabe.

– Está bom. Serve. Posso tomar conta de mim mesmo.

.

Despreocupadamente, Porta enfiou a mão no bolso e de lá tirou as fotografias.

Começou a estudá-las assim como quem não quer nada. Folheou-as rápido o suficiente para aguçar o apetite de Heide; e devagar o bastante para que ele pudesse ter uma visão delas, Heide esqueceu momentaneamente sua queixa.

Esticou o pescoço por cima do ombro de Porta?

– Onde é que você conseguiu isso?

– Calma, calma – disse Porta, imediatamente arrumando as fotos e tirando-as de vista. Apoiou o dedo do lado do seu nariz disforme. – Não e da sua conta.



– Vamos dar uma olhada – disse Heide, respirando avidamente junto ao pescoço de Porta.

– Com muito prazer. Pode ficar com elas por uma hora, se quiser.

Heide esticou imediatamente a mão, o rosto ganhando cor imediatamente. Porta mais uma vez folheou casualmente as fotos:

– Sensacionais, não são? Dá uma olhada só para esses peitos...

– Cara, vamos lá, vamos dar uma olhada nelas então!

– E olha – disse Porta, ponderando – vai ser uma perda de tempo, a menos que você possa aproveitá-las adequadamente. Se eu fosse você, levava todas para o banheiro e me trancava lá por umas duas horas. Assim, você vai...

– Quanto você quer por elas? – Heide agora já estava começando a suar.

– Nada. Elas não estão a venda. Eu consegui e pronto.

– Bom, então, o que... o que você... – A boca de Heide estava tremendo tanto que mal podia falar.

– Posso te alugar as fotos, se você quiser. Cem marcos por hora todas elas, cinco marcos cada uma, se for separado.

– Você está maluco? – Heide já estava novamente com o controle da palavra. – Cem marcos a hora para olhar um bando de putas raquíticas? Você deve estar me gozando!

Porta deu de ombros e guardou as fotografias dentro da caixa de sua máscara contra gases:

– Ou pega ou deixa, xará. Ninguém está te forçando. Saiu andando de novo, deixando Heide a suar indecisamente de desejo e

indignação. Não demorou e Heide estava junto dele, falando acaloradamente em seus ouvidos.

– Me da elas aqui... Toma os cem marcos. Mas acho que você sabe, é

. m

roubo a luz do dia.

– Ora – falou Porta, encarando-o – se você é tão tarado que não pode ficar sem olhar para fotos de sacanagem, não tenho nada com isso, não é?

O rosto lívido de luxúria e queimando de vergonha, Heide agarrou as fotos, enfiou-as num dos bolsos e saiu andando sem dar uma palavra. No final de seu serviço de sentinela, desapareceu no banheiro e não foi mais visto por uma hora.

– Eles levaram o tenente Ohlsen – anunciou Barcelona, quando Porta voltou para a sala da guarda.

– E daí? - respondeu Porta. – Ele sabe se cuidar. Mas de que eles o acusam?

– Ninguém sabe, mas posso lhe dizer uma coisa... todo o pessoal aí das altas patentes está bastante eriçado.

– Grandes coisas isso vai adiantar.

– O velho Hinka está puto de raiva e o ajudante de ordens apalermado.

Segundo o Feldwebel Grün, não vamos mais ver o Ohlsen por aqui de novo.

Parece que vamos ter um novo Comandante muito breve.

– É claro que é um problema sério – disse o Legionário, que acabara de entrar e ouvira as nossas últimas observações. – Vi os homens quando estavam indo embora. Um, Mercedes da SS com a Titia Bielert atrás. E, vocês sabem muito bem o que isso significa: Seção IV/2A. Eles só cuidam de coisas grandes lá.

– O que ele pode ter feito? – perguntei.

– Problema com oficiais estúpidos. – Porta deu de ombros, com ar de indiferença. – Nunca sabem quando parar de falar... blá, blá, blá aqui, ali e em todos os lugares e qualquer pessoa podia estar ouvindo. Mas eles gostam tanto de ouvir a própria voz, que não se incomodam se as pessoas estão ouvindo. Eles gostam que, as pessoas ouçam. Droga, as vezes eles falam tão alto que a gente não pode deixar de ouvir. E então eles sentam em suas bundas largas, com os peitos cobertos de pedaços de lata, e pensam que estão seguros e que ninguém pode tocar neles, só porque são uns filhos da puta de uns oficiais; parece que não percebem que quando é para lidar com pessoas como Bielert a gente pode ser um soldado raso ou um oficial, que não faz a menor diferença.

– Aposto o que quiserem contra um monte de merda – disse Steiner –

que não vamos ver Ohlsen de novo.

– Isso é claro – concordou o Legionário.

Miúdo de repente apareceu na sala, fazendo mais barulho do que o normal e visivelmente louco por uma briga.

Jogou o fuzil num canto, deixou o capacete cair no pé de Barcelona e cuspiu, ao passar, na xícara de alguém.

– O que é que te deu, cara? – perguntou Barcelona, chutando o capacete para o outro lado da sala.

– Vou te dizer o que me deu! – Miúdo rugiu, como um búfalo em agonia. – Passei todo o tempo do meu serviço cantando uma mulher junto a cerca eletrificada.

– O que você estava fazendo junto a cerca eletrificada? – perguntou o Velho, desconfiado.

– Cantando a garota, já disse, eu...

– Você não tem direito de estar lá – objetou o Velho.

– Merda, eu estava, e pronto! – respondeu Miúdo.

– E o que aconteceu? – perguntei. – Ela não topou?

– Ah, ela ia topar, tudo bem – disse Miúdo amargamente. – O único problema é que, um pouco antes de começar, tive uma vontade danada de mijar...

– E aí?

– E aí eu mijei... – Voltou-se e estendeu a mão num gesto de súplica. –

Vocês já mijaram em uma cerca eletrificada?

Uma explosão de gargalhadas se ouviu. Miúdo fez uma careta e falou zangado:

– Vocês acham engraçado! Quase me queimei e virei cinza, e ela lá em pé, rindo de mim, com as calças na mão, zombando, e eu tentando parar de mijar e não conseguindo, meu Deus do céu! – Deu um murro na mesa, furioso com a injustiça daquilo tudo. – Uma mulher prontinha e esperando para ser comida e eu em pé lá, mijando sem parar!

– Frustrante – comentou Porta. – Aceite minhas condolências. Sei o que é isso, já aconteceu comigo. Não por causa de uma cerca

eletrificada, claro, não sou tão bobo, mas a mesma situação...

– E agora to eu aqui de pau duro... urrou Miúdo.

– Mas eu tenho o que você precisa agora – disse Porta para ele, com um piscar de olho – Uma coleção de fotografias, todas genuínas, únicas, melhores do que as melhores que você já viu. Posso deixar você ficar com elas por uma hora por cem marcos. Assim que o Heide acabe. O que você acha?

– Posso ficar com elas a crédito? – perguntou Miúdo, esquecendo-se logo de sua raiva.

– Crédito? – Porta encarou-o. – Crédito? – repetiu, subindo de tom, horrorizado. – O que você acha que eu tenho, uma. casa de caridade ou coisa assim?

– Está bem, está bem – disse Miúdo apressadamente. – Não precisa se exaltar. Cem marcos, né?

– Cem marcos – confirmou Porta.

– Topo! – Miúdo dirigiu-se para a porta. – Vou apanhar o dinheiro.

Mas não deixa ninguém pegar antes de eu voltar.

– Quem sabe eu não poderia tirar umas copias... – pensou alto Porta, voltando para a cadeira. – Assim eu podia emprestar para todo o pessoal do quartel...

*– Deixa eu ver – disse o Legionário. – Eu tinha 19 anos quando vi a primeira execução. Foi em Casablanca, me lembro bem. Um idiota que estava no exército há uns doze anos e de repente enlouqueceu. Botou na cabeça de sair galopando para Deus sabe onde. Pensou que podia desertar e se dar bem.*

*Claro que, desde então, já vi centenas de execuções, mas não sei porque a gente nunca consegue esquecer da primeira.*

*– Eu tinha só 18 anos – disse Barcelona. – Foi em Madri, quando eu estava com o Batalhão Thämann\* Tivemos que fuzilar um garoto mais ou menos da minha idade atrás do matadouro. Ele não tinha feito nada, pobre coitado. Tinha era um pai rico, só isso. Então, matamos ele. E, porra, que confusão que a gente fez! Nenhum treinamento, nenhuma experiência, estraçalhamos metade da cabeça dele!*

*– Eu, pessoalmente, nunca me preocupo muito com execuções – disse Heide, indiferentemente. – Não vejo diferença nenhuma entre matar um homem que está de pé contra um muro de tijolos e matar um homem escondido nas trincheiras. E tudo a mesma coisa, Guerra é guerra.*

---

*\* Batalhão alemão de voluntários comunistas.*

*– Você se lembra daquela vez que tivemos que matar aquela telefonista? – perguntou Miúdo, com a sua peculiar avidez pelo macabro. –*

*Aquilo foi uma verdadeira farsa, isso sim! Foi culpa do Sven. Dele e de Stege.*

*Quiseram agir como cavalheiras e evitar sofrimentos desnecessários, e enquanto eles estavam lá confabulando, ela deu no pé.*

*– Eu lembro disso! – Porta deu uma sonora gargalhada. – Tivemos que ir atrás dela pelo edifício e pelos malditos corredores...*

*– E o velho Gustav falando atrás de nós, dizendo para nós atirmos senão acabaríamos com os livros dele...*

– É isso mesmo, ela teve que ser executada direita, de acordo com o regulamento, ou então os papéis dele não ficariam em ordem.

– Tivemos que carregar a moça berrando, no fim...

– Ela era uma assassina – disse Heide friamente. – Vi a ficha dela no escritório de Hauptfeldwebel Dormn. Matou a melhor amiga.

– É, mas foi porque essa melhor amiga fisgou o noivo dela – objetei.

– Que noivo o que, cara! Ela dormiu umas vezes com ele e tirou dele o que conseguiu. Ele era muito rico, lembra?

– Na semana que vem vamos estar de serviço em Fuhlsbüttel - disse Steiner repentinamente. – Já consegui ficar doente. Falei com o Feldwebel na enfermaria. Está me custando dois maços de cigarros, mas acho que vale a pena; sei de fonte limpa. que eles tem cinco execuções marcadas para aquela semana.

– Não ligo a mínima – declarou Miúdo. – Desde que eles deem um dinheirinho extra para ficar lá, não me importa quantas execuções mandem fazer. Sabe como vejo as coisas? Se a gente não fizer, milhares de outros podem fazer.

– Exatamente – disse Heide. – E mesmo assim, somos soldados.

Fazemos o que mandam a gente fazer.

## **Capítulo VI**

Prisão preventiva

Nos escritórios da Gestapo, Stadthausbrücke nº 8, o tenente Ohlsen encontrava-se em frente a Paul Bielert na larga mesa.

O tenente Ohlsen segurava um documento. Bielert fumava

pensativamente um grande charuto. Com um sorriso nos lábios, e os olhos apertados, observava a fumaça encurvar-se e enrolar-se até o teto. Ohlsen era seu 123º preso daquela semana. O Gruppenführer Müller em Berlim não podia fazer outra coisa senão expressar sua satisfação com o trabalho de Bielert.

Embora, na verdade, Müller fosse um idiota e um canalha. Nem se comparava com o Obergruppenführer Heydrich.

Bielert mudou de posição levemente e pensou sobre Heydrich.

Aqueles idiotas o haviam assassinado. E, no entanto, era um dos melhores homens que já tinham tido. Um homem com que Bielert não se opusera a trabalhar. Inteligente, seguro e inescrupuloso. Um verdadeiro discípulo do diabo. Até o SS Heinrich pensara duas vezes antes de se meter com ele. E quem podia dizer, pensou Bielert, como sempre pensara antes, quem podia assegurar que Himmler e o próprio Führer não tivessem alguma coisa a ver com o seu assassinato? Apavorados com o fato de o homem estar ficando muito poderoso e, por isso, perigoso. Certamente o negócio fora conduzido de uma maneira bastante insatisfatória. Havia ainda muitas perguntas sem resposta para o gosto de Bielert.

Por que, por exemplo, nenhum dos assassinos de Heydrich sobrevivera para contar o que sabia? A ordem do SD Gruppenführer Nebe, que estava

.

encarregado da operação de limpeza, tornara bastante claro que a morte e não a captura era exigida: – “Não façam prisioneiros. Todos devem ser mortos, do jeito que puder ser, mesmo se isso quiser dizer violar a santidade de uma igreja, caso eles tentem refugiar-se em uma. Queimem a igreja, se necessário, mas não deixem ninguém escapar.”



O último dos assassinos tinha sido encontrado em Praga. Rendera-se sem resistir, e em vez de matarem-no no local, levaram-no de volta com eles.

Parecia disposto a falar, porém nunca teve chance. Fora executado no escritório de Nebe. De acordo com a versão oficial, fora suicídio, e a maioria das pessoas acreditara imediatamente nisso, Até os ingleses haviam engolido a história e divulgaram-na na BBC.

Bielert abriu uma gaveta em sua mesa e olhou para o revólver dentro dela. Era a pistola que usara para atirar no último dos assassinos no escritório de Nebe. Sentira-se bastante feliz na época por fazer isso, pensando apenas em vingança, porém agora às vezes se perguntava o que o homem poderia ter falado, caso tivesse tido a oportunidade.

Pouco depois do inquérito, Nebe fora removido do escritório. Ele tornara-se muito confiante e superzeloso após a morte de Heydrich e era evidentemente considerado um embaraço. A princípio, Bielert ficara um tanto confuso, porém a sua mente inteligente logo arrumara as peças do jogo e ele começara a se perguntar se não seria o próximo da lista. Imediatamente pedira transferência e fora mandado para Hamburgo.

Por meio de uma chamada represália ao assassinato de Heydrich, queimaram todo o vilarejo onde acontecera, próximo a Praga.\* Foi a Polícia Militar que efetuou a operação. Correu um boato de que a SS fora responsável por ela, porém, na verdade, não havia mais do que cinco homens da SS em toda a unidade de comando. A chacina fora do começo ao fim um trabalho dos PMs de Dresden e Leipzig.

Bielert sorriu suavemente para si próprio. Fora originalmente proposto que a Waffen SS deveria efetuar a operação, porém o Obergruppenführer Berger da SS opusera-se inteiramente a ideia, estabelecendo que seria prejudicial a atual campanha de recrutamento de voluntários na Boêmia

.

---

\* Lidice.

e Eslováquia. Ele provavelmente estava certo, em teoria. Na prática, conforme provaram os fatos, a campanha de recrutamento, mesmo assim, levou um golpe do qual nunca mais se recuperou.

A ideia de queimar o vilarejo viera do próprio Himmler, e parecia uma ideia excelente. Um ato tão terrível, em tal escala, deixaria o mundo inteiro de sobreaviso. Seria imediatamente entendido como sendo uma represália; um ato de vingança contra a resistência tcheca, que supostamente assassinara Heydrich. E em face de tal orgia de mortes, de fogo e tiros e força, tudo por causa da morte de um só homem, o povo certamente se voltaria e culparia o movimento de resistência por trazer tanto sofrimento para todos.

O único problema foi que os ingleses imediatamente encheram-se de suspeitas. Não ao perderam tempo e irradiaram seu ponto de vista sobre o acontecimento, com o resultado de que muitas centenas de voluntários da Boemia e da Tchecoslováquia imediatamente desertaram e uniram-se ao movimento de resistência em seguida, enquanto os escritórios de recrutamento \_ficaram repentinamente silenciosos e vazios. Heydrich fora exterminado, certamente, porém o resto do plano desviara-se do original. Podia-se até dizer, pensou Bielert, fechando a gaveta novamente, que o tiro saíra pela culatra.  
E

fora bem feito, aliás.

Voltou a atenção para o tenente Ohlsen, que franzia a sobrancelha a medida que lia a justificativa de sua prisão. Bielert recostou-se na cadeira e sorriu alegremente através de uma nuvem de fumaça de charuto. Era uma boa ideia, e era dele, dar ia esses tipos intelectuais a chance de se colocar a par de alguns fatos antes da entrevista

começar. Deixava-os perturbados, menos seguros de si e mais dispostos a abrir a boca e tentar falar para livrarem-se de tudo. Segundo a experiência de Bielert, quanto mais um homem falava, mais problema conseguia.

Esperou pacientemente. Ohlsen agora lia a justificativa pela terceira vez, percorrendo-a com cuidado e desespero, para certificar-se de que não perderia nada. Sempre faziam isso. Na primeira, liam apressadamente e não compreendiam bem; na segunda vez, iam mais devagar e percebiam alguns pontos essenciais, embora ainda desta vez suas mentes se recusassem a aceitar o duro fato da sua prisão; mas, na terceira vez, começavam a perder o controle e passavam então a ficar mais maleáveis. Por isso, Bielert recostou-se

.

e agora passava o tempo olhando para as unhas bem tratadas e saboreando o aroma de seu excelente charuto.

O tenente Ohlsen parecia não ser exceção A regra geral. Lia, o documento com dolorosa lentidão, ainda com tendência in incredulidade e, entretanto, com uma percepção cada, vez mais horrorizada que se espalhava por todo o seu corpo, fazendo as palmas de suas mãos suarem e os cabelos se eriçarem na nuca.

*Para o Presidente do tribunal Popular*

*Tribunal Popular, 7. J. 636/43 (52/43-693)*

*Hamburgo, 3 de abril, 1943*

*Stadthausbücke 8*

*Hamburgo 2*

**JUSTIFICATIVA DE PRISÃO**

*O tenente Viktor Ohlsen, nascido a 4 de abril de 1917, em Berlim-Dahlem, atualmente servindo com o 27º Regimento Blindado, deve ser detido pela Policia Secreta do Estado. O 27º Regimento Blindado está atualmente sediado em Hamburgo, no Quartel de Altona.*

*Um inquérito oficial deve ser levado a efeito sobre a conduta do mencionado Viktor Ohlsen. Ele é acusado de tentar perturbar a ordem pública, propagando alarma e depressão e encorajando atos de sabotagem e insurreição. Os fatos são os seguintes:*

*1) No dia 22 de janeiro de 1943, quando o regimento estava na frente oriental, o Acusado fez as seguintes declarações a um amigo oficial:*

*"Se quer saber minha opinião, o Terceiro Reich não vai ver nem o primeiro centenário, quanto mais o milênio. Todo mundo sabe que a guerra está quase perdida. Não vai demorar muito para que os ingleses e os americanos surjam pelos Bálcãs e a Itália e invadam a própria Alemanha, e então Adolf e seus companheiros podem pular em seus fornos e ficarem queimando até as cinzas, e quanto mais cedo melhor, pelo que sei."*

2) Na mesma data ou próxima a ela, o Acusado mostrou a um oficial subalterno propaganda russa incitando os soldados alemães a desertarem.

As ofensas cometidas violam os Parágrafos 5 e 91, Artigo 1 do Código Penal. A prisão e a investigação preliminar do Acusado serão efetuadas pela Policia do Estado, Stadthausbrücke 8, Hamburgo 2. A prisão e detenção do Acusado estão sujeitas a apelação ao Presidente do Tribunal.

(Assinado) Dr. Mickert

Presidente da Corte de Apelação.

O tenente Ohlsen chegou ao fim do documento pela terceira vez.

Colocou-o sobre a mesa e olhou para Paul Bielert com um gesto de resignação.

– Que esperam que eu diga?

– Isso, é claro, depende exclusivamente de sua decisão – disse suavemente, soprando uma vagarosa nuvem de fumaça. – Sou apenas a pessoa incumbida da investigação preliminar. Não sou eu que tenho que dizer o que você deve dizer. Entretanto, há um conselho que posso lhe dar. – Adiantou-se um pouco sobre a mesa, gesticulando para Ohlsen com o charuto. – Lembre-se sempre de que nós da Gestapo não somos nada tolos. Sabemos o que temos que fazer. Nunca prendemos ninguém sem boas razões e nunca cometemos erros.

Verificamos os fatos muito cuidadosamente antes mesmo de chegar ao ponto de trazer um suspeito para investigação. Num caso como o seu, portanto, só será pior se tentar negar qualquer uma das acusações, particularmente porque, em última análise, você vai acabar dizendo qualquer coisa que nós quisermos.

Sorriu e recostou-se novamente. Seus olhos brilharam com malevolência e prazer atrás dos óculos de lentes grossas.

– Se eu fosse você, não me preocuparia tanto com os detalhes. No final, isso se resolve facilmente em uma questão de escolher se vai sair daqui andando sozinho ou se vai sair carregado como um saco de batatas. Depende exclusivamente de você. Em qualquer um dos modos, não sairá antes de fazer uma confissão completa e satisfatória.

Segurou o charuto junto ao nariz uns instantes, movendo delicadamente as narinas diante do aroma. Olhou para Ohlsen e sorriu com benevolência.

– É claro que você pode tornar as coisas bem mais simples se decidir ser sensato. Se estiver disposto a fazer uma confissão completa,

economiza o seu tempo e o nosso. Não vamos ter o trabalho de passar por toda essa confusão. – Bateu desdenhosamente com um dedo sobre uma pilha de papéis que estava diante dele sobre a mesa. – E provavelmente ficara detido em Torgau não mais do que duas ou três semanas, o que acho que você concordara ser bastante razoável. Após Torgau, será mandado para um regimento disciplinar como soldado raso ou provavelmente colocado em uma FGA por alguns meses.

O tenente Ohlsen passou a mão pelo cabelo, até ele ficar todo em pé como uma escova. Porém, ao encontrar os olhos cinzas e brilhantes de Bielert, recusou-se a recuar.

– Tudo que você diz parece bastante honesto – falou. – Até, nessas circunstâncias, bastante tentador. Suponho que a maioria dos pobres idiotas que ficam sentados aqui nessa cadeira sejam crédulos o suficiente para acreditar em suas palavras. A única coisa, porém, é que já servi três anos em um regimento disciplinar e estou perfeitamente ciente do fato de que ninguém, repito, ninguém, sobreviveu a mais de dois meses em um FGA.

– Você está exagerando, é claro – disse Bielert tranquilamente. –

Conheço pessoalmente várias pessoas que passaram por essa experiência difícil e estão bem vivos hoje em dia, naturalmente são aqueles que foram sensatos e cooperaram, posso garantir. Mas qualquer pessoa que está disposta a ser razoável é sempre tratado honestamente. E para ser franco, tenente, não acho que o senhor tenha qualquer chance nesse assunto. Devido inteiramente a sua falta de discricção, você conseguiu chegar a situação em que está agora, então por que não confessar os seus crimes e terminar com tudo? Tenho, posso assegurar-lhe, prova suficiente contra você para mandar executá-lo se não quiser cooperar conosco. – Segurou ia caneta e apontou-a para o tenente. –

Quando digo executado, quero dizer... executado mesmo. Decapitado. Você já viu alguém ser decapitado, tenente? Não é uma experiência muito salutar, mesmo para as pessoas que assistem. De qualquer forma, é essa a posição em que você se encontra e a decisão é sua. Mas decida o, que decidir, não subestime a Gestapo. Não estou exagerando ao lhe dizer que os nossos serviços de informação são tão eficientes que sabemos até o que as pessoas

falam em sonhos e meus homens estão em toda parte. E não hesito em dizer que eles são bastante inescrupulosos. Não importo quem sejam eles, ou de onde vieram, se são generais ou prostitutas, sei os encontrei em jantares ou no banheiro de algum boteco fedorento, desde que façam o trabalho, é tudo que peço. Se me sentisse inclinado a isso, tenente, não levaria mais do que duas semanas para ter toda a história da sua vida desde o momento de seu nascimento, descendo aos mais minuciosos detalhes que você mesmo provavelmente nunca, soube. Ouso dizer, poderia descobrir até a cor da primeira chupeta que você usou.

O tenente Ohlsen ia interromper, porém Bielert levantou a mãe, impedindo-o.

– Um minuto só antes de você poder falar. Você terá o tempo do mundo muito breve. Deixe-me primeiro contar-lhe alguns fatos mais importantes que tenho. Sabemos, para começar, que você frequentemente falou a seus homens de traição, sabotagem e deserção. Tratou o nome do Führer com desrespeito e leu e discutiu literatura proibida, em particular, *Nada de Novo no Front*, \* do qual você frequentemente citou longas passagens. Tudor isso é violação direta do Parágrafo 91. E mais, sua esposa está pronta a fazer declarações quanto a outros atos seus de traição, e temos muito mais contra você, tenente, não é. por que lutar contra, nós. Por que não pega a caneta e faz uma confissão completa? Poderíamos assim terminar logo todo esse negócio maçante. Você pode esfriar um

pouco na cela por uma semana ou duas, e então imagino que a sua sentença será de seis a oito semanas em Torgau. Depois dela, como falei, um regimento disciplinar. Desligado da, sua patente, é claro, porém um homem muito mais sábio. – Sorriu. – Aí o senhor aprendera a não falar demais no futuro.

– Tudo parece bastante razoável – murmurou Ohlsen. – Apenas uma coisa me preocupa: que garantia tenho de que tudo vai acontecer conforme você prometeu? Já ouvi falar de pessoas que foram executadas por crimes muito menores dos que os que supõem que eu cometi:

– Contam-se muitas histórias por aí – disse Bielert indiferentemente.  
–

Da mesma forma que as pessoas devem evitar falar muito, devem também evitar ouvir demais.

---

\* Romance antimilitarista, verdadeira obra-prima, sobre a Primeira Guerra Mundial, do escritor alemão Erich Maria Remarque.

Quanto a garantia, claro, receio não ser possível. Conforme verá, não sou a última pessoa que irá julgar o seu caso. Entretanto, pode ficar certo de que tenho muita experiência em casos como o seu, e sei do que estou falando.

Qualquer sentença que seja dada tem que passar por mim para confirmação, e posso modificá-la conforme quiser. Se achar que um juiz foi muito condescendente, tenho o poder de mandar tanto ele quanto o acusado para um campo de segurança. Posso igualmente, se quiser, rasgar uma ordem de execução e mandar soltar o prisioneiro imediatamente. Tudo recai nessa questão de vontade de cooperar. Estamos sempre alertas para novos talentos e estamos sempre desejosos de pessoas que queiram colaborar conosco... Você, por exemplo, poderia fazer a nós dois um bem se escolhesse



trabalhar para mim. Eu estaria bastante interessado em saber alguns detalhes sobre o seu comandante, o coronel Hinka. E também, você tem um capitão de cavalaria chamado Brockmann em seu regimento. Tenho um interesse muito especial no capitão Brockmann. Vou ser honesto com você, tenente: teria um grande prazer de ver a cabeça do capitão Brockmann arrancada de seu pescoço. Entretanto –

sentou-se reto na cadeira e ajeitou os ombros estreitos – vamos colocar os seus negócios em ordem para começar. Faça a sua confissão, pague seu tempo em Torgau, e posso prometer-lhe que dentro de três semanas vou mandar uma ordem para a sua readmissão imediata em sua companhia, com a sua patente atual de tenente. Tudo vai parecer bastante normal para seus colegas, e uma vez de Volta, pode rapidamente provar a mim que se arrependeu de seus erros passados. Não é, claro, que a gente force pessoas a colaborarem conosco contra a vontade. A decisão é inteiramente sua.

– Está tudo muito bem – disse o tenente Ohlsen, com um sorriso cínico

– mas há uma imperfeição em tudo isso. Em primeiro lugar, nego todas as acusações feitas a mim.

Bielert suspirou.

– Ah, tenente. Pensei que você fosse mais inteligente para não ficar batendo a cabeça contra paredes. E totalmente irrelevante se você nega ou não as acusações. Por sinal você próprio é irrelevante. Não tenho nada em particular contra a sua pessoa, foi mais um acaso do que qualquer outra coisa o fato de você ser o escolhido. Poderia ter sido qualquer membro de sua família. Podia, se desejasse, ter prendido todos eles, mas não desejo todos em sua família,

.

quero apenas um, um membro de cada família na Alemanha. É isso que preciso ter.

– Receio não estar compreendendo – disse o tenente Ohlsen, empertigando-se. – O que o meu comportamento alegado por vocês tem a ver com minha família?

Bielert jogou a guimba do charuto negligentemente pela janela aberta e mexeu em alguns papéis sobre a mesa.

– Nada – respondeu. – Nada mesmo. O que estou tentando colocar é que poderia também ter sido seu pai, ou sua irmã, ou seu irmão, foi um mero acaso você ter sido o escolhido. – Olhou para Ohlsen com um sorriso cordial. –

Podíamos ter prendido o seu pai.

– Baseados em que? – perguntou Ohlsen friamente.

Bielert deu uma olhada nos papéis que tinha diante de si.

– Vinte e seis de abril, 1941 – leu com voz firme. – Pouco depois das onze ele discutia política com dois amigos. Durante a conversa, fez as seguintes declarações: primeiro, que não mais acreditava na possibilidade de uma vitória nazista; segundo, que considerava o Estado um ídolo de barro. Isto pode não lhe parecer um crime muito grave, tenente, mas você talvez ficasse surpreso com o que poderíamos fazer se o escolhêssemos! E tem, é claro – puxou uma outra folha – seu irmão Hugo. Está servindo atualmente no 31º Regimento Blindado em Bamberg. Temos informações sobre ele também. Sabe-se que ele em varias ocasiões fez comentários muito curiosos sobre o homem que comanda o Terceiro Reich. Podíamos certamente convidá-lo a vir aqui para uma conversinha. E tem ainda sua irmã. – Selecionou uma terceira folha de papel e correu um dedo por ela.

- Aqui... enfermeira num hospital da Aeronáutica na Itália. Em setembro de 1941 estava num navio-hospital em Nápoles. No dia 14 daquele mês ouviram-na dizer que considerava Hitler diretamente responsável por...

deixe-me ver... "por ,toda essa matança vergonhosa e sem sentido".

Bielert recolheu todos os papéis e olhou então para o tenente:

– E aí está – disse simplesmente. – Possuímos informação similar de virtualmente cada cidadão que tem língua para falar. Tenho aqui – indicou uma bandeja contendo um grosso arquivo – um caso contra um alto oficial no Ministério da Propaganda. Um homem, em sua posição, tolo o bastante para abrir o coração para a amante! Entretanto, foi sensato o suficiente para fazer

.

uma confissão completa e oferecer seus serviços no momento que eu desejasse.

Pode ser muito útil para mim. Há muito tempo estou de olho no Dr. Goebbels e seu ministério de lixo! Como vê, tenente, meu alvo é o alto escalão.

Riu, bateu algumas cinzas da lapela de seu paletó e apertou o nó da gravata.

– Você tem um estranho senso de humor – observou o tenente Ohlsen secamente.

Bielert repentinamente apertou os cantos da boca. Os olhos cinzentos apertaram-se.

– Não estou interessado em ter senso de humor, tenente. Meu trabalho é sério demais para tais frivolidades. Faço o que tem que ser feito e isso me toma as vinte e quatro horas do dia. A segurança

de todo o país está em minhas mãos. Nas minhas e de meus colegas. Temos um dever a cumprir. .Aquele que não é capaz de se ajustar a nossa sociedade deve ser eliminado pelo bem da sociedade. Acho que você pode concordar que não é nada engraçado.

– Não quando colocado dessa maneira – murmurou Ohlsen.

– Hum. – Bielert estalou os dedos em rápida sucessão, depois bateu impacientemente na mesa. – Não posso perder mais tempo falando com você, tenente. Assine a declaração e não vou me incomodar mais com o resto de sua impertinente família. Merecem ser trancafiados. Porém, como já disse, não posso lidar com todos eles. Um de cada família, isso é tudo que exijo. Foi ideia de Reinhard Heydrich, e, como a maioria de suas ideias, é bastante eficaz.

Espere só até a guerra acabar, tenente. Você verá o dia em que a Europa inteira elevara as mãos em saudação toda vez que um oficial da SS passar. Como fazem no Japão, sabe? Estive alguns meses no Japão: foi uma experiência bastante esclarecedora. Oficiais holandeses e ingleses prostrando-se diante dos mestres japoneses. – Recostou-se confortavelmente na cadeira de couro, as mãos pequenas e limpas apoiadas levemente sobre os braços.

O tenente Ohlsen tentou evitar um calafrio, mas falhou. Só faltava um par de corvos negros e brilhantes para transformar a cadeira no trono do diabo, e Bielert na criatura tirada das profundezas das histórias de Grimm.

Voltou-se e olhou pela janela. Um vapor seguia barulhento e triste sobre o Elba. Dois pombos arrulhavam no parapeito. Do mastro pendia a

.

bandeira vermelha com a suástica, flácida no ar parado. Um bando de gaivotas levantou voo e mergulhou freneticamente sobre crostas

de pão. O tenente Ohlsen desviou os olhos. Nunca mais pode suportar a visão de gaivotas desde o dia no Mediterrâneo em que estivera a bordo de um navio que foi torpedeado.

Ele próprio ferido e incapaz de ajudar, observara com horror enquanto um grupo de vorazes pássaros pousaram sobre o corpo agonizante do capitão e destroçaram-lhe os olhos. Passara a detestar as gaivotas desde esse dia. Pelo menos as aves de rapina, os corvos e os abutres, mesmo os ratos e as hienas, tinham a decência de esperar até que as vítimas morressem para depois então destroçá-las. Mas não as gaivotas. As gaivotas rasgavam os olhos da presa ainda com vida. A ele, pareciam ser a Gestapo do reino dos pássaros. Olhou novamente para Bielert, um homem pequeno enfiado em sua cadeira, indescritivelmente mau, com um poder que era aterrorizador, e de repente viu Bielert como uma gaivota: agachado sobre um corpo ainda quente, sugando-lhe os olhos e destroçando-os na boca...

Ohlsen estendeu a mão para pegar a caneta. Assinou a declaração sem ao menos olhar para ela. Não se importava mais. E além de tudo, era verdade.

Dissera coisas muito mais duras sobre o Führer do que as acusações de Bielert.

Talvez, afinal de contas, viesse a morrer por uma boa causa. Porém gostaria de saber quem o denunciara. Desejava que tivesse alguma maneira de falar com Porta e com o Legionário. Eles o vingariam, não importava quem fosse, e a vingança seria doce mesmo que indireta.

Paul Bielert inclinou-se para a frente com um leve grunhido e pegou a declaração. Olhou para a assinatura e acenou com a cabeça, depois ofereceu a caixa de charutos para Ohlsen. e

– Aí está! Feito! E não foi muito difícil, não acha?

Ohlsen não disse nada. Não havia mesmo nada a ser dito. Sabia que poderia ter prolongado o assunto, negado todas as acusações, recusado assinar, porém sabia também que teria sido em vão, A Gestapo tinha todo o poder e não havia nada que a. pessoa pudesse fazer.

Dez minutos mais tarde, dois Unterscharführer SD entraram na sala.

Um deles colocou uma pesada mão nos ombros de Ohlsen.

– Nós estamos indo dar uma voltinha, tenente. Viemos buscá-lo para vir conosco. Você vai gostar.

Riram em altas vozes. Unterrcharführer Bock tinha a reputação de ser um piadista.

O tenente Ohlsen deixou a sala em silêncio, continuou em silêncio enquanto percorriam todo o edifício e depois também no carro. O

Unterscharführer Bock sentou-se na frente, junto ao chofer e falou o tempo todo enquanto atravessavam a cidade. Descendo a Monckebergstrasse e atravessando a Adolf Hitler Platz; um desvio por causa dos estragos do bombardeio, ao longo do Alster, passando pelo hotel Vier Jahreszeiten e pelo Gansemarkt, seguindo pela Zeughausalle e rumando para a Reeperbahn. A Reeperbahn estava cheia de gente que não tinha nada melhor a fazer do que andar de bar em bar, ficando gradativamente e cada vez mais bêbada enquanto fazia isso.

– É pena a gente estar com tanta pressa – disse Bock. – Podíamos ter parado para uma cerveja.

Uma longa fila de pessoas estendia-se por todo o comprimento da Kleine Maria Strasse.

– Estão esperando para experimentar as novas putas – explicou Bock, apoiando-se nas costas do assento e dirigindo-se ao tenente

Ohlsen, que não mostrou interesse algum. – Acabamos de instalar vinte delas. Isso é que é serviço bom! Não quero nunca ouvir alguém falar que o Terceiro Reich não é organizado. Me diz uma coisa, tenente, você já parou alguma vez para pensar o que o Nacional-socialismo é na verdade? – Ohlsen mantinha a cabeça de lado, olhando tristemente pela janela. – Pois bem, vou te dizer – falou Bock. – É a única forma que funciona de comunismo.

– Como você chegou a essa conclusão? – perguntou cansadamente Ohlsen, voltando-se para encará-lo.

Bock riu, lisonjeado por ter finalmente conseguido atrair a atenção de Ohlsen.

– Bom, do modo que vejo as coisas, aqui somos o que chamo de nacional-comunistas. Queremos fazer iguais aos alemães todo o resto do mundo. Qualquer um que tenha o tipo errado de nariz, o tipo errado de cabelo, a cor de pele errada, está fora. E é assim que tem que ser, porque não são germânicos, certo? Já os russos não são tão exigentes, não se incomodam com o tipo de pessoas, para eles basta bater nos ombros da gente e dizer “de agora em diante você é um bolchevista e tem que pensar como um bolchevista”. E isso é

tudo que eles querem. Nenhum sentimento de nacionalidade. E, olha, tenho de admitir, em alguns aspectos os russos sabem o que estão fazendo muito melhor do que nós. Veja só os padres, por exemplo. Por aqui, deixamos todos andarem quase que livres, nem os obrigamos a jurar a suástica. Lá, eles enforcam os filhos da puta. Enforcam e ponto final. E acho que assim é que devíamos tratar os padres. Senão, estamos apenas armazenando problemas para nós mesmos, pode escrever as minhas palavras. Um monte de problema. Não compensa ser mole demais, e eles são mais fortes do que a gente pensa. As pessoas são muito bobas para esse tipo de coisa,

todo aquele ritual e as reverências e as idas ao confessionário e tudo o mais. Por mim, não quero ter nada a ver com essas coisas. Você nunca vai me ver andando junto de um maldito padre!

Riu e o chofer riu junto com ele.

– Por quê? – perguntou suavemente o tenente Ohlsen. – Você tem a consciência pesada?

Bock olhou para a Konigin Allee, a igreja toda em ruínas. A – Não tenho nada em minha consciência, nada mesmo. Tudo que sempre fiz foi executar ordens. Faço o que me mandam. Não é da minha conta saber quais são as ordens, ou quem dá essas ordens, por isso não tente me culpar por coisa nenhuma.

O carro parou diante do quartel-general e uma sentinela abaixou-se e falou com o chofer.

– De onde vem e para onde?

– Gestapo IV/ 2A, Stadthausbrücke 8. Estamos indo para a prisão da guarnição.

– Quero Ver o passe.

A sentinela olhou uns instantes para o tenente Ohlsen com um olhar que falava bem claro: – “Essa é a última vez que vai sentar no banco de trás de um carro, pobre-diabo, provavelmente a última vez que vai a qualquer lugar.”

Deu a volta até a frente do carro para olhar o número da placa.

Resolutamente, bateu continência para Ohlsen.

O grande Mercedes entrou no quartel. O tenente Ohlsen viu um grupo de oficiais de túnica branca subindo os largos degraus que levavam ao cassino.



Ele também estivera lá, em dias anteriores e mais felizes que agora pareciam distantes toda uma vida.

Seguiram até a praça e pararam diante da prisão. Bock soltou uma risada.

– Chegamos, tenente. Um hotel de cinco estrelas, tudo para o seu prazer: banheiro privativo e cama macia, o que mais podia um homem desejar?

Não fique alarmado se as portas são trancadas e tem barras. Não é para evitar que as pessoas saiam, é para evitar que entrem...

Apertou um botão do lado da porta e bem distante, nas profundezas da prisão, ouviu-se o som de uma campainha.

Logo ouviram o som de passos e de chaves abrindo um cadeado. A porta foi lentamente aberta por um Obergefreiter. Bock anunciou a chegada do tenente Ohlsen como se fosse a Rainha de Sabá em pessoa, e o Obergefreiter aceitou a entrega com um silêncio flegmático, como se tivesse recebendo um caixote.

– Ele é candidato ao machado? – perguntou laconicamente ao entregar os formulários oficiais devidamente assinados.

– Quem sabe? – disse Bock rindo.

Bateu continência e voltou-se, deixando Ohlsen de pé, indefeso, do lado errado das enormes portas de ferro. Foi levado até um escritório de recepção, onde um Stabsfeldwebel da artilharia isentava-se poderoso atrás de uma mesa vazia. Era pequeno e largo, careca e com um peito enorme, testa alta e olhos pequenos e redondos como botões. Demorou-se com os papéis do tenente Ohlsen, ou porque tinha dificuldade de ler ou porque gostava de deliciar-se com uma sensação de importância diante de um oficial desafortunado.

– Crimes contra o Estado – falou, percorrendo com dedos quadrados as pontas da linha impressa. – Crimes contra o Estado... – Olhou com desdém para Ohlsen. – Não gosto de pessoas que cometem crimes contra o Estado. Prefiro ter um ladrão de verdade do que um escoria como você. A gente pode confiar nos uniformes Verdes, mas nunca se pode confiar nos vermelhos. Prefiro até ter um amarelo do que um vermelho. Eles podem deixar você maluco lendo A Bíblia o dia inteiro, mas pelo menos não dão trabalho. Vocês, no entanto, são um bando de idiotas que nunca vai aprender. Lutando contra inimigos imaginários – disse com desprezo. – É isso que fazem. Lutar contra inimigos imaginários. Agora ouça – mudou repentinamente o tom para algo mais oficial.

– Esvazie os bolsos e coloque tudo em cima da mesa. E quando digo tudo,

.

quero, dizer tudo, e isso inclui todas as pequenas coisas que você tentou enfiar no cú. E só cuspir tudo para fora de novo. Não nasci ontem, saiba disso, já vi tudo isso outras vezes... – Olhou-o de soslaio. – É isso, ponha tudo em cima da mesa. Comece da esquerda para a direita e trate de colocar em linha reta. Use a beirada da mesa como guia, espace-os direito, dois dedos entre cada item, isqueiro e fósforos a direita, dinheiro embaixo, a esquerda, e mexa-se, não temos o dia todo, estamos em guerra, cara!

O tenente Ohlsen parou e olhou para os seus pertences pessoais espalhados em linha reta ao longo da beirada da mesa: isqueiro, caneta, relógio, cachimbo, caderno e todas as outras coisas que um homem geralmente guarda em seu bolso. No final, a esquerda, estavam 32 marcos e 67 pfennigs.

O Stabsfeldwebel Stahlschmidt anotou cada artigo detalhadamente em uma folha de papel e depois pregou uma etiqueta em cada um.

No caderno do tenente Ohlsen havia uma estrela vermelha, a roseta de um comissário russo, uma lembrança de Kharkov. Stahlschmidt arrancou-a com uma blasfêmia, jogou-a ao chão e amassou-a com o pé.

– Não guardamos esse tipo de porcarias aqui. Pensei que era em si um crime contra o Estado carregar porcarias que pertencem aos inimigos da Alemanha.

Olhou para o tenente Ohlsen, os olhos faiscando com maliciosa antecipação. Haviam chegado agora ao ponto em que o tenente teria que tirar o uniforme e as medalhas e ser revistado. Stahlschmidt sempre gostava mais dessa parte do que de qualquer outra.

Molhou os lábios carnudos e esfregou as palmas das mãos suadas pelas pernas, examinando Ohlsen através de olhos semicerrados. Este, considerou, provavelmente não daria problema algum, embora alguns prisioneiros no passado tivessem tido as reações mais improváveis, e nunca se podia ter certeza de nada. O essencial, segundo o Stabsfeldwebel, era levar o prisioneiro até o limite, quando a raiva ou o pânico ou desespero geral fizessem-no invectivar contra seu atormentador. aí então, e só então, podia o Stabsfeldwebel saborear os prazeres de sua posição; aí, e só então, ele podia contra-atacar. Com o Obergefreiter Stever ali junto, sólido e firme como um pico Everest humano perto da porta, bloqueando qualquer rota de fuga possível e complacientemente testemunhando o fato de que seu superior estava agindo puramente em legítima defesa; Stahlschmidt podia jogar todos os seus problemas, todas

.

as suas neuroses sobre o desafortunado prisioneiro. Ainda observando Ohlsen, pegou um comprido e fino chicote de montaria e começou a bater pensativamente contra o calcanhar. Lembrava-se da cena que ocorrera há apenas alguns dias antes com um idiota de

um coronel do 123º Regimento de Infantaria, que fora acusado de sabotagem. O homem suportara todo tipo de insultos e tratamento duro com dignidade de soldado até o momento em que teve que tirar a roupa. Então parou, e, na verdade, perdeu a cabeça, ficando completamente histérico., Fora um prêmio inesperado.

Stahlschmidt passou de novo a língua grossa e molhada pelos lábios ao lembrar-se do apoplético coronel, – “Você pode ser um oficial e comandante de um regimento” – escarnecera Stahlschmidt, seguro na segurança de sua posição

– “pode estar coberto de pedaços de lata, honra, glória e tudo o mais. Pode vir de uma família de sangue azul, mas por Deus, pelo que me consta, você não é nada mais do que um sem-vergonha nojento que burlou a lei e está aqui para ser punido! E se viver o bastante, vai ser removido e receber um tiro, e ninguém vai ligar a mínima se o seu sangue é tão azul quanto...”

Diante disso, o coronel explodira. O Obergefreiter Stever, inclinara-se para a frente e empurrara-o cuidadosamente nas costas, o que fez com que o coronel perdesse o equilíbrio e desabasse em Stahlschmidt que já estava a espera. Por alguns momentos, eles o empurraram de um lado para o outro, de um para outro, até que o coronel, aproveitando uma chance, jogou-se pela porta, saindo em disparada pelo corredor, com a fralda da camisa batendo contra as suas finas e compridas coxas. Eles tinham ido atrás dele, percorrendo os corredores, e finalmente o encurralaram com a ajuda de Greinert, também conhecido como Abutre. Enquanto Greinert e Stever o seguravam entre eles\*

Stahlschmidt pegara a pistola e forçara-o a segurá-la com a mão direita, pressionando-a sobre a temporã.

O coronel morrera pessimamente. Implorara, pedira e falara histericamente, com, lágrimas descendo pelo rosto, dos favores que podia conseguir para eles se poupassem a sua vida. Suas últimas

palavras desesperadas tinham sido oferecer-lhes livre uso de sua mulher e filhas.

Stahlschmidt sorria ao forçar o coronel a pressionar o gatilho e explodir os miolos.

Naturalmente, não se podia esperar de todos os prisioneiros um espetáculo dessa natureza, nem que cometessem suicídio, porém, olhando para o tenente Ohlsen, Stahlschmidt encontrou-se cheio de esperança de que esse homem jovem também viesse a ser bastante divertido.

Pigarreou e engoliu forte, antecipando a cena.

– O prisioneiro poderia agora retirar as roupas e deixá-las nas duas cadeiras? Roupas de baixo a esquerda, o resto a direita. As botas devem ficar a meio caminho dos dois grupos.

Pigarreou novamente, esperou um segundo, depois elevou os olhos para ver como o tenente estava reagindo. Para o seu total desapontamento, o tenente estava levando tudo indiferentemente. Seu rosto em nada se modificara.

As linhas a volta da boca talvez tivessem se contraído, a expressão dos olhos talvez tivesse ficado um pouco mais triste, porém era evidente que esse não ia quebrar facilmente. O Stabsfeldwebel vira os sinais antes, os sinais de um homem que não podia mais encontrar energias para lutar ou voltar-se contra o sistema. E esses eram os prisioneiros mais cansativos. Faziam tudo que era mandado, aceitavam todos os tipos de insultos e danos com apenas um levantar de sobrelhas; simplesmente sentavam-se quietos em suas celas e esperavam ser interrogados, esperavam para serem julgados, esperavam para serem considerados culpados e fuzilados. Tudo isso sem o menino traço de emoção que indicasse que ligavam. E talvez não ligassem mesmo, e era isso que irritava tanto o Stabsfeldwebel. Porque um homem que não ligava era um homem invulnerável e um homem invulnerável era um homem sem

interesse. Você podia zombar dele, escarnecer, humilhá-lo de todas as formas que quisesse, e era apenas uma perda de tempo e uma fonte de frustração, era inútil realmente esperar qualquer reação de um homem que não se importava mais com coisa alguma. O tenente Ohlsen, devagar e impassivelmente, desabotoou a túnica da farda e pendurou-a nas costas da cadeira.

– Não precisa levar o dia todo! – gritou Stahlschmidt. – Você não está se trocando para ir a um baile a fantasia!

O tenente obedientemente tirou a camisa e as calças, jogando-as em cima da túnica. Sua expressão ainda não se modificara. Não demonstrava sinais de vergonha, de raiva, ou de humilhação. Stahlschmidt mordeu o carnudo lábio inferior com os dentes amarelados. Esperem só até o sem-vergonha estar

.

diante do diretor! Isso ia tirá-lo dessa letargia. Isso ia ensiná-lo a cantar em outro tom. Isso ia...

O tenente Ohlsen descalçou as botas e ficou nu entre as duas cadeiras.

Stahlschmidt voltou-se e olhou-o. Seu lábio superior curvou-se em um gesto de escárnio.

– Que visão mais horrível! Que tal, Stever? Que visão mais horrível e detestável, existe algo bastante repugnante em relação a corpos nus. Você não estava com uma aparência tão ruim com o uniforme e todas as suas maravilhosas medalhas, mas pode acreditar, se pudesse ver-se agora, ia querer enfiar-se num buraco e morrer. Olhe para você! Olhe para esses joelhos ossudos! Olhe para essas horrorosas pernas cabeludas! Olhe só para essas unhas de pé tão duras! Meu Deus, que espécime, hem?

Piscou para Stever e começou a andar a Volta do tenente, lançando-lhe olhares de zombaria, de vez em quando cutucando-o. O tenente suportou tudo isso com ar de paciência e cansaço, como se o Stabsfeldwebel fosse uma criança a ser gratificada e tolerada.

– Muito bem! – berrou Stahlschmidt, parando. – Fique de quatro no chão, agora! Dez flexões e nada de trapações. Stever, venha até aqui e dê uma boa olhada na bunda dele, verifique se ele não tem nada escondido lá.

O Obergefreiter Stever de boa vontade deixou o posto em que estava, junto a porta, e andou até atrás do tenente. Quando o tenente terminou a última das flexões exigidas, Stever de repente colocou os pés com as botas pesadas em suas nádegas e deu-lhe um empurrão tão forte que jogou-o longe. Stahlschmidt fez o possível para colocar-se no caminho, ao menor toque do prisioneiro ele poderia declarar ter sido atacado por ele, porém, irritantemente, o tenente conseguiu controlar a queda. Foi bater na porta, mas evitou o Stabsfeldwebel.

Levantou-se com dificuldade e ficou pacientemente ao

lado de uma das cadeiras, esperando a próxima ordem absurda. Os olhos estavam sem expressão, olhando não tanto para o Stabsfeldwebel, mas para além dele, e pela própria indiferença continuava distante e imperturbável.

Stahlschmidt respirou fundo. Se esse tenente insolente persistisse com essa mesma atitude, sua estada na prisão provavelmente viria a ser bastante desconfortável. Era Stahlschmidt que na prática dirigia a prisão. O diretor aparecia ocasionalmente para uma visita de inspeção, porém era Stahlschmidt.

que tomava todas as decisões e determinava o tratamento geral dos prisioneiros.

O que ele quisesse fazer, o major Rotenhausen fecharia os olhos. Um inquérito muito apurado em seus negócios não seria bom para nenhum dos dois, e desde que Stahlschmidt permanecesse razoavelmente circunspecto, o diretor sentia-se feliz de deixar as coisas em suas mãos.

– Muito bem! – Stahlschmidt andou até as duas cadeiras. – Cinto e suspensórios devem ficar aqui; Não queremos que vocês levem para as celas e fiquem com ideias na cabeça. – Olhou de soslaio para o rosto do tenente. – Não temos suicídios nesse estabelecimento, a não ser que eu mesmo os organize.

Lembre bem disso. Posso dizer que não há nada que vocês gostariam mais de fazer do que colocar fim as suas vidas miseráveis antes de ter que enfrentar o tribunal e receber o pagamento justo que recai sobre vocês, digo melhor, você gostaria de privar a sociedade do prazer de ter a vingança adequada, não gostaria? Eu sei. Já encontrei gente do seu tipo antes. Acham que podem escapar sem pagar. Pois bem, não pode, e estou aqui para que isso seja seguido.

Esfregou as enormes mãos disformes uma na outra e deu uma Volta na sala.

– Vai ser Torgau ou Glatz. Uma das duas. É lá que você vai acabar.

Espero que seja Glatz, hem, Stever? O coronel Remlinger está lá. Ele sabe como lidar com pessoas como você. Sabe como fazer vocês cederem, sabe como fazer vocês se humilharem Dirige aquele lugar com uma disciplina que faria até o velho *Fritz*\* empalidecer. Já vi os seus heroicos rapazes, chegados fresquinhos das trincheiras e cobertos de medalhas e cicatrizes dos pés a cabeça, já os vi entrarem lá todos orgulhosos num dia e no dia seguinte chorarem como crianças. Eles fazem os detidos subirem e descerem as escadas, quatro lances, de quatro, sabe? Tratam a todos como devem ser tratados, pior do que bestas humanas...



Como o tenente permanecesse em seu transe de impassividade, Stahlschmidt deu um passo atrás e tentou uma nova tática.

– Entretanto, pode ser que eu esteja errado sobre isso. Talvez não seja Glatz e também não seja Torgau. Quem sabe, hem? Pode ser o velho cepo. Vi

.

---

\* Frederico, o Grande.

uma vez acontecer com um cara. Só vi uma vez ser feito e nunca mais suportei a visão. Sangrento demais, sabe? Muito. Eles nem sempre conseguem cortar a cabeça no primeiro golpe.

Uma leve e involuntária e sombra de um sorriso passou pelos lábios de Ohlsen. Pareceu a Stahlschmidt que ele estava debochando dele; rindo de leve e tentando não demonstrar, como se estivesse diante dos caprichos de uma criança ingênua. Stahlschmidt empertigou-se.

– Muito bem, já falamos demais! Vista-se de novo e mais rápido, para eu não perder a paciência! Sou um homem muito ocupado; tenho outras coisas para fazer. Para você está tudo bem, você não é nada, não é ninguém, não tem responsabilidades, mas eu tenho uma posição para manter, não posso passar o dia todo contando histórias para vocês.

O tenente Ohlsen vestiu-se rapidamente. Foi obrigado a segurar as calças com uma das mãos, agora que os suspensórios lhe foram confiscados. Ia colocar a gravata no pescoço quando de repente Stahlschmidt tirou-a violentamente de sua mão.

– Gravata é proibido! O que você pensa que isso aqui é, uma casa de modas? E abotoe a túnica direito, não gosto de desleixo em minha prisão!

O tenente silenciosamente dobrou as lapelas de sua túnica sobre o peito e abotoou-a. Stahlschmidt fez um gesto de aprovação com a cabeça.

– Ótimo. Assim está bom. Vejo que você é bastante rápido para captar novas ideias. Vamos transforma-lo num homem. Ficara surpreso de saber o numero de soldados que vêm para cá como você e saem novamente como verdadeiros soldados. Muito bem! Um leve exercício antes de ir para a cela.

Mãos acima da cabeça, pulando, agora!

O tenente colocou os braços acima da cabeça e começou a pular no mesmo lugar. Ao fazer isso, as calças baixaram até os calcanhares e ameaçaram fazê-lo cair.

Stahlschmidt e Stever jogaram a cabeça para trás, gargalhando alto e divertidamente. O tenente Ohlsen continuou a pular. Parecia que não percebia nem ligava para as calças que estavam nos calcanhares e para o fato de que parecia ridículo.

Stahlschmidt parou de rir, cutucou Stever nas costelas e olhou-o.

Stever parou também de rir. O tenente Ohlsen arruinara a brincadeira, não tinha mais a mínima graça.

Ficaram juntos, observando-o, perplexidade e ódio tomando conta do rosto de Stahlschmidt. Viu-se pensando se a mente do prisioneiro não o teria abandonado de todo. Certamente já vira outros cujo espírito se enfraquecera e que não mais se importavam com o que aconteceria a eles, porém esse tenente idiota estava suportando muito mais do que a maioria. Era aceitável que um homem pudesse não se preocupar mais com pensamentos sobre seu destino, a possibilidade de encarceramento ou execução, porém mais cedo ou mais tarde Stahlschmidt nunca falhara em fazê-los reagir um pouco ao sujeitá-los as pequenas humilhações da vida, a entrega de seus pertences, a nudez, a busca, o exercício de pulo. Será que esse

prisioneiro teimoso e idiota era completamente insensível? Não possuía orgulho ou vergonha?

Stahlschmidt passou então para a sua próxima charada.

– Muito bem! No chão, deitado de barriga para baixo!

Cinco torções para a direita, cinco para a esquerda, e não tire a barriga do chão, senão teremos problema!

O tenente Ohlsen obedientemente ficou de barriga no chão.

Obedientemente começou a girar, fazendo um círculo, Stahlschmidt chegou-se bem próximo dele e deliberadamente pisou-lhe os dedos. O tenente Ohlsen estremeceu. Mordeu os lábios até sangrarem. Stahlschmidt renovou os esforços, andando e voltando sobre as mãos do prisioneiro. Ohlsen era o retrato da própria dor diante de seus olhos, porém não deixou escapar nada mais do que um baixo gemido de protesto.

Depois disso, deram-lhe um fuzil, um pesado fuzil belga de modelo antiquado, e levaram-no para o corredor, onde chamaram Greinert, o Abutre, e pediram-lhe ajuda para o treinamento do tenente.

– Exercício com fuzil! – berrou Stever. – De joelhos, preparar para atirar.

Greinert andava a sua volta com um olho crítico, pronto a pular sobre qualquer falha, porém não possuía imaginação para inventá-las, e, infelizmente para ele, o tenente Ohlsen parecia não ter falha alguma. Sabia o que estava fazendo quando era para lidar com fuzis.

– De pé, pronto para atirar! – berrou Stever.

O tenente Ohlsen ficou imediatamente de pé, o fuzil em posição perfeita. Stever então começou logo a gritar uma nova série de ordens.

– De barriga para baixo! De joelhos! De pé! Apresentar armas!

Descansar! Fixar baioneta! No chão! Sentido! Descansar! Preparar para atirar!

Direita volver! De frente! Correndo no mesmo lugar, agora!

O tenente Ohlsen suportou tudo em severo silêncio.

Eles o mantiveram em atividade até bem perto do ponto de colapso.

– Sentido! – berrou Stever, cuja voz começava a ficar rouca.

O tenente parou de correr no lugar. Empertigou-se e ficou em posição de sentido. Por um Segundo, o edifício balançou diante de seus olhos e ele pensou que fosse tombar para a frente, porém a sensação passou e ele manteve o equilíbrio. Não, entretanto, antes que os olhos de lince de Greinert notassem o leve movimento. Deu um passo a frente com grande excitação.

– Ele se mexeu! Devia estar em posição de sentido e se moveu!

Stever e Stahlschmidt, que nada haviam notado, deixaram a batalha para Greinert.

– Olhem só – gritou Greinert. – Tremendo todo como um cachorro molhado! E é um oficial! Deve treinar novos recrutas e não sabe nem como ficar em posição de sentido! Não sabe nem como obedecer a uma ordem! –

Chegou-se mais perto do tenente. – Eu disse “posição de sentido”, não dançar uma quadrilha irlandesa! Quando disser “posição de sentido”, fique em sentido.

Isso quer dizer duro no lugar, como uma estatueta, nem cavalos conseguiriam puxá-lo do lugar, nem terremotos fazer seu corpo mexer...

O tenente Ohlsen estragou essas palavras poéticas, balançando involuntariamente de novo. O Abutre deu um passo atrás, puxou a túnica, empurrou para trás o capacete. A respiração saía em roncos indignados de suas narinas.

– AS coisas chegaram a um ponto engraçado – disse amargamente  
–

quando um simples sargento tem que pegar um oficial e começar a treiná-lo em disciplina básica. De repente, e sem aviso algum, seu punho direito desferiu um soco direto no rosto do tenente. Ohlsen cambaleou para trás, desequilibrado pelo golpe. Deu alguns passos incertos, então recobrou o equilíbrio e mais uma vez voltou a posição de sentido, ficando rígido e firme, e olhando em

frente, apesar do sangue que lhe saía do nariz e pingava pela túnica.

O Abutre imediatamente começou uma série de atos teatrais. Urrou e rugiu, zombou, debochou e intimidou, e acompanhou toda a demonstração com uma série ininterrupta de palavrões. Passou então a um frenético grupo de instruções, cuspiendo-as uma atrás da outra até que o tenente encontrou-se bastante atrasado e não teria nenhuma esperança de poder acompanhá-las, mesmo em suas melhores condições.

Quando Ohlsen estava finalmente em posição de sentido outra vez, o rosto riscado de sangue, o nariz inchado, o peito arfante e os ouvidos estourando, Greinert assumiu outro conjunto de táticas. Começou colocando-se alguns passos adiante e estudando o tenente intencionalmente dos pés a cabeça, de vez em quando dando uma risada leve de desprezo. Quando terminou de se divertir, chegou-se mais perto e olhou-o diretamente no rosto, tentando fazê-lo abaixar o olhar ou piscar. Como o tenente Ohlsen não fizesse nada disso, Greinert começou a andar a volta dele, silenciosamente e sem parar, em círculos sem fim...

Era um truque muito conhecido. A maioria das pessoas quebrava nos primeiros cinco minutos. Outros, os mais duros e mais experimentados,

.aguentavam dez. Muito raramente um homem durava um quarto de hora.

O tenente Ohlsen sobreviveu por meia hora. Sua cabeça estava começando a rodar e os braços a pesarem como chumbos. Os joelhos tremiam e os dedos estavam com câimbra. Greinert estivera observando, a espera desse momento. Tomou posição atrás do tenente e esperou um pouco mais. Então, muito gentilmente, esticou a mão e deu um puxão repentino no fuzil de Ohlsen.

A arma escorregou dos dedos adormecidos e caiu ao chão com um barulho que soou estridente no silêncio reinante.

– E agora isso! – berrou Greinert. – Um oficial que não consegue nem segurar o fuzil! Deixa cair no chão como um brinquedo do qual já cansou! –

Deu -a volta e encarou o tenente. – Fique de barriga no chão e rasteje!

Ohlsen caiu agradecido ao chão. Greinert deu-lhe um pontapé.

– Apanhe aquele fuzil e rasteje adiante! E depressa; não queremos ficar aqui o dia todo! E lamba o fuzil enquanto está fazendo isso! Eu disse lamber, maldição, lamber!

Rasteje e lamba, rasteje e lamba, um dois, um dois. Mantenha o fuzil no alto, não o deixe ceder. Não mandei parar!

E então o tenente rastejou para baixo e para cima do corredor, lambendo o fuzil até a língua ficar dolorida. Cada vez que passava em frente de Stahlschmidt e Stever, eles pisavam-lhe os dedos e o

xingavam. Cada vez que passava em frente de Greinert, recebia um chute no rosto, na cabeça, na virilha.

Sangrava pelo nariz e pela boca. As mãos estavam quase com chagas abertas.

Os olhos estavam se ensombrecendo.

Alguém levantou-o, colocando-o de pé, e começou a usá-lo como um saco de pancada. Empurraram-no para frente e para trás entre eles, esmurrando-o, até que ele balançou inerte de um para outro e finalmente escorregou inconsciente para o chão. Greinert deu um outro pontapé maldoso em sua virilha, porém felizmente o tenente não mais podia sentir dor alguma. Ficou deitado de costas com a cabeça pendida para um dos lados, um fino risco de sangue a escorrer de sua boca e pingando no chão.

– Hum. – Stahlschmidt resmungou e ficou olhando para a forma inerte.

Não conseguira dobrar a mente do homem, mas pelo menos tivera a satisfação de quebrar-lhe o corpo. – Muito bem – disse, voltando-se e descendo o corredor. – Joguem-no na nº 9 e esqueçam-no.

Feliz, voltou para o escritório. Fora, em um cômputo geral, um dia muito satisfatório. Esse tenente idiota e teimoso era o quarto prisioneiro que passara pela cerimônia de iniciação. Stahlschmidt esfregou as mãos uma na outra e andou com passos elegantes até a janela, Se ao menos um dia um certo tenente Hans Graf von Breckendorf pudesse passar pela cerimônia de iniciação!

Se ele pudesse ao menos ver von Breckendorf rastejando nu e trêmulo diante dele, pulando com as calças a volta dos calcanhares, deitado com o sangue escorrendo da boca, sua alegria seria total.

Stahlschmidt engoliu e forçou-se a sentar, antes que a excitação desta perspectiva pudesse apossar-se dele. Rezava todas as noites

para um Deus no qual não acreditava muito, pedindo que von Breckendorf fosse entregue a ele.

Detestava von Breckendorf com um ódio que só podia ser acalmado pela constante humilhação e brutalidade que praticava com todos os oficiais que lhe cruzavam o caminho. Nunca, enquanto vivesse, esqueceria tudo que sofrera nas mãos de Breckendorf.

Foi em uma tarde de sábado, num dia ensolarado em meados de julho.

O Stabsfeldwebel acabara de largar e fora direto as cantina para tomar uma cerveja. Desabotoara o colarinho e empurrara o chapéu para trás da cabeça, e lembrava-se até mesmo agora do quanto antecipara com água na boca o que beberia enquanto andava na direção das escadas.

Ao pé da escada, barrando a entrada para a cantina, encontrava-se o tenente Graf von Breckendorf. Fora nomeado tenente na véspera de seu 19º

aniversário, e era arrogante e intolerável por causa disso. Estava montado em um magnífico cavalo malhado no momento que Stahlschmidt apareceu e, quando Stahlschmidt chegou mais perto, estendeu langorosamente o braço e bateu com a ponta do chicote de montaria em sua garganta.

– Qual é o significado disso, Stabsfeldwebel? Abotoe o colarinho imediatamente, não vou tolerar homens andando por aí quase despidos. – E

enquanto Stahlschmidt abotoava o botão de cima, os olhos de von Breckendorf se apertaram e ele abaixou o chicote, com ele cutucando o abdômen de Stahlschmidt. – Você está ficando repugnantemente gordo! Trancado lá naquela prisão, não é nada bom para você, não acredito nem que faça exercícios suficientes.



Não é saudável para um homem ficar sentado atrás de uma mesa o dia todo. Venha comigo e eu vou lhe colocar em forma.

Stahlschmidt não tivera outra alternativa senão obedecer. O cavalo começou a trotar, e ele teve que correr para poder segui-lo, respirando o doce e sufocante cheiro de cavalo quente, sela de couro e suor humano.

Von Breckendorf fez com que ele pulasse tudo na pista de obstáculos.

Stahlschmidt sairá do arame farpado com o uniforme rasgado e o rosto dilacerado, porém von Breckendorf parecera não notar. Carregara-o imediatamente para os estábulos, mandando-o para o picadeiro, e fez com que ele corresse a sua volta várias vezes enquanto ele cavalgava atrás, estalando o chicote e dizendo "Upa!" todas as vezes que ele devia pular. Mesmo depois disso, von Breckendorf não se cansara do divertimento. Dera a Stahlschmidt dez minutos para sair e trocar de uniforme, vestindo a vestimenta completa de combate, incluindo a máscara contra gases, e então fez com que ele desse 36

voltas no picadeiro, von Breckendorf em cima do cavalo, Stahlschmidt na frente, preso por uma guia de couro. Toda vez que Stahlschmidt tropeçava,

.

sentia o chicote cortando-lhe o ombro. Estivera perto do ponto de quebrar quando finalmente von Breckendorf deixara-o ir-se.

– Acho que isso deu para tirar um pouquinho da sua flacidez – dissera, sorrindo suavemente. – Bom dia, Stabsfeldwebel. Tenho certeza de que nós encontraremos de novo. Stahlschmidt esperava que sim. De todo o coração, esperava que sim. Todas as manhãs acordava para o novo dia cheio de esperanças. Todas as manhãs

corria para o escritório e passava os olhos febrilmente pelas folhas de papel que haviam sido deixadas sobre sua mesa.

Um dia, Deus o faria ver o nome de Hans Graf von Breckendorf entre eles.

Ninguém nunca se sentira pronto a dizer a Stahlschmidt que o tenente Graf von Breckendorf fora morto mais de um ano atrás em Sebastopol. Se ele por acaso tivesse descoberto, isso certamente despedaçaria o seu coração.

Durante os dias que se seguiram, o pessoal da prisão ficou mais ocupado do que o usual, e alguns felizes detentos foram trancafiados em suas celas sem terem primeiro passado pelos rituais de iniciação. Uma ofensiva em grande escala fora lançada contra os oficiais que mantiveram relações amistosas com as pessoas dos países ocupados e, como resultado, o número de detenções crescia dia a dia, rapidamente. Qualquer um que fosse apanhado .dizendo uma palavra amiga que fosse sobre uma nação inimiga, ficava sob a mais grave suspeita, e um oficial de infantaria indiscreto em Oldenbour, que começara a dizer que Winston Churchill era um homem muito mais inspirador do que certas pessoas, achou-se detido muito antes de acabar de falar.

Um oficial de cavalaria que preferiu dar continência com dois dedos num "V da vitória"\* foi levado imediatamente para ver Herr Bielert infração do famoso parágrafo 91. O oficial de cavalaria nunca mais foi visto.

A grande maioria dos acusados não só fizera confissões completas na mesma hora, como também dera os nomes de parentes e amigos, fossem eles culpados ou não. Paul Bielert estava tendo uma guerra muito gratificante.

Quanto ao tenente Ohlsen, na cela nº 9, acabou sendo visitante regular do escritório esparsamente mobiliado de Bielert, com o seu

inevitável vaso de cravos, do qual todos os dias Bielert tirava um para a sua lapela. Logo ficou tão \_\_\_\_\_

\* Saudação popularizada por Churchill.

acostumado com essas visitas que elas cessaram de representar uma mudança.

Todo o resto do tempo ficava encolhido em sua cela, pressionando a cabeça dolorida contra a parede de pedra, em uma tentativa de aliviar um pouco a dor. Pensava no tempo das trincheiras, que agora parecia um modelo de conforto comparado com a sua árida cela de prisão. Perguntava-se sempre por que ninguém da companhia viera vê-lo. Possivelmente pensavam que ele já estava morto. Seria muito típico da Gestapo se tivessem anunciado sua execução dias ou mesmo semanas antes de se realizar. Era fortemente guardado, e isolado dos outros prisioneiros, exceto durante o período de exercícios, mas mesmo então era impossível dizer mais do que algumas rápidas palavras aqui e ali. Tanto Stahlschmidt quanto Greinert estavam incessantemente de guarda, andando de um lado para o outro. Já Stever e alguns dos outros guardas tinham o hábito de sentar-se no muro para olhar a brincadeira. O período de exercício, longe de ser um alívio para a monotonia paralisante das celas, era na verdade um pesadelo. Os prisioneiros eram obrigados a correr em círculos por meia hora, com as mãos cruzadas atrás do pescoço e as pernas rígidas. Era muito divertido olhar, muito exaustivo fazer.

Mexia com todos os músculos do corpo e dava câimbras nos músculos da perna. Porém era uma invenção pessoal de Stahlschmidt e ele sentia-se muito orgulhoso dela.

Quando os SD vieram a primeira vez para levar o tenente Ohlsen para ser interrogado por Bielert, deram uma olhada em seu rosto machucado, no nariz inchado, e riram de chorar.

– “O que aconteceu com você, hem? Caiu da escada?”

Stahlschmidt explicara seriamente que o tenente era sujeito a maus sonhos e caíra da cama uma noite, o que somente aumentou a hilaridade geral.

– E uma coisa estranha – observou um dos Unterscharführer, enxugando os olhos – ver quantos dos seus prisioneiros conseguem cair da cama. Talvez seja bom amarrá-los durante a noite. Por proteção, é claro.

Na parede da cela de Ohlsen, um pai qualquer escrevera algumas palavras patéticas para o filho, despedindo-se dele e recomendando-o aos cuidados do mundo. Erich Bernert, coronel, 4.15.40. O tenente Ohlsen perguntou-se o que teria acontecido a Erich Bernert, coronel, e se o seu

filho era suficientemente crescido para saber sobre ele. E então começou a pensar no próprio filho, Gerd, cuja mãe e a família o haviam colocado em um Campo de Educação Nacional-socialista perto de Oranienburg. O tenente Ohlsen sabia que, assim que morresse, os líderes da Juventude Hitlerista não perderiam tempo em apossar-se de Gerd e envenená-lo contra o pai. Talvez já tivessem até começado essa tarefa. Seu pai foi um traidor, seu pai era um inimigo do povo, seu pai traiu o país. E depois havia também a família de sua mulher, os orgulhosos e empertigados Lander, que nunca o aprovara. Podia ouvir até Frau Lander, celebrando em voz alta a notícia de sua morte. Um traidor do país, falara mal do Führer. Na cabeça dela, ele não seria em nada diferente de um maníaco sexual ou um assassino. Falaria com os seus amigos elegantes sobre o genro, em tons abafados, na hora do chá. Ela o acusaria de ter trazido tal vergonha sobre a família, e, entretanto, ao mesmo tempo, a história seria assunto dos jantares durante semanas seguidas.

O tenente Ohlsen começou a sentir que já estava morto e esquecido.

Não mais se incomodava com o que lhe acontecia, não temia mais a morte, quase aceitava bem a ideia, como um alívio para a dor. No entanto era duro sentar-se sozinho na cela e pensar no mundo lá fora, rindo e chorando, lutando e brincando, ignorando totalmente sua existência. Como era fácil deixar de existir. Como as pessoas esqueciam facilmente, como se importavam pouco.

E então, um dia, recebeu visitas. O Velho e o Legionário vieram vê-lo.

Imediatamente a cortina subiu e ele não era mais um fantasma, era parte do mundo novamente. Podia não ser capaz de sair e ir juntar-se a eles, porém pelo menos se lembraram dele. Embora, obviamente, nem o Velho nem o Legionário pudessem soltá-lo, ou mudar o seu destino, sabia agora que o seu tratamento não ficaria sem vingança. E isso facilitava as coisas para ele. Havia uma certa satisfação em saber que aqueles que zombaram de você, humilharam, que lhe bateram quase até a morte, estavam eles próprios sob uma sentença de vingança e não sabiam disso.

O pequeno Legionário guardara o nome dos três: Stalschmidt, Stever e Greinert, e o Legionário iria lembrar-se. Ele sempre se lembrava.

Stever ficara presente todo o tempo da visita, e sentira-se um pouco perturbado pela visão do Legionário. Tentara, inicialmente, juntar-se a

.

conversa, porém o Legionário friamente o repelira. Engolindo esse tratamento, Stever distribuía então cigarros, embora fumar fosse estritamente proibido.

Todos haviam olhado para o outro lado, sem nem ao menos agradecer.

No final da visita, o Legionário olhara para Stever com olhos apertados e calculadores.

– Você é o Stever, não é? E o cara lá no escritório, o que tem três estrelas nos ombros, é o Stahlschmidt? E o seu amigo que estava com você antes de chegarmos aqui, o que tem o nariz torto, o nome dele é Greinert?

– é – disse Stever, perguntando-se por que isso importava.

– Ótimo – dissera o Legionário, fazendo um sinal com a cabeça e sorrindo maliciosamente. – ótimo. Não vou me esquecer. Nunca esqueço um nome, ou um rosto. Bom dia.

E saíra pelo corredor cantando uma canção, alto o suficiente para Stever ouvir as palavras: “Venha, venha, Venha, oh morte...”

Stever voltou calmamente para a cela de Ohlsen. O Legionário o perturbara. Havia algo enervante em relação aquele homem. Stever sentou-se na ponta da cama e olhou para Ohlsen.

– Aquele cara baixinho – disse cautelosamente. – Aquele cara com as cicatrizes no rosto, ele é seu amigo?

O tenente Ohlsen silenciosamente inclinou a cabeça.

Stever apertava nervosamente o lóbulo da orelha.

– Bastante desagradável – observou. – Dá a impressão de que esfaquearia a avó pelas costas pela metade de um cigarro. Me deu arrepios, isso sim, Não ia me surpreender se ele fosse um maluco. Provavelmente comprovado. Não sei como um oficial que nem você pode suportar ficar perto dele.

– Ele não está sempre junto de mim. Ninguém fica muito junto dele.

Ele é o que se chama de solitário. Só tem um amigo verdadeiro, e é a morte.

– O que você está querendo dizer com morte? – Stever estremeceu.  
–

Não entendo. Ele é um assassino ou algo assim?

– De vez em quando. Só quando quer. Todos sabem que ele já matou aqueles que vão contra o seu próprio código moral. É um pouco

.

diferente do seu ou do meu, sabe? Para começar, não é um sujeito muito elástico. Ele não aceita desculpas. E o próprio juiz e o próprio carrasco. Isso faz parte de seu código moral: um homem não deve julgar se não está ele mesmo preparado para levar a efeito a punição que decreta, e o Legionário sempre está preparado.

– Pessoas como ele não deviam ficar a solta – disse Stever passando a mão pela testa. – Ele causa até mal-estar na gente. Já encontrei pessoas horríveis na RSHA antes, mas esse seu amigo bate a todos. Deixa você todo arrepiado só de olhar.

– Ele não é bonito, lhe garanto – sorriu Ohlsen. – Mas acho que tem um certo charme, não acha?

– Maldito charme! – disse Stever. E então, de repente amedrontado, falou: – Você acha que ele tem alguma coisa contra mim?

– Por que perguntar a mim? – respondeu o tenente Ohlsen. – Ele não me conta segredo nenhum. Ninguém nunca sabe nada com o Legionário, até que chega uma hora que é muito tarde. Talvez você tenha observado outra coisa dele, Stever: ele anda como um gato. Não faz nenhum barulho. Usa botas de borracha, é claro, mas não é só isso. É uma habilidade que adquiriu com o passar dos anos. Ele

poderia andar atrás de você num caminho de cascalho coberto de ramos e pedaços de vidro quebrado e você nunca o ouviria, até ser muito tarde.

– Bom, de qualquer forma – disse Stever, recobrando-se um pouco – não fiz nada para aborrecê-lo. Nunca me encontrei com ele antes, e não quero nunca mais vê-lo. – Tirou o capacete, enxugou a cabeça, recolocou o capacete.

– Sou apenas um Obergefreiter – disse desassossegado. – Não sou eu que dou as ordens por aqui. Sou apenas o pobre coitado que executa essas ordens.

– É claro – concordou o tenente Ohlsen com um sorriso confortador.  
–

Você não tem que explicar. Você não gosta de chutar as pessoas no estomago, mas tem que fazer mesmo assim...

– Exatamente – disse Stever. Inclinou-se um pouco para frente. – Vou lhe dizer uma coisa, tenente. E o Stahlschmidt, ele é que é perigoso aqui. Ele é o Stabsfeldwebel, é ele quem dirige essa coisa. Por isso, se o baixinho com a cicatriz resolver cortar alguém, me faz um favor e diga a ele para pegar o Stahlschmidt, tá? Marius Joseph Stahlschmidt, é esse o nome, e ele é um grande

.

filho da puta. Você está certo, tenente, não posso suportar ver homens apanharem e serem amassados. Especialmente oficiais. Mas o que posso fazer?

Sou só um Obergefreiter. Por falar nisso, estou pensando em pedir uma transferência. Sabe, não posso mais aguentar este lugar. Não é só: isso aqui é buscar problemas, não é? Sabe, alguns dos caras que vem para cá são soltos de novo. Não é muito frequente, mas



acontece. E os que são mandados para os regimentos disciplinares? Faz sentido pensar que alguns deles vão sobreviver, não é? E um dia eles vão voltar aqui, aposto, procurando por Stahlschmidt. E

quando isso acontecer, prefiro estar em algum outro lugar. Eles podem não saber que estou só fazendo o meu trabalho e cumprindo as ordens, certo? Você não sabia até eu lhe contar, não é verdade?

O tenente Ohlsen balançou gravemente a cabeça. Stever levantou-se repentinamente.

– Olha, vou te mostrar. Fui transferido para cá de um regimento de cavalaria de Paris. – Pegou o caderno militar e mostrou-o ao tenente. – Vê isso aqui? 12º de Cavalaria, eu estava lá. E então os sem-vergonhas piolhentos me mandaram para esse buraco de merda e eu não queria vir, pode ter certeza. Mas o negócio é que a gente não tem escolha, certo? Já pedi várias vezes uma transferência, mas o que posso fazer, Stahlschmidt não quer que eu vá, já se acostumou comigo. Por exemplo, quando ele vai muito longe e machuca demais as pessoas e precisa de mim para um álibi. Assim como uma testemunha. Explicar como foi, sempre em defesa própria e essas coisas.

– Compreendo. – O tenente Ohlsen devolveu-lhe o caderninho. – Me diz uma coisa, Stever. Você acredita em Deus?

Stever pareceu alarmado, como se suspeitasse de algum truque, um duplo sentido.

– Não, não mesmo. Não posso dizer que acredito.

– Alguma vez já tentou fazer umas orações?

– Bem... – Mexeu os pés desconfortavelmente. – uma vez ou outra sim. Quando eu estava numa merda danada e não via outra saída, mas não posso dizer que fez algum bem. – Stever abotoou o bolso e voltou-se com repentino entusiasmo para Ohlsen. – Agora, ouça,

tenente. Vou tomar conta muito bem de você agora. Agora a gente conversou e se entendeu. Quer alguma

.

coisa para ler, quem sabe? Muitos oficiais parecem gostar muito de ler. Vou pegar alguns livros de qualquer lugar aí e trazer para você. Só precisa tomar cuidado para Stahlschmidt não ver, por favor. E quanto a Greiner, não precisa se preocupar com ele. Tem as celas dele para tomar conta. Esse grupo daqui é meu. E antes de sair, tenente, tenho um presentinho que trouxe especialmente para você. Tenho um ou dois, mas eles vão durar algumas horas. – Escondeu um maço de cigarros debaixo do colchão da cama e piscou conspiratoriamente.

– Nós dois podemos ser bons amigos, hem?

Fume perto do vento para o cheiro não ficar no ar.

Andou na direção da porta e depois voltou-se.

– Vamos receber a nossa ração de chocolate esta noite. Gosta de chocolate, tenente? Vou lhe trazer a minha parte. Vou colocar atrás da caixa da água no banheiro e então, na próxima vez que for lá, você pode pegar, certo? E

você vai falar com o seu amigo sobre mim, não vai? Diga para ele o que lhe falei sobre Stahlschmidt ser o cara que ele quer. Não preciso lhe dizer, tenente, estou arriscando o meu pescoço. por você, com esse negócio de cigarros, chocolates e livros. Até falar com você assim, podia ser preso por isso, mas não sei por que gostei de você na primeira vez em que o vi. Não se lembra que pisquei para você atrás de Stahlschmidt? Não se lembra?

– Não estou muito certo – admitiu Ohlsen.

– Pois pisquei – disse Stever. – E outra coisa, não se preocupe por eu ter ficado inquieto, ou coisa assim. Não estou com medo de nada nem de ninguém. Todo mundo que me conhece pode confirmar. Consegui as minhas duas Cruzes de Ferro na Polônia, e lá o negócio era duro. Muito duro mesmo. A frente russa não é nada em comparação. Fui o único homem na companhia que ganhou a Cruz de Ferro, diz isso para o seu amigo. E diz também que não fiquei sempre enfurnado aqui. Também estive no front. Em Westa Plata, por exemplo.

Varri todo um grupamento sozinho. É verdade mesmo. Consegui a EK II\* por isso. E em Varsóvia, destruí quatro abrigos antiaéreos cheios de guerrilheiros.

Destruí sozinho quatro abrigos antiaéreos com um lança-chamas. Ninguém saiu de lá vivo. Foi aí que recebi a EK I. Por isso, como pode ver, não posso ser acusado de não estar fazendo a minha parte. Estava louco para chegar a Stalingrado, só que os filhos da puta não me deixaram.

---

\* Cruz de Ferro, segunda classe.

Abriu a porta, saiu, porém voltou-se e enfiou a cabeça de novo para dentro:

– Me diz uma coisa – falou. - Esse amigo seu com a cara horrenda, ele é do tipo que usa faca?

– Exatamente – concordou Ohlsen. – Ele é bem rápido com uma faca, o Legionário...

Stever bateu a porta e saiu andando com as pernas bambas pelo corredor, indo para o banheiro. Mergulhou a cabeça na água fria por alguns minutos, sentindo-se repentinamente enjoado e tonto.

O tenente Ohlsen, sozinho em sua cela, bateu com desprezo o cobertor onde Stever se sentara, depois estirou-se na cama, as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto com um sorriso nos lábios. A vingança já começara e ele próprio fora capaz de participar dela.

Stever deixou o banheiro com o cabelo pingando e dirigiu-se apressado para o escritório de Stahlschmidt. Entrou sem bater na porta.

– Você viu as visitas do nº 9, Stabsfeldwebel? Viu aquele baixinho com a cicatriz? Viu a expressão em seus olhos? Viu...

– Cale essa boca, Stever, cale a boca. – Stahlschmidt olhou para o subordinado com olhos apertados e calculadores. – Vi sim, e daí? São totalmente sem importância. E quanto ao da cicatriz, em minha opinião ele estava obviamente bêbado. Totalmente embriagado. Vi quando ele andava pelo corredor. Ia cantando uma bobagem qualquer sentimental sobre a morte.

– Morte? – sussurrou Stever.

– Bom, ou ele estava bêbado – comentou Stahlschmidt – ou então está sofrendo de neurose de guerra. Não ficaria muito surpreso se fosse isso. Estava quase caindo ao chão sob o peso das medalhas que carregava. Esses heróis da linha de frente são um grupo muito instável.

Stever passou a manga pela testa e afundou em uma cadeira.

– Não sei se ele é instável. Maluco, sim, isso ele é, e perigoso. Aquele homem é perigoso, guarde o que digo! Meu Deus, com uma cara daquelas, devia ser trancafiado! Viu a cicatriz que, ele tem? Tomando todo o seu rosto?

Juro que ela ficou mudando de cor! E as mãos dele, nunca vi coisa igual!

Você tem uma imaginação muito aguçada, Stever. Elas me pareceram apenas mãos comuns.

– Mãos que foram feitas para estrangular – disse Stever com voz rouca.

Stahlschmidt fez um barulho impaciente em algum lugar de sua garganta e pegou a permissão do visitante que estava em cima de sua mesa.

– Willie Beier e Alfred Kalb – murmurou.

– E isso! – gritou Stever. – Alfred Kalb! É ele, estou reconhecendo o nome!

– Está certo, não precisa gritar. – Stahlschmidt estava examinando a permissão através de uma lente de aumento. Seu rosto de repente se contraiu. –

Dê uma olhada nessa assinatura – falou.

– Qual é do problema com ela? – perguntou Stever, apertando levemente os olhos.

– Obergefreiter Stever – falou Stahlschmidt aborrecido – sempre o considere uma pessoa razoavelmente inteligente. Não brilhante, é claro, mas também não um paspalhão. Você tem um pouco de cabeça, me parece. Se não tivesse, já o teria mandado para uma companhia disciplinar há muito tempo.

Entretanto, não é o que interessa. O que conta é que não gosto de trabalhar com idiotas. Eles embotam o intelecto e retardam as reações. E se Você vai começar a torcer as mãos e resmungar e coçar a bunda toda vez que eu coloco um problema simples diante de Você, então pode sair daqui agora mesmo antes que eu te ponha para fora.

– Me deixa dar uma outra olhada – implorou Stever nervosamente. –

Não estou muito bom hoje. – Agarrou o papel e examinou-o com a lente. Virou daqui e dali, levou até a janela, fechou um olho e depois trocou de olho, quase ficou de cabeça para baixo, porém mesmo assim não podia ver nada de extraordinário na assinatura.

– E então? – falou Stahlschmidt.

– É claro! – Stever soltou o papel e a lente, e deu um passo atrás. E

sim, agora que Você mencionou, tem alguma coisa estranha em relação a essa assinatura. Meus olhos não são .tão rápidos como os seus. Nunca teria notado no você não tivesse me mostrado.

– Hum! Você demorou muito para descobrir. Ou precisa usar óculos ou seu cérebro está começando a ficar mole... Você vai precisar dormir cedo essa noite. Dormir umas boas oito horas e não beber muito. Deixar os intestinos em bom estado.

Stahlschmidt abriu a gaveta de baixo de sua mesa, tirou de lá uma garrafa de uísque e encheu dois copos.

– Mas estou feliz por Você ter descoberto enfim. A assinatura foi certamente falsificada. Foi bom você ter percebido.

Os olhos de Stever se arregalaram. Sua mão, que automaticamente se estendera para apanhar o uísque, tremeu um pouco, depois mudou de direção e pegou a permissão uma vez mais. Não conseguia ainda ver nada de errado com a assinatura.

– De todas as permissões que já tivemos nesse escritório – dizia Stahlschmidt – você já viu alguma assinada pelo Standartenführer Paul Bielert em pessoa? Não impressa ou com carimbo, mas na verdade assinada por ele com caneta e tinta? – Balançou a cabeça.  
– Claro que não!

O Standartenführer não se rebaixaria a ponto de assinar seu nome pessoalmente para qualquer pedaço de papel fodido que passasse pela frente dele. Nem eu fago isso, por isso estou bastante certo que ele também não faz; até eu uso um carimbo. – Stahlschmidt olhou para Stever e seus lábios se contorceram, formando quase que um sorriso. – E você também de vez em quando, não é, Stever? Um carimbo com minha assinatura...

– Eu? – falou Stever com ar insultado. – Nunca fiz isso em minha vida!

– Não? – Stahlschmidt levantou as sobrancelhas com ar de incredulidade. – Bom, pode ser que você não estivesse consciente no momento.

Talvez sofra de amnésia. Quem sabe vertigens? Desmaios? Dou-lhe o benefício da dúvida, porque obviamente é uma ofensa muito séria usar a assinatura de um outro homem sem seu conhecimento e sua autorização.

– Claro que é – exclamou Stever corretamente. – E por isso que eu nunca, nunca... – Parou de falar. – Por que faria isso? – perguntou.

– Ah, meu querido Stever, posso pensar em uma dúzia de razões. –

Stahlschmidt recostou-se na cadeira com as pernas esticadas em cima da mesa,

.

divertindo-se com a sensação de ter Stever sob seu controle. – Talvez você tivesse algumas dívidas de jogo. Talvez quisesse requisitar algum artigo para vender no mercado negro. Tenho certeza que você não precisa que eu lhe explique todos os usos de um carimbo! Como já disse, você é uma pessoa de inteligência razoável, e pessoas inteligentes são os maiores sacanas da face da Terra.

– Mas, Stabsfeldwebel, você também é uma pessoa de grande inteligência! – falou Stever triunfantemente.

Desta vez, Stahlschmidt levantou as duas sobrancelhas simultaneamente, o mais alto que podia.

– Cuidado com o que diz, Stever. Lembre-se apenas de sua posição.

Você é apenas um Obergefreiter, não fique cheio de si. – Pegou novamente a permissão. – Vamos dar uma outra olhada nessa assinatura forjada. Com um pouco de sorte, Willie Beier e Alfred Kalb logo estarão se juntando ao amigo tenente em nossas celas.

Stever esfregou as mãos e agarrou animadamente o copo de uísque.

– Meu Deus, se isso acontecer, juro que me emendo!

Juro mesmo! Ia sentir que Ele, lá no alto, estava querendo me dizer

“Olha, eu existo, isso é uma prova”, sabe o que quero dizer? E ia assistir a missa pelo menos uma vez por... uma vez por mês. E isso mesmo, assistir a missa. Uma vez por mês, eu ia. Na primeira missa – falou Stever com força.

– Você não acha que está exagerando um pouco? – perguntou Stahlschmidt.

– Pois eu fazia até mais do que isso, eu me ajoelharia e até rezava!

–

bradou Stever. – Meu Deus, se aquele filho da puta baixinho com a cicatriz viesse para cá, eu... eu lhe arrancaria os olhos!

– Você quer dizer que faria o que Greinert fez com aquele major que ele detestava?

– Exatamente! Fazia com os meus dedões, exatamente como ele fez: enfiava um pedaço de pano na boca do homem para que



ninguém ouvisse e arrancava os dois olhos.

– Parece maravilhoso – murmurou Stahlschmidt. – Mas me pergunto se você tem coragem mesmo de fazer isso, se chegar a hora.

– Com aquele bosta, teria! – Stever bebeu de um trago o uísque e colocou o copo sobre a mesa com um gesto de satisfação. – Estou-me sentindo

.

melhor agora, posso até ver aqueles dois sendo trazidos por aquela porta sob escolta...

Stahlschmidt acenou com a cabeça e sorriu. Olhou novamente para a assinatura falsificada e sentiu-se bastante seguro de si. E mesmo se fosse provado que estava errado, podia sempre culpar Stever. Pegou o telefone e discou um número.

– Quero falar com o Comissariado. Feldwebel Rinke. Aqui é o Stahlschmidt, Stabsfeldwebel Stahlschmidt da prisão da guarnição...  
– Ah, é você, Rinke? Por que Você não se anuncia, pelo amor de Deus? Eu podia estar falando com qualquer pessoa, não podia? Olha, tenho um serviço para você.

Quero que Você... O quê? O que é que Você está dizendo? – Ficou em silêncio por alguns instantes, depois explodiu no telefone. – Faz o que estou mandando e nada de perguntas! Não discuto que você esteja ocupado, e nós também estamos, trabalhando como loucos para fazer o trabalho que você devia ter feito e não fez, por isso não arranje desculpas! De qualquer forma, é muito simples e direto, só uma bobagemzinha... só quero que você consiga que dois homens sejam apanhados e trazidos para cá o mais rápido possível. Você tem uma caneta? Toma nota dos nomes deles. Willie Beier e Alfred Kalb, certo?

Anotou? Ótimo. Vieram fazer uma visita a um dos prisioneiros daqui e não gostei da cara deles. Principalmente o Kalb. Ou ele sofre de neurose de guerra ou então estava bêbado como uma gambá. Bom, mas o negócio é que eles entraram com um passe falsificado, por isso quero os dois aqui para interrogatório o mais rápido possível, e... – Parou de falar, repentinamente cheio de suspeitas. – Qual é a graça?

– Você! – As altas gargalhadas de Rincken podiam ser ouvidas do outro lado da Sala, e Stever olhou interrogativamente para o Stabsfeldwebel. – Meu Deus, Stahlsmidt, você perdeu a cabeça ou coisa assim? O que esses dois lunáticos tem a ver comigo? São seus, e você pode fazer o que quiser, de acordo com o Heeresarmeevorschrift\* nº 979, de 26 de abril, 1940, parágrafo 12, inciso 8, fica sendo exclusivamente da sua responsabilidade se alguma coisa assim ocorre em seu território. Você é até obrigado a escrever um relatório sobre isso. E até recebermos o seu relatório, nossas mãos estão amarradas.

Tudo que posso dizer é que espero, pelo seu próprio bem, que você esteja

.

---

\* Boletim do exército.

enganado. Não vai pegar muito bem, não é mesmo? Dois homens que recebem permissão para entrar em sua prisão muito a vontade com papéis falsificados que ninguém verifica? Visitando um prisioneiro debaixo do seu nariz quando não tinham o direito de estar aí... – Fez um som de desaprovação. – Não queria estar em sua pele agora, se isso é verdade! Você devia ter prendido os dois antes de saírem.

Stever, que se aproximara da mesa e ficara escutando, ergueu-se ao ouvir essas palavras. Ficou de pé, branco e trêmula, junto a porta, como se estivesse preparado para uma luta imediata.

Stahlschmidt bateu com os dedos na mesa e esticou o pescoço.

– Olha aqui, Rincken, não seja bobo! Não é preciso toda essa agitação!

Não é nada de oficial, só telefonei para você porque não estou de todo certo se o passe era mesmo falsificado. Acho que é, porém quero ter certeza, e quero que você...

– Mas que diabo! Um segundo atrás você estava me dizendo para pendê-los porque eles decididamente haviam entrado usando um passe falso. ..

– Não, não, eu disse que pensei que eles...

– Pensou uma ova! – disse Rincken cruelmente. – Não adianta tentar livrar-se dessa, Stahlschmidt. Tenho uma testemunha que testemunhara se for preciso. Está ouvindo na extensão.

– Foda-se essa testemunha! – berrou Stahlschmidt. – Eu não estou nem um pouco preocupado com qualquer testemunha nojenta, sabe.

– Se você está ou não – disse Rincken secamente – já expliquei que o caso não tem nada a ver conosco. Você vai ter que fazer um relatório oficial.

Várias vezes você nos afirmou que o que acontece em sua prisão é da sua conta e de mais ninguém, Se tivesse qualquer responsabilidade que fosse, já estaria com esses dois trancafiados aí dentro. Mas como não tem, e como o assunto agora foi trazido ao meu conhecimento, acho que terei que entrar em contato com o tenente-coronel Segen e contar-lhe tudo. Vamos então trazer os dois

para interrogatório e logo chegaremos ao âmago da questão, porém, mesmo assim, quero um relatório por escrito.

Stahlschmidt deu um chute repentino na cesta de papel e forçou-se a falar calmamente. Talvez tivesse sido um tanto precipitado. O caso não estava se desenrolando como previra.

– Sabe, pensando bem, Rinken, você está com a razão.

É problema meu e não devia ter incomodado Você sobre isso, Lamento muito, não pensei, eu...

– Você tem razão – a voz de Rinken soou macia pelo telefone, meloso e complacente. -- Todos nós cometemos os nossos erros. Não me incomodo de dar uma palavrinha com o Segen. Só preciso de um relatório por escrito, só isso.

– Mas olha, não é preciso mesmo...

– Eu só gostaria de saber uma coisa – interrompeu Rinken. – Eles falsificaram a assinatura de quem?

– De Bielert.

– Bielert? Nesse caso, o problema é sério mesmo. Vou tratar disso sem demora, com ou sem relatório escrito.

– Mas olha aqui...

– Por falar nisso, Stahlschmidt, você sabia que eles estão formando um novo regimento disciplinar de infantaria? Ouvi dizer que estão loucos por sargentos de experiência. Por que Você não dá o seu nome?

– Rinken, por favor! – A voz de Stahlschmidt soou quase humilde.

Com grande força de vontade, forçou um tom de súplica: – Não precisa incomodar o coronel Segen com isso. Deixa o caso morrer

por aqui. Para ser honesto, não sei com certeza se o passe é falsificado, foi só uma ideia que me ocorreu. Mas de qualquer forma, os dois homens não estão mais no local e eles...

– Não estão mais no local? – repetiu Rinken alegremente. – Mas, Stahlschmidt, você não tem nenhum método de controle das entradas e saídas das pessoas? Me parece que as pessoas por aí podem entrar e sair como se você estivesse dirigindo uma galeria de arte e não uma prisão. Em primeiro lugar, quem deixou esses homens entrarem? E quem os deixou sair? Quem verificou as suas credenciais?

– Eu mesmo – disse Stahlschmidt irritado. – Você sabe que fui eu.

Sabe que sou eu quem toma conta dessas coisas. Deus sabe que não posso confiar em mais ninguém,

– Por falar em confiar nos outros – disse Rinken, rindo debochadamente – confiei em Você, Stahlschmidt, achando que pagaria os cem marcos que me deve. Você não esqueceu, não é? Cem marcos, mais vinte por cento de juros.

– Não esqueci não. Nunca esqueço de minhas dívidas, especialmente com amigos. Mas é que não estou muito preparado no momento. Tive... tive uma série de despesas extras. Uns uniformes novos e um novo par de botas.

Você sabe como é, a gente não pode andar por aí com trapos. Não quando se é um Stabsfeldwebel. E os pregos que cobram hoje em dia! Tive que pagar quatro vezes mais pelas botas do que deveria. E de qualquer forma, você me emprestou aquele dinheiro como amigo. Sem juros. Na hora não falou nada Sobre juros de vinte por cento.

– Você me deixa realmente perplexo – disse Rinken friamente. –

Primeiro me telefona com histórias de passe falsificado e sobre dois criminosos entrando e saindo de sua prisão sem que ninguém lhes peça os nomes, depois começa a falar sobre novos uniformes e botas caras, esperando que eu pague por elas, e finalmente tenta negar que me deve dinheiro!

– Não, não, só os juros! – protestou Stahlschmidt.

– Você me deve cem marcos mais vinte por cento de juros – disse Rinken decididamente. – Você nega os juros e se recusa a me pagar os cem marcos. Isso é o suficiente para mim. Vou falar com o coronel Segen sobre você. Não estava esperando fazer esse tipo de coisa e sair impune, não é?

Ouviu-se um click e a linha emudeceu. Rinken desligara. Stahlschmidt ficou sentado por uns instantes, olhando perplexo para o telefone, perguntando-se como foi que o tiro saíra pela culatra, de forma tão desastrosa.

– O que foi que ele disse? – perguntou Stever, dando alguns passos hesitantes para dentro da sala.

– Nada que seja da sua conta! – rosnou Stahlschmidt. Andou de um lado para outro furiosamente, chutando qualquer objeto que aparecesse em sua frente, amassando o punho contra o arquivo, cuspidando na fotografia de Himmler. Depois, repentinamente, afundou de novo na cadeira e agarrou o telefone mais uma vez.

– Paul? E você, Paul? .Aqui é o Alois. – Sua voz estava suave, gentil e doce na linha. – Olha, lamento pelo dinheiro que lhe devo. Você tem razão quanto aos vinte por cento, claro que tem, mas você sabe como são as coisas...

a gente protesta por princípio! Sempre fazemos isso, não é, Paul? E como um hábito, não quer dizer nada na verdade, não quer dizer que estou tentando me livrar do negocio...

– Pode ser – respondeu Rinken friamente. – Só o que quero é o meu dinheiro de volta. Vou lhe dar um prazo até amanhã ao meio-dia e nem mais um minuto. Cem marcos mais os juros.

– Olha, prometo – disse Stahlschmidt – prometo que você vai receber o seu dinheiro. Vou colocar em um envelope e mandar Stever lhe entregar.

Do outro lado da sala, Stever balançou a cabeça vigorosamente.

Stahlschmidt ignorou-o.

– Tudo que pego, Paul, é que em nome de nossa amizade, você me diga como posso sair dessa maldita situação! Foi tudo um grande engano, mas deve haver alguma saída.

– Pelo modo como vejo as coisas, há duas medidas que podem ser tomadas – falou Rinken ainda frio e grosseiro. – Você pode ir ao seu coronel e contar tudo, e esperar que ele seja bobo o suficiente para engolir o negócio, o que provavelmente ele não será, e então ele começará a remexer daqui e dali, fazendo perguntas e você vai ficar numa merda muito pior. Ou então, é claro, pode segurar o touro pelos chifres e ligar diretamente para a Gestapo. A única coisa é que você vai precisar ter muito cuidado com as coisas que disser a eles.

Ensaie primeiro, eu faria isso, se fosse você. E mesmo assim, é claro, vai se enrascar se o passe for mesmo genuíno. Bielert vai vir em cima de você com uma tonelada de tijolos. E se não for um erro, e na verdade for uma falsificação, você vai estar em pior situação ainda, porque então eles vão querer dar uma palavrinha com os caras que você deixou entrar, e você pode imaginar como ficarão felizes se descobrirem que você deixou os dois irem embora.

Houve um silêncio repentino. Stahschmidt mordida um lápis, prendendo-o com os dentes.

– Paul – falou finalmente. – Você ainda está aí, Paul? Tive uma ideia.

Não seria mais simples se você esquecesse que eu telefonei? Apareça para jantar essa noite. Posso convidar um ou dois de nossos amigos. Feldwebel Gehl pode conseguir algumas garotas de algum lugar. Apareça por volta das oito e então...

– Espera aí – disse Rincken, cheio de suspeitas. – Você disse esquecer?

Um homem em minha posição?

– Bom você poderia – instigou Stahlschmidt – Ou não?

– Não sei – disse Rincken sem pressa. – Tenho que pensar em mim.

Não tenho desejo algum de ser mandado para uma companhia disciplinar nesse estágio da minha carreira.

– Mas ninguém ia saber – sussurrou Stahlschmidt.

– É, pode ser que você tenha razão. Exceto que quero, mesmo assim, um relatório oficial. Quanto aquele convite para jantar... você disse 8:00?

– Oito horas – confirmou Stahlschmidt. – Vou cuidar pessoalmente das bebidas, da comida, da diversão. Você é um cara legal, Paul, sempre disse isso. Acho que vou até rasgar esse maldito passe e esquecer o que aconteceu.

– Eu não faria isso – disse Rincken. – Não acho que seria muito inteligente. Se for oficial, haverá cópias dele em todo lugar. E se não for... bem, honestamente, acho que você devia verificar discretamente. Senão, vai ter muito que pagar se a história transpirar.

– Você tem razão – disse Stahlschmidt, suando enormemente a volta do pescoço. – Você tem razão. Vou telefonar para o meu



comandante. Ele é burro pra cachorro e não vai fazer muitas perguntas.

– Acho que você devia tirar isso a limpo de uma vez por todas – disse Rinken. – Vou ficar calado por aqui até ter notícias suas.

– Você está sendo muito bom – murmurou Stahlschmidt, detestando mais Rinken a cada minuto que passava.

– Olha – disse Rinken jocosamente – Não gostaria de estar na sua pele.

Não ficaria surpreso se a festa de hoje à noite acabasse sendo uma festa de despedida; você pode até ir parar em uma de suas celas!

– Meu Deus – disse Stahlschmidt – se isso é uma piada sua, não prezo muito seu senso de humor. Com amigos como você, não preciso de inimigos.

A única resposta de Rinken foi uma sonora gargalhada.

– Mas eles nunca fariam uma coisa dessas – disse Stahlschmidt irritadamente.

– E por que não? – perguntou Rinken. – É sempre bom estar entre velhos amigos. Você podia falar dos bons velhos tempos quando você tomava conta da prisão e eles eram como poeira debaixo das rodas de sua carruagem...

Rindo para si próprio, Rinken desligou. Stahlschmidt ficou sentado, olhando para o telefone, perguntando-se se estava enjoado por causa de alguma doença. A sala rodopiava a sua volta, sentia-se tonto e enjoado, e todo o seu corpo suave. Hoje em dia não se podia dizer... tantas doenças estranhas pareciam estar aparecendo. Segurou o pulso e voltou-se para Stever.

– Acho que é melhor eu ir ver o oficial médico. Estou me sentindo muito mal mesmo. Você pode tomar o meu lugar por algumas horas. Ou mesmo alguns dias, pode ser, se eles me mantiverem na cama.

Stever começou a tremer.

– Não acho que essa ideia seja boa, Herr Stabsfeldwebel. Greinert certamente é mais qualificado do que eu. Está aqui há mais tempo. e

- Greinert é um idiota.

Ficaram se olhando por alguns instantes, então, de repente, Stahlschmidt pegou o telefone e pediu para falar com o major von Rotenhausen, o diretor da prisão.

– Senhor? Major Rotenhausen? Aqui é o Stabsfeldwebel Stahlschmidt, senhor.

– O que é, Stahlschmidt?

– Tenho algo a relatar, senhor, que dois homens do 27º Regimento Blindado, um tal de Willie Beier e Alfred Kalb, visitaram um dos prisioneiros hoje com um passe que penso ser falsificado.

Houve um longo silêncio, enquanto Rotenhausen tentava digerir o que fora dito e pensar em uma pergunta pertinente para fazer. Finalmente, encontrou uma.

– Quem eles visitaram?

– Tenente Bernt Ohlsen.

– Quem é? De quem é prisioneiro?

Stahlschmidt fechou os olhos. Encolheu-se todo na cadeira.

– Gestapo, IV/2A – sua voz nada mais era do que um sussurro.

– E quem assinou o passe? i

– Standartenführer Paul Bielert – disse Stahlschmidt, e quase caiu da cadeira.

Rotenhausen desligou. Não deu nenhum sinal do que pretendia fazer, ou se na realidade pretendia fazer alguma coisa. Uma vez mais Stahlschmidt

.

foi deixado com um telefone mudo em sua mão. Recolocou o fone no gancho, desamparado.

– Bom – disse para Stever com jovialidade. – Estamos numa grande merda, e não há erro sobre isso. O que fazemos agora? – Stever olhou-o, uma enorme massa de sofrimento. – Aquele filho da puta do Rinke! – xingou Stahlschmidt. – Quem ele pensa que é, esse monte de pele e ossos. Só porque ajuda o filho da puta do seu comandante a colocar o sobretudo todos os dias... –

Stahlschmidt voltou-se e cuspiu veementemente na direção da cesta de papéis virada. – Sabe o que ele era antes da guerra? Era leiteiro, isso sim! E você pode apostar a sua vida se não é o que ele vai voltar a ser depois da guerra. Vamos lá, Stever, coloque a sua cabeça para funcionar, homem! Não fique parado aí como um cagalhão endurecido, comece a pensar!

– Herr Stabsfeldwebel – disse, após pigarrear elaboradamente – tenho certeza, absoluta de que poderá encontrar uma saída. – Olhou para Stahlschmidt diretamente nos olhos, rebatendo a altura, Stever pretendia deixar claro que não tinha nada a ver com a questão.

Stahlschmidt encarou-o. Esperou até que Stever desviasse o olhar, depois sorriu friamente.

– Se eu me ferrar, você também se ferra – murmurou, baixo demais para que Stever ouvisse. – Não se engane. Não vou afundar sozinho!

Por mais dez minutos, andou pela sala, observado furtivamente por Stever, que não tinha vontade alguma de ficar, porém estava apavorado demais para sair.

A monotonia foi quebrada pelo gemido repentino das sirenes. Os dois homens se olharam.

– Lá vêm eles de novo – falou Stever.

– Devem ser os canadenses – comentou Stahlschmidt.

Ficaram ouvindo por uns momentos, então Stahlschmidt virou a cabeça para o lado da porta e pegou a garrafa de uísque.

– Venha. Para baixo, no porão, e vamos rezar para que eles joguem uma bomba na Gestapo.

– E no major Rotenhausen também? – sugeriu Stever.

– No major Rotenhausen também – concordou Stahlschmidt,

enfaticamente. – E, em Rincken também, o filho da puta! Mandaria uma nota

.

peçoal de agradecimento para o chefe da Força Aérea Canadense.

Correram para o porão, ficaram lá o tempo do ataque aéreo, aproximadamente vinte minutos, e acabaram com a garrafa de uísque. Quando voltaram, descobriram que o ataque se concentrara na área sul do porto e não atingira a Gestapo. Ou o major Rotenhausen, ou Rincken.

– Nem mesmo indiretamente – lamentou-se Stahlschmidt, ao voltarem para o escritório.

Olhou para Stever e Stever olhou-o também. Não havia esperança naquela direção. Stever não era homem de vir com ideias brilhantes.

– Só temos uma chance. Vou ter que ligar para os filhos da puta e arriscar, ver se consigo explicar para eles. Vai ser pior no final se descobrirem por si próprios.

O tremor de suas mãos ao discar o número temido da Gestapo, 10 001, desmentia a falsa bravura de sua voz.

– Polícia Secreta do Estado. Seção Stadthausbrücke. Stahlschmidt engoliu uma boca cheia de saliva. Gaguejando, tropeçando nas palavras, buscando ar, conseguiu fazer o seu relatório.

– Espere só um momento, Stabsfeldwebel. Vou transferi-lo.

Stahlschmidt gemeu baixinho e passou um dedo por dentro do colarinho. Uma nova voz apareceu no telefone; seca, dura e autoritária.

- Alô, sim, em que posso ajudá-lo? Aqui é o Serviço Executivo, IV/2A.

Mais uma vez, Stahlschmidt gaguejou e tropeçou em sua história. Até para os seus ouvidos cheios de preconceitos não parecia mais ter nenhum traço de verdade ou probabilidade.

– E quem assinou esse passe? – perguntou a voz.

– Herr Standartenführer Paul Bielert – falou tristemente Stahlschmidt, e humildemente inclinou a cabeça para o telefone.

– Pode deixar de lado o "Herr"! – exigiu a voz. – Já abandonamos essas adulações plutocráticas há muito tempo.

Stahlschmidt imediatamente deixou escapar toda uma série de desculpas e escusas, quase prostrando-se sobre a mesa ao fazer isso.

– Se o senhor já acabou – disse a voz – vou passá-lo para o Standartenführer em pessoa.

Stahlschmidt soltou um gemido de terror. O telefone ficou mudo.

Olhou para o odiado instrumento e viveu um momento de intenso desejo. Se ele pudesse ao menos arrancá-lo da parede e jogá-lo no jardim, será que seus problemas acabariam? Ou talvez se tivesse que ser levado subitamente doente...

sentia-se doente. Sentia-se muito doente.

– Alô?

Stahlschmidt agarrou aterrorizado a garganta.

– A... lô?

– Aqui é Paul Bielert. Em que posso ajudá-lo?

A voz era baixa e agradável. Doce e suave, e de alguma forma convidativa. Por um rápido e insano momento, Stahlschmidt sentiu-se quase tentado a fazer uma confissão completa de sua loucura, humilhar-se e soluçar e ajoelhar. Em voz disso, abriu a boca e começou a despejar as maiores futilidades pelo telefone. A história saiu em uma enorme confusão, desestruturada, incoerente. Em um momento jurava que notara imediatamente que a assinatura era forjada; logo em seguida contradizia-se abertamente dizendo que mesmo agora estava inseguro e queria só verificar. Denunciou Rinken, denunciou Rotenhausen, denunciou, todo o pessoal da prisão. Eram todos preguiçosos, inúteis, filhos da puta mentirosos, sem cabeça nenhuma. Ele, Alois Stahlschmidt, tinha que fazer tudo sozinho. Cabia a ele...

– Um momento, Stabsfeldwebel. – A voz interveio, persuasiva e quase apologética. – Não gosto de interromper o seu discurso no meio, mas alguém alguma vez já lhe disse que o senhor não é, talvez, tão inteligente quanto necessário? – Stahlschmidt engoliu barulhentosamente no telefone e seu pescoço começou a ficar vermelho. – Se esse passe era mesmo falsificado – continuou Bielert, com a mesma voz suave e persuasiva – não lhe ocorreu que os nomes dos visitantes também podem ter sido adotados para a ocasião? Já verificou isso? Verificou com suas companhias? Revistou o prisioneiro, desde que os dois homens saíram?

Revistou a cela?

– Claro! Isso é trabalho do Obergefreiter Stever, Standartenführer. E o Obergefreiter Stever fez isso?

– Ah, claro! Fez, fez, fez sim! Eu mesmo vi!

– E o que foi que ele achou?

– Bom... nada, senhor. – E Stahlschmidt voltou-se para olhar acusadoramente para Stever, que o olhava com olhos arregalados, incrédulo e humilde.

– Neste caso deve ter sido certamente uma busca muito superficial, não é?

– O problema é que, senhor, como estava explicando, é quase impossível confiar em alguém nesse lugar para fazer um trabalho decente. Me vejo quase sem ter ninguém para me ajudar. A menos que eu vá e...

A voz novamente interrompeu-o nas frenéticas explicações. Não estava mais tão suave como antes.

– Agora, ouça uma coisa, Stabsfeldwebell Eu o responsabilizo e ao senhor somente por todo esse caso terrível, e se o prisioneiro for

encontrado morto em sua cela por causa disso, pode ficar certo de que providenciarei pessoalmente a sua execução.

Sob a mesa, as rotulas de Stahlschmidt começaram a saltar e os joelhos a bater um no outro. Pela primeira vez em sua vida, desejava estar lutando no front.

– Quanto ao passe – continuou Bielert – o senhor pode trazê-lo pessoalmente para o meu escritório. Suponho que a essa altura o senhor já tenha alertado metade da Alemanha, não é mesmo?

Devagar e aos tropeções ele declamou a lista de pessoas que sabiam do incidente.

– Só podemos agradecer – disse Bielert sarcasticamente – que o senhor não tenha ainda escrito para os jornais sobre o caso. Ou talvez o senhor estivesse para fazê-lo quando decidiu me telefonar e pedir minha permissão?

Um som estranho, um grito estrangulado de pânico, forçou caminho na boca de Stahlschmidt. Stever olhou-o perplexo. Nunca vira o chefe em um estado tão lastimável. Graças a Deus era apenas um pobre Obergefreiter!

Stahlschmidt deixou cair o fone devagar e passou pela sala os olhos avermelhados. Quem podia saber se aquele idiota daquele prisioneiro não estaria agora engolindo veneno levado secretamente para a sua cela? Voltou-se enfurecido para Stever.

– Obergefreiter! Para que você está parado aí em pé? Mexa-se, pelo amor de Deus! Quero a cela do prisioneiro revirada de cima para baixo. Quero

.

o *prisioneiro* revistado pelo avesso. Corra, homem, não fique aí parado como um palerma!



Stever deu um salto em direção a porta. Passou correndo por ela e saiu como uma bala pelo corredor, dando um encontrão em Greinert, que vinha na direção oposta, um pouco mais devagar.

– Mas que diabo é isso? – quis saber. – Por que toda essa corrida louca assim de repente?

– Você logo vai saber! – falou Stever ofegante. – vá buscar uns dois homens e leve-os para a cela nº 9. Temos que revistar o filho da puta por dentro e por fora.

Greinert deu de ombros e saiu andando com calma. Um pouco depois estava de volta com dois outros homens e juntos os quatro começaram a busca.

Rasgaram as roupas do tenente Ohlsen, esfaçalharam o colchão sobre a sua cama, forçaram as barras de ferro da janela, quebraram tudo que era possível, incluindo o urinol. Revistaram a parede, o teto, o chão, enquanto o tenente observava-os sentado na cama, nu, com um sorriso divertido.

Stever desapareceu com o maço de cigarros que dera ao prisioneiro mais cedo. Greinert uivava e gritava de um lado para o outro da cela. Os outros dois homens seguraram o tenente e revistaram-no cuidadosamente, espiando dentro da sua boca e nas orelhas, abrindo-lhe as pernas, examinando-o em cada detalhe, de forma minuciosa e inescrupulosa. O tenente Ohlsen suportou tudo com paciência e cansaço. Abriu e fechou a boca uma dúzia de vezes, porém eles não descobriram o dente falso onde o minúsculo frasco estava escondido.

Havia veneno suficiente naquele frasco para matar dez pessoas. O Legionário trouxera da Indochina.

Durante o tempo todo da busca, Stahlschmidt andou de um lado para o outro de seu tapete e logo demarcara uma trilha perceptível

da porta para as janelas, das janelas para a estante, da estante para a porta de novo.

As prateleiras estavam repletas de grossos volumes de Direito, a maioria dos quais Stahlschmidt “emprestara” das bibliotecas ou roubara de lojas e dos escritórios de outras pessoas. Ele se considerava uma espécie de um advogado. Sempre contava para a sua amante que era um inspetor de prisão, e no bistrô local, Le Chiffon Rouge, era conhecido como Herr Inspektor.

Aprendera alguns parágrafos legais do cor e estava acostumado a repeti-los toda vez que surgisse uma ocasião. Tinha quase que um séquito no Chiffon Rouge e seu conselho era frequentemente buscado sobre assuntos legais, embora muito raramente pela mesma pessoa duas vezes. Muitos haviam se desapontado no passado para pedir uma segunda ajuda. O fato era que Stahlschmidt nunca suportara confessar ignorância em determinado assunto.

Todas às vezes em que se via perdido, simplesmente citava um precedente imaginário, inventado naquele mesmo momento, e continuava dali.

Quando Stahlschmidt passou pelas janelas pela sexta vez, o telefone tocou. Parou na sua caminhada, olhando desconfiado para o instrumento, razão de todas as suas infelicidades. Devagar, caminhou até a mesa. Cuidadosamente pegou o telefone. Falou com uma voz baixa e relutante.

– Prisão da guarnição...

Normalmente, teria segurado com força o fone e gritado: –

“Stabsfeldwebel Stahlschmidt falando! O que deseja?” Porém não mais agora.

Nunca mais. Aquele miserável passe arruinara com tudo isso para ele.

– Você me parece um tanto abatido – falou a voz de Rincken, maldosamente cheia de alegria. – O que é que há? Falou com a Gestapo, foi?

Deu sorte?

– Pare com isso! – berrou Stahlschmidt. – Já estou cheio desse lugar!

Estou pensando muito em pedir uma transferência. Você trabalha duro, faz o melhor o que pode, é muito mais consciencioso do que todo mundo, incluindo o seu oficial comandante, e o que aconteceu? Recebe um chute nos colhões pelas suas dores, é isso que acontece!

– A gente Vive e aprende – disse Rincken com uma voz

aborrecidamente convencida. – Mas não perca a esperança. Se deseja realmente uma transferência, posso arranjar para você. Aquela companhia disciplinar de que eu lhe falei está querendo sargentos. Eles te receberiam de braços abertos.

Quer que eu telefone para eles?

– Porra, e preferia que você me desse um bom conselho, só para variar! Falei com o Bielert em pessoa no telefone.

Ele quer que eu leve o passe até lá pessoalmente.

– E daí? Você não tem medo de Bielert, tem? Não precisa ter, a menos que a sua consciência esteja pesada...

– Não banque o inocente comigo, Rincken! Você sabe muito bem que não tem ninguém em toda a Alemanha com uma consciência totalmente

.

tranquila. Até os guardas do SD em Fuhlsbuttel e Neuengamme se cagam todos quando tem que ir a qualquer lugar perto de Stadthausbrücke.

– “É melhor colocar as suas calças marrons! – pilheriou Rinke.

Stahlschmidt xingou-o violentamente e bateu o telefone.

E claro, o que ele não podia perceber era que havia muito mais coisa em relação ao caso do tenente Ohlsen do que parecia. Para começar, não sabia que, alguns dias atrás, o pequeno Legionário, com o seu rosto marcado e os olhos duros, as mãos ágeis e os dedos longos, fizera uma visita a Tia Dora no Ouragan. (Isso foi exatamente na véspera de Tia Dora desaparecer.

Oficialmente ficou estabelecido que ela fora para a Westphalia para visitar uma amiga doente, a viúva de um Gauleiter. Extra-oficialmente... bem, extra-oficialmente, ficava-se imaginando...)

Entretanto, o Legionário visitara-a em seu estabelecimento e eles se sentaram em uma mesa de canto e puxaram as cortinas até que ficaram em uma alcova particular só para os dois, Diante deles, em cima da mesa, estavam dois copos, uma garrafa de Pernod e um prato com castanhas torradas. Abriram as castanhas com os dentes e descuidadamente espalharam as cascas pelo chão.

Tia Dora inclinou a cabeça para o copo e deu um gole em seu Pernod.

– Então o Paul prendeu o seu pobre tenente, não foi? Por abrir a boca demais. O que posso dizer é que ele deve ser um pouco idiota para sair por aí falando como ele fez. É pedir barulho, não acha? Era a mesma coisa que subir em telhado e berrar com um megafone.

– Você tem razão. – O Legionário olhou para o copo com suas mãos.

–

Algumas pessoas não são feitas para sobreviver. Agora, você e eu, nós sabemos como tomar conta da gente, mas o Ohlsen... –  
Balançou a cabeça. – Um bebê de colo! A Gestapo podia fazer dele o que quisesse.

Mas mesmo assim, conheço o cara há muito tempo, não posso deixá-lo lá para apodrecer. Tenho que fazer alguma coisa.

– Se você pensa assim. – Tia Dora cuspiu as castanhas que tinha na boca com repugnância. Estavam escuras e amargas. – Maldita mulher! Não sabe nem tostar uma castanha! Você não pode nem imaginar o trabalho que tive para arranjar uma cozinheira. E agora que tenho uma, podia passar perfeitamente sem ela pelo que ela faz! – Bebeu de um só gole o restante de seu Pernod e serviu-se de rum pouco mais. – Isso acontece com todos os empregados hoje em dia. Até as garotas não são o que costumavam ser. São apenas prostitutas baixas, a maioria delas. Vêm direto da rua, não tem estilo, a gente não pode nem confiar nelas. Vê só aquela garota Lisa, a que fica na recepção, ela já faltou quatro alas por doença esse mês. Doenças, uma ova! –

Dora pegou uma outra castanha e levou-a a boca. – Sei muito bem o que ela está fazendo, ela não consegue me enganar! Não sou idiota!

– Disso tenho certeza – concordou o Legionário. – Mas por que você não pega garotas estrangeiras? Pensei que elas hoje não estivessem muito caras.

– E não estão, mas eu não deixaria elas chegarem nem perto daqui –

disse Dora amargamente. – Metade delas são espias da Gestapo. Pensa que eu quero uma estrangeira qualquer junto de ruim e fazendo relatório de todos os meus movimentos? Seria mandada para Stadthausbrucke logo, logo!

– Ora, Dora – disse o Legionário sorrindo. – Tenho certeza que você não tem nada em sua consciência!

Dora deu uma gargalhada e deu-lhe um leve soco no peito.

– Esse tenente amigo seu. – Serviu-se de mais um pouco de Pernod.  
–

Por que eles o prenderam? Um dos famosos parágrafos?

– Noventa e um B – falou o Legionário, pegando uma castanha e examinando-a com cuidado. Enfiou os dedos nela e arrancou a casca externa. A comprida cicatriz que lhe descia pelo rosto parecia vermelha e dolorida. – Acho que ele vai rodar – disse sucintamente.

– Só porque abriu a boca demais?

– Só, Dora? – perguntou o Legionário. – Você sabe tanto quanto eu que esse crime está se tornando o nº 1 do século. De qualquer modo, eles queriam alguém para servir de exemplo para as pessoas que falam muito. Foi tudo planejado, olhei os papéis dele. Porta me apresentou a um sem-vergonha que trabalha no comissariado. E conhecido pelo título de “Doutor”, porém muito certamente não o é. Bom, mas o negócio é que consegui descobrir o seu ponto fraco... – o Legionário piscou para Dora e sorriu com algum charme – e ele me deixou ver os papéis. É fácil quando a gente sabe como. Algumas pessoas são capazes de fazer qualquer coisa para conseguirem o que querem.

– E o que eles pretendem fazer com o tenente?

– executá-lo – disse o Legionário, franzindo a testa. – Ler a sua lista de crimes em frente ao pelotão de execução. Pensam que dessa maneira conseguem atingir mesmo os mais fortes de todos. Não é nada divertido ver um homem ser executado. Não é uma questão de atirar, é uma questão de... – bateu com a mão atrás do pescoço,

com um gesto que imitava o machado. – E preciso muita coragem para sair depois disso e cometer qualquer crime.

– Coragem! – debochou Dora. – Todo mundo fala de coragem! O que é a coragem? Alguma coisa que você tem quando a sua cabeça está segura em cima de seus ombros, a sua barriga, está cheia, e você tem um copo na mão!

Não fale comigo sobre coragem! Tente ficar nas mãos daqueles filhos da puta por mais de dez minutos e veja aonde te leva a coragem! Só existe uma maneira de lidar com a Gestapo, e é saber alguma coisa sobre eles que eles não desejam que ninguém mais saiba. Você fica com todos na mão, isso sim. Sem isso, você está ferrado.

– Concordo plenamente. – O Legionário inclinou-se por cima da mesa e falou em tom confidencial – E quanto ao Bielert, Dora? Você sabe algumas coisinhas sobre o Bielert, não sabe? O bastante para ajudar o Ohlsen a manter a cabeça sobre os ombros?

– Duvido um pouco disso – comentou Dora. – Posso talvez conseguir um passe para você poder vê-lo, mas nada mais, senão estaria arriscando a minha própria cabeça. Sei algumas coisas sobre Paul, está certo, mas mesmo um cachorrinho de colo te morde se você chuta com força. E Você conhece Paul; não se pode confiar nele. É como uma fera selvagem. Enquanto você estiver indo devagar, ele vai se comportar e fazer o que você quer. Mas tente pressioná-lo demais e ele perde controle de tudo. Fica doido e sai batendo em todas as direções. Além do mais, não posso deixar de achar que esse seu tenente quis ter a cabeça cortada. E pedir barulho fazer o que ele fez, sair por aí dizendo coisas e se abrindo para qualquer um. E é alguém que eu nunca vi mais gordo.

Se fosse alguém como Você, poderia pensar em correr o risco, mas não por um babaca qualquer que não consegue ficar de boca fechada. E brincar com fogo interferir com os prisioneiros de Paul.

– É, sei disso. – O Legionário apertou os lábios e olhou para o copo.  
–

O homem coleciona prisioneiros como as pessoas colecionam borboletas.

– Ele é um filho da puta muito perigoso. – Dora apanhou uma outra castanha e pensativamente mergulhou-a na manteiga derretida no fundo do prato. – Para falar a verdade, estou pensando em não me expor muito.

Desaparecer, sabe? Entregar as chaves para Britta e me aposentar até os ingleses chegarem.

– Não me diga que eles estão atrás de você, Dora – perguntou o Legionário com uma risada. – Logo Você, entre tantas pessoas!

– Não sei. – Dora cutucou o cabelo emaranhado com um garfo sujo.  
–

Mas tem uma voz me dizendo: “Vista as calças, Dora, e suma.”  
Ultimamente notei que tenho tido muitas visitas de um certo tipo de pessoa. Sabe de quem estou falando?

– Acho que sei – murmurou o Legionário. – O tipo de cara que vem para tomar um Pernod e engasga quase até morrer com ele.

– Exatamente – disse Dora. – Os da cerveja. Posso identificá-los a distância. Chapéus caídos sobre os olhos como um tipo tirado de um filme barato de espionagem.

– O Pernod tem as suas utilidades. – O Legionário pegou o copo e sorriu. – Separa o joio do trigo: o homem da rua do homem da Gestapo. Eí, Dora, você se lembra daquele que a gente cortou a garganta?



Dora estremeceu e começou a coçar-se convulsivamente entre os seios caídos.

– Pelo amor de Deus, não quero nem lembrar! Fico toda arrepiada mesmo agora. Ainda me lembro da bagunça em que ficou a minha garagem.

Sangue espalhado pelo chão todo...

Nesse momento o gemido fantasmagórico da sirene começou.

– Merda! – disse Tia Dora. – Temos que ir para o porão;

– Com as garrafas? – sugeriu o Legionário. – A gente nunca sabe quanto tempo vai ter que ficar lá...

Uma mesa foi arrastada e um alçapão foi aberto. Clientes e empregados vieram as pressas, empurrando-se para o porão pelos estreitos degraus. Um suprimento de garrafas foi passando de mão em mão, o alçapão foi fechado e as pessoas reunidas se espalharam e se prepararam para partilhar a intimidade forçada. Apenas Gilbert, o porteiro, ficou em cima. Era preciso ter

.

alguém de guarda para olhar os saqueadores.

O ataque durou uma hora. Dora subiu as escadas e voltou para a sua mesa no canto. O copo de Pernod ainda estava no mesmo lugar em que deixara antes. Levantou-o e olhou-o com olhos levemente velados.

– Vou te dizer uma coisa – falou, quando o Legionário veio juntar-se a ela de novo. – Vou telefonar para Paul e ver o que posso fazer por você. Venha até aqui amanhã de manhã, se puder sair do quartel. Mais ou menos umas onze horas. Se eu puder arrancar um passe do filho da puta, arranco. Se não... Deu de ombros. – Se não, isso quer

dizer que estou perdendo a força e estarei provavelmente indo juntar-me ao seu tenente no cadafalso...

– Ainda falta muito para isso, Dora! Vou estar aqui as onze horas e você vai estar com o passe, quer apostar?

O Legionário saiu para a rua e foi imediatamente abordado por uma garota procurando fregueses.

– Tem cigarros, amor?

Ele empurrou-a para fora de seu caminho e seguiu andando. Ela correu atrás dele, sussurrando em seu pescoço.

O Legionário parou repentinamente. Virou-se para ela, o rosto distorcido e os olhos brilhando.

– Suma daqui e me deixe em paz! Não estou interessado!

Deu um passo na direção dela, porém isso foi o suficiente. A garota fugiu e pelos dois dias que se seguiram mal ousou colocar o pé fora de casa.

Algumas horas mais tarde, Dora se encontrava com o Standartenführer na esquina de Neuer Pferdemarkt com Neuerkamp Feldstrasse, ao longo dos abatedouros. Bielert gostava dos abatedouros. Frequentemente passava as tardes lá, observando a matança.

Os dois andaram juntos pela Pferdemarkt e entraram no restaurante do Hotel Jöhnke, tomando seus lugares em uma mesa um pouco distante das outras. Dora foi direto ao assunto.

– Tinha que encontrá-lo, Paul. Preciso de um passe, um passe de visita ou como quer que vocês o chamem, e preciso dele com pressa. – Passou os dedos pelos cabelos e olhou-o distraidamente. –

Estou sempre correndo esses dias, é horrível. Honestamente, você não tem ideia dos problemas

.

que estou tendo com os empregados. Corre pra cá, corre pra lá, faz isso, faz aquilo... a gente não consegue arranjá-los de jeito nenhum. Estou tendo que fazer metade da comida e metade do trabalho da casa.

– Isso é besteira, Dora. – Bielert sorriu. – Já lhe falei várias vezes que posso conseguir quantas pessoas você quiser.

– Estrangeiros! – zombou Dora. – Muito obrigada, não quero. Prefiro ficar de joelhos e esfregar o chão do que ter os agentes da Gestapo soltos pela minha casa. Mas preciso do meu passe de visita!

– A quem você quer visitar? E onde?

– Alguém na prisão. Um tenente.

– Entendo. – Bielert pegou o estojo de cigarros e pensativamente colocou um cigarro na cigarrilha de prata. – Sabe, minha querida, Você está ficando muito exigente ultimamente. Um passe é uma comodidade muito valiosa hoje em dia. Muito procurada.

– Não venha com esse papo para cima de mim! – disse Dora com desprezo. – Você pode me conseguir um passe com um estalar de dedos se quiser.

– Neste caso – murmurou ele – acho que tudo depende de eu querer ou não.

– É melhor querer – disse Dora. – E me pague um rum, por favor. Um bem quente.

Ficaram sentados em silêncio até os drinques chegarem. Bielert olhava pensativamente para Dora.

– Vamos dizer que você comece me contando quem quer esse passe. E

quem é que eles querem visitar.

– Está tudo escrito aqui.

Entregou-lhe um pedaço de papel. Bielert estudou-o por uns momentos e levantou uma quase invisível sobrancelha.

– Tenente Bernt Ohlsen – disse vagarosamente. – Preso por crimes contra o Estado. E você quer que eu permita que ele receba visitas?

– E por que não? – perguntou Dora, dando de ombros.

– Por que não? Por que não, você me pergunta? Pois vou lhe dizer por que não. – Bielert amassou o papel, formando uma bola, e jogou-o com raiva no chão. – Porque o homem é um criminoso, um traidor, e um perigo para esse país! Não sinto nada mais do que ódio e desprezo por homens desse tipo! Se

.

fosse por mim, exterminaria a todos eles. Suas mulheres e seus filhos e seus pais! E suas mães! Todos!

Seu rosto estava tomado agora por uma repentina máscara de ódio e palidez. Dora olhou-o desapaixonadamente. Já ouvira tudo isso antes. No final da sala, várias pessoas rapidamente se levantaram, pediram as contas e desapareceram. Bielert continuou sem se incomodar.

– Tenho uma lista de nomes tão longa – gabou-se ele - que até o Gruppenführer Muller ficou surpreso. Não é só porque estamos em

guerra. É

mais do que isso. Estamos em meio a uma revolução, e me coloco como um de seus maiores engenheiros. Tenho um trabalho odiável, sei disso. Um trabalho sujo, degradante. Mas um trabalho muito necessário e algo em que acredito. O

fim justifica os meios, e sem homens como eu para levar a coisa a uma conclusão, a revolução sufocaria amanhã mesmo sobre o próprio Vômito.

– É... é claro... você está certo – murmurou Dora vagamente, os olhos enchendo-se de brilho. – Por falar em Müller, estive com ele outro dia mesmo!

Ele foi lá em casa, tão inesperadamente, do nada, assim mesmo! Ficamos bêbados feito duas gambás, foi um encontro e tanto depois de todos esses anos!

– Müller? – disse Bielert, o nariz tremendo ansiosamente ao olhar para Dora. – De que Müller você está falando?

– Ora, do Gruppenführer Muller, é claro. O que você estava falando.

Não o via desde o dia em que ele conseguiu a promoção para Untersturniführer!

Nós nos divertimos tanto!

– Não sabia que você conhecia Heinrich Müller – disse Bielert, franzindo a testa. – Como você o conheceu? Você nunca esteve em Berlim, sei disso com certeza.

– Ah, Paul – disse Dora, olhando-o e rindo – não me diga que Você fica investigando a minha vida? Sua antiga amiga Dora?

– E quem disse alguma coisa sobre investigar sua vida? – perguntou Bielert irritado. – Só estou preocupado com a sua segurança, é só isso. Nunca se sabe o que pode acontecer hoje em dia.

– Como você é gentil comigo! – Dora sorriu e ergueu o copo para ele.

– Mas certamente você quer dizer sua segurança, e não a minha. Afinal de

.

contas, se alguma coisa vier a acontecer comigo... se os acontecimentos derem realmente uma virada inoportuna... você também estaria envolvido, não é mesmo?

– Estamos vivendo uma época muito conturbada – respondeu Bielert.

Deu um pequeno gole no conhaque e bateu as cinzas do cigarro. – Me diz uma coisa, Dora, sobre o que vocês dois falaram?

– Sobre muitas coisas, sobre o passado – disse ela delicadamente. – E, estranhamente, em uma certa hora, das pessoas que haviam cometido crimes contra o Estado, como esse tenente Ohlsen, só que muito pior. Muller estava me fazendo perguntas sobre alguns comunistas que eu conhecia antigamente.

Estava especialmente interessado naqueles que haviam deixado o Partido e ingressado na Gestapo.

Os olhos de Bielert faiscaram levemente.

– Entendo. E você disse para ele?

– Bom, disse e não disse – respondeu Dora francamente. – Dei a ele um ou dois petiscos para se entreter, mas só depois que ele saiu que

me lembrei disto aqui.

– O que é isso? – perguntou Bielert, um tanto suavemente.

Dora levantou o vestido, enfiou a mão na perna da sua calça de lã e tirou de lá uma carta.

– Aqui está – falou. – Engraçado, eu estava remexendo nos meus armários umas horas atrás quando dei com um monte de coisas velhas. E no meio dessas velharias encontrei essa carta. Tudo sobre uma célula e outra... –

Desdobrou a carta e leu-a, franzindo a testa. – Célula 31 ... uma célula comunista, Você conhece isso. Fala sobre um Paul Bielert, que era o líder dessa célula. E uma grande coincidência, você não acha? Alguém com o seu nome.

– Muito grande – disse Bielert. Pegou a carta de sua mão e deu uma olhada. – Muito interessante, Você se incomoda se eu ficar com ela?

– Faça o que quiser com ela – disse Dora sorrindo. – Na verdade, tenho umas outras que talvez lhe interessem... todas sobre o mesmo assunto, é claro.

Bielert enrubesceu de leve.

– Como foi que Você conseguiu botar as mãos em correspondências que datam de 1933 e até antes disso? De quem você conseguiu isso?

Dora olhou para o copo e deu de ombros.

– Você ainda tem muito que aprender, não é mesmo, Paul? Ainda tem muito que caminhar para chegar aonde estou. Você conseguiu muito para você mesmo, mas você sempre teve uma inclinação para ficar atrás. – Esticou a mão e deu-lhe uns tapinhas de consolo no braço. – Pobre Paul! Quando você estava aprendendo a ordenhar as

vacas na escola reformatória, com todos os velhos monges zanzando a sua volta e deixando-o maluco e você resmungando baixinho sobre vingança, eu já estava tomando providências para o meu futuro.

Passei a mão em tudo que pude, e guardei para necessidades futuras. Quando você começou a fazer brincadeiras de crianças com seus amigos na célula 31, já adquirira o hábito de tagarela. Foi bom pegar as suas cartas. É claro que eu na época não sabia que elas teriam algum uso, mas achei que era bom guardá-las.

No caso de... – Apertou-lhe o braço por uns momentos, depois reclinou-se novamente na cadeira. – Por que temos que remexer nessas coisas? Não quero meter você em problemas. Tudo que quero é um simples passe com a sua assinatura.

– Vá até o meu escritório amanhã. Estará pronto a sua espera.

Dora soltou uma gargalhada.

– Você deve estar brincando! Eu colocar os pés em seu escritório?

Nunca iam me deixar sair de lá! Não, muito obrigada, prefiro que você mande um de seus homens para minha casa.

Bielert olhou-a friamente. Seus punhos se fecharam e se abriram sobre a mesa e os olhos se apertaram, porém sua voz permaneceu suave e baixa.

– Sabe, Dora, estou começando a me perguntar se não seria uma boa ideia mandar vários homens até a sua casa. Eles poderiam levá-la em seu carro para nos fazer uma visitinha. Tenho certeza que seria bastante esclarecedor para nós dois.

– Estou certa que sim – respondeu Dora no mesmo tom. – E tenho também certeza de que não é a primeira vez que essa ideia lhe ocorre...



– Realmente, mas de vez em quando ela me vem com mais força do que o normal.

– O único problema, Paul, é que você provavelmente não ia poder me manter trancada em uma cela sem que você mesmo fosse trancafiado

.

em outra, apenas algumas horas mais tarde. Eu poderia falar tantas coisas...

Sorriram um para o outro com ódio e compreensão recíproca.

– Bom, bom – disse Bielert, cuidadosamente retirando a guimba do cigarro da piteira. – Você terá o seu passe. Vou mandar o Grei com ele as três horas.

– Assim está ótimo para mim. Grei e eu nos damos muito bem. Você o conheceu antes da guerra? Ainda me lembro da época em que ele não sabia cantar nada além da “Internationa1”. É claro que agora ele a trocou pela “Horst Wessel”\*, mas quem pode culpá-lo? Só um tolo tenta remar contra a maré.

– Uma palavra de aviso – disse Bielert, levantando-se. – Tome cuidado, Dora. Você tem muitos inimigos.

– Você também, Paul. Espero que também siga o seu maravilhoso conselho.

*Stever entrara para o exército há cinco anos, e era um bom soldado.*

*Stahlschmidt, por sua vez, estava no exército há 30 anos, e era um péssimo soldado. E quanto a Rotenhausen, que era um oficial e diretor da prisão, era discutível se a gente podia chamá-lo de um soldado. Não era, de qualquer forma, pensou Stever, o tempo de serviço que contava e sim a aptidão da pessoa.*

*– E eu -tenho a aptidão – falou Stever em voz alta para si próprio.*

*Olhou para o seu reflexo no espelho, sorriu e bateu continência. Gostava de ser um soldado. Tanto Stahlschmidt e Rotenhausen andavam muito ocupados correndo atrás de poder. Nenhum deles percebia que eram como ferramentas nas mãos dos nazistas.*

*Eu percebo isso, pensou Stever, empinando-se e ajeitando-se diante do comprido espelho. É por isso que vou sobreviver.*

*Stever mio tinha desejo particular de poder. O poder trazia tanto prestígio quanto risco pessoal, que Stever podia passar sem isso. Sentia -se feliz com a sua atual posição e seu estilo de vida. Recebia regularmente, não chegava nem perto do front, e mio lhe faltavam mulheres e roupas.*

---

*\* Hino nazista.*

*As roupas ele as tinha grátis, de um alfaiate que morava em Grosser Burstah e cujo filho uma vez estivera preso em uma das celas de Stever. Todos os ternos e uniformes de Stever eram feitos a mão, para inveja de seus camaradas. Quanta as mulheres, escolhia-as cuidadosamente e tinha companhia sempre. Na cabeça de Stever, os seres humanos eram enquadrados em quatro categorias: homens que eram soldados e homens que eram civis; mulheres casadas e mulheres solteiras. Stever desprezava os civis e achava as mulheres solteiras mais problemáticas do que mereciam. Sempre procurava as casadas. Com a idade de quinze anos, descobrira que a maioria das mulheres casadas eram sexualmente insatisfeitas e ele se encarregava da tarefa de diminuir-lhes o sofrimento.*

*Havia algo bastante satisfatório em relação as mulheres casadas. Em primeiro lugar, nunca queriam se envolver emocionalmente, não exigiam nada além de algo puramente físico, e isso combinava perfeitamente com Stever.*

*Achava impossível viver por alguém que não fosse ele próprio ou fazer qualquer coisa que não fosse para seu próprio bem. A ideia de ter que considerar os desejos de outra pessoa era horrível e estranha a sua natureza...*

*Em segundo lugar, achava as mulheres casadas sempre ansiosas para se satisfazerem. Em quase todos os casamentos que encontrara, as baterias pareciam ter arriado depois de dois ou três anos, e os Don Juans do tipo de Stever podiam então entrar por essa brecha e resolver as deficiências.*

*Achava as garotas jovens uma responsabilidade muito grande, um tormento muito grande, enquanto as virgens eram uma ameaça permanente...*

*- Passe a mão nelas antes de estarem prontas para isso e elas vão sair berrando por aí e você acaba sendo preso – explicou gravemente para o Obergefreiter Braun, que achava difícil conseguir mulheres, embora fosse muito mais atraente do que Stever. – A gente tem que passar horas bolinando, sussurrando e falando como vai ser maravilhoso e o quanto você a deseja e toda essa baboseira... e metade do tempo – acrescentou – você está em um estado terrível quando elas finalmente arriam as calças que você acaba estragando tudo. E na metade das vezes elas não gostam e ficam reclamando, dizendo que a gente está se aproveitando delas e ficam gemendo todo o tempo que você está fazendo o serviço... não compensa porra nenhuma – completou com repugnância. – Fique com as casadas, xará. Elas conhecem o serviço*

.

*e a gente não precisa de ritual nenhum para mandar brasa.*

*– Compreendo – disse o Obergefreiter Braun, enrugando a testa. –*

*Vou tentar uma delas da próxima vez.*

*– É isso mesmo – concordou Stever, ajeitando o quepe na cabeça e saindo alegremente do quartel.*

*Ninguém que visse Stever saindo do quartel, com um sorriso agradável nos lábios e mão sempre amiga para as senhoras idosas que não podiam atravessar a rua, o tomaria pelo mesmo homem que casualmente batia nos prisioneiros quase até a morte antes de jogá-los em suas celas para apodrecerem. E se alguém tivesse perguntado ao Stever sobre isso, ele teria ficado bastante confuso.*

*– Sou apenas um Obergefreiter – teria respondido. – Só cumpro ordens.*

*E além do mais, nunca na verdade matara um homem. Orgulhava-se disso. Passara até agora na guerra sem ter atirado em homem nenhum. E isso era um recorde para se gabar. Stever mio tinha sangue de nenhum homem em sua consciência.*

## **Capítulo VII**

### Disciplina da prisão

O major Rotenhausen aparecia uma vez por mês para ser apresentado a mais recente leva de prisioneiros e para despedir-se daqueles que partiam.

Nunca dizia adeus aqueles que haviam sido condenados a morte, já que, para ele, esses já não mais existiam. Despedia-se somente daqueles que estavam de partida para servir sentenças em uma das outras prisões militares, Torgau ou Glatz ou Germerdeine.

Sua hora favorita de visitas era onze horas da noite, quando todos os prisioneiros já se haviam recolhido e estavam dormindo. Deleitava-se com o pânico e a confusão que criava, os guardas correndo de cela em cela, sacudindo homens sem disposição de acordar para serem apresentados no diretor da prisão. Dava-lhe um sentido gratificante de sua própria posição e importância.

Ele fez uma de suas visitas de surpresa quatro dias após o caso do passe forjado. Eram poucos minutos antes da meia-noite e ele foi direto para a prisão após assistir a uma peça de teatro no cassino. Estava com particular bom humor. Havia jantado bem, bebido um pouco além da conta e passado uma noite divertida. Era a própria elegância e sabia disto. A capa cinza, forrada de seda branca, esvoaçava gentilmente na brisa. As botas de couro rangiam energicamente ao cruzar o pátio interno. As pernas longas pareciam soberbas nas calças justas cinzas e as dragonas luziam na escuridão. O major Rotenhausen era um dos homens mais bem vestidos da guarnição. Três anos antes fizera um rico casamento e era agora o presidente do cassino. Os homens o olhavam e invejavam, e Rotenhausen erguia a cabeça e sentia-se como o

próprio orgulho do exército alemão.

A maioria das pessoas que entravam para a guarnição aceitava Rotenhausen pelo que ele valia, supondo automaticamente que era um homem de influência e de poder a ser respeitado. Uma única vez, pelo que a guarnição se recordava, um estranho, um oficial arrogante de Deus sabe onde, entrara no local e perturbara todas as regras de etiqueta aceitas, ignorando Rotenhausen e colocando todos os outros oficiais em polvorosa.

Era um jovem coronel, não mais que trinta anos de idade no máximo.

Perdera um braço em Minsk e estava temporariamente baseado em Hamburgo, uma pausa a meio caminho entre o hospital e o retorno as linhas de frente.

Recebera virtualmente todas as condecorações possíveis e seu peito era um espelho de medalhas. O uniforme em si era causa de numerosos olhares de desprezo. Tirando-se a túnica, feita sob encomenda, o resto obviamente havia saído direto do almoxarifado.

Os homens olhavam suas botas, calças, quepe, mesmo seu cinto de coldre de couro, e faziam comentários desdenhosos; Sua pistola era uma P. 38. Todos os outros oficiais carregavam a Walther, uma bela peça que consideravam muito mais condizente com o status de cada um. Mas o desconhecido coronel era aparentemente indiferente a tais amenidades.

Pertencia a um regimento alpino, o distintivo com um edelvais sobressaindo proeminentemente na manga esquerda, e embora a guarnição a principio não fizesse ideia de quem ele fosse ou por que estava ali, este fato em si era o suficiente par deixá-los alerta.

Na meia hora após sua chegada, o coronel convocou uma reunião e informou a alarmada companhia que havia provisoriamente assumido o comando da guarnição.

– Sou coronel Greif, do 9º Regimento Alpino – anunciou ao grupo em atemorizado silêncio. – Estou aqui por um período temporário.

Não apertou as mãos de ninguém, meramente fixou a todos com seu olhar brilhante, sem piscar, e continuou com a palestra de apresentação.

– Sempre me dei bem com os homens sob meu comando, e espero fazer o mesmo com vocês. Apenas façam o seu trabalho assim como eu faço o meu e nós nos daremos bem juntos. Há somente uma coisa que não posso suportar e não tolerarei: um vagabundo. – Os firmes olhos castanhos iam e vinham pelas fileiras de oficiais ali reunidos.

Suponho que estejam cientes, senhores, de que as unidades no front estão implorando substituições. Estou certo de que não precisam de mim para dizer-lhes isto, mas se, por qualquer razão, há muito tempo não vão lá, não poderão se dar conta de quão desesperadora a situação se tornou. Há homens em meu regimento, por exemplo, que não têm licença ha três anos.

Perguntou a cada oficial presente ha quanto tempo estava na guarnição, suas sobancelhas erguendo-se mais e mais e os lábios curvando-se para baixo nos cantos a cada resposta. O número dos que estiveram em qualquer lugar perto do front era apenas uma minúscula percentagem do total.

– Vejo, senhores – disse Greif – que as coisas terão que mudar por aqui.

E de fato mudaram, e abruptamente. Três dias após a chegada do coronel, todos os fantasiosos uniformes, as capas e os mantos, e os quepes tio em moda, as botas altamente lustradas e as belas pistolas haviam sido relutantemente guardadas e trocadas por vestimentas mais regulamentares.

A guarnição tornou-se um lugar de trabalho árduo, cheio de suor, com homens apressados em uniformes monótonos, em lugar de apresentar seu aspecto mais comum de um baile a fantasia a todo vapor.

– Por Deus do céu, estamos em guerra! – era o grito constante de Greif. – Este é um estabelecimento militar, não é um forte de soldadinhos de chumbo!

Até o oficial em comando do 76º Regimento de Infantaria, o velho coronel Brandt, teve que dobrar-se diante da tempestade e abandonar o seu pincenê.

– Se a sua vista tem defeito, então arrume uns óculos – disse Greif rudemente. – Não quero mais ver esse tipo de afetação.

E Brandt teve que ficar parado e aguentar aquilo. Teve que ficar em posição de sentido e sofrer os insultos deste rastro de mijo, deste maneta condecorado, deste coronel aparecido de lugar nenhum e jovem o suficiente para ser seu filho!

A guarnição sofria, não em completo silêncio, mas num estado contínuo de sussurrada insatisfação. Os homens se juntavam em pequenos grupos reservados e falavam em tons velados sobre os vários acidentes que poderiam possivelmente acontecer ao coronel. Um tenente teve até a brilhante

ideia de denunciá-lo, anonimamente, é claro, a Gestapo. Quando ainda estavam tentando pensar em uma razão para denunciá-lo, toda a guarnição sofreu um choque do qual nunca se recuperou muito bem: o coronel Greif recebeu uma visita social nada menos do que do próprio Heydrich.

Heydrich, entre tantas pessoas! O ajudante do diabo! A ideia da denúncia de Greif a Gestapo foi tacitamente abandonada e os homens começaram subitamente a ficar agitados e a procurar mudanças. Pedidos de transferências começaram a jorrar. Nenhum homem lúcido poderia querer permanecer em Hamburgo sob o comando de alguém que fosse amigo de Heydrich. Até mesmo o front era preferível a Gestapo.

Rotenhausen não constava dos que aderiram ao primeiro corre-corre maluco para sair. Aguentou um pouco, não devido a qualquer astúcia sua, mas simplesmente porque suas reações eram lentas. E Deus o protegia, assim confirmando a própria visão exaltada de si mesmo. Alguns dias após a visita de Heydrich ao coronel, Greif foi avisado por telegrama de um novo posto. Fez as malas e partiu em poucas horas para a frente russa. Jamais veria a Alemanha de novo. Morreu numa borrasca de neve nos limites de Stalingrado, e quando os russos o descobriram a 3 de fevereiro de 1943, estava duro e frio e morrera há já algum tempo.

A guarnição celebrou sua partida durante quatro dias e quatro noites sem parar. O champanha jorrava e os velhos uniformes carnavalescos foram trazidos para fora de seus esconderijos. Os



homens desfilavam e pavoneavam-se, e o coronel Brandt comprou um novo pincenê.

O substituto de Greif era um general de inteligência dúbia e possivelmente sofrendo de um princípio de senilidade. A guarnição deixou-se conquistar pelo seu charme.

Um velho tolo muito deleitável, mesmo que insistisse em babar as mãos das esposas deles e relinchasse como um cavalo quando quer que fosse apresentado a elas.

– General von der Oost, madame, da infantaria, é claro!

E aí então ele se empertigava, rangendo e grunhindo, puxando a túnica, endireitando o colarinho, pigarreando, e soltava uma de suas piadas corriqueiras:

– Aposto que as senhoras não sabem por que estou na infantaria, não é?

Obviamente, nunca ninguém sabia, e nem tinha vontade de saber, mas a resposta vinha assim mesmo.

– Bem, eu lhes direi. Estou na infantaria simplesmente porque não estou na artilharia, vêem? Nunca pude suportar a artilharia: um negócio pavoroso, todo aquele barulho o tempo todo. Da uma dor de cabeça incrível.

Um dia ele entrou cambaleante no cassino e parou tudo com uma sonora gargalhada de prazer.

– Senhores, estou feliz esta noite! Sabem por que estou feliz?

A esta altura seus oficiais já se haviam acostumado as suas alterações de humor. Sabiam por que, mas ele era um general e muito conveniente para eles, por isso balançaram as cabeças e procuraram bajulá-lo.

– Eu lhes direi por quê! – O general esticou os braços deliciado. –

Estou feliz porque não estou triste!

Mesmo depois que todos haviam gargalhado para agradá-lo, von der Oost não se deu por satisfeito. Avançou radiante para eles e soltou uma outra das suas:

– Ontem eu estava danado de triste. Simplesmente porque não estava feliz, vêem?

Melhor um velho tolo como von der Oost do que um jovem esquentado como Greif. A guarnição e seu novo comandante estavam em excelentes termos. Von der Oost não queria nada mais do que poder mantê-los num estado constante de prazer. Os homens logo descobriram que se rissem de suas piadas, ele cegamente assinaria qualquer pedaço de papel que lhe fosse colocado a frente, quer um pedido ilegal para um caixote de margarina ou uma ordem de execução. Havia até um boato na guarnição de que o general não sabia ler.

– Bem, bem – comentava sempre depois de assinar

com garranchos um documento. - Bem, bem, bem, aí está, vê? Sempre em dia, hem? – E recostava-se em sua poltrona e acenava para as caixas vazias.

Entrada, saída, pendente, nada em nenhuma delas, vê? E assim que se faz, senhores. Continuem com o trabalho e ele nunca se empilhara sobre vocês.

– Eles executaram três soldados de infantaria em Fuhlsbüttel ontem –

disse seu ajudantes-de-ordens uma manhã, puxando conversa.

– Ah, sim – disse von der Oost. – Eles têm que fazer isso, você não vê?

Cada guerra exige seus sacrifícios. Sem sacrifícios não haveria guerra alguma,

.

sabe, não haveria guerra alguma.

Ele sempre dormia durante o Kriegspiel.\* Adormecia no princípio e acordava no meio com altos brados de encorajamento e conselho.

– As divisões armadas estrangeiras tem de ser destruídas, senhores!

Têm de ser destruídas antes que consigam alcançar a Alemanha e causar um congestionamento. O essencial numa batalha deste tipo, vejam, é assegurar que o inimigo gaste toda sua munição. O que é um tanque sem bombas, hem? E

como um trem sem trilhos.

E os oficiais acenavam com a cabeça concordando e conscienciosamente começavam a mover as peças sob a sua direção. Mas, de alguma forma, não importa o quanto tentassem, nunca eram capazes de delinear um esquema para cortar a linha de suprimentos dos inimigos. No final, tropeçavam numa solução, e no início de cada jogo anunciava solenemente ao general que o inimigo carecia de munição, quando então, muito contente, ele esfregava as mãos e sorria em aprovação.

– Bem executado, senhores. Isso significa que vencemos. Tudo que temos de fazer agora é soltar bombas nas fábricas inimigas e aí então nós os teremos a nossa mercê.

E então voltava a adormecer, convencido de sua própria magnificência como estrategista militar.

Um certo dia a gata da guarnição desmanchou todo o campo de batalha, parindo uma ninhada de gatinhos no meio da colina 25. Todos os pequenos tanques, as metralhadoras e os carros blindados estavam espalhados desordenadamente sobre o mapa-tabuleiro, alguns de cabeça para baixo, alguns tombados de lado, outros até no chão. Era como se uma bomba miniatura os tivesse acertado em cheio. E tinha que acontecer, como é da natureza das gatas a escolha inapropriada de momentos para dar a luz, justamente no dia em que a guarnição convidara seus vizinhos a tomarem parte num desses jogos de guerra.

Von der Oost perdeu a paciência pela primeira vez desde que chegara ao local. Insistiu que a gata fosse trazida diante de uma corte marcial. Nada havia a ser feito, a não ser acatar sua vontade e aderir a força: dois Feldwebels

.

---

\* Exército tático sobre mapas, em reuniões de estado-maior. Situações simuladas de guerra, com peças em miniatura.

apanharam a gata e seguraram-na durante todo o julgamento. Foi o momento mais perigoso de suas carreiras militares. A gata foi condenada a morte sob a acusação de haver sabotado o curso de instrução na arte de guerrear. Entretanto, o dia seguinte encontrou o general em um humor melhor. Suspendeu a sentença sob a condição de que o ordenança a prendesse pela coleira e se encarregasse dela. Algum tempo depois, a gata desapareceu. O ordenança a vendera a um açougueiro e o general martirizou-se até outra gata ser encontrada para tomar o seu lugar.

Dois anos se passaram rápida e alegremente desde o terrível advento do coronel Greif e seu breve reino de terror. A guarnição era um lugar alegre e hedonístico, e o major Rotenhausen aumentava sua esfera de influência de dia para dia. Ela havia descoberto que o

general tinha uma grande paixão por conhaque, e descobrira também onde poderia por as mãos num eterno suprimento dessa bebida. O major Rotenhausen e o general von der Oost entendiam-se muitíssimo bem.

Cantarolando alegremente para si mesmo, Rotenhausen marchou através do escuro pátio interno até a prisão que comandava. Sorriu e bateu com seu chicote de montar contra o lado de sua perna. Nunca ia cavalgar, tinha horror a cavalos, mas o chicote caia bem e era útil na hora de manter prisioneiros recalcitrantes sob seu controle.

O Stabsfeldwebel Stahlschmidt fora avisado pelo telefone de sua visita, e veio ao seu encontro. Rotenhausen devolveu a continência, de maneira um tanto distante. Stever estava lá também. Tiveram que procurá-lo em metade da cidade para achá-lo e eventualmente o fizeram num clube fechado onde estivera assistindo a um filme obscuro em que pessoas nuas de todos os feitios e sexos cometiam atrocidades um no outro. Stever não retornara totalmente ainda a realidade da prisão.

– Muito bem, Stabsfeldwebel. Sugiro que entremos direto no assunto –

disse Rotenhausen, vigorosamente batendo o chicote. – Sou um homem ocupado, como você sabe, portanto não podemos perder tempo. A Stahlschmidt levou-o até o escritório. Não estava apenas limpo e arrumado. Estava impecável em todos os detalhes. Todos os objetos estavam colocados de acordo com o regulamento. Rotenhausen andou algumas vezes pelo recinto, olhando nos cantos escondidos, a procura de pedaços empoeirados. Examinando a cesta de arame em busca de papéis que não deviam estar lá; pegando uma régua de metal e medindo as distâncias entre a borda da mesa e a borda da caixa de correspondência recebida; a borda da mesa e o tinteiro; o tinteiro e a caixa de despachos, a caixa de despachos e o mata-borrão. Stever permaneceu impassível junto a porta,

olhando-o. Stahlschmidt andava a esmo atrás dele e de vez em quando piscava um olho na direção de Stever. Que tolos eram esses oficiais! Sabia que Rotenhausen há muito tempo desejava apanhá-lo em falta por um mínimo ponto de ordem. Fosse ele próprio um oficial, pensou Stahlschmidt, e não teria levado tanto tempo para fazer isto. Mas nesse ponto era mais esperto do que Rotenhausen e por isso é que Rotenhausen nunca o pegaria em falta.

Após medir tudo sobre a mesa que fosse mesmo remotamente mensurável, Rotenhausen suspirou com aborrecimento enfadonho e pediu para ver a lista dos prisioneiros. Sorrindo, Stahlschmidt entregou-a. Ele leu-a por inteiro com a ajuda de um novo monóculo que tinha grande dificuldade de manter no olho.

– Stabsfeldwebel, esta lista está deficiente. Não vejo menção alguma ao numero de novos prisioneiros a serem transferidos...

– Aqui está, senhor, aqui embaixo. – Stahlschmidt enfiou um. dedo gordo e vermelho no pé da página. – Sete novos prisioneiros, senhor. Um tenente-coronel, um capitão de cavalaria, dois tenentes, um Feldwebel, dois soldados rasos. Quatorze a serem transferidos, senhor. Todos eles para Torgau.

Há um general, um coronel, dois majores, um capitão, um Hauptman, dois tenentes, um Feldwebel, três cabos, um fuzileiro e um soldado raso. Há também quatro homens condenados a morte. Suas petições foram rejeitadas e todos os arranjos necessários já foram feitos para suas execuções.

– Está muito bom, Stabsfeldwebel. – Com um torcer de lábios, Rotenhausen deixou cair o monóculo e soltou o papel na mesa. – Tenho um grande prazer em encontrar tudo tão bem organizado. O senhor obviamente conhece o seu trabalho e toma conta dele muito bem. Por isso é um homem em quem se pode ter toda confiança. Hum. – Deu um forte golpe com o chicote. –

Nenhum relaxamento por aqui, como em Lubeck, hem? Com o senhor tudo funciona com precisão de relógio, não é, Stabsfeldwebel?

– Faço o melhor que posso, senhor.

– Deixe-me só dar-lhe uma palavra de aviso: cuidado com acidentes.

Sabe do que estou falando? Se um prisioneiro por acaso quebrar um braço ou uma perna, tudo bem comigo, mas trate de evitar que eles quebrem o pescoço!

– Eu, senhor? – Stahlschmidt franziu as sobrancelhas. – Eu, quebrar os pescoços deles, senhor?

– O senhor sabe o que quero dizer! – disse Rotenhausen irritado. –

Tome somente muito cuidado, é só o que estou pedindo, senão nós dois vamos ter problemas. Há um homem chamado Bielert em Stadthausbrücke. O senhor deve ter ouvido falar dele. Um tipo dos mais desagradáveis. Está começando a tomar um interesse muito grande por nossos assuntos nestas últimas semanas.

Anda bisbilhotando pela guarnição, fazendo perguntas a respeito da prisão, como é dirigida, quantos homens tem, o senhor sabe o tipo de coisas. Outro dia teve até audácia de invadir o cassino as 2 horas da madrugada. Tal comportamento nunca teria sido tolerado na época do Imperador, um homem como aquele teria sido enxotado pela orelha. Um tenente que não o conhecia tomou-o a princípio por um padre. Pois eu lhe digo! Estranho tipo de padre! Ele era um dos discípulos de Heydrich, sabe? Um homem com o qual devemos ser sábios o suficiente para não cruzar em seu caminho, Stabsfeldwebel. Somos bem espertos para isso, não é?

– Bem, se entendi corretamente, senhor...

– Se o senhor quer me entender corretamente, Stabsfeldwebel, lembre-se somente disto: a menos que o senhor queira acabar nas florestas de Minsk lutando com os guerrilheiros, comporte-se bem e não faça nada que possa trazer este Bielert para cima de nós. Se quer bater um pouco nos prisioneiros, já disse, tudo bem por mim. Deus sabe que eles merecem, e de qualquer modo, quero ser a última das ,pessoas a interferir com os prazeres de um homem. Mas use um pouco de descrição, é tudo que peço. Há partes do corpo humano suficientes que podem ser machucadas a contento e ninguém ficar sabendo. Lembre-me de mostrar-lhe quando começarmos as entrevistas.

No corredor, os guardas haviam enfileirado todos aqueles que teriam a honra de ser apresentados. Primeiro os recém-chegados. E para começar, um tenente de 48 anos de idade que fora mandado para lá sob a acusação de ter-se recusado a obedecer ordens. Sua apresentação a Rotenhausen durou exatamente

.

3 minutos e 4 segundos, e ele foi então carregado, embora quase sem sentidos, por dois Gefreiters. Não havia sequer uma marca em seu corpo.

– Você não durou muito tempo, não é? – zombou Stever, golpeando na barriga o homem que gemia. – Três minutos! Dificilmente um recorde, não é?

Nós tivemos um Feldwebel aqui uma vez que aguentou por 2 horas. Ainda estava de pé no final. Rotenhausen teve que desistir e descansar no final, antes que pudesse recuperar forças para terminar com ele.

O tenente Ohlsen estava no corredor com todos os outros convidados.



Eles estavam alinhados com os rostos virados para a parede, as mãos atrás do pescoço.

Dois guardas fortemente armados marchavam de um lado para outro, prontos a atirarem a menor provocação. Ocasionalmente, prisioneiros levados ao desespero ou a raiva cega atiravam-se ao pescoço do major e tentavam estrangulá-lo. Ninguém, é claro, sobrevivera a tal ataque estúpido. Sempre acabaram como corpos sem vida numa das celas de disciplina dos porões de baixo, amarrados que nem galinhas com uma etiqueta presa em volta de um tornozelo.

Steve berrou o nome do tenente Ohlsen. Ohlsen virou-se de estalo, marchou para dentro do escritório onde Rotenhausen conduzia suas entrevistas e bateu empertigado a continência.

O major parecia estar sentado em um trono atrás da mesa. Diante dele estava o chicote de montaria. Stahlschmidt, de pé ao seu lado, segurava um cassetete de borracha, coberto de sangue velho, incrustado e coagulado. Steve estava de pé do lado de dentro da porta, logo atrás do prisioneiro.

– Heil Hitler! – rosnou Rotenhausen.

– Heil Hitler! – respondeu Ohlsen em tom monótono.

O major sorriu. Inclinou-se para frente e apanhou uma pilha de papéis.

– Estive lendo suas fichas – disse a Ohlsen. – Para mim, seu caso não parece muito bom. Aliás, em vista de minha experiência passada, posso confiantemente predizer que você será condenado a morte. Provavelmente decapitado, a menos que tenha sorte, o que eu duvido. Se tiver sorte, é claro, será fuzilado, mas se fosse você não teria muitas esperanças. Tenho um bom faro para tais coisas. – Olhou em direção a Ohlsen. – Morte por decapitação é

desonrável e antiestética. Corre muito sangue, e um corpo sem cabeça não é uma visão agradável é morte absurda e revoltante ao mesmo tempo. Tem algum comentário que gostaria de fazer? Quer me pedir alguma coisa? Quer registrar alguma queixa?

– Não obrigado, senhor.

– Muito bem. – Rotenhausen recostou-se na cadeira e afinou os olhos em direção a Ohlsen. – O prisioneiro não está mantendo a cabeça em boa posição – observou. Stahlschmidt imediatamente avançou com o braço direito levantado e o punho fechado. Stever entrou para ajudar com a coronha de sua metralhadora.

– Melhor agora – disse Rotenhausen, avaliando-o: – Mas ainda não está bem certo. Uma forte dor percorreu o corpo do tenente Ohlsen. Veio tão subitamente e foi tão intensa, que sentiu que certamente rasgava suas entranhas.

Tropeçou e cambaleou, e por um triz permaneceu de pé,

– Ele se mexeu! – falou Rotenhausen, virando-se para Stahlschmidt.

–

Será que hoje em dia não ensinam essa gente a ficar em posição de sentido?

Stahlschmidt fechou o punho novamente. Stever avançou e deu coronhadas de metralhadora com força nos rins do tenente.

Ohlsen caiu pra frente de joelhos. Lágrimas marejavam seus olhos e sentiu como se um ferro em brasa lhe estivesse roendo os músculos das costas.

– Isso está indo muito mau – disse Rotenhausen, com um leve tom ode censura. – Será que o prisioneiro agora se recusa até mesmo a

ficar de pé?

Precisa rastejar no chão desse modo obsceno?

Acenou para Stahlschmidt. O tenente Ohlsen estava estirado no chão, aos gritos. Stever golpeava-o como se fora um maníaco. Stahlschmidt concentrava-se em chutar. Após alguns momentos, um pequeno filete de sangue escorria da boca do prisioneiro. Rotenhausen imediatamente bateu com o chicote na mesa.

– Obergefreiter, ponha este homem de pé!

Stever puxou-o para cima. Ohlsen gemeu e então passou a gritar a medida que novas dores torturavam seu corpo alquebrado. Pensamentos sobre o filho subitamente adejaram através da obscuridade de sua mente e ele

.

resmungou em tom baixo.

– O prisioneiro está ousando reclamar? – perguntou Rotenhausen, ultrajado.

Eles não sabiam o que ele estava fazendo, mas bateram um pouco mais só para dar-lhe uma lição. Depois desfizeram-se dele, jogando-o sem sentidos de volta na sua cela.

Dos novos prisioneiros, passaram aos antigos: aqueles que deviam ser transferidos para Torgau. Cada homem tinha que assinar uma declaração que dizia terem sido bem tratados e que não tinham reclamações a fazer.

Um general recusou-se a assinar.

– Sugiro, para variar, que o senhor ouça o meu ponto de vista – disse ele, muito frio, calmo e razoável. – Estou sendo enviado para

Torgau por um período de no máximo 2 anos. Pode muito bem ser menos, e certamente não será mais. Se preferir contar as autoridades as coisas que vi nesta prisão, dois assassinatos a sangue-frio, para começar, os senhores seriam encarcerados por cerca de 25 anos. Agora, reflitam só um momento no que isto significa.

Significa, primeiro, que depois de ter servido minha pena deverei ser transferido para um regimento disciplinar. Deverei quase que certamente ser devolvido a minha patente antiga de general e acabar em comando, eles estão com poucos oficiais experientes, portanto não há realmente outra alternativa. E

uma vez que estiver de volta numa posição de autoridade, posso lhes prometer que moverei o céu e a Terra para fazer os senhores serem enviados para a minha divisão.

Suas palavras causaram um silêncio de espanto. Stever olhou para Stahlschmidt, procurando esperançoso por ajuda, mas Stahlschmidt não se moveu. Via-se claramente pela sua expressão que, pela primeira vez, estava perplexo. Já havia encontrado prisioneiros obstinados, prisioneiros atrevidos, prisioneiros que tentaram insultá-los ou até mesmo tentaram violência física.

Mas nunca em toda sua carreira havia ele encontrado um que ousasse ameaçar.

Prisioneiros não estavam em posição de ameaçar e ele desejava que o major Rotenhausen explicasse isto ao general.

Rotenhausen refestelou-se indolentemente em sua cadeira. Demorou-se em acender o charuto, então levantou o chicote e dobrou-o gentilmente sobre os joelhos. Olhou pensativo para o general.

– E o senhor supõe realmente – disse ele com calma que um homem da sua idade duraria seis semanas num regimento

disciplinar? Garanto que depois de ficar lá por três dias o senhor vai pensar no seu período aqui conosco como um dos tempos mais agradáveis de sua vida.

Sorriu. O general enfrentou seu olhar e Rotenhausen evitou encará-lo.

– Vou fazer-lhe uma oferta – disse. Retirou a pistola de seu coldre, inclinou-se e colocou-a sobre a mesa, ao alcance do general. – Aí está. É sua.

Pegue-a e use.

Houve um longo silêncio. O general não se moveu. Rotenhausen subitamente levantou de sua cadeira, contornou a mesa e estalou o chicote a apenas algumas polegadas do rosto do general. Stahlschmidt prendeu a respiração. Se o idiota endoidasse e o general chegasse em Torgau com manchas roxas na cara toda e metade dos ossos quebrados, haveria o diabo a pagar. Que Rotenhausen resolvesse a situação sozinho, se pudesse. Pelo menos Stahlschmidt não queria tomar parte alguma no assunto.

– Você gostaria, não é, que eu batesse até o senhor ficar roxo? –

Rotenhausen jogou a cabeça para trás e riu. – Seria ótimo não é? Aí então é que o senhor poderia realmente sair choramingando ao coronel Vogel em Torgau sobre o mau jeito do nosso tratamento aqui. Pois sinto muito desapontá-lo, mas não somos tão burros assim. Aliás, não somos burros em absoluto, como só senhor verá logo. Aqui agimos estritamente segundo as regras. Há outros meios de quebrar a resistência de um prisioneiro, além do uso da violência. – Voltou-se para Stever. – Obergefreiter, dentro de 10 minutos quero o prisioneiro perfilado no pátio interno, uniformizado para combate completo. Cinquenta quilos de areia molhada na sua mochila, e tente arranjar algumas pedras bem pontudas para por em suas botas. E enquanto estiver providenciando tudo, assegure-se de que sejam botas velhas, velhas e duras e preferivelmente um número

menor. Certo? – ele sorriu, e Stever concordou entusiasmado. – Vamos começar com duas horas de exercícios delicados. Vamos ver como ele se sai.

– Sim, senhor!

O rosto redondo e afável de Stever abriu-se com um sorriso largo de antecipação. Stahlschmidt riu alto, aprovando a piada. Não era tão idiota assim, o velho Rotenhausen!

Somente o general permaneceu impassível, não dando nem uma pista a respeito do que pensava. Não era um homem jovem e parecia improvável que sobrevivesse a duas horas dos exercícios delicados do Rotenhausen, com ou sem as botas que o aleijariam e com ou sem a mochila cheia de areia nas costas.

Mesmo que, por um milagre de força de vontade seu coração aguentasse, Rotenhausen quase que certamente inventaria algum novo recreio para acabar com ele. E o general sabia que sob a lei militar prussiana Rotenhausen estava bem dentro de seus direitos. Não havia lei alguma contra matar um homem por meio de tal tratamento.

– Prisioneiro, meia-volta, volver! – Stever segurou a porta aberta e sacudiu a cabeça para o general: – Avante! Marche! Rápido! Um, dois...

Depois que o general desapareceu corredor abaixo a passos rápidos, o major Rotenhausen pegou a capa e arremessou-a desleixadamente sobre os ombros, colocou a pistola de volta no coldre, assentou o quepe na cabeça, inclinando-o jeitosamente sobre um olho. Estudara o efeito no espelho e sabia que isto fazia-o parecer audaz e destemido.

– Venha comigo, Stabsfeldwebel. Eu lhe ensinarei a melhor maneira de lidar com um prisioneiro recalcitrante sem incorrer em qualquer

complicação ou dando chance de surgirem muitas perguntas. É tudo uma questão de técnica.

Stahlschmidt agarrou a própria capa e seguiu o major para fora da sala.

Automaticamente, ajeitou o quepe sobre a cabeça no mesmo angulo galante de Rotenhausen. Sempre usava-o assim, e era mais do que possível que Rotenhausen tivesse copiado dele. Em tempo, porém, ocorreu a Stahlschmidt que o major poderia muito bem estar pensando que fosse justamente o contrario, e silenciosamente, praguejando, reajustou-o para que ele ficasse num angulo baixo na testa, de acordo com o regulamento. Sabia que parecia um perfeito idiota, como um macaco vestido em sua melhor roupa de domingo, mas era melhor aquilo do que incorrer numa cena de ciúmes.

Rotenhausen saiu a passos largos na frente dele. Endireitara a pelerine nos ombros e vestia um par de luvas grossas. As tranças douradas de suas dragonas luziam na escuridão da prisão. Stahlschmidt seguia-o, com desdém.

O Sangrento Príncipe Encantado desfilando para um baile de máscaras, pensou sarcasticamente, e começou a imitar o andar de Rotenhausen,

.

jogando a própria capa curta sobre os ombros e gesticulando a direita e a esquerda para uma multidão imaginaria.

Foram para dentro do pátio coberto. Stever havia perpetrado uma rápida transformação no general, e eles já estavam ali em forma esperando.

– Estou apenas procurando por algumas pedras satisfatórias, senhor

–

arquejou Stever, o qual lançara-se de corpo e alma na tarefa e estava mais exausto do que o prisioneiro.

Virou-se de frente para o pátio, pernas separadas, mãos nos quadris, e começou berrando a primeira de uma longa série de ordens.

– Direita volver! – sentido! – esquerda volver! – polichinelo! –

correndo! – mais rápido, mais rápido, mais rápido! – Joelhos pra cima, pra cima, eu disse! Nada de moleza, mantenha! – pare! – de bruços! – adiante rasteiro! – vinte vezes em volta do pátio!...

O general estava suando sob o pesado fardo. Seus olhos embaixo do capacete saltavam das órbitas, a medida que ofegava em busca de ar e lutava para realizar uma nova ordem que lhe era dada. Sabia muitíssimo bem que a menor hesitação, que o menor sinal de fraqueza daria a Rotenhausen a oportunidade de atacar. Sem dúvida seria fuzilado por se recusar a obedecer ordens. O general havia servido 43 anos no exército prussiano. Com a idade de 15 anos entrara para a academia militar em Gross Lichterfeld. Trabalhara a sua ascensão, conhecia todos os truques no livro, conhecia os próprios direitos e os dos outros. E, no momento, o major Rotenhausen estava dentro dos seus direitos.

– Prisioneiro! Alto!

O general cambaleou agradecido e incrédulo, e parou. Mas não era ainda o descanso. Para baixo de cócoras, lá foi ele, e depois ao redor do pátio, pulando dolorosamente, como um sapo artrítico. Seu corpo berrava um protesto, mas o cérebro recusava-se a ouvir seus apelos urgentes. Continuou a pular. As pedras em suas botas cortavam-lhe os pés e o couro resistente, um tamanho menor, comprimia-lhe os dedos e fazia bolhas em seus calcanhares. Stahlschmidt ria-se abertamente da cena. Stever berrava palavras de encorajamento cada vez que o general passava por ele no fundo do pátio.



Os pulos de cócoras terminando, começaram os pulos de pé. Pular longe, pular alto, pular no lugar, pular com os pés separados, pular com os pés juntos, saltar, cair ao chão, rastejar pra frente, saltar, cair ao chão, rastejar pra frente, saltar, cair ao...

Após 20 minutos desse tratamento, o general subitamente desmaiou.

Era contra as regras fuzilar um homem inconsciente por se recusar a obedecer ordens, mas não levou nem dois minutos para Stever reanimar o prisioneiro.

Os exercícios continuaram como se a interrupção nunca tivesse acontecido. Rotenhausen terminou seu primeiro charuto e acendeu um outro; terminou o segundo charuto e acendeu um terceiro; aí então o general começou a fraquejar. A princípio, notaram somente um gemido baixo enquanto ele corria em volta do pátio. Parecia que gemia inconscientemente, sem nem mesmo se dar conta disto. Mais tarde, os gemidos elevaram-se em volume e intensidade.

Mais tarde ainda, tornou-se um lamento que aumentava e diminuía e desaparecia, e voltava repetidamente cada vez com maior urgência. Então o lamento tornou-se um brado de protesto, um grito de agonia, um longo uivo inumano de um homem torturado além dos limites de sua resistência e de sua razão.

Por toda prisão, homens acordaram e ouviram este interminável grito de desespero e correram apavorados as janelas de suas celas. Somente uns poucos, aqueles que eram residentes há muito tempo, permaneceram em seus catres e resistiram a tentarão de responder ao apelo do homem torturado.

Sabiam o que estava acontecendo lá fora. Já tinham visto isto antes.

Treinamento especial, era o nome que davam...

O grito agora saía a intervalos. E a cada intervalo, uma respiração longa e estremeçada e um estertor agonizante na garganta. Stever estava no centro do pátio, a metralhadora pressionada contra o abdômen do general, logo acima do umbigo e abaixo do diafragma. Stever sabia o que estava fazendo.

Não se deixam vestígios desta forma. Pode-se causar ruptura do estômago talvez, mas quem haveria de dizer que isto não possa ter acontecido espontaneamente durante o curso normal de um exercício rigoroso? E desde quando um exercício rigoroso havia sido visto com maus olhos pelo exército?

Rotenhausen não mais sorria. Estava se divertindo em demasia e concentrando-se demais para sorrir. Sua boca deixava a mostra todos os dentes

.

numa linha torta e fina.

Os olhos brilhavam com o fulgor de um fanático.

– Prisioneiro! Levante-se!

Com Stever ajudando-o com sua metralhadora, o general cambaleou, endireitando-se. Balançou um pouco para frente, como se estivesse bêbado.

Stever correu ao seu lado em volta do pátio, espetando-o gentilmente com a coronha da arma.

–Alto! Cinco minutos de descanso! O prisioneiro pode sentar-se. O senhor tem alguma coisa a dizer?

O general, um homem velho agora, com membros paralisados e faces repuxadas, olhou adiante sem ver, com olhos agora encobertos

por uma película leitosa. Tinha o ar de cadáver guardado num corpo doente, mas ainda vivo.

Devagar, balançou a cabeça. Seus lábios silenciosamente formaram uma palavra. Não. Não tinha nada a dizer.

Stever abaixou o olhar para o general, com surpresa e desprezo. Era o homem um completo tolo? Qual seria a razão de colocar-se em oposição a autoridade? O que poderia ele possivelmente ganhar com isso? Outra meia hora de sofrimento e ele estaria morto, e tudo isso por nada, pelo menos no que dizia respeito a Stever.

Os cinco minutos chegaram ao fim. O prisioneiro foi ponto novamente de pé. Fez outras duas voltas do circuito e então caiu de frente de cabeça e ficou imóvel. Stever estava em cima dele num instante, golpeando-o freneticamente na cabeça e ombros, chutando-lhe as pernas frágeis, xingando-o por ser um estúpido.

De novo o general pôs-se de pé, cambaleante. Stever olhou-o com ódio. Por que o velho idiota não podia desistir e morrer? Um pouco mais disso e não haveria dormida para nenhum deles esta noite. Agora restavam somente três horas antes do toque de alvorada.

Prometeu-se que da próxima vez que o general titubea-se investiria contra ele com tal força que acabaria com ele do uma vez por todas.

O prisioneiro ergueu-se ou ergueu-se tanto quanto podia. Seus ombros caíram e as alças da mochila enterravam-se nele. Tremia dos pés a cabeça. Seu capacete estava em desalinho, os cabelos empapados em tiras sobre a testa, e lágrimas escorriam de seus olhos semicerrados. Dolorosamente, correu a língua intumescida em volta dos lábios cortados e cheios de sangue. Com

uma voz que nada mais era do que um frágil e áspero sussurro, cedeu a Rotenhausen.

Não tinha nenhuma queixa a fazer quanto a seu tratamento e desejava assinar a declaração a esse respeito.

– Presumi que o faria, mais cedo ou mais tarde – disse Rotenhausen simplesmente. – Todos os outros o fazem, então por que não você?  
– Apanhou outro charuto e parou para acendê-lo. – Alias, tenho certeza que você não é tão tolo a ponto de achar que este período de exercício tem qualquer ligação com sua prévia recusa em assinar a declaração. Isto, é claro, seria bastante contrário a todos os meus princípios. O fato é que nas ocasionalmente selecionamos um prisioneiro a esmo e o fazemos passar pelo buraco da agulha, por assim dizer, puramente para seu próprio bem. Isto lhe dará um gostinho do que deve esperar num campo disciplinar, e, por isso, uma chance muito maior de sobrevivência.

Por que está ofegando assim? Está com sede?

O general fez um gesto afirmativo.

– Bem, agora você sabe que tipo de coisas terá provavelmente que enfrentar, não é? Ouvi dizer que na Rússia espera-se que os homens marchem metade do dia ou mais sem beber...

Restavam vinte minutos ainda para que às duas horas estipuladas terminassem, e, embora o general houvesse capitulado, Rotenhausen não viu motivo algum para encurtar o período de exercício.

O velho pôs-se novamente a circular o pátio, com o fiel Stever seguindo-o e cutucando-o do lado. Ele aguentou outros dez minutos e então, bruscamente parou, arquejou e vomitou sangue. Stever deu-lhe uma violenta coronhada com sua arma.

– Anda, miserável! Anda!

Os minutos finais do drama foram realizados em câmara lenta, com o general arrastando-se em volta do pátio ao passo de tartaruga e

Stever andando com ele e meditando nas possibilidades de um golpe traiçoeiro que poria um fim aos sofrimentos de todos eles, algo que permitisse que o general morresse em paz e ele próprio dormisse um pouco.

De volta ao prédio, o general desmoronou. Desta vez levou quase dez minutos para Stever reanimá-lo. Rotenhausen ordenara que suas roupas fossem removidas e ele fosse levado a um chuveiro. Assim, Stahlschmidt e Stever, um década lado, levaram-no embora, despiram-no e seguraram-no sob a água fria

.

durante outros dez minutos. Então, molhado ainda, tornaram a vesti-lo e carregaram-no para o escritório a fim de assinar a declaração. Tiveram que segurar o papel para ele, segurar-lhe o braço e manter a caneta em sua mão para que pudesse assinar. Rotenhausen observava com prazer.

– Por que você não assinou a declaração logo no princípio?

O general parecia não haver escutado a pergunta. Fixou os olhos em frente sem ver, e neles a luz da vida parecia esvair-se.

– Estou falando com o prisioneiro! – gritou Rotenhausen. – E espero uma resposta!

A resposta veio, mas foi ao mesmo u tempo inesperada e involuntária.

O general, de repente, começou a urinar, ali no impecável escritório de Stahlschmidt, em pé, inconsciente da urina escorrendo-lhe pelas pernas e indo parar no tapete.

Rotenhausen deu um berro de indignação e saltou para trás.

Stahlschmidt estava quase fora de si. Esqueceu a presença do major e sabia somente que o porco imundo do prisioneiro ousara estragar seu tapete. Correu até o general, sacudindo-o para frente e para trás e gritando improperios.

Stever aproximou-se e metodicamente, com uma certa falta de entusiasmo, começou a golpear o prisioneiro no estomago, nas costas e através dos ombros. Estava enojado da resistência sem finalidade do velho, queria que ele morresse, rápida e quietamente, e permitisse que eles todos fossem para cama. Ainda assim, golpeou-o apenas onde nenhum vestígio pudesse ser deixado. Finalmente, empurrou o prisioneiro para o chão, curvou-se sobre ele e esfregou-lhe o nariz na sujeira.

O major Rotenhausen balançou a cabeça.

– Este é um caso extremamente desagradável. E pensar que um oficial seria capaz de se comportar de tal maneira! Você tem minha total permissão para fazer o que quiser com ele de agora em diante, Stabsfeldwebel. Perdi completamente o interesse. E não é evidentemente um cavalheiro. Lembre-se somente do que eu lhe disse antes: sem vestígios. E só o que peço...

Stahlschmidt bateu os calcanhares.

– Providenciarei para. que assim seja, senhor!

Rotenhausen apanhou o registro de inspeção, escreveu algumas palavras com uma escrita larga e simples, e assinou com uma assinatura corrida.

Inspeção na prisão da guarnição efetuada. Tudo em ordem.

Prisioneiros prontos para transferência convocados para entrevista final.

Nenhuma queixa registrada.

P. Rotenhausen

Diretor da Prisão.

Levou dois dedos lacônicos até a borda de seu quepe e deixou a sala, bem contente com o trabalho desta noite. Saiu direto para ver sua amante, a esposa de um tenente, que morava em Blankenese. Enquanto estava lá gozando dos deleites da casa, o general von Peter quietamente faleceu.

Obergefreiter Stever deu alguns chutes fracos no corpo inerte, mas este não mais se moveu. Stahlschmidt curvou-se sobre ele.

– Graças a Deus! Agora talvez a gente tenha um pouco de paz.

– Eu pensei que ele nunca se fosse – resmungou Stever.

– Mijando no meu tapete! E pensar que agora fazem oficiais de porcos como este! Que audácia! – Stahlschmidt virou-se para Stever.

– Não há, alias, necessidade alguma de espalhar essa história pela prisão toda.

– Eu jamais sonharia em fazer isso, Stabsfeldwebel – disse Stever, reprimindo um bocejo.

– É bom que não o faça. – Stahlschmidt acenou para o velho corpo cinzento esticado sem vida no Chão. – Livre-se deste lixo, não quero defuntos fedorentos atravancando o local. E diga para aquele tenente no número 9 para vir esfregar o meu tapete. Trabalho perfeito para um oficial.

– O que é que colocamos no registro? – perguntou Stever, descuidadamente erguendo o general por uma das pernas.

– Não sei... – Stahlschmidt coçou-se no peito por um momento. – Tem alguma marca nele?

Stever deixou cair a perna e examinou o corpo de perto.

– Algumas escoriações, e só. Elas poderiam ser devido a qualquer coisa.

– Bom. Estou satisfeito em ver que conhece seu trabalho. Que acharia de assumir o meu lugar quando eu partir?

Stever arregalou os olhos para ele.

– O senhor vai sair, Stabsfeldwebel?

– Por enquanto não, mas vou sair. – Stahlschmidt dobrou os braços e fez uma casual flexão de joelhos. Suas longas botas de couro rangeram impressionantemente. – Almejo mudar para Postdam. Para a guarnição da prisão de Postdam. E aí, meu caro Stever, você poderá ficar com este adorável escritório só para você. O que é que acha?

– Muito bom – disse Stever. – Isto significaria uma promoção?

Stahlschmidt bateu de leve na KVI\* em seu peito.

– Você também poderia usar uma destas. Não é preciso provocar o urso dentro da sua caverna para ganhar uma medalha.

– Mas como poderia... – quero dizer, como o faria... bem, francamente não gosto muito da ideia de me mandar para uma escola de treinamento só para aprender a ser um sargento.

– E quem falou alguma coisa sobre ir para uma escola de treinamento?

Você pensa que eu por acaso cursei uma merda dessas? Use a cabeça um pouquinho e não é necessário.

– Mas como é que se livrou disso?



– Impressione as pessoas. Faça-as notar. Pressione-as. Aprenda alguns farrapos de besteiras do Goethe ou Schiller ou de outro bode velho qualquer.

Anote-os toda vez que tiver uma oportunidade. Drible as pessoas. Jogue o jogo direito e terá o que quiser. Assim como eu vou chegar a Postdam. –

Stahlschmidt riu alegremente e flexionou os músculos dos braços.

Stever olhou-o, duvidoso:

– Falar é fácil, fazer é que são elas – resmungou.

– Uns conseguem, outros não – disse Stahlschmidt com complacência.

– Venha, vamos nos livrar desse cadáver imundo. Vá procurar o Gefreiter Hölzer. Peça a ele para lhe ajudar. Arranje um suicídio na cela do prisioneiro.

Você sabe o tipo de coisa, já viu ser feito antes.

– O banco perto da janela? – perguntou Stever.

---

\* *Kriegsverdienstkreuz 1 Klasse* (Medalha do Mérito Militar, 1.º classe).

– É o suficiente. Torga o lençol do velho idiota em volta do seu pescoço e de um nó atrás do pescoço, veja bem. Não na frente. Conheci um filho da puta em Insbruck que cometeu esse erro. Merecia uma corda em volta do próprio pescoço, a meu ver. Enquanto estiver fazendo isso, chamarei o oficial médico e lhe direi o que aconteceu. A essa hora da noite ele assinara qualquer certificado sem nem mesmo olhar o cadáver.

Tomaram uma rápida dose de conhaque do armário secreto de Stahlschmidt e depois cada um foi fazer o seu trabalho. Stever e Hö1zer carregaram o cadáver para fora da sala e de volta para sua cela, onde arrumaram um repulsivo e eficaz suicídio. A porta da cela, pararam e olharam de volta para o corpo enforcado.

– Vamos esperar lá fora – sugeriu Hölzer.

– Você sabe – disse Stever rindo – me mata, realmente me mata quando os cristãos começam a falar sobre o paraíso e Deus-Pai e os anjos e tudo mais. Olhe só para ele pendurado ali! Você pode imaginar uma visão como está voando pelo paraíso com o traseiro nu, um par de asas e um anel dourado e luminoso na cabeça?

– Não tente a Providências. – Hö1zer estremeceu ligeiramente. –

Nesses últimos tempos sinto calafrios subindo pela minha espinha toda vez que vejo um maldito padre na rua. Tenho que atravessar para o outro lado, sabe?

– Superstição pura – disse Stever.

– Não é não, é mais que isso. Não sou supersticioso nem tenho religião, mas de vez em quando sinto que um desses dias é o nosso numero que vai aparecer.

– E daí? Nós todos temos que morrer um dia, não é?

– É mas não desse jeito. – Hö1zer voltou para o corpo mole do general e desviou de novo o olhar. É disso que tenho medo. E já vimos tantos deles passarem por aqui que não posso fazer nada a não ser sentir que vai ser como...

bem, como uma espécie de retribuição, entende?

– Ah, vá a merda! – disse Stever, fechando a porta da cela.

– Estou falando sério – insistiu Hölzer. – Sabe de uma coisa? Eu estava num clube na cidade outro dia e encontrei com três caras de um regimento disciplinar em Hamburgo, corpo de tanques ou coisa parecida. Um grupo bravo de verdade! Cortariam a garganta no momento que olhassem

.

para alguém... e quase que fizeram mesmo. Bêbados até os ossos. Aí, só pra se divertirem, para passar o tempo, pode-se dizer, amarraram uma corda no meu pescoço e enfiaram uma pistola na minha barriga. Sabe o que falaram?

Disseram que isso era só um treino. Da próxima vez seria pra valer. E, Deus me ajude, acreditei neles! Ainda acredito, se me perguntar. E você também acreditaria se estivesse lá.

O ar de superioridade paternal de Stever esmaeceu ligeiramente a menção de um regimento disciplinar. Levou a mão até a garganta e esfregou-a nervosamente.

– Como eram eles, esses três? Um deles não era um sujeitinho com uma cicatriz grande e suja no rosto? Fumando cigarros a toda hora?

– É isso mesmo – disse Hölzer, atônito. – Você o conhece?

– É, ele visitou um dos prisioneiros outro dia mesmo. Coisa boa não é.

– E isso mesmo – concordou Hölzer, avidamente. – Ele me deixou apavorado, não me importo em dizer. Alias, este lugar todo está começando a me dar calafrios. Essa prisão, essa cidade, tudo. Tem um clube onde eu vou, o

“Cantinho da Tia Dora”. Já foi lá alguma vez? Ultimamente tem estado entupido com os homens de Bielert. Como moscas em volta de um monte de merda. Dora não liga, eles não podem tocar nela,

ela está bem entrosada com o Bielert, mas e o resto da gente? – Chegou-se bem perto de Stever. – Ontem a noite abri a boca um pouco demais... disse algo estúpido para ela... eu estava tocado, não sabia o que estava fazendo... e antes que soubesse se estava sentado ou de cócoras no chão, fui jogado para fora da porta por um par de gorilas da Gestapo.

– Por quê? – perguntou Stever, forçando uma risada. – O que você fez para irritar a vaca velha? Não está dando no couro?

– Corta essa! – protestou Hölzer indignado. – Vou lá todas as noites da semana que não estou de plantão. E fodo todas elas: regulares e casuais. Ela ganha o dinheiro dela por mim. Não sou fricoteiro, contando que seja o sexo certo. No final da semana passada eu estava tão fodido que mal conseguia andar.

– Então pra que ela berrou com você? Qual é o seu problema? Que dor de barriga toda é essa?

– Sei não. – Hölzer estremeceu. – Acho que é porque estou vendo coisas. Todos os lugares que eu vou fico vendo esses caras do 27º... eles estão preparando uma pra mim, sinto isso nos ossos. Pra te dizer a verdade, não acho que poderei aguentar muito mais disso. Era preferível estar no front que enfrentar isto.

– Você enlouqueceu? – perguntou Stever gentilmente. – Se você acha que esses cães do 27º são como animais selvagens aqui em Hamburgo, tente só imaginar como seriam no front!

– Eles não vão para o front! – murmurou Hölzer.

– É, talvez não essa turma em particular – concordou Stever. – Mas outros iguais a eles, ou piores. É esse é o tipo que você encontra lá fora, marque as minhas palavras. São ruins o bastante quando estão de volta aqui na civilização, mas, enfiados lá fora nas trincheiras com eles, você seria um pato morto sem erro. São todos uns psicopatas, o lote todo! Amaldiçoados psicopatas desfilando ao léu com os

bolsos cheios de granadas de mão e só Deus sabe o que mais... explodiriam você assim que te vissem; te esfaqueariam nas costas a menor provocação... – Teve um estremecimento. – Não obrigado!

Preferiria passar o resto dessa maldita guerra nessa latrina do que me meter em confusão com um grupo de loucos homicidas. O negócio é não deixar que eles façam você ficar em depressão. Não leve tão a sério. Sabe, os prisioneiros e tudo mais... o que quer que aconteça com eles, eles pediram pela coisa. De qualquer maneira, não é da sua conta. Você só faz o que te mandam e não se preocupe com o resto.

– É – Hölzer suspirou fundo. – É. Talvez você tenha razão... mas, macacos me mordam se eu sei o que fazer a respeito. Você alguma vez já andou por aí dia após dia com uma sensação assim... bem... doente de medo?

– O que você quer dizer com doente de medo? Que espécie de medo?

– Sei não – suspirou Hölzer de novo. – Medo do que vai acontecer a seguir; só fica cada vez pior. Todo dia tem um novo horror que eu não consigo enfrentar. Como amanhã, por exemplo.

– O que vai acontecer amanhã? – perguntou Stever, encolhendo a testa.

– Aquele cara do nº 20 está pronto para o machado. É o tipo de cara decente, mesmo. A família dele veio se despedir outro dia. Eu tive de ficar ali e escutar todos eles chorando e se lamuriando em cima dele, cena própria pra fazer o estômago virar. E então me perguntaram depois se não tinha nada que eu pudesse fazer por ele, nada que eu pudesse fazer pra salvar o cara. Por que eu? O que é que eu posso fazer? Ou dizer?

– Nada – disse Stever firme. – Não é seu trabalho, é? Se quiserem algo assim, terão que ir direto ao Adolf ou a Heinrich.

– Foi isso que disse. Mas mesmo que eles fizessem isso, o que é que ia adiantar? Não ia adiantar nada, merda. nenhuma, e eles sabem disso e eu sei disso. E noite após noite – disse Hölzer amargamente – eu me embebedo todo tentando esquecer tudo. Como uma puta até ficar sem sentidos, aí bebo até ficar morto para o mundo e é como estar no paraíso, você está inconsciente, não sabe de nada, não tem que olhar os caras morrerem ou escutar os filhos gritando... e aí então é manha de novo e você volta a estaca zero, só que pior... porque fica pior a toda hora...

– Olha aqui, você tem que tomar cuidado com isso – disse Stever seriamente. – Você está mau, isso sim. Tem que tentar ser lógico com estas coisas. Tem uma guerra correndo, certo? Goste ou não, não foi você quem começou, portanto não adianta ficar se preocupando por isso. Segundo, quantos prisioneiros nós matamos por semana? Meia dúzia? Talvez menos, talvez mais um pouco. E em algumas semanas não temos nenhuma execução, certo? Agora, lá fora no front eles estão matando batalhões inteiros no espaço de uma hora, o dia inteiro, todos os dias, e você pensa que alguém está perdendo o sono por causa disso? Não mesmo, e pode apostar! Lembre-se só disso: a maioria desses pobres todos lá fora nas trincheiras está lá simplesmente porque não pode fazer nada, porque os filhos da puta lá de cima mandaram eles pra lá, mas a escória que nós temos trancada aqui está aqui porque merece estar. Eles fazem das deles e têm que pagar por isso. Portanto, não é preciso você sair chorando lágrimas de crocodilo por eles.

– É, mas o negócio é que – confessou Hölzer nervosamente – não aguento olhar o machado descer. Já é horrível estar num pelotão de fuzilamento, mas ter que ficar lá olhando enquanto a cabeça de um cara é ceifada fora dos ombros... – Estremeceu. – E o pior é que a maioria

.

Dos caras aqui quase sempre não fizeram nada de muito errado.

– Isto não é pra você dizer ou não – disse Stever serenamente. – Se você quebra a lei, você quebra a lei, e tem de pagar por isso, não há saída.

Nesse país tem uma lei que diz que não é permitido pensar. É simples assim, e ninguém a não ser um idiota deixaria os outros saberem que ele tem mais alguma coisa dentro da cabeça... certo?

– Acho que sim.

– Pois é, aí está. Você e eu somos bons cidadãos. Conhecemos a lei e a obedecemos. Observamos pra que lado a bandeira está voando e voamos junto com ela até ela começar a mudar... e no que me toca, não dou a mínima pelota se estou dizendo Heil Hitler ou Viva o Partido, é tudo a mesma coisa pra mim.

– Não adianta, Stever – disse Hölzer sacudindo a cabeça – continuo querendo sair desse lugar. Estou começando a pressentir que não vai demorar muito pra essa bandeira começar a virar. E quando isso acontecer, Stahlschmidt vai ser um dos primeiros a ir pra parede. E eu não quero estar aqui dentro com ele. Quero sair enquanto ainda é tempo.

– Não seja idiota, Hölzer. Tem meios mais fáceis. Nada mais simples do que escolher um ou dois prisioneiros do tipo certo, ajudar meia dúzia ou tanto a escapar. E provável que alguns sobrevivam e aí está sua garantia de vida! Mas chegar a ponto de se mandar pro front para ser herói é pura maluquice. Vai até o quartel onde o 76º está alojado, vai até lá qualquer hora amanhã. Estão despachando uma companhia para o front. Olhe bem pra eles quando saírem e eu prometo a você uma garrafa de bebida por todo rosto sorridente que você conseguir ver. – Stever cuspiu com desprezo. – Não vai ver nem um! Todos eles vão parecer tão miseráveis como o próprio pecado, como se estivessem em marcha para serem enterrados, porque todos sabem que o front é tão bom quanto uma pena de morte. Por outro lado, você fica aqui, e tem uma chance de lutar.

Simplemente diga sim quando mandarem, beije a bunda de Stahlschmidt, lamba as botas do major, e aí você está a salvo, bem seguro! E

quando chegar o final, você só tem que lembrar de uma coisa: você executa ordens, não as dá. Você não fez as leis, não pediu para trabalhar aqui, não teve escolha nos assuntos.

– É isso mesmo, não tive – disse Hölzer. Seus olhos subitamente brilharam. – Se tivesse tido escolha, estaria na marinha – confessou.  
– O

exército não cai bem comigo, nunca caiu. Mas a marinha, bem... e aquela farda que eles usam... – Esfregou as mãos. – Todas as mulheres adoram a farda, você já notou?

Stever voltou-se para a cela e abriu a porta:

– Vejamos como está o nosso amigo.

O cadáver do general balançava tristemente em círculos vagarosos, pra lá e pra cá, rodando, rodando, na ponta da corda de lençóis amarrados.

– Já está mudando de cor – observou Stever. – Bem, e é pra.

acreditarmos no que eles dizem pra nós na igreja, ele a esta hora já deve estar lá em cima empoleirado numa nuvem, tocando sua harpa. Nenhuma regra ou regulamento, nenhuma preocupação com o mundo. – Olhou de novo para o cadáver e sorriu. – Ele até que não era tão ruim assim. Velho suficiente para ser meu até e aguentou uma canseira danada. Nunca pensei que morresse. – Fechou a porta da cela de novo e tornaram suas posições do lado de fora, esperando a chegada do médico. – Fiz um bom trabalho nesse aí – comentou Stever satisfeito. – Nem um vestígio no corpo, até o Stahlschmidt concordou que eu sabia o que estava fazendo.



– É.

Ficaram em silêncio por uns minutos.

– Sou, é claro, um especialista no meu próprio campo – disse Stever.

– É.

– O número de pessoas que já passou pelas minhas mãos desde que estou aqui... o número de pessoas que recebeu meu tratamento, sabe o que eu digo?

– Sei.

– A gente pega um certo jeito pra isso... um certo dom. A gente sabe o que pode fazer e o que não pode. Algumas pessoas nunca aprendem. O que sabem fazer é entrar num frenesi e bater num cara até virar sopa. Agora, pro meu modo de pensar, isso é pura carnificina, simplesmente.

Nenhum adestramento, entende? Nenhuma arte. Qualquer um pode fazer isso. Mas...

O monólogo de Stever foi interrompido pela chegada do médico.

Passou que nem furacão na direção da cela, deu um olhar rápido para o cadáver,

.

encolheu os ombros e assinou o certificado sem mais delongas.

– Aqui está. – Jogou o papel para Stever e saiu de novo pela porta.

–

Se ao menos esses depravados pudessem ter um pouco de paciência até de manhã – disse irritado.

– O que é que importa algumas horas a mais ou a menos pra eles, afinal? Sou arrancado da cama a todas as horas da noite e do dia...  
– Virou-se e apontou para o corpo. – Desça aquela coisa e livre-se dela.

Desapareceu pelo corredor e Stever fechou a porta atrás dele. Olhou para Hölzer com um sorriso.

– Viu o que eu disse? Viu que grande trabalho eu fiz no velho idiota?

Colocaram o banco de pé e Hölzer usou-o para desamarrar o general morto.

– É tudo uma loucura – reclamou ele. – Num minuto a gente está amarrando o pobre-diabo lá em cima, no minuto seguinte estamos retirando o corpo de novo. Pra cima e pra baixo, como uma maldita gangorra. – Tem coisas piores do que gangorra. – Observou Stever sagazmente. – Prefiro subir e descer na gangorra do que ir pra dentro e pra fora das trincheiras fedorentas.

Desceram o corpo e arrastaram-no pela extensão do corredor, e aí pelas escadas abaixo até o porão. Ao abrirem a porta, ambos largaram sua carga ao mesmo tempo e ela deslizou de cima a baixo pelas escadas de pedra. Com recriminações de ambas as partes, dispararam atrás do corpo, agarraram-no de novo pelas pernas e arrastaram-no. Houve um baque agudo quando a cabeça bateu em alguma coisa.

– Filhos da puta! – gritou Hölzer exasperado. – O que eles querem é coveiros e não soldados! É isso aí, chega!

Eu te digo que é isso, chega! E vou embora. A primeira coisa que vou fazer amanhã é pedir transferência. Eu...

– Por Deus – interrompeu-o Stever – você quer fechar essa matraca?

Falando, falando até me fazer ficar maluco!

– Desta vez estou falando sério – disse Hölzer. – Estou de saco cheio disso aqui. – Deixou cair a perna que segurava. – Transportando cadáveres por ai, recolhendo cabeças depois de uma decapitação, daí a pouco eles vão querer que a gente limpe a bunda deles também, isso é que vão querer!

– Tá bem, então! – Stever largou a outra perna que estava segurando e virou-se com raiva para Hölzer. – Vai e se transfere, se é o que quer. Mais depois não vem chorando pra mim quando estiver enfiado de cabeça na lama, no fundo de uma trincheira, com o saco estourado!

– Não se preocupe – disse Hölzer por entre os dentes.

– Seu número vai aparecer muito antes disso, guarda bem o que eu estou dizendo.

O Obergefreiter Stever plantou os cotovelos no bar do Matou e ajeitou-se para argumentar. Apontou um dedo para Emil, o dono do bistrô.

– Só mostra quanto você sabe pouco sobre o negócio – declarou ele, intimidando-o. – Aliás, a maioria deles vai que nem cordeirinhos para o abatedouro, você nem precisa mostrar o caminho. Eles se ajoelham e colocam as cabeças no cepo como se estivessem rezando. E uma visão muito adorável.

Sem gritos, sem berros, sem...

– Se você não se importa – disse Emil friamente – não tenho a mínima vontade de ouvir os detalhes de como você mata pessoas. Dirijo um bistrô, não um abatedouro.

Stever levantou o copo.

– Temos um tenente de infantaria blindada conosco agora – continuou, não de todo desencorajado. – Um cara até bem decente,

apesar de ser oficial.

Aceita tudo que vem pra ele e nunca dá um pio. Está escalado para ser executado muito breve e aposto com você que nas não ouviremos nem um pio dele!

– Ainda prefiro não saber. – Emil passou um pano úmido raivosamente no balcão. – Você é um porco sádico, Stever.

– Quem, eu? – Stever terminou o drinque e empurrou o copo para outra dose. – Por que você disse isso?

Falou com ar de ofendido. Emil despejou outro drinque e empurrou o copo estabandamente de volta para ele.

– Porque é verdade, é por isso que eu digo! Porque você tão obviamente ama o seu trabalho! Você fede à guerra, à morte, à tortura, e rasteja nisso como um porco na merda. Você não é mais um homem, você é uma degradação!

– Olha aqui – disse Stever rapidamente – você entendeu tudo errado!

Sei que o trabalho que fago pode parecer desagradável para algumas pessoas...

Emil cortou-o com um riso de escárnio:

– Bota desagradável nisso! Escuta aqui seu rato – inclinou-se sobre o balcão e cuspiu as palavras na cara rosada e rechonchuda de Stever. – Um dia desses você vai se encontrar balançando do lado errado da corda, e quando esse dia chegar, serei o primeiro a abrir champanha!

Stever franziu a testa. Afastou-se ligeiramente e chamou uma garota que estava sentada sozinha numa canto da sala. Ela estava

esperando por fregueses, mas era muito cedo ainda. Poucas pessoas vinham ao Matou antes das 10 horas da noite.

– Eí, Erika! – Stever estalou os dedos e ela lentamente levantou os olhos. – Você escutou o que ele disse?

Você não pensa que eu sou um... um porco sádico e um rato, pensa? –

Seu tom era apelador. Parecia genuinamente em busca dessa informação.

Erika levantou uma sobrancelha e olhou para ele com desgosto e amargura.

– Que você é um porco, é – disse ela. – Não sei se é um rato... um rata de bueiro talvez.

– Mas por quê? – Stever abriu as mãos, num gesto de assombro. – O

que é que eu fiz a você?

– O que você não faria – disse Emil – se nós alguma vez acabássemos em uma de suas celas?

– Não, não, não! – Stever balançou a cabeça. – Não é o que eu faria, é o que eu seria obrigado a fazer. Vocês entenderam tudo errado. Sinto muita pena pelos caras que estalo lá dentro. Mas o que é que eu posso fazer por eles?

Não tenho autoridade nenhuma, não mais do que você tem!

– Você não precisa trabalhar lá! – rosnou Erika de seu canto.

– O que é que você gostaria que eu fizesse, então? Pedir transferência e correr o risco de ter a minha cabeça cortada? Isso seria melhor pra você? Olha

– disse Stever, começando a ficar desesperado – eu mio pedi esse emprego, foi tudo decidido, sem me consultarem, por algum palhaço puxador de canetas sentado em sua bunda gorda num escritório: “Obergreiter Stever tem que ser um carcereiro”. Poderia ter sido diferente, poderia ter sido o front russo. Mas não foi, foi Hamburgo. Isso é que eu chamo de destino, e não acredito em lutar

.

contra o destino. E quanto ao que está acontecendo... bem, pergunto a vocês, a culpa é minha? Sou eu que faço as leis? Sou eu quem decide quem vai viver e quem vai morrer? Sou eu, droga? Um monte de banha qualquer lá de cima passa uma ordem aqui para baixo e eu sou só um pobre coitado fodido que tem que executar.

– Meu coração sangra por ti – disse Emil.

– Vou te dizer uma coisa – disse Stever, virando-se para ele. – Você tem que acompanhar a maré. Quando a guerra terminar e a roda virar o circuito todo, o que, não se iluda, acontecera, vou estar muito bem posicionado com um belo grupo de prisioneiros para tomar conta. Só que vai ser um lote diferente de prisioneiros. o lote antigo vai ser solto e um novo vai ser trazido. E gente como você – enfiou um dedo no peito de Emil – pessoas que não foram forçadas a executar ordens como eu fui, pessoas que fizeram dinheiro vendendo bebidas para os amantes do frango\*... esses vão se dar mal. E isso, meu amigo, é o que aqueles que são intelectuais chamam de nêmeses. Um castigo merecido.

Stever jogou com desdém dois marcos em cima do balcão e saiu do bar.

---

\* Frango - um termo pejorativo para a águia nazista.

## **Capítulo VIII**

## Execução

No dia seguinte, o tenente Ohlsen foi chamado ao escritório de Stahlschmidt e lá apresentado com sua folha de acusação, que ele tinha que assinar em três lugares. Foi agraciado com a gentileza de levar o documento para a cela e teve uma hora para lê-lo por inteiro e anotar seu conteúdo.

Sozinho, o tenente Ohlsen solenemente desdobrou o papel e começou a estudá-lo:

*Polícia Secreta do Estado*

*Divisão de Hamburgo*

*Stadthausbrücke 8*

*FOLHA DE ACUSAÇÃO*

*Wehrmacht Kommandantur, Hamburgo.*

*Divisão de Altona*

*Para: General von der Oost, comandante da Guarnição*

*76º Regimento de Infantaria, Altona.*

*Conselho de guerra 391/X AK contra o tenente Bernt Viktor Ohlsen do 27º Regimento Blindado.*

*No dia 19 de dezembro de 1940, o tenente Ohlsen foi sentenciado a cinco anos de detenção por falhar em cumprir o seu dever como oficial servindo com o 13º Regimento Blindado. Após oito semanas na prisão de Glatz foi transferido para um regimento armado disciplinar. Está atualmente sendo mantido em detenção preventiva na guarnição de Altona sob ordens da Gestapo, Seção IV/2.A, Hamburgo. Não possui advogado.*

*Acuso Bernt Ohlsen de planejar cometer alta traição, tais como: 1. Em várias ocasiões e usando palavras veladas tentou incitar homens a assassinar o Führer Adolf Hitler.*

*2. Em várias ocasiões fez comentários injuriosos ao bom nome e a reputação de vários oficiais do Terceiro Reich, incluindo o Führer Adolf Hitler. (Detalhes dos comentários acima mencionados estão anexados a esta folha e marcados "Prova L").*

*3. Espalhando mexericos e falsos rumores, o acusado ajudou e protegeu os inimigos do Terceiro Reich e agiu de modo a minar o moral do povo alemão.*

*Peço que o acusado seja condenado a morte de acordo com. O artigo 5 da Lei para Proteção do Povo do Estado datado de 28 de fevereiro de 1933; e de acordo com o artigo 80, parágrafo 2; artigo 83, parágrafos 2 e 3; e artigo 91B, 73 Stbg.*

*Incitamento para assassinar o Führer incorre em pena de morte por decapitação sob o artigo 5 da Lei de 28 de julho de 1933.*

*Os seguintes documentos estão inclusos:*

*1. Confissão do acusado.*

*2. Afirmações voluntárias de três testemunhas.*

*a) Faxineira da guarnição, Frau K.;*

*b) Tenente P. do Departamento Polícia Militar;*

*c) Gefreiter H. do Serviço Político de Segurança Militar.*

*As testemunhas acima mencionadas não serão chamadas a testemunhar no julgamento. Suas afirmações deverão ser destruídas assim que o julgamento tiver passado, de acordo com o Artigo 14 da Carta de Segurança do Estado.*



*A matéria inteira está classificada GEKADOS (Secreta) e todos os documentos relacionados à ela serão finalmente arquivados com o RSHA, Prinz Albrecht Strasse 8, Berlim.*

*A investigação preliminar foi efetuada por SD – Standartenführer Kriminalrat Paul Bielert.*

*(assinado) F. WEYERSBERG*

*Promotor Público Geral*

O tenente Ohlsen atravessou a cela até a janela. Ficou olhando pelas grades, através dos imundos vidros acinzentados, até a inimaginável liberdade

que estava além. Vendo-o impresso pela primeira vez, aquele monstruoso pedido de que fosse decapitado, achou-se subitamente sem capacidade para enfrentar a realidade. Certamente havia de ser uma brincadeira horrenda, uma das tentativas doentias da Gestapo de fazer graça. Em Torgau, sabia, era frequentemente um prazer para eles arranjar para que dez execuções fossem programadas e apenas oito fossem efetuadas. Trabalhavam sobre suposição não infundada de que quando os últimos dois homens na lista tivessem visto as cabeças de seus companheiros rolares para dentro da cesta estariam dispostos a fazer qualquer coisa para colaborar e evitar que o mesmo destino caísse sobre eles. Era pouco consolo, porém era tudo o que podiam pensar.

Naquele mesmo dia, uma carta do Wehrmacht Kommandantur em Hamburgo foi enviada para o Kommandantur em Altona:

*Wermachtkommandantur, Hamburgo*

**ALTAMENTE SECRETO**

*Esta correspondência deve ser lida por dois oficiais e depois destruída. O recebimento deve ser confirmado por telefone.*

*Assunto: Execuções seguintes a Pena de Morte.*

*Fica antecipado que a sentença de morte será amanhã pronunciada para os seguintes soldados:*

*a) Oberleutnant de Infantaria Karl Heinz Berger do 12º de granadeiros*

*b) Tenente Bernt Viktor Ohlsen do 27º Regimento Blindado*

*c) Oberfeldwebel Franz Gernerstadt do 19º Regimento de Artilharia*

*d) Gefreiter Paul Baum do 3.0 Regimento Alpino.*

*Dois dos acima mencionados sofrendo morte por fuzilamento.*

*O 76º Regimento de Infantaria deverá providenciar dois pelotões de fuzilamento, que deverão ser compostos de dois Feldwebels e doze homens. Um oficial-médico deverá estar presente as execuções.*

*Os outros dois deverão sofrer morte por decapitação. O 76º*

*Regimento de Infantaria está instruído a chamar o carrasco Rottger, de Berlim, para executar as sentenças, que deverão ocorrer no pátio interno B da prisão da guarnição. Um padre deverá estar presente caso seja pedido pelos acusados.*

*E da responsabilidade do 76.º Regimento de Infantaria fornecer os quatro caixões necessários.*

*Os corpos serão enterrados no cemitério especial, departamento 1.2/31.*

*(Assinado A. ZIMMERMANN*

*Oberstleutnant*

O tenente Ohlsen não devia saber, mas os arranjos para a sua execução haviam portanto sido feitos com bastante antecedência, mesmo antes de o julgamento ter começado, mesmo antes de o Tribunal ter passado a sentença.

Humanitarismo era uma qualidade desconhecida e não reconhecida no Terceiro Reich, cujo código de comportamento era baseado firmemente sobre uma coleção de parágrafos e subparágrafos, e nunca sobre algo tão frágil como humanidade. A menor transgressão de qualquer um destes inúmeros parágrafos incorria em uma penalidade rígida, sem ter qualquer consideração pela situação ou pelo indivíduo. O termo "circunstâncias atenuantes" era demasiado vago até mesmo para um subparágrafo e não era, portanto, reconhecido.

A Sala onde os julgamentos ocorriam encontrava-se, como de costume, cheia do chão ao teto. Todos os lugares públicos estavam ocupados por soldados, que vieram não por uma emoção indireta, nem por um desejo de aprender, nem mesmo por interesse acadêmico, mas pura e simplesmente porque eram obrigados a estar lá. A presença em julgamentos militares era tida pelos que possuíam autoridade como tendo um efeito benéfico nos homens engajados.

O Gefreiter Paul Baum do 3º Regimento Alpino, branco e aterrorizado, esperava para ouvir seu destino. O tribunal retirara-se para deliberar.

O promotor organizou seus papéis, preparando-se para o próximo caso.

Já perdera o interesse no apavorado Gefreiter.

O advogado de defesa estava sentado, brincando com a sua lapiseira de ouro. Com os cotovelos na mesa, empurrava o grafite para cima e para baixo, os pensamentos longe da sala de julgamento. Pensava em sua amante; ou nem tanto sobre sua amante, mas sobre a refeição que ela lhe prometera para esta noite: um jantar de carne e

*sauerkraut*. \* Amantes valiam um centavo a dúzia nestes dias, mas jantares de carne e *sauerkraut* eram verdadeiro luxo.

.A estenografa chupava a ponta da sua caneta e pensativamente olhava o pálido Gefreiter, um triste e atarracado tipo do camponês, com tragos fortes e enormes mãos vermelhas. Nunca poderia dormir com um homem como aquele.

---

\* Chucrute.

Nem que todos os outros morressem. Preferiria manter a virgindade.  
O

camponês Gefreiter olhava fixamente o chão. Começou a contar as tábuas com os pés: condenado a morte, não condenado; condenado a morte, não condenado.

Terminou a contagem com um veredicto desfavorável e por um momento ficou rígido de terror. Nesse mesmo instante, ainda em tempo, lembrou-se de que havia mais tabuas por baixo do banco. Sentiu-as com os pés cautelosamente.

Três delas, o que fazia com que fosse "não condenado". Sentindo-se um pouco mais alegre, levantou a cabeça e olhou através da sala para a porta pintada de branco no canto da sala da Corte. Através dela saíam os três juízes quando tivessem decidido sobre o seu destino. Ficou sentado, com os olhos fechados com força, desejando que eles ouvissem o veredicto das tábuas do chão.

O total do processo contra este menino de 18 anos havia levado não mais do que dez minutos. O presidente do tribunal fizera algumas perguntas lacônicas. O promotor falara um bom tempo e o advogado de defesa havia contribuído com um discurso de alguns segundos de duração:

– “A lei e a ordem devem, é claro, ser mantidas a qualquer custo, sem considerar as emoções ou a fragilidade humana. Entretanto, pediria ao Tribunal que mostrasse indulgência e compreensão para com meu cliente nesta difícil situação em que se encontra.”

Do ponto de vista do regulamento militar, o caso contra o Grefeiter era um caso muito simples. Não havia saídas, nenhum campo para argumentação, e o advogado de defesa fez seu breve discurso e sentou-se de novo para sonhar com a carne e o *sauerkraut*.

O Gefreiter estava ficando muito nervoso para sentar-se quieto. Mexia-se de um lado para o outro no banco, batendo com os pés, roendo as unhas e pigarreando. Por que não chegavam? Por que a porta branca não abria? Quanto tempo mais iam mantê-lo em suspense?

Então, pensou, se estavam levando tanto tempo para decidir, com certeza isto só poderia significar uma coisa: não conseguiam concordar sobre este caso. E onde havia discordância, havia esperança. E por isso que existiam três juízes, para assegurar que a decisão não dependesse dos caprichos e gostos de um só homem. A cada prisioneiro deve ser dada uma chance justa.

Na sua antecâmara, os três juízes recostavam-se em suas poltronas bebendo kirsch. Kriegsgerichtsrat Burgholz estava chegando ao fim de uma história muito engraçada.

Estavam a trocar histórias desde que se haviam retirado para discutir o caso. Mas o caso não tinha muito a ser discutido e nenhum deles sequer se dera ao trabalho de ouvir as provas. Os seus veredictos haviam sido decididos muito antes.

Após uma meia dúzia de copos de kirsch, relutantemente decidiram retornar a sala do tribunal.

A porta branca se abriu.

O Gefreiter começou a tremer violentamente. Os soldados que entupiam as fileiras esticaram as cabeças para ver melhor.

O presidente mais os dois outros juízes, cheirando fortemente a kirsch, sentaram-se com a devida majestade atrás da mesa em forma de ferradura. O

presidente anunciou o veredicto: considerado culpado por deserção e condenado a morte por fuzilamento.

O Gefreiter cambaleou para frente num desmaio e foi agarrado pelas mãos fortes de um Feldwebel do tribunal.

O presidente calmamente continuou seu discurso, rejeitando com antecedência qualquer apelo que pudesse ser feito, quer seja contra o veredicto ou a sentença. Então enxugou a testa, com leves toques de um lenço perfumado, lançou um rápido olhar de indiferença ao condenado e virou-se para o caso seguinte: número 19661/M. 43 H, o Estado versus tenente Bernt Ohlsen.

O pobre Gefreiter foi levado embora e o tenente Ohlsen foi chamado.

A direção de cena era boa e o espetáculo estava sendo efetuado com uma precisão digna de orgulho.

O Obergefreiter Stever escancarou a porta da cela de Ohlsen e chamou-o.

– Você está sendo chamado!

– Por que? Está na hora? – Ohlsen andou vagorosamente para a porta, sentindo como se seu estomago subitamente houvesse desmoronado.

– É isso mesmo – disse Stever alegremente. – Você é o próximo. Sala 7, sob o Oberkriegsgerichtsrat Jeckstadt. Ele é um porco gordo

e fedorento, se é que alguma vez houve algum – declarou ele como se desse uma informação interessante. – Vai ser um dos primeiros a ir quando a roda girar o circuito todo.

Stever empurrou Ohlsen ao longo do corredor e pelas escadas abaixo, onde foi entregue a dois policiais militares do lado de fora da entrada

.

da sala do tribunal. Stever retirou-se cantarolando. O tenente Ohlsen foi algemado e conduzido através do longo túnel que levava a sala número 7.

A caminho, encontraram-se com o Gefreiter que fazia o percurso de volta. Ele gritava e esperneava, e eram necessários três homens para segurá-lo quieto.

– Para de gritar e fecha essa matraca – berrou um dos guardas irascivelmente. Desferiu-lhe um soco na orelha. – Com os diabos, quem você pensa que está impressionando, hem? Certamente não a mim, já vi demais disso.

Que droga, você vai ficar melhor onde vai do que enfiado aqui com o resto de nós!

– Pensa só – interferiu um outro, torcendo o braço do Gefreiter até atrás das costas. – O senhor Menininho Jesus provavelmente já está todo pronto e esperando por você. Provavelmente tem uma festa preparada em sua homenagem. O que é que Ele vai pensar quando você aparecer nesse estado?

Tremendamente ingrato, se me pergunta!

O rapaz de repente viu o tenente Ohlsen, e a despeito dos guardas caiu de joelhos e apelou para ele.

– Tenente! Me ajuda! Eles querem que eu morra, vão me fuzilar, eu estive fora só dois dias, juro que foi um engano! Foi um engano, não fiz de propósito, oh, Deus, não fiz de propósito, não fiz de propósito! Posso fazer qualquer coisa que quiserem que eu faça, vou para a frente russa, aprendo a pilotar um Stuka, desço num submarino, faço qualquer coisa, juro que faço! Oh, Mãe de Deus – choramingava, lágrimas descendo pelas suas faces. – Mãe de Deus, me ajuda, não quero morrer! Heil Hitler, Heil Hitler, Heil Hitler, faço qualquer coisa que eles quiserem, mas por favor, me deixem viver, por favor, me deixem viver!

Esperneava, jogando os braços e as pernas, e teve êxito em mandar um de seus guardas ao chão. Os outros dois caíram em cima dele e ele gritava desesperadamente enquanto lutava.

– Sou um bom nacional-socialista! Estive na Juventude Hitlerista! Heil Hitler, Heil Hitler, oh, Deus, ajude-me!

Desapareceu por baixo de três pesados corpos. Houve o desagradável som de uma cabeça sendo batida contra o chão de pedra, e quando os guardas se levantaram, e continuaram descendo pelo túnel, arrastavam um inconsciente Gefreiter atrás deles.

O tenente Ohlsen hesitou por um instante e voltou-se para olhar.

– O que é que há com você? – um dos guardas que o conduziam deu-lhe um soco nas costas, empurrando-o adiante. – O tribunal não vai esperar o dia inteiro, sabe?

Ohlsen encolheu os ombros.

– Está ficando sensível? – zombou o guarda.

– Pode chamar assim se quiser, mas era uma criança que eles estavam arrastando pelos cabelos agora há pouco.



– E daí? Já era velho o suficiente para saber o que estava fazendo, não era? Se soltam um, tem de soltar todos, e antes que se saiba, todo o maldito exército será levantado e ido embora.

– Suponho que sim. – Ohlsen virou-se para olhar gravemente um dos homens. – Você tem filhos, Oberfeldwebel?

– Claro que tenho filhos. Tenho 4. Três estão na Juventude Hitlerista e um está no front. Regimento Das Reich, da SS.

– Como você se sentiria se um dia ele fosse arrastado até lá fora para ser fuzilado?

– Como se pudesse! – disse, soltando uma gargalhada. – Ele é um SS

Untersturmführer. Está mais do que seguro.

– Nada é seguro demais em tempo de guerra.

– O que é que você quer dizer com isso? – perguntou o homem, franzindo as sobrancelhas.

– O que você quiser.

– E suponhamos que eu não goste?

– Como quiser. – Ohlsen balançou a cabeça cansado. – Tudo que sei é que não tolero esses caras arrastando crianças como essa para o abatedouro.

– Olha, se eu fosse você, amigo, guardaria toda sua pena pra você mesmo, porque do jeito que as coisas vão é bem provável que você precise. –

Fez um gesto significativo e tamborilou no coldre da sua pistola. – E nada de conversa quando chegarmos lá, viu?

O tenente Ohlsen tomou seu lugar na sala do tribunal com um ar de aparente indiferença, e seu julgamento começou. Dr. Beckmann, o promotor, virou-se para perguntar-lhe se ele se considerava culpado das acusações trazidas contra ele.

O tenente Ohlsen olhou fixamente para o chão. Estava polido e brilhante e ele deslizou um pé pelo assoalho para testá-lo e ver se estava ou não escorregadio.

Vagarosamente ergueu a cabeça e olhou através da sala para os três juízes atrás da mesa em formato de ferradura. Dois deles pareciam adormecidos. O presidente, entronado em sua enorme cadeira vermelha, estava perdido na contemplação de uma mosca zumbindo em volta da lâmpada.

Realmente, não era uma mosca comum ou de jardim. Era um moscardo, ou um tavão. Uma mosca sanguessuga. Não muito bonita de se olhar, mas indubitavelmente muito interessante do ponto de vista de um entomologista.

O tenente Ohlsen desviou o olhar do moscardo e lentamente virou-se para o promotor.

– Herr Oberkriegsgerichtsrat – começou ele respeitosamente –

considerando que já assinei uma confissão completa para a polícia secreta, sua pergunta não será supérflua?

O Dr. Beckmann apertou os lábios finos num sorriso sarcástico.

Acariciou com a mão cheia de veias azuis a sua pilha de documentos.

– Talvez o prisioneiro pudesse fazer a gentileza de deixar que a Corte decida se uma pergunta é supérflua ou não.

– Ah, sim, claro – concordou Ohlsen, com ligeiro levantar de ombros.

– Muito bem, então. Vamos deixar de lado, por um momento, os crimes dos quais você é acusado nesta folha. – O doutorzinho virou-se e dirigiu-se aos juízes numa voz alta e estridente. – Em nome do Führer e do povo alemão, peço para adicionar a lista de crimes dos quais o prisioneiro é acusado os crimes de deserção e covardia face ao inimigo!

Os dois juízes que estavam dormindo abriram os olhos e olharam a volta culposamente, vagamente conscientes de que haviam perdido alguma coisa. O presidente desistiu da contemplação do moscardo.

– Isto é mentira! Nunca fui culpado de nenhum dos dois! – disse o tenente, exaltando-se.

O Dr. Beckmann pegou uma folha de papel e sorriu maliciosamente para ela, chupando para dentro as bochechas e fazendo-as mais fundas ainda do que nunca. Este era o tipo de combate no qual era perfeito: uma rápida pontada, um ataque de surpresa, uma seta bem colocada.

– Nunca na minha vida pensei em deserção! – berrou Ohlsen.

– Estudemos o assunto juntos – disse o Dr. Beckmann, inclinando a cabeça. – Isto é, afinal das contas, o que nós estamos aqui para fazer, não é?

Estamos aqui para provar ou a sua inocência ou a sua culpa. Se, é claro, o senhor for capaz de provar que a acusação é falsa, então poderá sair daqui como um homem livre.

– Livre? – murmurou Ohlsen, levantando cinicamente uma

sobrancelha. – O que era um homem livre? Alguma vez houve tal pessoa, em uma vida, na Alemanha? Certamente não havia nenhuma agora, no Terceiro Reich. Desde os recém-nascidos até os velhos em seus leitos de morte, a Alemanha era uma nação de prisioneiros.

– Naturalmente – continuou o Dr. Beckmann, inclinando-se ameaçadoramente por cima da mesa. – Se for considerado culpado, sua sorte será bem diferente.

– Naturalmente – disse Ohlsen.

O presidente acenou com a cabeça em aprovação. O Dr. Beckmann virou-se novamente para os juízes.

- Com a permissão do tribunal, vamos negligenciar as acusações contidas no processo original de modo a concentrar-nos nas novas acusações que introduzi. Estas acusações foram descobertas somente esta manhã, quando recebi certos documentos – levantou um volumoso pacote – da Polícia Secreta do Serviço Especial. Os fatos contidos aqui dentro são bastante claros, e se me for dada permissão para interrogar o prisioneiro por alguns minutos, acredito que serei capaz de convencer a Corte de que não há necessidade de uma investigação preliminar.

– Muito bem! – concordou o presidente. – O tribunal da sua permissão.

Negligenciaremos as acusações no processo e o senhor pode começar a interrogar o prisioneiro.

O Dr. Beckmann fez uma servil inclinação e virou-se para o tenente Ohlsen.

– No dia 2 de fevereiro de 1942, o senhor era o oficial em comando da 5ª Companhia, 27º Regimento Blindado. Correto?

– Correto.

– Poderia fazer o favor de dizer a Corte onde estava então lutando.

– Se me recordar... – Ohlsen fixou o olhar adiante, franzindo as sobrancelhas diante da enorme fotografia de Hitler atrás da cadeira

do presidente. Uma visão não muito inspiradora. – Foi provavelmente algum lugar perto de Dnieper – disse por fim. – Mas não posso jurar. Já lutei em tantos lugares.

O Dr. Beckmann tamborilou o dedo fine na mesa.

– Em algum lugar perto do Dnieper. Isto de fato é correto. Sua divisão havia sido enviada para a área do Vyazma-Rzhev. O senhor havia recebido ordens para tomar uma posição com sua companhia perto de Olenin, a oeste de Rzhev. Lembra-se disso?

– Sim. A divisão estava a ponto de ser cercada. A 19ª e a 20ª Divisão de Cavalaria russas haviam nos flanqueado ao sul, e mais deles estavam subindo pelo norte.

– Obrigado, obrigado, obrigado! – disse o Dr. Beckmann asperamente.

– O tribunal não está nem um pouco interessado em ouvir as atividades dos russos. E quanto a sua divisão estar sendo cercada... – olhou para a galeria em cima, cheia de oficiais poderosos e de alta patente – já que a divisão está ainda em existência, essa história me parece altamente inacreditável.

Um murmúrio se ouviu vindo lá de cima da galeria.

Era, é claro, doutrina aceita por todos que nenhuma divisão blindada alemã pudesse alguma vez ser cercada pelas tropas de uma nação inferior como a Rússia. Imediatamente, então, a dúvida pairou sobre a veracidade da versão dos fatos do tenente Ohlsen. O Dr. Beckmann sorriu para sua audiência no alto.

– Diga-me, tenente, o senhor é capaz de lembrar-se daquele período da guerra com alguma clareza?

– Sim, certamente.

– Ótimo, vejamos se concordamos um com o outro. O senhor recebera uma ordem, verbalmente, do seu oficial comandante, coronel von Lindenau, para ocupar a posição perto de Olenin porque o inimigo havia a um certo ponto ultrapassado e, por isso, formara-se um buraco na defesa. Este buraco, para ser preciso, estava ao longo da estrada de ferro a dois quilômetros para leste de Olenin...

– Que estrada de ferro? – perguntou um dos juízes.

Não era da menor importância e ele não tinha absolutamente interesse algum na resposta, mas gerava uma impressão favorável se alguém perguntasse alguma coisa de vez em quando.

– Que estrada de ferro? – repetiu o Dr. Beckmann, pela primeira vez perdido.

Percorreu furiosamente os papéis, resmungando “que estrada de ferro?”, para si mesmo em tons de nojo e impaciência.

O tenente Ohlsen observou-o por algum tempo.

– Para dizer a verdade, era a linha Rzhev-Nelidovo – disse, então, prestativo.

– O prisioneiro deve falar somente quando é interpelado – disse o Dr.

Beckmann, virando-se para ele com um gesto irritado. Voltou-se depois para os juízes e inclinou-se:

– Era linha Rzhev-Nelidovo – falou, dando de ombros. – Uma linha secundária simplesmente.

– Desculpe-me – disse o tenente Ohlsen – mas, na verdade, era a linha principal de Moscou a Riga.

Um leve tom avermelhado apossou-se das bochechas pálidas do doutor.

– Já expliquei ao prisioneiro – disse – que ele só pode falar quando falarem com ele.

– Como desejar, mas pensei que deveríamos ter os fatos verdadeiros.

– Nós temos os fatos direitos! .A linha em questão pode ter parecido de grande importância para o senhor, mas a nosso ver é totalmente insignificante.

– Entretanto – insistiu Ohlsen – é uma linha auxiliar de grande importância que tem duas vias e percorre cerca de mil quilômetros.

– Não estamos interessados em que distancia percorre nem quantas vias tem – replicou o doutor, tamborilando sobre os documentos. – Se digo que é uma linha auxiliar, então fique sossegado porque é o que é. O senhor está na Alemanha agora, sabe, não em algum pântano soviético. E aqui na Alemanha temos padrões diferentes dos que existem na Rússia. Mas passemos sobre esta maldita ferrovia sem importância e voltemos aos fatos! O senhor recebeu uma ordem de seu oficial comandante para tomar posição a leste de Olenin, e foi advertido que nada, repito, nada, nem Deus nem o diabo, nem o exército vermelho inteiro, era razão para desviá-lo daquele ponto. Teriam que se entrincheirar lá dentro e certificar-se de sua posição tanto pela frente quanto pelos lados. Correto?

Ohlsen balançou os ombros e resmungou algumas palavras demasiado baixo para serem ouvidas.

– Sim ou não! – berrou Dr. Beckmann. – O prisioneiro quer fazer o favor de responder!

– Sim – disse Ohlsen.

O Dr. Beckmann sorriu triunfantemente,

– Muito bem – disse o Dr. Beckmann com um sorriso de triunfo. –

Então, já que concordamos quanto as ordens que o senhor recebeu, podemos agora continuar com a narrativa de modo a dar ao tribunal um exemplo da sua extraordinária covardia e falha em efetuar seu dever. Sua companhia estava combatendo como infantaria, mas em absoluto não era uma companhia comum a que comandava. Era uma companhia que havia sido muito bem reforçada.

Pode me corrigir se estiver errado. Obedecendo a instruções escritas, uma seção de blindados equipados com canhões antitanques fora enviada ao senhor, e também uma seção de sapadores armados com lança-chamas leves e pesados.

Talvez o senhor queira dizer a este tribunal em suas próprias palavras qual era exatamente a força de sua companhia nesse momento.

– Certamente – disse Ohlsen. – Tínhamos 250 homens mais os reforços que o senhor acabou de mencionar. Digamos, 300 homens ao todo.

– E acho que ninguém pode chamar a isto de uma companhia pequena

– murmurou o Dr. Beckmann. – Ao contrario, me parece uma forte companhia, concorda?

– Não posso discordar – respondeu Ohlsen.

– Que tal dizer-nos algo sobre os armamentos que tinha?

O tenente Ohlsen suspirou. Vagamente começou a ver agora para onde as perguntas do promotor o estavam encaminhando. Olhou através da sala para os juízes. Um deles tinha os olhos fechados de



novo, e o presidente desenhava fileiras de dinossauros no seu mata-borrão.

– Nós tínhamos dois canhões antitanques, 7.5cm, dois morteiros de 8cm e três de 5cm, alias, eram russos. Tínhamos, também, duas metralhadoras pesadas, quatro lança-chamas pesados, quatro lança-chamas leves. Todos os líderes de grupamentos de combate tinham também metralhadoras de mão.

Alguns homens tinham fuzis. E os sapadores, é claro, tinham minas, granadas e coisas desse tipo.

O Dr. Beckmann escutou esta narração com a cabeça pendida para o lado.

– Eu me congratulo com o senhor. Tem uma admirável memória. Era exatamente assim que a sua companhia estava armada. Tenho só um comentário a fazer: a sua quota de metralhadoras de mão era muito maior do que a média. O senhor tinha um excesso de cem, e ainda assim, a despeito disso, o senhor se comportou de uma forma que só pode ser descrita como totalmente covarde.

– Isso não é verdade – resmungou Ohlsen.

– Ah? – o Dr. Beckmann ergueu uma sobrancelha. – Tenho que discordar, tenente. Quem foi que deu a ordem para a companhia se retirar? Foi um de seus homens? Um oficial não comissionado? Ou foi o senhor mesmo, o líder da companhia?

– Fui eu quem deu a ordem – admitiu Ohlsen – mas somente porque a esta altura a companhia havia sido destruída.

– Destruída? – repetiu o Dr. Beckmann. – O senhor tem uma noção muito bizarra do significado desta expressão, tenente. No meu livro, ela é usada com o significado de aniquilação, total destruição. E ainda assim, a despeito disso, sua presença aqui hoje prova, além que qualquer sombra de dúvida, que a companhia muito

provavelmente não foi aniquilada! E suas ordens, tenente, se é que posso recapitular por um momento, suas ordens eram bem definidas, não eram? Nem Deus, nem o diabo, e nem mesmo o inteiro exército vermelho...

O tenente Ohlsen olhou sem muita esperança para os juízes.

– Tenho a permissão do tribunal para relatar os eventos que ocorreram a 2 de fevereiro de 1942?

O juiz adormecido acordou e olhou a sua volta espantado: as coisas estavam acontecendo de novo e ele não estava ciente delas. O presidente terminou de desenhar o último dos dinossauros e olhou de relance para o seu relógio. Estava faminto e isso era maçante. Assistira a muitos desses julgamentos, eram triviais, irrelevantes e um total desperdício de sua inteligência judiciária. Já era mais do que tempo de tais assuntos serem resolvidos nos bastidores, pelo pessoal do escritório, sem ter que passar por todo esse palavrório absurdo no tribunal. E no que se referia a Beckmann, olhou fulminante por sobre a mesa em formato de ferradura, o que é

.

que o idiota estava pensando em fazer esticando o caso almoço adentro desta forma tediosa?

Toda essa idiotice sobre covardia face ao inimigo. Ninguém queria dramalhões quando o resultado já havia sido anteriormente decidido.

– O senhor tem a permissão do tribunal – disse ele de ma vontade.  
–

Mas, por favor, seja breve.

– Obrigado. Eu o farei o mais sucintamente possível.

– Ohlsen olhou então para Beckmann. – Após quatro dias e quatro noites de luta contínua, minha companhia de 300 homens havia sido reduzida para 19. Todas as nossas armas pesadas haviam sido destruídas. Tínhamos esgotado nossa munição. Somente duas metralhadoras leves ainda funcionavam. Teria sido suicídio continuar com 19 homens e nem uma arma.

Estávamos lutando a 500 homens contra um. Tanto a frente quanto atrás de nós estavam os russos, e nós encontrávamos sob constante ataque. Continuar lutando quando não havia chance alguma teria sido um ato de loucura e um ato de sabotagem, jogando fora 19 vidas sem propósito algum, quando poderiam ainda ser de valor para a Alemanha.

– Uma hipótese interessante – admitiu o Dr. Beckmann. – Mas posso interromper por um momento, tenente? A ordem do dia do próprio Führer para todas as tropas na área do Vyazma era de lutar até o último homem e a última bala, de forma a parar o avanço dos soviéticos. E o senhor, um mero tenente, o senhor ousa chamar aquilo de um ato de loucura e sabotagem? Ousa insinuar que nosso Führer, que está sob a direta proteção de Deus, é um lunático? Ousa fazer julgamentos sobre ele? O senhor que é tão insignificante que a sua vida poderia ser extinguida neste mesmo instante e ninguém na Alemanha notaria, ousa colocar-se contra o Führer e contra suas ordens?

O tenente Ohlsen observou com ligeira e desligada curiosidade este controlado e preciso advogado enfurecer-se de modo fanático para defender o Führer.

– Herr Oberkriegsgerichtsrat – disse finalmente, com bastante calma –

posso assegurar-lhe de que não tive intenção alguma de insinuar que o Führer é um lunático, nem de desobedecer as suas ordens, as quais imaginei fossem para ser consideradas como encorajamentos

para as tropas, em lugar de serem seguidas literalmente até o último homem e a última bala. Quando disse um ato de loucura, referia-me a mim próprio. Me ensinaram que um oficial deve

.

tomar sua própria iniciativa sempre que as situações assim o pedissem, e em minha opinião aquela ocasião pedia isso. O senhor tem de lembrar, se puder, que nossa posição havia sido alterada radicalmente desde que o coronel von Lindenau primeiro me disse para segurar a...

– Não estamos interessados no que acontecera com sua posição! –

berrou Beckmann. – Estamos interessados somente no fato de que o senhor foi especificamente comandado a lutar até o último homem e no entanto se retirou com 19? Por que não entrou em contato com seu regimento?

– Por que toda a área de combate estava tão desordenada que não pudemos entrar em contato com o regimento de novo senão quatro dias mais tarde.

– Obrigado. – A voz cansativa do presidente ribombou na sala do tribunal. – Acho que já ouvimos o suficiente. O acusado admitiu ter dado a ordem de retirada da sua posição perto de Olenin e da estrada de ferro. A acusação de covardia e deserção é bem clara. – Olhou diretamente para Ohlsen e tamborilou na mesa com a caneta. – O senhor tem mais alguma coisa a dizer?

– Sim, eu tenho – recomeçou Ohlsen excitadamente. – Se o senhor se der ao trabalho de olhar nos meus papéis, verá que recebi um número de condecorações em reconhecimento de feitos que exigiram coragem além de dever. Acho que isso por si só é prova de que não sou culpado de covardia. Na ocasião da qual falávamos, não estava preocupado com minha própria segurança, mas com a de

meus poucos homens restantes. Dezenove de nós e 270 de nossos companheiros mortos na neve a nossa volta. Muitos destes 270

preferiram matar-se a cair nas mãos dos russos. Dos dezenove que sobraram, todos eles estavam feridos, alguns muito mal. Havíamos esgotado nossa munição e a nossa comida. Estávamos comendo punhados de neve, porque não havia mais nada para amenizar a nossa sede. Vários homens sofriam horrendamente com o frio. Eu próprio estava machucado em três pontos diferentes, e ainda assim fui um dos que teve mais sorte. Alguns dos outros não podiam nem andar sem se apoiar. E porque valorizava suas vidas, dei a ordem de retirada. Destruímos tudo de valor antes de partir. Nada caiu nas mãos dos russos. Explodimos a estrada de ferro em várias partes, e, repito, não era uma linha auxiliar mas a linha principal que liga Moscou a Riga. Também montamos minas antes de evacuarmos o local.

– Uma história bastante plausível – disse o Dr. Beckman, rindo sarcasticamente. – Mas, seja verdade ou não, o fato permanece: o senhor desobedeceu a uma ordem de ficar em sua posição e é portanto culpado de covardia e deserção.

O tenente Ohlsen mordeu o lábio e permaneceu em silêncio, dando-se conta da futilidade de protestar mais. Seus olhos brilharam brevemente ao encarar a sala do tribunal apinhada, mas sentiu-lhes a hostilidade, e sabia, como soubera desde o principio, que o veredicto fora entregue muito antes de o caso vir a julgamento. Na fileira de trás dos espectadores viu uma fina figura de homem, vestido todo de preto com um cravo vermelho na lapela: Kriminalrat Paul Bielert, que veio assistir a sua queda final. O presidente também avistara Bielert. Os olhos de ônix por trás dos óculos pestanejaram e dançaram, varrendo o tribunal como dois aparelhos de radar acoplados. O homem fumava abertamente um cigarro, apesar de todos os avisos de proibição. O presidente inclinou-se para bater na mesa em ferradura e assim mandar prendê-lo, mas neste exato momento um de seus colegas juízes enviou-lhe um olhar

de advertência e cochichou um nome ao seu ouvido. O presidente franziu as sobrancelhas e recostou-se de novo, respirando pesada e indignadamente, sem ousar levantar um dedo.

O Dr. Beckmann também assinalara a chegada de Bielert. Logo desenvolveu uma série de tiques nervosos, desajeitadamente arrastando os pés e deixando cair metade de seus papéis no chão. Era sempre um mau agouro quando o chefe da IV/2A aparecia em cena. O homem era perigoso e nunca se sabia onde ou quando era provável que ele atacasse. E havia alguém que podia erguer-se e dizer com toda confiança, "não fiz nada para ficar com medo"? O

Dr. Beckmann certamente não podia. Havia um episódio no qual ele esteve envolvido quatro anos atrás, mas certamente ninguém poderia agora descobrir os detalhes, Ele ficara em dúvida naquela época quanto ao caso, mas era muito pouco provável que Bielert fosse sair desenterrando detalhes tão remotos assim.

E além disso, estavam todos mortos, exceto ele mesmo. Todos aqueles que estiveram envolvidos junto com ele, até mesmo Frau Rosen, haviam sido enforcados no final. Não havia ninguém exceto ele que poderia saber algo a respeito. Só que nunca se pode estar certo com Paul Bielert.

Quatro anos atrás era apenas um mero Kriminalsekretar sem importância alguma. Quem poderia predizer que subiria a tais alturas em tão pouco tempo? E claro, o homem tivera o bom senso de ser amigo de Heydrich.

Havia sido um choque descobrir isto.

O Dr. Beckmann puxou o lenço e com as mãos tremendo enxugou o suor da testa. No caminho de volta, a mão involuntariamente parou e segurou o pescoço. O Dr. Beckmann fixou o olhar fascinado, como o de um coelho, através da sala para os olhos de Bielert. Um espasmo frio tornou conta de sua espinha. O que é que o homem

estava fazendo aqui? Por que tinha vindo? Eles não estavam julgando ninguém de importância, todos os casos eram diretos e de rotina. Então, por que estava aqui? Em quem estava interessado?

O Dr. Beckmann estremeceu e saiu de seu estupor petrificado, guardou o lenço e tentou endireitar os ombros caídos. Quem era o rude homenzinho sem educação, afinal de contas? Ninguém. Simplesmente um ninguém. Um rato que rastejara pra fora do bueiro e ainda tinha o fedor de putrefação exalando a sua volta. Este era um tribunal de justiça prussiano e ele, Dr. Beckmann, era um advogado. E um antigo conferencista universitário. Um respeitável cidadão, numa posição mais alta do que a de Bielert na hierarquia social e intelectual.

Decidiu num impulso enfrentar o touro pelos chifres. Forçando seus lábios no que lhe parecia um sorriso, embora todos os outros possam muito bem ter tomado como um gesto arrogante, acenou com a cabeça para Bielert do outro lado da sala do tribunal. Bielert olhou-o friamente, olhos faiscando, os lábios finos comprimidos, a fumaça de cigarro escapando pelas narinas. O Dr.

Beckmann vagorosamente congelou. Com o sorriso arrogante ainda pairando sem significado nos lábios, virou-se novamente para a mesa de juízes. Podia sentir os duros olhos queimando-lhe o pescoço.

Deu-se conta subitamente de que o tribunal esperava que ele falasse.

Adiantou-se e gritou desafiante, decidido a demonstrar seu patriotismo além de qualquer possível sombra de dúvida.

– Peço ao tribunal que o acusado seja condenado a morte por decapitação de acordo com o artigo 197 B e artigo 91 B do Código Penal Militar!

O Dr. Beckmann sentou-se e começou a procurar entre seus papéis. Só os céus sabiam o que ele procurava, compostura, talvez. Queria somente

.

impressionar Bielert com sua devoção ao dever.

O presidente ergueu-se e saiu do tribunal com seus colegas de volta para a antecâmara. Sentaram-se confortavelmente ao redor da mesa, onde um policial eficiente deixara uma garrafa de vinho tinto. O presidente puxou-a de lado e pediu cerveja. Outro queria salsichões, e estes foram devidamente grelhados e entregues numa bandeja com talheres, pratos e mostarda.

– Bem... – O presidente estofou a boca com o salsichão quente e bochechou com cerveja. – Na minha opinião, devemos aceitar o pedido do promotor e terminar logo com isto.

– Eu não poderia querer algo diferente – disse Kriegsgerichtsrat Burgholz, enxugando cerveja do queixo.

Houve um momento de silêncio enquanto todos se concentravam nos salsichões. O mais jovem dos três juízes, Kriegsgerichtsrat Ring, fez uma ligeira tentativa de falar em benefício do tenente Ohlsen.

– Confesso ter as minhas dúvidas sobre a decapitação – murmurou.  
–

Parece desnecessariamente brutal e é uma maneira muito pouco estética de matar um homem. Além disso, deveríamos certamente levar em consideração o fato de o prisioneiro nunca ter previamente mostrado qualquer inclinação para covardia. Em vista de suas condecorações e tudo mais, não poderíamos talvez mostrar certo montante de clemência e mudar a sentença para morte por fuzilamento?



O presidente estreitou os olhos a medida que segurava a caneca de cerveja no alto e observava o seu fundo.

– Acho que não – disse ele. – Você deve lembrar que não é só de covardia que ele é culpado. Ele também revoltou-se contra o Führer e fez dúbias piadas sobre ele. Se permitíssemos que tal coisa passasse sem punição, estremeço de pensar no que seria o resultado final.

Burgholz pigarreou e afetou um ar de indiferença.

– O que... ah... quais foram essas piadas dúbias, afinal? – perguntou.

Levantou o garfo e desenhou estrias através da porção de mostarda.

– Elas não podem ter sido tão ruins assim, não é?

– Isto é uma questão de opinião – disse o presidente gravemente.

Olhou por sobre o ombro em direção a porta, abriu a pilha de papéis, escolheu

.

uma folha e puxou-a discretamente para seus colegas.

Ring foi o primeiro a rir. Sorriu, e depois riu em silêncio, e finalmente jogou a cabeça para trás e gargalhou. Burgholz a princípio tentou uma reação mais de acordo, encolhendo as sobrancelhas e deixando pender os cantos da boca, mas Ring dobrou-se para frente e apontou para um detalhe em particular e Burgholz logo estava rindo tanto que sua barriga batia contra a quina da mesa.

Até mesmo o presidente escondeu com a mão um sorriso zombeteiro. Ring batia em frenesi nas pernas. Burgholz derramou uma caneca cheia de cerveja.

As lágrimas rolavam pelos seus rostos.

– Desperdiçar suas cervejas não é certamente tão divertido como isto, senhores. – Com reprovação na voz, o presidente esticou-se e pegou de volta a ofensiva folha de papel. Os outros dois endireitaram as feições de forma mais condizentes para um juiz.

– É claro que não, claro que não – murmurou Burgholz, assoando o nariz. – Este documento – continuou o presidente – é um ultraje de obscenidade e propaganda na sua forma mais viI e perigosa. Em minha opinião, é nosso sagrado dever conceder o pedido do promotor de morte por decapitação. Um exemplo deve ser feito deste homem. Devemos agir de acordo com os melhores interesses do Estado, e não de acordo com os ditames emocionais do coração.

E pegando a caneta, escreveu a palavra “Decapitação” no pé de um documento e assinou o nome com pompa legal. Estendeu a caneta e o documento para seus colegas.

Burgholz assinou de uma vez, sem nem mesmo parar para pensar.

Ring hesitou, tamborilou os dedos na mesa, franziu as sobrancelhas, suspirou e finalmente, com grande relutância, assinou o nome. Cada letra parecia ser arrancada dele a força. O presidente olhou-o com crescente desgosto.

Este homem, Ring, estava cada vez tornando-se mais incomodo. Tinha de ver o que podia fazer para que ele fosse transferido para um campo de batalha mais perigoso. Talvez a frente leste.

O documento assinado, relaxaram-se em suas cadeiras, beberam mais algumas cervejas e comeram mais alguns salsichões. Bufrgholz abriu a boca e soltou um arrote suave e longo. Olhou para cima com ligeira surpresa ao fazer Isto, encarando pensativamente os dois colegas como se estivessem tentando decidir qual deles era o culpado.

O presidente mandou entrar o funcionário do tribunal e ditou o veredicto e a sentença com toda a solenidade exigida para tal ocasião. Os três juízes então se levantaram e orgulhosamente marcharam com passo de ganso de volta ao tribunal, seguidos pelo funcionário a uma distancia respeitável. A audiência recrutada forçosamente ficou de pé ao mesmo tempo. Somente Paul Bielert permaneceu sentado, recostado na parede e fumando.

O presidente olhou através da sala para ele e franziu a testa. A insolência do homem estava além de qualquer credibilidade. Mas a Gestapo hoje em dia estava convencida de sua própria importância. Era seu momento de glória e eles estavam tirando o máximo proveito disto num louco frenesi de terrorismo. Esse momento breve passaria, refletiu o presidente enquanto se sentava. Os russos e os americanos eram mais fortes do que qualquer um jamais suspeitava, e não faltava muito para que a Gestapo visse evaporar-se o seu poder e se encontrassem eles próprios na posição de suas vítimas atuais. Um dia, pensou o presidente, rolando a mão pra lá e pra cá na mesa, como se estivesse amassando um farelo de pão, um dia ele teria o prazer de condenar Paul Bielert a morte por decapitação. Nunca lhe ocorreu que ele próprio a esta altura poderia estar afastado da cadeira de juiz. Quem, afinal das contas, poderia ligar qualquer culpa a um juiz? Um juiz não fazia as leis, somente as executava.

Olhou novamente para Bielert. Agora havia um sorriso leve e sarcástico nos lábios do homem. Com um franzir de testa inquieto, o presidente virou-se para outro lado. Começou falando muito rapidamente, numa torrente de palavras.

– Em nome do Führer Adolf Hitler e do povo alemão, pronuncio aqui o veredicto do tribunal no caso do acusado, tenente Bernt Viktor Ohlsen, do 27º

Regimento Blindado. – Fez uma pausa por um momento e respirou profundamente. Os olhos vidrados de Bielert ainda estavam em cima

dele, e por um momento o presidente sentiu uma sensação nauseante na boca do estomago, como se, ideia absurda, fosse sua própria sentença que estivesse pronunciando.

– Após considerar o assunto, o tribunal considera que o prisioneiro é culpado de todas as acusações originais e é também culpado das acusações extras de covardia e deserção. Está portanto desonrado e devera ser sentenciado a morte por decapitação. Todos os seus bens mundanos serão tomados pelo Estado, e as despesas do julgamento deverão correr por conta do próprio prisioneiro. Seu nome daqui em diante será apagado dos registros. O corpo devera ser sepultado numa cova sem nome. Heil Hitler!

O presidente virou-se gravemente para o homem condenado, de pé em posição de sentido, em frente a ele. – O prisioneiro deseja dizer alguma coisa? –

Repetiu a pergunta três vezes, sem obter resposta do tenente Ohlsen. Então, sacudiu os ombros e adiantou que qualquer apelação em favor do réu seria rejeitada. – Muito bem – acenou com a cabeça para o Feldwebel de pé ao lado de Ohlsen. – Leve o prisioneiro embora.

No que o tenente Ohlsen estava sendo levado de volta através do túnel, encontraram o próximo prisioneiro descendo. Vinte e três minutos mais tarde, o presidente pronunciou sua quarta sentença de morte daquele dia e deixou o tribunal. Trocou a toga judicial por seu uniforme cinza-pérola e foi para casa onde o esperava um jantar de sopa de tomate e bacalhau cozido. Um dia típico no tribunal.

Quatro sentenças de morte. Uma chuvinha persistente. Sopa de tomate e bacalhau cozido. O presidente abotoou a capa e andou apressadamente para o carro.

O Oberfeldwebel Stever estava aguardando o tenente Ohlsen lá embaixo, no bloco das celas. A pesada porta bateu com um estrondo atrás deles.

Stever grunhiu ao passar de novo os ferrolhos.

– Bem, então o que é que vai ser? – perguntou ele, enquanto que se endireitava e começavam a andar pelo corredor. – Outro caso para o açougueiro? Este é o terceiro hoje, e o que acabou de descer imagino que será o quarto. Não que seja qualquer coisa para ficar excitado a respeito. Há um mês atrás tivemos dezesseis em um dia... – Olhou para Ohlsen e sorriu. – Não leve tão a sério, tenente. Isto já aconteceu a homens melhores do que o senhor... e todos temos que chegar a isso mais dia menos dia, de uma forma ou de outra. E

o senhor não será o primeiro nem o último a ir desse jeito. E se é para se acreditar no que o padre diz, é um mundo melhor para onde o senhor vai, e Jesus estará lá para encontrá-lo.

– Então? – Ohlsen virou-se para olhá-lo. – É para se acreditar no padre ou não?

– O senhor sabe mais sobre isso do que eu – Stever mexeu os ombros desconfortavelmente. – Nunca pensei realmente sobre isto. Suponho que

.

quando chegar a hora terei de fazer isto. Mas, no que toca a toda essa baboseira sobre Jesus e outros bichos, bem, sim, eu suponho que é sempre possível. –

Coçou a cabeça e franziu a testa. – A gente não pode dizer que não acredita, entende, no caso de que realmente seja verdade. Mas o velho padre, ele acredita nisso sim. – Stever parou e assumiu uma expressão e uma voz mais adequada de padre. – “Ore e o Senhor te ouvira” diz ele. “Hum... o Senhor te receberá...”

Ele sempre diz “hum” antes de tudo. Eles o chamam de “hum” Müller na prisão. Uma porcaria de merda, sabe... sempre assoando o

nariz na batina... mas acho que ele sabe o que está fazendo.

– Espero que sim – disse o tenente Ohlsen suavemente – porque pretendo dizer minhas orações com ele.

– Jesus! – Stever levantou uma sobrancelha. – Não estou te culpando.

Quero dizer, não faz sentido arriscar, não é?

– Não é uma questão de arriscar. – Ohlsen balançou a cabeça e sorriu.

– Acontece que acredito nisso.

– Jesus! – disse Stever de novo. – O que é que você é, se não se importa de eu perguntar? Católico Romano?

– Sou protestante.

– Bem... – Alcançaram a porta da cela de Ohlsen e Stever escancarou-a. – E tudo igual pra mim, se quer saber. No minuto em que coloco o pé numa igreja só tenho a impressão de que eles são todos um punhado de babacas, tagarelas. Não fazem nada pra mim, sabe o que quero dizer? Ainda assim, isso não significa que, quando a minha vez chegar, eu não pense pouco diferente.

– Muito provável – concordou Ohlsen, com um débil sorriso.

Ele atravessou a cela em direção a janela e olhou por entre as barras para a chuvinha cinza que caía lá fora.

– Olha aqui – disse Stever com ar de consolo – o senhor ainda passara bem o dia de hoje. Eles ainda não construíram a coisa. Tem de chamar o velho Fulano-de-tal lá de Berlim e eu acho que ele nem chegou ainda. De qualquer modo, terá de dar uma olhada em

você... calcular como vai... – Stever ficou em silêncio e demonstrou com um machado imaginário por cima de sua cabeça. –

Sabe o que quero dizer? É um trabalho de precisão, afinal. Não algo que qualquer um possa fazer. Não, se querem um corte limpo, sabe. E também tem o padre que vem aqui. Mas não vai ser o velho Muller, ele é católico.

.

Vai ser outro. Não sei o nome, mas ele vem sim, isso é certo. E aí tem o lanche.

Eles vão lhe dar um bom lanche, uma boa despedida... – Piscou. – Não quer se encontrar com São Pedro com a barriga roncando, quer? – levantou a mão num gesto de adeus e fechou a porta atrás dele.

O tenente Ohlsen começou a andar distraído pela cela. Cinco passos numa direção, cinco passos na outra. Tentou cobrir as diagonais. Tentou andar o circuito do perímetro. Andou em quadrados, andou em círculos, traçou padrões geométricos no lugar inteiro.

As horas passaram lentamente. Ainda estava chovendo quando ouviu o relógio da guarnição bater as seis horas. Preparou-se para receber a visita do carrasco a qualquer momento.

A noite toda ouviu o relógio da guarnição bater as horas. A hora, o quarto de hora, a meia hora, os três quartos de hora; a hora, o quarto de hora, a meia hora, os três quartos de hora; a hora, o...

Desesperado, começou a bater com a cabeça contra a parede. Não adiantava escutar o relógio, não adiantava pensar, não adiantava nada mais. Sua vida estava terminada.

Que eles viessem e o levassem quando quisessem, e quanto mais cedo melhor. Sentia que espiritualmente já morrera para o mundo.

A manhã chegou e a vida de prisão tomou seu curso normal. Uma companhia de jovens recrutas passou rapidamente pela sua cela, cantando no mais alto de suas vozes, e o tenente Ohlsen olhou-os passar e tentou lembrar se ele próprio havia alguma vez sido jovem. Sabia que tinha de ter sido, todo mundo era jovem pelo menos uma vez, e ainda assim não conseguia lembrar-se disso. Deve ter sido antes da guerra. Tentou desvendar esse mistério em sua cabeça. Nascera em 1917, e agora era 1943. Tinha 26 anos. Vinte e seis não lhe soava velho quando disse em voz alta, mas certamente sentia-se muito velho.

Eles o apanharam em sua cela para o período de exercício. Tratavam-no diferente agora. Usava no peito o distintivo vermelho dos homens condenados e ele fez os exercícios junto com outros homens condenados, quatorze deles, marchando sem fim em círculos. Todos tinham um distintivo vermelho, mas alguns apresentavam uma faixa verde atravessando-os, o que queria dizer que era para serem enforcados, e outros tinham uma faixa

.

branca, o que significava que era para serem fuzilados. Alguns tinham uma mancha preta no meio. Os com as manchas pretas deveriam ser para decapitação.

Enquanto os homens condenados marchavam em círculos, Stever ficou de pé na porta da prisão, assoviando. Era a maltratada variação de uma canção que ouvira na Zillertal.\* Com um dedo fazia o acompanhamento na coronha de seu fuzil. *Du hast Glück bei den Frauen, bel ami....* ("Você tem sorte com mulheres, meu amigo...").

Após algum tempo, até mesmo Stever se deu conta de que a música que assobiava saíra de uma música que ele escutara na Zillertal. Olhou o grupo de exercício e seu assobio subitamente mudou: *Liebe Kameraden, heute sin wir rot, morgem sind wir tot.* ("Caros amigos, hoje estamos bem, amanhã morreremos").



Os prisioneiros começaram a andar. Fila indiana em volta do pátio, três passos entre cada homem. Mãos juntas atrás do pescoço. Isso, não deixem que eles tenham nenhum meio de se comunicar antes de morrerem.

Stever subitamente tomou interesse no processo. Jogou seu fuzil com força sobre os ombros e berrou em altos brados:

– Andem logo, mexam-se, seus preguiçosos miseráveis! Levantem os pés, ponham um pouco de alma nisso!

Ele encorajava os homens que passavam naquele momento em particular com golpes cerrados de seu fuzil nas costelas. Os prisioneiros levantaram os pés e começaram a correr. Alguns deles inadvertidamente diminuíram o espaço entre eles e os homens em frente.

– Mantenham suas distâncias! – berrou Stever, brandindo o fuzil por sobre a cabeça. – O que é que vocês pensam que isto aqui é, uma festa?

O fuzil desceu com força sobre o crânio mais próximo.

Os condenados apertaram o passo e mantiveram suas distâncias.

Stever começou a bater o ritmo com o pé.

– Fora de passo! Fora de passo! – gritava. – Olha o compasso, miseráveis! Não adianta correr que nem um bando de cachorros doidos, vocês nunca vão voltar, e quem sabe? Alguns de vocês podem ter suas sentenças suspensas no último minuto e aí vão precisar estar em forma, se é que

· \_\_\_\_\_

\* Famosa cervejaria de Hamburgo.

querem sobreviver numa companhia disciplinar. Elas trabalham vocês pra diabo lá! Um, dois, três; um, dois, três; um, dois, três... mantenham o passo aí! Seus moleirões!

Vários dos prisioneiros haviam virado as cabeças para olhar para ele, o último e desesperado raio de esperança brilhando até mesmo agora em seus olhos. Estava Stever a tentá-los, ou poderia ele ter ouvido alguma coisa? Havia uma tal falta de homens, era capaz de o país não poder mais continuar com execuções. Duas ou três divisões já poderiam ter sido formadas com o número de homens mortos por crimes contra o Estado...

– Olhos pra frente, não se iludam! – berrou Stever. – A Alemanha pode continuar sem...

Interrompeu a frase com certa confusão ao ver Stahlschmidt tomar um lugar a seu lado.

– Por que essa gritaria toda? Está conversando com os prisioneiros?

.Algum desses homens está falando? – Virou-se para vê-los passar correndo, e subitamente esticou um braço e apontou para um deles.  
– Aquele homem lá!

Ele estava falando! Eu vi seus lábios se moverem! Traga-o para mim, sargento!

O Obergefreiter Braun, de guarda com seu fuzil, andou para dentro do círculo de homens correndo e enganchou o braço no pescoço de um Oberstleutnant que tinha a faixa branca do pelotão de fuzilamento no peito.

Stahlschmidt desferiu-lhe alguns golpes bruscos por trás do pescoço com seu chicote de montar e empurrou-o de volta.

– Porco! – berrou Stever. – Vamos andando, mantenham suas pernas no alto, mantenham distância! O que é que vocês pensam

que isto aqui é, a dança das cadeiras?

– Obergefreiter – Stahlschmidt sacudiu a cabeça. – Você não sabe de nada, pura e simplesmente. Olhe só para mim, e talvez você aprenda alguma coisa. – Caminhou para o centro do círculo, fez estalar seu chicote e abriu e fechou a boca algumas vezes, como se estivesse testando o mecanismo. Logo um forte grito estrangulado encheu o ar.

– Prisioneiros! Alto! Coluna por dois!

Os prisioneiros caíram por cima uns dos outros na euforia de obedecer a ordem. Stahlschmidt flexionou os joelhos algumas vezes. Era bom ser Stabsfeldwebel. Não seria nada além disso, nem mesmo se lhe oferecessem

.

uma patente de general. Todos os graus de prisioneiros já haviam passado por suas mãos, exceto um Stabsfeldwebel. Parecia-lhe, portanto, por um processo lógico de dedução, que os Stabsfeldwebels eram de algum modo isentos dos castigos infringidos aos mais ordinários mortais. Mesmo que aquele assunto dos dois visitantes no passe forjado fosse alguma vez trazido a luz do dia, mas, não, isto não era possível. Bielert certamente tinha assuntos mais importantes com que ocupar sua mente.

Stahlschmidt abriu a boca. e de novo gritou. Os prisioneiros começaram a marchar adiante numa rígida fileira de dois, as cabeças viradas para a esquerda. Marcharam assim por quase dez minutos, até que um deles desmaiou.

Então continuaram marchando por outros cinco minutos no mesmo exato percurso, indo e vindo por sobre o corpo amolecido.

– Obergefreiter – disse Stahlschmidt casualmente antes de partir – se aquele homem não tiver se recuperado na hora em que terminar

o período de exercícios, espero que faça algo a respeito.

– Sim, senhor.

Stahlschmidt foi embora, deixando o subordinado com um prisioneiro inconsciente em suas mãos. O homem de fato voltou a si poucos minutos depois e ficou de pé encostado contra o muro, vomitando sangue. Stever olhou para ele com ar zangado. Por que não podia receber o castigo dele como todos os outros? Por que tinha de desmoronar no último minuto? Parecia provável que, pela voz, Stahlschmidt tinha ido muito longe. O homem era um prisioneiro da Gestapo, e a Gestapo era sensível a respeito de seus prisioneiros. Não faziam objeção a que qualquer um se divertisse um pouco, mas haveria o diabo a pagar se um de seus homens, morresse antes que pudesse ser executado. Herr Bielert era muito meticuloso a esse respeito. Stever ouvira dizer que ele uma vez prendera o pessoal todo da primeira guarnição de Lubeck devido a um acidente semelhante. E Stahlschmidt já se sujara uma vez anteriormente com o caso de passe forjado.

Stever olhou o prisioneiro vomitar pela quarta ou quinta vez e ficou imaginando se não seria uma boa ideia ir fazer uma visita a Herr Bielert.

Contar-lhe uns poucos fatos sobre Stahlschmidt. Afinal, nada disso era culpa de Stever e seria bastante injusto se qualquer parte da culpa caísse sobre seus ombros. Ele, afinal, era só um Obergefreiter, e os Obergefreiters somente executavam ordens.

No domingo seguinte, o tenente Ohlsen ouviu os sons de martelos no pátio, e duas ou três horas mais tarde Stever fez-lhe uma visita. Foi direto para a janela e começou conscienciosamente a testar cada barra. Piscou para Ohlsen.

– Estou só checando – disse ele. – No caso de você estar pensando em serrar e escapar por aí.

– Com o que? – perguntou Ohlsen.

– Quem sabe? – disse Stever sombriamente. – Prisioneiros arrumam uns truques muito estranhos.

– Alguém já conseguiu alguma vez ter sucesso em fugir por aí?

– Ainda não, mas sempre há uma primeira vez, não é? E eu não quero que esta primeira vez seja no meu bloco. Eles podem fazer o que bem entenderem no bloco de qualquer outro, mas não no meu. Aqui... – Pegou dois cigarros, acendeu-os e deu um para Ohlsen. – Segura ele bem baixo, pra que nenhum abelhudo que olhe pela porta possa vê-lo. Não me incomodo em arriscar minha vida por qualquer pobre coitado que vai fazer a longa viagem, mas não vejo razão em comprar problemas, entende? E é o que íamos ter se pegassem você fazendo isso. Não podemos confraternizar com os prisioneiros, sic ordens.

O tenente Ohlsen deitou na cama e fumou seu cigarro contrabandeado.

Stever olhou pela janela para o pátio.

– Está ouvindo aquela barulheira lá fora? Sabe o que estão fazendo? Já olhou, né? Não se pode ver muito daqui, é claro, mas acho que você pode ter um bom palpite.

– Hum, hum. – Ohlsen sacudiu a cabeça, cansado.

Stever sorriu. Fez um rápido e decisivo gesto de decepar atrás do pescoço.

– Estão aprontando-o. Um grupo de sapadores está construindo. Não somente em sua honra, é claro. Tem dez outros também prontos para ele. Todos indo embora no mesmo dia. Eles em geral fazem sempre assim. Esperam até terem um grupo grande, é mais econômico. Eles tem de chamar o carrasco de Berlim, sabe. Ele e

seu time. Calcularam que não vale a pena mandar vir mais que uma vez por mês.

– Stever virou-se novamente para a janela. – Trouxeram os caixões hoje também. Nada luxuoso, mas nada mau. Nada mau mesmo. Não precisa se preocupar quanto a isso. E as cestas. Eles trouxeram também.

– Cestas? – indagou Ohlsen.

– É... para as cabeças.

Houve um silêncio momentâneo, e então o tenente deu um sorriso amarelado. Seu rosto estava branco e os lábios pareciam quase roxos.

– Então eles estão construindo, não é? Estão construindo afinal.

– É, mas isto não quer dizer que necessariamente vão te chamar – disse Stever em tom jocoso. – Eu me lembro uma vez, eles construíram a, coisa e ficou ali quase dois meses sem acontecer nada. Isto foi porque o SD não, concordou com o que eles disseram no julgamento. Os juízes queriam absolver o cara e o SD estava atrás de sangue. Eles o pegaram no fim, é claro. Sempre pegam. Era um coronel, me lembro. Um velho grisalho. Estava nesta mesma cela que você ganhou, a nº 9. Nós sempre guardamos esta para pessoas como você.

– Como eu?

– Bem... você sabe. – Stever sorriu, desculpando-se. – Os que receberam adiantado, sabe?

– Você quer dizer que já sabem o veredicto quando um prisioneiro vem ,pra cá? Até mesmo antes do julgamento?

Stever relançou o olhar em volta da cela, olhou sobre os ombros, espiou pela janela de novo e moveu-se confidencialmente para perto de Ohlsen.

– Eu não devia lhe dizer isso, é algo que oficialmente eu mesmo não deveria saber. Mas acho que você não vai ficar conosco muito mais tempo, então... – Piscou. – Guarda segredo, hem! Quando um prisioneiro é entregue a nós pela Gestapo, recebemos os seus papéis também. E lá no final, embaixo, do lado esquerdo, tem uma marquinha. O juiz tem um jogo de duplicata com a mesma marca. E todas as marquinhas significam algo especial, sabe? No seu caso, a marquinha significava... – De novo ele repetiu a mímica da execução. –

A Gestapo já tinha decidido o que eles queriam, daí nós sabíamos o que ia acontecer antes mesmo de você ir a julgamento.

– E suponhamos que o tribunal tivesse decidido diferente?

– Raramente fazem isso. Não vale a pena, Não conseguiriam nada com isso – disse Stever, sacudindo a cabeça.

– É, acho que não conseguiriam – concordou Ohlsen amargamente.

– Mas olha – disse Stever – não deixamos nenhum destes papéis jogados por aí. Tudo que é secreto vira fumaça no minuto em que é terminado o caso. Até o carbono. Até as fitas das máquinas de escrever. E tudo destruído. E

no que me toca, não sei de nada. Eu lhe digo – acenou com a cabeça sabiamente

– se algum dia este lugar cair em mão inimigas, e eu penso que vai, mais dia menos dia, já pensei em tudo o que vou dizer. Eu e o Abutre, nós já repassamos várias vezes juntos: – “Sou só um Obergefreiter, não sei nada, só fiz o que ordenaram”. O que, é claro,

é verdade – disse Stever, virtuosamente. – Desafio qualquer um a dizer que não é...

Sentou-se na cama ao lado do tenente e cutucou-o nas costelas.

– Que importa de que lado você está? Contanto que eles paguem bem e você não tenha que trabalhar muito duro. Tenho um trabalhinho bom aqui, e aposto que o inimigo vai ficar contente em me manter aqui quando assumirem, quero dizer, eles não terão número suficiente de seus próprios homens para manter este lugar funcionando, vão precisar de pessoas como eu, faz sentido. E

contanto que me paguem, não me importo. Contanto que me paguem o suficiente para eu dar uma trepadinha quando tiver vontade... – Fez uma careta e piscou de novo. – Você devia ver a garota que tenho no momento! Não só sabe tudo, mas gosta mesmo do negócio, topa a noite toda se você deixar. E faz praticamente de todas as maneiras que você quiser, senta em você, te chupa, é só pedir e ela faz. E nunca ouviu falar no Kama Sutra!

Lambeu os beijos e relanceou o olhar de lado para ver se estava atiçando o apetite do prisioneiro, mas o tenente Ohlsen parecia não estar escutando. Stever levantou-se, bronqueado. Não gostava de gastar seus esforços.

– Muito bem – falou – se não aprecia minha conversa, vou conversar em outro lugar e deixo você falando sozinho. – Andou para a porta, acrescentando: – Você logo vai ficar irritado com a própria companhia.

Ainda assim não houve resposta. Stever deixou a cela fazendo tanto barulho quanto podia, batendo a porta atrás de si e sacudindo as chaves. Espiou pelo buraco da fechadura, mas o tenente Ohlsen estava sentado na mesma

.



posição e com a mesma expressão de antes. Nem parecia ter notado a saída de Stever.

Na manhã da segunda-feira seguinte, o major von Rotenhausen fez uma visita oficial para ler em voz alta as sentenças dos vários homens condenados. Tremia nervosamente o tempo todo, torcendo um pé em volta do outro e apertando as coxas como se precisasse urgentemente urinar.

De cada lado estavam Stever e Greinert, os fuzis de prontidão. O major von Rotenhausen tinha um pavor horrível de súbitas manifestações violentas por parte dos prisioneiros, e ele não era um homem quer gostasse de arriscar sua segurança.

Pouco antes do meio-dia, um olho largo apareceu na espia da cela nº 9

e fixou o olhar longa e calculadamente no ocupante. Permaneceu ali por quase dez minutos, depois silenciosamente retirou-se.

Uma hora mais tarde, Stever veio para as suas rondas e parou para um bate-papo.

– O carrasco está aqui – informou alegremente para Ohlsen. – Já deu uma olhada em você. Quer ver os machados? Ele trouxe três com ele, estão numa das celas mais adiante no corredor. Enormes e afiados, faz uma navalha parecer brinquedo de criança. São guardados em bainhas especiais de couro. O

Abutre já andou brincando com eles. Ele tem paixão por facas e machados.

Qualquer coisa que corte. Está morrendo de impaciência para pegar o pescoço de alguém.

– O padre ainda não veio – disse Ohlsen. – Eles não podem fazer nada até ele vir.

– Não se preocupe, ele virá. Nem mesmo os prussianos são tão ruins assim. Não mandariam um homem pro outro mundo sem deixar ele dizer as orações primeiro.

– Mas quando é que você acha que ele vem? – insistiu Ohlsen.

– Logo. Ele sempre telefona antes para ver se é preciso que venha, e aí ele chega umas duas horas depois. Não sei se ele já telefonou ou não.

Provavelmente não. Acho que está fora, abençoando algumas tropas que estão de partida para o front. Algo assim. – Stever riu. – Engraçado, não é? Padres e pedicuros tem mais trabalho do que podem cuidar agora. Antes da guerra, ninguém queria saber deles. Agora parece que as pessoas não podem viver sem eles.

– Ou morrer sem eles – murmurou Ohlsen.

Naquela noite, o grito choroso e longo de uma alma humana em tormento ecoou através do edifício. Os prisioneiros acordaram tremendo em suas celas. Os guardas ou se benziavam ou xingavam, de acordo com seus temperamentos e crenças. O grito aumentou e caiu, descendo até um choramingar, depois ganhou forcas de novo e tornou-se um longo berro de agonia mental. Segundos mais tarde, Stahlschmidt apareceu em cena. Surgiram sons de bordoadas. O choro cessou e uma calma inquieta desceu sobre a prisão.

O padre chegou na manhã seguinte as dez e meia. Era um homem pequeno, encurvado, com um queixo embutido e uma boca de bode, olhos azuis gentis que nadavam em poças de líquido em excesso, e um nariz que tinha uma constante gota trêmula na ponta. Esquecera sua Bíblia e teve que usar a que pertencia a cela. Mas trouxe flores artificiais enroladas em papel bonito e uma pequena imagem de Jesus usando uma coroa de espinhos um tanto amassada.

Do lado de fora da cela estavam Stahlschmidt e Stever. Stahlschmidt tinha os olhos grudados no buraco de espia e demoniacamente

anotava cada detalhe da cena.

Fez um comentário baixo e rápido com Stever, cedeu sua posição por alguns minutos, e depois brutalmente empurrou seu subordinado para fora do caminho e voltou a sua vigília de prazer.

– Está quase no fim agora. Eles estão sentados na cama, lado a lado, segurando-se as mãos. Muito comovente. Muito bonito. Agora o velho bode começando a chorar... lá vai ele! Mijando dos olhos pra fora...

– Para que? – disse Stever surpreso. – Não é ele que eles vão cortar.

Stahlschmidt encolheu os ombros, incerto quanto a resposta.

– Acho que é porque ele é um padre – disse ele dali a um tempo. –

Homem de Deus, sabe? Na certa sente que é do seu dever mostrar um pouco de emoção quando está preparando alguém para a outra vida.

Stever levantou um pouco o chapéu e cocou a cabeça.

– É... é, acho que você está certo.

Afastaram-se da cela: Stahlschmidt apontou para ela.

– Uma coisa é certa – disse. – Você e eu nunca estaremos nessa situação. Não teremos nenhum padre idiota sussurrando e peidando em

.

cima de nós e contando histórias sobre Deus e os anjos. Sabemos manter a boca fechada e a cabeça em cima dos ombros. – Olhou para Stever. – Não sabemos?

– perguntou enfático.

Steuer deu um sorriso débil e um tanto imbecil. Ainda estava com a ideia de entrar em contato com a Gestapo e salvaguardar a própria posição.

Olhou de relance involuntariamente em direção ao pescoço grosso e vermelho de Stahlschmidt e imaginou se até mesmo um dos machados afiadíssimos de Berlim poderia cortá-lo num só golpe.

– O que você está olhando? – perguntou Stahlschmidt com ar de suspeita.

– Nada – gaguejou Steuer. – Eu estava só... só olhando para... o seu pescoço.

– Meu pescoço? – Instintivamente Stahlschmidt levantou a mão para a garganta – Que é que tem o meu pescoço?

– É muito forte – murmurou Steuer.

– Claro! E o pescoço de um Stabsfeldwebel. E os pescoços de Stabsfeldwebels, meu caro Steuer, não se separam tão facilmente de seus corpos. O que não ocorre com o pescoço de outras pessoas, tais como tenentes e capitães e Obergefreiters.

– Os machados que eles usam são muito afiados – murmurou Steuer, mexendo os pés no chão de pedra.

– E daí? – perguntou Stahlschmidt friamente. – O que é que há com você hoje? Está perdendo o controle? Quer que te mande a um psiquiatra? Ou está bêbado? É isso? – Olhou Steuer atentamente, o que fez com que ele desse passo um para trás. – Acho que já aprendeu a essa altura que Stabsfeldwebels nunca estão entre os executados, não é? Você alguma vez viu algum aqui nesta prisão? É claro que nunca viu! Somos a espinha dorsal da sociedade, é isso que somos, e eles não ousariam levantar um dedo contra nós. Você alguma vez já pensou como seria se entrássemos em greve? Um

caos! Caos completo! Adolf, Hermann, Heinrich, todos entrariam em colapso como um castelo de cartas!

– Acho que está certo – disse Stever, refletindo que se fosse a Gestapo, Stahlschmidt, em sua própria prisão, poderia ser o primeiro Stabsfeldwebel a enfrentar o pelotão de fuzilamento.

– Pode apostar a vida que estou certo! – rosnou Stahlschmidt. – E lembre-se disto sempre, no futuro!

Durante o período de exercícios da tarde, Stever e Braun revistaram as celas dos homens condenados. Stever tomando um lado do corredor e Braun o outro. Fizeram uma ou duas descobertas interessantes.

Na cela 2º Braun desenterrou uma fatia de pão preto dura escondida dentro do colchão. Na cela 34, Stever achou dois centímetros de guimba de cigarro enfiada em um buraco no chão. Na cela ao lado havia um cotoco de lápis. E na sela número 9 havia a descoberta mais interessante de todas.

Eles juntaram todos os tesouros e amarraram numa toalha azul, levando-os até o escritório de Stahlschmidt para sua inspeção. Estes poucos pedaços patéticos de pertences pessoais eram objetos de valor emocional intenso para os homens condenados e ele adorava vangloriar-se sobre eles.

O tenente Ohlsen retornou das torturas da sessão de

exercícios e parou atônito na soleira de sua cela. Apesar de ser um cômodo vazio por natureza, Stever conseguira revira-lo de pernas para o ar, e ficou imediatamente obvio para seu ocupante que o lugar havia sido revistado.

Ohlsen jogou-se na cama e freneticamente tateou embaixo do colchão. Não havia nada lá. Caiu aos prantos no chão, ao que a

porta se abriu e Stever entrou silenciosamente. Estava segurando uma pequena cápsula amarela entre os dedos.

– É isso o que está procurando, por acaso? – Ficou ali zombando, do lado de dentro da porta. Ohlsen levantou-se rápido nos pés e fez uma desesperada tentativa de pegar a cápsula, mas o cassetete de Stever desceu sem piedade em sua cabeça e nos ombros, arremessando-o para o outro lado da cela e encurralando-o perto da janela.

– Fique em posição de sentido quando houver um Obergefreiter presente! Você já devia saber das regras a essa altura!

O tenente Ohlsen, tremendo, levantou-se, passando as costas da mão pelo nariz.

Stever baixou o olhar para a cápsula e balançou a cabeça.

– Você é um sujeito muito vivo, não se engane. Onde você conseguiu isso? Há quanto tempo está com ela? – Não pode estar por muito tempo ou eu teria sabido. – Segurou-a tentadoramente fora de alcance. – Ia engolir

.

um pouco antes de levarem você pro cadafalso, não é? Todo o trabalho que eles tem de fazer um bonito funeral para você, todo o dinheiro que gastam, e é assim que você tenta retribuir. Devia se envergonhar! Mas saiba – disse ele sagazmente – não posso dizer que estou de todo surpreso. Imaginei que você estava preparando alguma. Reagia a tudo muito calmo. Você tem de se lembrar que já tive muita experiência nestes assuntos, já vi mais homens morrerem do que você pode imaginar. Algumas pessoas – disse Stever – pensam que sou meio lerdo. E é aí que eles se enganam, porque sei tudo que acontece nesta prisão, e inclusive tenho olhos nas costas. Desta forma, economizo um saco de problemas. E conheço todas as regras de cor, e faço tudo por elas. Qualquer um que me diz pra

fazer alguma coisa que sai um pouco fora disso, faço colocarem a ordem por escrito. Desta forma, veja, eles nunca podem me pegar por nada.

Alguém sobe aqui e diz: – “Stever, você cometeu um assassinato, você fez algo errado”, eu simplesmente mostro a ordem, escrita em preto e branco. E sou só um Obergefreiter, só faço o que me mandam.

Segurou a cápsula na palma da mão e olhou-a curiosamente.

– Como é que estas coisas funcionam? Matam de uma vez, é? – Riu.  
–

Acho que vou dar para a gata de Stahlschmidt. Ela quis me arranhar outro dia e eu disse que ia torcer-lhe o pescoço assim que tivesse uma chance. Isso fará o mesmo efeito!

O tenente Ohlsen continuava na posição de sentido. O lábio inferior tremia e sua visão estava enevoada pelas lágrimas que jorravam pelo seu rosto e molhavam o chão. Aquela cápsula havia sido o ás do jogo, seu precioso trunfo, sua única salvação. A certeza de que a tinha em seu poder para decidir quando e onde morreria, por suas próprias mãos e de mais ninguém, sustentara-o durante as longas semanas de aprisionamento. E agora ele se xingava amargamente de idiota por não a ter tornado logo no minuto que o julgamento acabara. Quem a não ser um otimista patológico poderia ter aguentado tanto tempo, desesperando e ainda assim com esperança de uma suspensão de último minuto que nunca viria?

Olhou para Stever e estendeu a mão em um apelo.

– Dê-me isto, Stever. Pelo amor de Deus, me dê isto!

– Sinto muito – disse Stever. – Simplesmente não posso fazer isso. É

contra o regulamento, sabe? Além disso, a Gestapo está atrás de sangue e se não pegarem o seu, vão querer é o meu. – Sacudiu a cabeça; – Você não pediria isso a mim, não é? – ponderou ele. – Nós dois somos ligados pelas mesmas leis, sabe? Mas olha aqui, tenho outra coisa que pode lhe interessar. Não podia dar a você antes, Stahlschmidt nunca deixa homens condenados receberem cartas, pois a tinta pode ter veneno. Já aconteceu uma vez – não aqui, em Munique.

Houve um baile e tanto, e agora Stahlschmidt sempre guarda qualquer carta que chegue. Mas consegui contrabandear esta aqui pra você. Contra o regulamento, é claro. Corri um grande risco. Você devia ficar regulamento, é claro. Corri um grande risco. Você devia ficar a cicatriz. .Aquele que veio te ver aquela vez.

O tenente Ohlsen limpou os olhos na manga e indiferente pegou a carta. Stever observou-o com os olhos apertados.

– É só pra ler – disse ele. – Não tente come-la.

O tenente correu os olhos rapidamente pelas poucas linhas escritas.

Eram do Velho, porém nada podia interessá-lo, nada podia confortá-lo agora que sua cápsula desaparecera.

Stever estendeu a mão, impaciente. arrebatou a carta e começou a lê-

la ele mesmo.

– Quem é esse Alfred de quem ele fala? É aquele cara da cicatriz, não é? – Olhou para Ohlsen, que balançou a cabeça. – Não sei o que é – disse Stever – mas ainda sinto que ele guarda uma espécie de rancor contra mim. Não vejo por que. Afinal, sou um Obergefreiter, não é minha culpa se as pessoas tem de morrer.



Meditou desconfortavelmente por alguns momentos, e então seu rosto vagarosamente se abriu.

– Olha. Você poderia fazer uma boa ação, se quisesse. Afinal, fiz uma pra você, trazendo essa carta. Tudo que tem a fazer é escrever algumas palavras sobre mim nas costas dela. “O Obergefreiter Stever é um bom soldado que sempre executa suas ordens, ele me tratou bem”. Algo assim. Que tal, hem?

Com um P.S contando que sou um amigo para todos os prisioneiros. E então põe seu nome, patente e a data e tudo, isso vai fazer com que seja oficial, entende?

Stever puxou um lápis e oferecendo ao tenente. Ohlsen levantou uma sobrancelha.

– Prova – disse ele. – Prova que você é um amigo dos prisioneiros e eu faço isso para você.

– Provar? – Stever riu. – Você é mesmo peitudo!

– Você não acha que é muito mais do que eu? – sugeriu Ohlsen em tom moderado.

Stever mordeu o lábio. Olhou para a carta e leu de novo o nome apavorante do sujeito com a cicatriz.

– Que é que você quer? – perguntou ele, mal-humorado.

– Me dá de Volta a cápsula. É só o que peço.

– Você deve estar louco! Eu mesmo estaria condenado se eles descobrissem que você se matou antes de poderem por as mãos em você, Ohlsen sacudiu os ombros. Já não se importava mais.

– Você decide – disse. – Tenho de morrer de qualquer maneira, portanto, não estou tão interessado assim. Pensei que estivesse,

mas não estou.

Agora que realmente chegou a hora, não estou. Mas se eu fosse você, Stever, se você valoriza a sua vida um pouco que seja, pensaria muito seriamente sobre arranjar um escudo para você mesmo. Você não pode escapar do Legionário, sabe? Ele sempre alcança as pessoas, mais cedo ou mais tarde,

Stever mordida ansiosamente o lábio inferior.

– Eu queria ajudá-lo, queria mesmo. Faria qualquer coisa para livrá-lo desta situação, só que eu não posso te dar a cápsula, é mais do que o valor da minha vida...

– Como queira – disse Ohlsen, virando-se e não se preocupando em ficar em sentido. – Não me importo, de qualquer maneira.

Vieram buscá-lo logo após o jantar. Levaram-no para o pátio através de uma passagem subterrânea. O padre liderou o caminho, entoando uma órgão chorosa. As execuções eram para acontecer num pátio fechado e pequeno, resguardado dos olhares bisbilhoteiros de pessoas não autorizadas. O cadafalso estava pronto, e na plataforma encontravam-se o carrasco e seus dois assistentes, vestidos em sobrecasacas, cartolas e luvas brancas.

Os homens condenados deviam ser executados aos pares, e o parceiro do tenente Ohlsen na morte já estava esperando. Quando estavam os dois presentes, o governador da prisão conferiu suas identidades e o primeiro

.

assistente deu um passo a frente e cortou fora suas dragonas, privando-os de suas patentes e finalmente desonrando-os.

O tenente Ohlsen, de pé, ficou olhando o seu parceiro subir lentamente a escada. O padre começou a rezar pela salvação de sua

alma; Os dois assistentes ajudaram o homem a colocar-se na posição e o amarraram. O

carrasco levantou o machado. A lâmina em forma de lua crescente brilhou ofuscante nos raios do sol poente. O carrasco abriu a boca e gritou sua justificativa para a ação que estava prestes a fazer.

– Pelo Führer, o Reich e o povo alemão!

O machado caiu. Encontrou a carne resistente com um ligeiro baque o cortou direto através dela. Foi um golpe limpo. Forte e bem dado por um homem que era um perito. A cabeça rolou corretamente para dentro da cesta a sua espera e dois jatos de sangue jorraram do pescoço surpreso. O corpo mexeu-se e contorceu-se. Com movimentos rápidos e destros os assistentes empurraram o corpo de cima da plataforma para dentro do caixão a espera. A cabeça foi levantada e colocada, entre as pernas do corpo.

A audiência relaxou. Oberkriegsgerichtsrat Dr. Jeckstfadt, presidente do tribunal que passara a sentença, lentamente acendeu um cigarro e virou-se para o Dr. Beckmann.

– Diga o que o senhor quiser sobre a execução – comentou ele – mas não se pode negar que é rápida, eficiente e simples.

– Quando ocorre de acordo com o plano – murmurou um Rirtmeister, que estava de pé atrás de Jeckstadt e escutara o comentário.

– Devo confessar – disse o Dr. Beckmann – que acho isto um espetáculo desagradável. Nunca posso parar de imaginar como deve ser estar lá em cima, esperando para o machado cair... uma sensação curiosa...

– Meu caro amigo – disse Jeckstadt confortavelmente – por que torturar-se com especulações infrutíferas? Estas pessoas traíram seu país e merecem justos castigos. Mas você e eu – sorriu, como se

diante de uma ideia absurda – você e eu nunca poderemos estar em tal situação! Uma coisa é bem clara, meu caro doutor, se não fosse por nós, advogados, o país breve estaria no caos. Somos, se posso ser tão ousado, virtualmente indispensáveis.

– É claro, você está certo – concordou Beckmann, virando-se para olhar o segundo espetáculo da noite. – Nenhum país pode sobreviver sem o seu sistema legal.

O tenente Ohlsen lenta. e obstinadamente subiu as escadas. Os assistentes o posicionaram. Sua mente estava vazia.. Quase vazia. Lembrou-se que nos segundos antes de morrer a vida inteira de um homem supostamente passa ante seus olhos, e ele imaginou quase medrosamente por que sua própria vida não estava se desenrolando diante dele, espalhando suas memórias para sua contemplação de último minuto.

Começou conscientemente a forçar sua mente para trás, para dentro do passado, de volta as suas preciosas memórias pessoais, sua própria história pessoal, mas antes que qualquer imagem nítida pudesse chegar a ele, o machado caiu e sua vida estava terminada.

*Nas profundezas do estomago de Porta, quatorze canecos de cerveja, nove vodcas e sete absintos lutavam entre si, enquanto que o próprio Porta cambaleava através da sala em direção ao piano. Andava de pernas abauladas porque estava muito bêbado para controlar os músculos. Rolava de um lado para o outro, arrotando e agarrando-se as mesas e cadeiras para se amparar.*

*De vez em quando, durante sua trajetória através da sala, jogava garrafas e copos ao chão. Três vezes ele próprio foi ao chão e teve de ser levantado de novo.*

*Finalmente, atingiu seu objetivo, mas o esforço havia sido demasiado grande para as disputas litigiosas em seu estômago. Esparramando -se por cima do piano, Porta abriu a boca e deixou tudo sair para fora.*

*O pianista caiu de costas para fora do banco.*

*– Porra? – gritou. – Olha só o que você fez com a merda do meu piano!*

*Como resposta, Porta simplesmente esticou um braço involuntário e jogou, um caneco cheio de cerveja em cima do teclado. Rodopiou para frente do piano e desabou pesadamente sobre o banco. Franziu o rosto, em concentração, e seus dedos gordos como linguças de porco, pesados como pesos de chumbo, incertos da sua direção como palha numa tempestade começaram bebadamente a tocar uma canção bem conhecida.*

*Bernard, o Beberrão, pulou em cima da mesa e batucou no teto com duas garrafas de champagne. A sala vibrava com sons de vozes bêbadas que grotescamente cantavam em uníssono:*

*Vor der Kaserne, vor dem grossen Tor,*

*Stand eine Laterne und steht sie noch davor*

*So Woll'n wir uns da wiedersehn*

*bei der Laterne woll'n Wir stehn*

*Wie einst, Lili Marlene.*

*(Perto do quartel, ao lado de seu portão maciço, ficava um lampião de rua que ainda está como antes. Debaixo daquele lampião de rua nós encontraremos e ficaremos de novo, como uma vez antes, Lili Marlene).*

*Somente o Miúdo não se juntou a coro. Estava com uma garota no colo e despia-a vagarosamente, com a mesma despreocupada determinação que alguém teria em depenar uma galinha. A garota alternadamente esperneava e gritava, sem saber se deveria divertir-se ou sentir-se ultrajada.*

*O pianista, não podendo mais suportar a visão do seu piano coberto de cerveja e vômito, fez um enorme esforço para retirar Porta do banco. Porta parou de tocar, enrolou os braços carinhosamente em volta do pescoço do homem e ficou ali pendurado. Segundos mais tarde, o desafortunado pianista, encontrou-se voando de cabeça através da sala em direção da cozinha. Bateu na parede e parou aos pés de Heide e de um Barcelona quase em coma.*

*Ao mesmo tempo que estas festividades estavam ocorrendo, um grupo de pessoas marchava solenemente ao longo de uma passagem na prisão de Fuhlsbuttel. Havia seis soldados SD, um padre, um médico, vários funcionários do tribunal e uma senhora velha. Andavam hesitantes, quase relutantemente, em direção a uma porta verde no final da passagem. Parecia que estavam ansiosos em adiar o momento em que teriam que virar a maçaneta e entrar.*

*Mas o momento inevitavelmente chegou, e o grupo passou vagarosamente pela porta e alcançou a sala além dela.*

*Um quarto de hora mais tarde, a porta se abriu de novo e a procissão reapareceu. Andavam mais depressa agora. Seis soldados SD, o padre, o médico e os vários funcionários do tribunal. Somente a velha senhora não mais estava com eles.*

## **Capítulo IX**

Uma festa de aniversário

O barulho que saía do Três Lebres na Davidsstrasse podia ser ouvido com terrível nitidez várias ruas adiante, até mesmo tão longe quanto a enfermaria na Bernhard Nocht Strasse, onde os pacientes invejosos viravam e reviravam e xingavam. Era o barulho de bebedeira pura e hilariante, e tomava conta da noite num contínuo crescendo de barulho.

O dono do Três Lebres, popularmente conhecido como Bernard o Beberrão, estava celebrando seu aniversário numa sala privativa nos fundos do bistrô. Somente os mais favorecidos dos fregueses regulares do estabelecimento haviam sido convidados a entrar.

– Miúdo fora um dos primeiros a chegar, de tardinha. Encontrara o Beberrão encarapitado numa pequena escada de mão, dirigindo as operações para o entretenimento da noite. Guirlandas de papel e lanternas chinesas estavam sendo penduradas por toda a sala, caixotes de cerveja e champanha empilhados nos cantos.

– Alguém me disse que era seu aniversário – começou Miúdo.

– Esse alguém estava certo – disse Bernard, acenando com a cabeça.

– Bem... – disse Miúdo. – Neste caso, gostaria de lhe desejar um feliz aniversário. Só queria ter certeza primeiro.

– É? – Bernard olhou para ele e sorriu sabiamente, aí girou na escada de mão e gritou para um jovem que cambaleava sob o peso de um caixote

.

de cerveja. – Aí não, seu idiota! Lá no canto!

Os olhos famintos de Miúdo seguiram o caixote em sua jornada através da sala, depois casualmente voltaram-se para o Beberrão.

– Você... – er... tá preparando uma festa?

– Estou. – Bernard assoou o nariz por entre os dedos diretamente dentro de uma enorme panela de carne. Baixou o olhar para ela indiferentemente.

– Não faz mal, é só um ensopado, pode aguentar um pouco mais de tempero. De qualquer maneira, tudo tem o mesmo gosto quando se mistura.

Uma das meninas esvaziou o pó de café aí dentro semana passada. Ninguém disse nada. Fica tudo misturado, a gente não consegue notar a diferença.

– É – disse Miúdo. – Acho que não. – Observou maravilhado as fileiras de garrafas arrumadas por trás do bar. – Quem é que vai terminar com todo esse lote?

Bernard olhou-o por um momento, depois virou-se e cuspiu pela janela aberta.

– Meus amigos – disse simplesmente.

Miúdo grunhiu, não sabendo se devia reivindicar direta e automaticamente o direito de estar entre o círculo de amizades mais íntimo do Beberão ou se devia perseguir uma outra tática.

– Vamos embora de novo em breve – aventurou ele, limpando a boca nas costas da mão.

– É. É assim mesmo. – O Beberão balançou a cabeça sem pena.

– Estamos sendo mandados de volta ao front – perseverou Miúdo. – O

batalhão está quase em plena forma de novo. Temos um grupo inteiro de tanques novos e outras coisas, só que, guarda isso para você, é para ser segredo.

Posso confiar num amigo como você para manter a boca fechada, mas não vai sair por aí espalhando.



– Nem pensar – disse Bernard. – Não conheço ninguém que esteja interessado. – Ergueu-se, pisou no degrau de cima da escada e casualmente pendurou uma corrente de papel na parte do teto imediatamente acima de sua cabeça. A escada permaneceu firme, mas o Beberrão balançava perigosamente.

Começara a beber cerveja desde muito antes do café da manhã.

– Cuidado – disse Miúdo, esticando a enorme mão calosa. – Não quer quebrar o pescoço no seu aniversário, quer? – Ajeitou Bernard de Volta no seu poleiro e deu-lhe um sorriso agradável. – Quantos anos hoje?

– Quarenta e dois. Você pode pegar umas garrafas de cerveja ali e beber a minha saúde se quiser.

O braço de Miúdo instantaneamente esticou-se até a fileira de garrafas mais próxima e sua vasta mão fechou-se sobre duas delas. Passou uma para o Beberrão e levantou a outra até a boca, fechando os dentes sobre a tampa e começando a abri-la.

– Espera um minuto – disse Bernard. Esticou a mão e olhou para Miúdo, encarando-o. – Onde está o meu presente? Você não pode entrar aqui, beber minha cerveja e ir desejando feliz aniversário sem trazer-me um presente.

– Tá certo – concordou Miúdo cordialmente, baixando a garrafa. –

Trouxe aqui comigo. Foi bom você mencionar, tenho uma memória horrível.

Enfiou a mão nas profundezas de um bolso das calças e emergiu com um pequenino pacote embrulhado em um grosseiro papel rosa.

Bernard examinou-o com interesse.

– O que é?

– Você nunca vai adivinhar – disse Miúdo, abrindo a garrafa. – Nem num milhão de anos. E exatamente o que você sempre quis.

Bernard rasgou o papel para desvendar um abridor de garrafas ordinário. Arremessou-o através da sala com um rugido.

– Esse é o décimo abridor de garrafas que recebo hoje. Vocês imbecis não tem imaginação nenhuma?

– E a intenção que conta – disse Miúdo. Jogou a cabeça para trás e derramou meia garrafa de cerveja goela abaixo. – Ninguém nunca te disse isso?

– Foda-se a intenção! – grunhiu Bernard. – Quem é que quer quinhentos malditos abridores de garrafas?

– Muito bem – disse Miúdo esperto. – Assim é um aniversário pra você: nunca recebe o que realmente quer.

Miúdo permaneceu depois de, beber a saúde de Bernard. Ficou para ajudar com a organização e para beber a saúde de seu anfitrião mais algumas vezes numa variedade indiscriminada de cerveja e bebidas. E quando os

.

primeiros convidados começaram a chegar, ficou para recebê-los e cuidar deles.

Então os convidados beberam a saúde de Bernard, e Miúdo juntou-se a eles, e depois mais pessoas chegaram e mais brindes foram bebidos e, antes mesmo que a celebração tivesse oficialmente começado, Miúdo empurrou a cabeça para fora da janela e enfiou os dedos goela abaixo a fim de preparar-se para a próxima rodada de bebidas.

Porta chegou pela metade da noite. Era evidente que parara em outro lugar ao longo do caminho. Forçou a passagem pela multidão e bateu enfaticamente nas costas de Bernard.

– Parabéns! Parabéns! Para ... você recebeu meu presente afinal?

– Que presente? – Bernard olhou-o suspeito.

– Bem, era um abridor de garrafas em forma de uma mulher. O Miúdo ficou de trazer pra mim.

– É, recebi – disse Bernard com desprezo.

– Tudo bem, então. Era meu e de Miúdo. Um presente em conjunto.

Escolhemos juntos. Exatamente o que o velho Bernie o Beberrão poderia usar bastante, dissemos. Resguardar seus dentes. Resguardar sua dentadura falsa.

Pensamos que você ia gostar. Pensamos que você...

– Ura, enfia... – reagiu o anfitrião, empurrando-o para o lado.

A uma certa altura da noite, antes de ficarmos paralisados, sentamos para jantar. Havia muita confusão, brincadeiras e nomes feios, algumas brigas começaram e algumas cadeiras foram quebradas, mas por fim todos estavam sentados mais ou menos satisfeitos. Bernard mandou virem as duas serventes, que estavam vestidas, muito vestidas, de acordo com algumas das pessoas presentes, de calcinhas pretas e pequeninos aventais do tamanho de selos postais.

– Hei, Helga! – gritou Porta para uma delas, que vinha em sua direção com um prato. – Miúdo me disse que você se barbeou que nem uma boneca francesa! E verdade? Posso provar?

Helga jogou um prato de repolho na frente dele e saiu sem dar uma palavra, rebolando-se arrogantemente de um lado para outro, nas apertadas calcinhas pretas. Porta relinchou que nem um cavalo e bateu com o punho direto no prato de repolho.

No final da refeição homenageamos Bernard com uma canção de aniversário de bêbados. Não tinha nada a ver com aniversários, sendo quase que exclusivamente devotada ao sexo na sua manifestação mais liberal e ousada, mas Bernard aceitou-a como tributo condizente a um homem celebrando seu 42º ano na Terra. Bebêramos tanto que não havia entre nós quem ainda não tivesse vomitado. Com um senso um tanto inebriado de nossa própria força, levantamos nosso anfitrião, jogando-o para o alto e pegando-o quando caia. Na terceira vez, todos nós desmoronamos no chão pesadamente, com Bernard enterrado sob todos nós. Porta cambaleou para cima da mesa e bateu o pé, pedindo silêncio. Heide apoiava-o, batendo duas garrafas uma na outra. As garrafas prontamente quebraram e uma chuva de cacos caiu em cima do grupo no chão.

– Calem suas malditas matracas! – gritou Heide. – Joseph Porta quer falar!

Enfim, dividimo-nos de novo e uma espécie de silêncio desceu na sala, quebrado somente pelos arrotos e peidos, pelo som de um homem vomitando ou despejando cerveja.

– Bernard o Beberrão – começou Porta sério – Bernie o Beberrão, nosso velho amigo Bernie, você faz. 42 anos hoje e nós todos sabemos que é o maior merda que já existiu, mas nós te amamos por isso mesmo! – Porta jogou os braços abertos num gesto expansivo e quase caiu da mesa. – Somos todos a mesma merda! – gritou ele em tons de grande exaltação. – É por isso que estamos aqui esta noite, bebendo a saúde do maior merda do grupo! E agora teremos outra música, um, dois, três!

Bateu o compasso com o pé na mesa. Um pé ele ergueu muito alto e desceu muito pesado. Não acertou nem de perto na mesa e foi parar no colo de Heide. Desapareceram juntos pelo lado da mesa, embolando-se e xingando o quanto podiam.

Na cabeceira da mesa, Miúdo já tomara posse de Helga e atacava maniacamente suas calcinhas pretas. Helga esperneava e dava dentadas de todo jeito. Uma ou duas pessoas apostavam no provável vencedor.

Heide ficou embaixo da mesa, recostado bebadamente contra as pernas de alguém e falando consigo mesmo. Falou sobre a guerra e sobre ser um soldado. Era tudo muito maçante e não foi surpresa quando logo caiu num estupor.

Barcelona, encontrando-se ao lado de Bernard o Beberrão, começou a falar-lhe convulsivamente a respeito da Espanha. Barcelona sempre contava a qualquer um que escutasse, ou pelo menos guardasse um silêncio decente, sobre suas experiências na Espanha. De repente, sua demonstração de uma tourada e uma batalha de tanques em algum lugar perto de Alicante tornou-se intrincadamente misturada, e Barcelona correu a sala de um lado a outro com a cabeça, abaixada em imitação de um touro e, ao mesmo tempo, como uma metralhadora imaginária atirando direto para o chão.

– Que diabos significa isto? – perguntou Porta, rastejando de debaixo da mesa e piscando quando Barcelona passou rapidamente por ele.

Barcelona derrapou e parou, olhou Porta com dignidade de bêbado e sentou-se.

– Foi em Alicante que alcancei um dos meus maiores sucessos militares – disse ele friamente. Pegou um copo de cerveja restante, despejou-o pelo peito, e depois secou a boca com um ar de aparente satisfação.

– Ao diabo com seus sucessos – disse Porta. – É sobre aquela puta espanhola que você comeu? Conta tudo dela.

Barcelona soluçou tão violentamente com a lembrança que, se o Velho não tivesse segurado firme no seu colarinho, ele teria caído no chão.

– Bêbado até os ossos – disse Porta enojado.

Barcelona inclinou-se para frente em direção a ele, com o Velho ainda agarrado nas costas do seu pescoço.

– Obergefreiter Joseph Porta – disse ele, arrastando todas as palavras e pronunciando-as como uma só – pela centésima vigésima vez estou-lhe avisando: dirija-se a mim corretamente quando falar comigo. Sou um Feldwebel, a espinha dorsal do exército alemão.

– A espinha o cacete! – disse Porta com desdém. – Uma velha água suja que nem você? – Rolou através da sala até o bar, desmoronou contra ele, agarrou a garrafa mais próxima e puxou a tampa. Estourou feito um revolver era champanha e metade dos convidados instantaneamente mergulhou embaixo da mesa. Porta levantou a garrafa até os lábios e bebeu em grandes goles.

– Sou um amante das artes! – gritou Barcelona diante do burburinho.

– Pois bem, foda-se! – disse Porta, virando-se para olhá-lo. –

Feldwebel, senhor – acrescentou sarcástico.

– Não só eu – continuou Barcelona – mas o meu muito querido amigo Bernard também. Ele também é um amante das artes. – Inclinou-se e pregou um molhado beijo na testa do Beberrão, como uma marca da grande amizade deles. O Beberrão sorriu idiotamente. Ao cambalear para a sua posição original, Barcelona deu de encontro com o Velho e eles balançaram perigosamente na beirada

do banco. – Quem – gritou Barcelona, recuperando o equilíbrio – quem neste bando de bêbados cretinos e maníacos sexuais alguma vez já entrou num museu e experimentou as belezas da arte? Quem – continuou, ficando um pouco atordoado – alguma vez já bebeu da árvore do conhecimento? Qual de vocês, droga de filisteus, alguma vez já ouviu falar de Thorvaldsen? Hem?

Quem ,de vocês já ouviu falar dele? Vocês provavelmente pensam que ele é um cafetão na Reeperbahn\*, pois não é.

Barcelona sacudiu um dedo no ar e parou para olhá-lo. Aquela pausa foi o começo de sua queda. Parecia a ele que de algum modo miraculoso estava sacudindo uma dúzia de dedos simultaneamente. O que era surpreendente, quando ele estava a jurar que tinha apenas cinco dedos em cada mão. E duas mãos somavam dez, e isso era incluindo os polegares. Olhou por algum tempo fascinado. Começou a falar hipnoticamente de artistas e heróis, passando para um estridente discurso sobre liberdade, gritou iradamente a todos dizendo que éramos irmãos e que ele nos amava, e terminou no inevitável impasse de obscenidade geral e abuso, sem nunca dar-se conta de como chegara lá.

Terminou no meio de uma torrente de palavras e ficou olhando assombrado enquanto o mundo levantava-se diante dos seus olhos e lentamente começava a fechar-se sobre ele. Piscou e sacudiu a cabeça, e o mundo afastou-se.

Barcelona sentiu-se forçado a bater vigorosamente no peito, indicando a fileira de fitas coloridas e condecorações, e declarando em tons apaixonados que nenhuma delas significava porcaria alguma para ele e que ficaria muito contente em se ver livre delas. Ofereceu-as a todos como presentes grátis, tentando arrancá-las da túnica e espalhá-las entre nós, mas o esforço foi demasiado. Caiu para frente, de cabeça, na mesa, e ficou lá deitado com a

.

---

\* Principal rua do bairro boêmio de Hamburgo.

cabeça numa poça de cerveja, cantando uma música algo curiosa a respeito de cocô de passarinho. Após algum tempo, alguém sentado do outro lado, tomado de súbito desgosto, pelo cantor ou pela canção, agarrou-o de cima da mesa e puxou para o chão. As últimas palavras de Barcelona antes de apagar totalmente foram as fanáticas “*Viva España!*”

Por um momento, Bernard o Beberrão ficou sentado contemplando a inerte figura do amigo amante das artes. A visão pareceu comovê-lo profundamente. Com a ajuda de Porta e do Legionário, rastejou feito um leão-marinho para cima da mesa e preparou-se para fazer um discurso, e lá ficou de pé, balançando como um pêndulo de um lado para o outro, com o Legionário agarrado em ambos os tornozelos. Porta esperando para segurá-lo caso caísse.

– Meus amigos! – Esticou ambos os braços para abraçar-nos. A lâmpada elétrica caiu, espatifando-se no chão. Uma corrente de papel soltou-se e veio enroscar-se em volta do pescoço do Bernard.  
– Meus amigos, estou certo de que todos terão o bastante para beber e ninguém vai ficar com sede. Porque posso dizer a vocês, aqui e agora, que há bastante bebida no meu porão... –

Neste ponto, desequilibrou-se para trás, caindo em cheio nos braços de Porta, e houve uma pausa enquanto ele era recolocado no lugar, mais ou menos estável.

- Ha bastante bebida no meu porão para manter toda a marinha alemã flutuando, e vocês são bem-vindos a ele! Vocês são meus amigos e podem beber a vontade! Bebam tudo! Bebam até que saia pelos olhos e ouvidos e os cus. Meus amigos... – Desta vez, desequilibrou-se para frente, e o Legionário agarrou-se a seus tornozelos, enquanto Porta deu a volta até a frente e segurou-o



antes que alcançasse a mesa. Ajeitou-se de novo na direção ao Legionário. –

Meus amigos, espero que vocês considerem esse lugarzinho meu como sendo o lar longe do lar, um verdadeiro lar fora do lar, onde vocês podem mijar e cagar e fornicar igualzinho como fariam perto da sua própria lareira. Ser dono de bar não é só um emprego, é uma vocação, sabem disso? Uma verdadeira vocação.

Onde é que vocês vão quando estão chateados e querem um pouco de alegria?

Vão para o quartel? Para a mulher e os filhos? Com os diabos! – Com um gesto alegre, Bernard varreu os braços num arco ao seu redor, o que trouxe seu nariz perigosamente próximo a mesa. Por algum milagre, a força de seu momento era forte o suficiente para carregá-lo adiante até que de novo alcançasse

.

a perpendicular e o Legionário fosse capaz de levantar uma, das mãos e evitar que ele fizesse de novo um outro arco. – Com os diabos! – rugiu Bernard, sem desanimar. – Vocês não vão nem perto deles, é aqui que vocês vem! Aqui, para a casa do bom velho Bernie! Aqui para o Beberrão! Bernie o Beberrão, é assim que vocês me chamam, não a toa! Estou nesse negócio há um bom tempo e sei do que se trata, e quando vocês vem aqui em busca de um pouco de conforto, faço tudo para vocês conseguirem! Nenhum dos meus rapazes sai daqui sem a barriga cheia!

– É isso aí – sacaneou alguém ao fundo. – De barriga cheia e bolso vazio.

Bernard sorriu benevolmente, sem compreender a implicação do comentário.

– No meu estabelecimento – declarou – o soldado comum é rei.

Soldados rasos, cabos, sargentos, todos eles são bem recebidos! Só ha uma classe que não tolero: a dos oficiais. Os oficiais, meus amigos, são antissociais, são os maiores puxa-sacos, os maiores... cagões...

O resto de seus sentimentos quanto a oficiais foi perdido numa tempestade de vivas e assobios. Bernard levantou ambos os braços acima da cabeça, fechando os punhos e dançando pela mesa como um pugilista triunfante. O Legionário e Porta pairavam ansiosamente ao seu lado.

– Senhores! – rugiu Bernard, sua voz erguendo-se acima do crescente burburinho – nós pertencemos a Hamburgo! Hamburgo é nossa cidade!

Hamburgo é o único bastião da Europa!

Os vivas estouraram outra vez em toda a volta. A maioria de nós não tinha afeição alguma por Hamburgo, mas isso não conseguiu diminuir nosso entusiasmo. Gritamos e batemos os pés no chão, jogando nossos braços em volta uns dos outros num fervor de amor e lealdade. Muito encorajado, Bernard pisou energicamente nos dedos de alguém e marchou pela mesa ate o seu final, pisoteando pratos e virando copos a medida que passava.

– Sylvia! – Deu uma guinada para o lado, estendeu a mão e agarrou uma das serventes que passava. – Onde é que você vai, garota? O que é que você pensa que está fazendo? Você está de plantão enquanto a bebida durar.

Traga mais cerveja e mantenha a festa a todo vapor!

Assobios estridentes encheram o ar. Pés marchavam, mãos aplaudiam.

Homens abriam suas bocas e gritavam coisas ininteligíveis, pelo simples prazer de fazer barulho. Alguns dos que haviam

temporariamente se retirado de cena recuperaram seus sentidos, vomitaram e voltaram a desordem. Bernard cambaleou de volta pela mesa, acenando as mãos desvairadamente em direção ao piano.

– E agora, uma música! Prontos para a canção de Hamburgo, caras!

Todos juntos, agora...

O coro de vozes encheu a sala. Dura, sem melodia, fora de compasso, fora de tom, berramos juntos a canção de Hamburgo de Bernard:

*Das Herr.; von Sankt Pauli\**

*das ist meme Heimat,*

*in Hamburg, da bm ich zu Haus.*

*(O coração de Sankt Pauli*

*Este é o meu lar,*

*em Hamburgo, estou em casa.)*

A canção foi interrompida por Steiner, que veio cambaleando do banheiro para anunciar que o primeiro bêbado inconsciente e apagado da noite podia ser encontrado no chão. Uma vaia de balançar o teto desencadeou-se e todos os convivas da festa comprimiram-se de uma só vez na direção do banheiro para inspecionar a vítima. Era um Feldwebel. Estava apagado e não acordaria nem a porrada. Com gritos selvagens de júbilo, os seis homens menos de porre transportaram-no para fora e o jogaram na sarjeta. Porta riu tanto tempo e tão alto que deslocou o maxilar, mas Miúdo logo colocou-o de volta no lugar com um soco bem dado.

Durante a hora seguinte, outros sete convidados terminaram na sarjeta.

A festa de aniversário de Bernard o Beberrão morreu lentamente num mar estagnado de cerveja entornada e um nevoeiro de fumaça pairando no ar. O

chão estava coberto de lixo e corpos bêbados. O próprio Beberrão acabou recostado num caixote.

Nós oito do 27º nos alinhamos de braços dados pela extensão da calçada e tomando ainda metade da rua, e apoiamo-nos uns nos outros na volta ao quartel.

---

\* O bairro boêmio de Hamburgo

– Estou com sede! – berrou Porta; e os edifícios estreitos e entupidos da Herberstrasse ricochetearam as palavras de volta, ecoando e tornando a ecoar.

Ao cambalearmos por uma estação de metrô, vimos um homem velho

lutando com uma trincha e um balde de cola para colar um aviso, e nós naturalmente paramos para ajudá-lo. Por algum motivo ele se amedrontou e foi capengando para dentro da penumbra do dia nascente, deixando-nos a lidar com o cartaz um tanto inaptamente.

– O que tem aí? – perguntou Porta.

Steiner ergueu o cartaz e foi capaz de ler alto a primeira palavra AVISO, antes que Barcelona o arrancasse e o mergulhasse no balde de cola.

– Com os diabos, quem... – Porta perdeu o equilíbrio, caiu ao chão e idiotamente tentou elevar-se, agarrando-se aos meus tornozelos. Desmoronamos juntos. – Com os diabos, quem é que cola essas coisas malditas a uma hora destas da noite?

Levamos uns bons quinze minutos para conseguir colocar aquele cartaz lá em cima. Entornamos a cola, perdemos o pincel, rasgamos o papel ao meio, ficamos todos cheios de cola, e finalmente conseguimos colocar a coisa de frente pra trás e ficamos pensando por que não conseguíamos lê-lo. Só quando o Legionário, encostando-se em nós como apoio, solenemente descolou o papel e virou-o corretamente foi que o mistério resolveu-se.

– O que é que diz? – perguntou Porta irritado, pela segunda vez; ele estava no chão de novo e não podia ver.

Steiner e Barcelona, de pé, com as cabeças juntas, seguravam um o peso do outro e tentavam trazer as letras em foco. O cartaz estava de cabeça.

para baixo agora. Parecia russo pra mim. Steiner murmurava e as palavras alto, e Barcelona gentilmente o corrigia a medida que ele tropeçava pelas sílabas mais difíceis. Steiner continuava dizendo “obrigado” e “sinto muito” e Barcelona continuava dizendo, “não se incomoda que eu corrija, não é?” e era mesmo uma cena muito bonita, só que nós outros achamos muito difícil, quase impossível, ficar quietos e esperar, um ou outro de nós constantemente caindo e tendo de ser erguido de novo.

– Amigos! – gritou Barcelona finalmente. Virou-se para nós com um dedo nos lábios e os olhos arregalados.

Não entrem em pânico! Mantenham a calma! É uma mensagem da Gestapo!

Steiner, sem apoio subitamente, pendeu para frente em direção ao cartaz, bateu na parede e desceu por ela lentamente no seu caminho para o chão.

– Estou com tanta sede – choramingava ele.

– O que é que diz? – perguntou Porta pela terceira vez.

Barcelona estendeu a mão para se equilibrar.

– É alguém que vai ser enforcado. – Cuspiu as palavras com dificuldade. Os olhos estavam redondos como os de uma coruja. .A boca estava mole.

Porta, aparentemente satisfeito, virou-se e vomitou pelas escadas do metrô.

O Velho sentou-se com as costas contra um lampião de rua. Fez uma tentativa para falar, esperou um momento, e tentou de novo. As palavras saíram uma por uma em câmara lenta e emboladas.

– Quem... está... para... ser... enforcado?

Barcelona colocou a cabeça encostada no cartaz.

– Traidora do Führer... do povo alemão... e de seu país... será executada hoje, às 17:15 horas, Emilie Dreyer...

Erguemos Steiner e Porta e continuamos em nosso caminho, de braços dados num percurso ziguezagueante em direção do Palácio da Justiça.

Barcelona e o Legionário berravam e soluçavam.

*Dragoner sind halb Mensch, halb Vieh.*

*Auf Pferd gezetzte Tnfanterie.*

*(Dragões são meio-homens, meio-animais,*

*Infantaria montada a cavalo).*

– Aquela mulher... – aquela mulher que eles vão enforçar... – Olhei em volta, procurando ajuda para terminar a frase, mas ninguém estava em condições... – Aquela mulher – disse de novo. – Nós fizemos... nós tivemos...

era ela aquela que nós...

Houve um silêncio.

– Pode ser – disse o Legionário,

– Tantas pessoas morrem – disse o Velho sabiamente. – Vão para a guerra. Morrem. Vocês não podem se lembrar de todas.

– Nós vamos para a guerra logo – disse Heide. – O batalhão foi alertado.

– Viva! – gritou Miúdo. – Sou um herói!

Entramos no quartel. Porta subitamente caiu de quatro, no lindo gramado aveludado do lado de fora do quartel-general. Com alguma dificuldade, ergueu-se e conseguiu sentar. O resto de nós ficou de pé, formando uma fileira incerta e bamba acima dele.

– Vamos cantar uma canção para todos os dorminhocos de merda – propos. – Vamos fazer uma serenata ... o coronel Hinka está com uma puta na cama dele. – Tentou piscar, com ar de sabedoria, mas um olho recusou-se a fechar sem o outro. – Conheço a marafa dele, ela é uma puta imunda com gonorreia que não daria uma hora do dia a um Obergefreiter. Vamos fazer uma serenata e acordar os dois.

Sua voz ressoou através do quartel adormecido. Rude e poderosa como o rugido de um touro em agonia. Nós nos juntamos a ele:

*Im schwarzen Keller zu Askalon,*

*da Icneipt ein Mann drei Tag,*

*bis dass er wie ein Beserzstiel*

*am Marmortische lag.*

(No porão escuro de Askalon,  
um homem bebeu por três dias  
até que ele, como uma vassoura,  
duro como mármore ficou).

*– Puta que o pariu! – xingou o Legionário, enxotando seu equipamento desdenhosamente para um canto. – Esse é um emprego idiota e maldito para um homem da minha idade estar fazendo!*

*Ele era um instrutor na arte de combate corpo a corpo, e tinha a incumbência de treinar todos os recrutas que nos chegavam regularmente das prisões, quartéis e acampamentos.*

*Miúdo balançou os ombros e tirou uma boca cheia de presunto da lata que roubara das despensas da 8ª Companhia.*

*– Por que você faz, se não gosta? – murmurou.*

*O pequeno Legionário sacudiu os ombros, acendeu um de seus eternos cigarros e filtrou a fumaça lenta e pensativamente através das narinas.*

*Inclinou-se por cima da mesa e pensativamente encostou a brasa do cigarro nas costas de uma abelha que morria, observando suas reações. A abelha prontamente morreu e o Legionário suspirou. Olhou para Miúdo, endireitando-se:*

*– Por que, se mal lhe pergunto, você se tornou um soldado?*

*– Muito simples – ajuntou Miúdo, cuspiendo comida para todo lado. –*

*Não tive escolha. Era ou a merda do exército ou a merda da fome nas ruas.*



*Então me engajei no exército. – Abocanhou outra quantidade de presunto. –*

*Dei um giro pela cavalaria primeiro, só que eles disseram que eu era muito grande, muito grande para os cavalos, disseram, então me mandaram para a infantaria, e que sufoco! – disse Miúdo recordando. – Nada além do que gastar os pés marchando dia após dia, e aqueles oficiais fedorentos! – Cuspiu, lembrando-se muito tarde que estava comendo, e agachou-se no chão, engatinhando atrás dos pedaços de presunto lançados fora. – Nunca pensei que me tratariam como merda, só porque era uma criança vivendo a custa da pensão, vivia da assistência pública, sabe, antes de alistar.*

*– Muito justo – disse o Legionário, acenando com a cabeça. –*

*Concordo que você não teve escolha. Foi o caso de um mal contra outro, e na minha opinião isto não se constitui escolha.*

*– Com os diabos que não é. Mesmo assim – Miúdo limpou a boca nas costas da mão – é assim que acontece, certo? E você?*

*– Eu? – O Legionário sorriu amargamente. – Não tive escolha também. Nunca estive sob assistência social e nunca me meti em confusão verdadeira com a polícia, nada disso. Só o que eu sabia era que estava sem emprego e faminto, minha barriga costumava roncar dias a fio. Eu costumava mastigar papel quando botava as mãos em algum. Até isso não era fácil de arranjar, mas ajudava a aliviar as dores. Até que em 1932 eu disse: – “Pros diabos p*

*com a Alemanha” e fui procurar o sol da Franga, sei que quando cheguei em Paris era tão cinza, molhado e miserável que nem Berlim.*

*– E que é que você fez? – perguntou Miúdo, ocupado em mastigar o presunto.*

*O Legionário piscou matreiramente para ele.*

*– Fui apanhado por uma putona num ponto de ônibus, era muito jovem naquela época. Tinha uma espécie de atração incontrolável por mulheres, especialmente na cama. – Sorriu. – Ela me ensinou uma porção de sacanagens, aquela velha, incluindo francês, o que veio a ser bastante útil, da maneira como as coisas terminaram.*

*– O que fez você se alistar na Legião Estrangeira, então? – perguntou Miúdo. – Nunca consegui entender isso.*

*– Como eu disse, nenhuma escolha. Os guardas vieram fazendo perguntas sobre a minha velha garota, e eu decidi que era hora de me safar.*

*Era o caso de passar uma temporada no xadrez ou ir para a Legião. Então me alistei na Legião. – Deu de ombros. – Poderia ter sido pior. Tem sempre algo pior...*

*Andou através do quarto até a janela e ficou olhando para fora por um momento.*

*– Eí, você! – Pegou uma bota e arremessou-a num recruta que passava, essa a maneira mais rápida que achou de obter sua atenção – Tenho um equipamento que precisa ser limpo. Imediatamente. E faça um bom trabalho se quiser manter a cabeça sobre os ombros!*

*O recruta, um homem dos seus sessenta e poucos anos, quebrado e caído além de sua idade, virou os olhos doentes na direção do Legionário. O*

*Legionário fez um gesto com a cabeça e o velho arrastou os pés até ele, obedientemente. No momento estava destinado a polir o equipamento de outros até que brilhasse como prata. Para o futuro, seu destino era mais glorioso, embora possivelmente quase tão fútil: morrer como um chamado herói nas margens do Dnieper, ao norte de Kiev.*

*O Legionário fechou a janela e apagou o cigarro.*

*– Tem sempre alguma coisa pior – murmurou.*

## **Capítulo X**

Partida para frente

No dia seguinte, um acidente muito lastimável ocorreu no stand de tiro: o Feldwebel Brandt foi fuzilado. Quatro vezes, direto na cabeça. O

conforto foi que ele não soube nada a respeito. A morte deve ter sido instantânea. Mesmo assim, todos ficamos devidamente chocados. O oficial de plantão foi logo preso e interrogado ininterruptamente por várias horas, mas soltaram-no no final.

Miúdo e Porta ofereceram-se voluntariamente para o funesto trabalho de remoção do corpo. Saíram juntos e colocaram-no atrás do caminhão.

– Por que é que é tão pesado? – grunhiu Miúdo. – Pensei que ele ia perder um bocado de peso, você não acha, desistindo da alma do jeito que ele acabou de fazer?

– Não tinha alma – grunhiu Porta.

Subiram no caminhão e pegaram um baralho, sentando-se um de cada lado do falecido Feldwebel Brandt e usando seu cadáver como mesa. Porta enfiou a mão num bolso de trás e puxou para fora uma garrafa de schnaps.

Ofereceu a Miúdo.

– Obrigado – Miúdo pegou-a e deu um profundo gole. Limpou a boca nas Costas da mão, roncou e cuspiu. – Nós atiramos na mesma

hora, Julius e eu. Exatamente no mesmo momento, não gostaria de dizer qual de nós pegou o filho da puta primeiro.

Porta estendeu a mão para a garrafa de schnaps e riu ao relembrar a cena.

– Você viu como todo o resto dos merdinhas ficaram verdes? Quando aconteceu, todos eles pareciam estar passando mal do estomago. Sabiam muito bem que tínhamos feito de propósito, só que não podem provar nada. Você quer apostar que vamos ter bebidas de graça a noite toda?

– Espero que sim – disse Miúdo e cuspiu de novo na mesa de baralho.

– Você acha que o imbecil está no inferno a essa hora?

– Onde mais podia estar? Ele lá em cima não ia querer um puto desses.

– É isso aí. – Miúdo agarrou a garrafa e observou-a por um tempo. –

Gostaria de saber se Ele vai querer a gente quando a nossa hora chegar. O que é que você acha?

– Eu não acho nada. – Porta embaralhou as cartas e rapidamente dividiu-as em dois montes. – Tenho coisa mais importante para pensar. Pegue suas cartas e vamos ao assunto.

– Tá legal – Miúdo largou a garrafa, obedientemente pegou suas cartas de cima das largas costas do Fedwebel e pousou um rápido olhar sobre elas. –

Seus miolos se espalharam por todo lugar, você viu? Quando a gente pegou o corpo? Em tudo que era lugar.

– E daí?

– E daí nada. – Miúdo mexeu os ombros. – Só queria saber se você tinha visto, só isso. – Um outro pensamento de repente lhe ocorreu e ele fechou as cartas e olhou para Porta. – Já sei, vou visitar a mulher dele. É isso que vou fazer. Pra animar um pouco, né? Dizer a ela que ele era só um porcaria de um filho da puta mesmo, por isso ela não perdeu nada, especialmente se eu for pra cama com ela. Ela vai ficar maluca. Vai ver que sorte ela teve. Afinal – disse ele razoavelmente – é muito justo, eu despachei o homem dela, é correto que eu vá e trepe com ela. Posso até dizer que devo isso a ela.

– Você deve sim – concordou Porta solenemente. – Taí, é uma grande ideia. Gosto dela. E preciso um cara de coração grande como você para pensar nisso. Alias, não estou ao todo certo se a companhia inteira não deve isso a ela.

Juntos terminaram com o schnaps e jogaram a garrafa para fora do caminhão. Porta deitou as cartas nas costas do Feldwebel.

– Trinca de mão – disse ele simplesmente.

Era tarde quando voltaram ao quartel, por isso pararam o caminhão e deixaram o cadáver atrás dele. Ficou lá quase uma semana antes que alguém

.

fizesse um comentário a, respeito.

Alguns dias depois, logo após o regimento ter recebido ordens de preparar para partir, um pequeno destacamento de tropas novas marchou através do pátio.

Nós estávamos de pé perto das janelas, olhando-os, quando muito subitamente o Velho virou-se e gritou para o Legionário,

– Eí, Alfred! Vem aqui e da uma olhada naquilo!

O Legionário abriu caminho aos empurrões até chegar a frente do grupo e olhou na direção em que o dedo do Velho estava apontando.

– Ora, macacos me mordam! – disse rindo e golpeando o Velho nas costelas – se não é nosso velho amigo, o Stabsfeldwebel Vamos dizer alô a ele.

Abriram a janela e se penduraram para fora, acenando e gritando. O

Stabsfeldwebel Stahlschmidt olhou para cima. É claro que os reconheceu de imediato, porque mesmo daquela distância pude vê-lo empalidecer. O homem que marchava a seu lado era o Obergefreiter Stever. Deu um olhar rápido e virou-se de novo com os olhos cheios de pavor. Foi um homem que viveu para ver seus pesadelos virarem realidade.

Porta enfiou a cabeça pela janela, entre o Legionário e o Velho, e deu um grito irônico de boas-vindas.

– Chegou bem na hora! Nós estamos partindo daqui breve, mais alguns dias e você poderia ter perdido o trem!

A coluna continuou marchando; No centro estava um homem com uma caneta. No colarinho verde de sua túnica ainda podiam ser vistas as marcas das insígnias SS pretas que haviam sido arrancadas.

Olhou para cima ao passar pela janela, e seus olhos descansaram com ligeira esperança em Porta e depois baixaram de novo.

– Quem é ele? – perguntei. – Um amigo seu?

– é só um conhecido de negócios – murmurou Porta, sorrindo.

O Hauptfeldwebel Edel tratou os novatos com suas costumeiras acaloradas boas-vindas em um discurso cheio de ameaças, insultos,

ódio e desprezo.

– Qualquer um lhes dirá – rugiu – que com aqueles de quem gosto sou tão gentil quanto um cordeirinho recém-nascido e tão doce quanto mel. Infeliz-

.

mente, não há tantas pessoas assim de quem eu goste.

Os soldados novos não tiveram mais dúvida alguma quanto a seus sentimentos para com eles. Colocou-os na limpeza pelo resto da semana, com um aviso de que, se as latrinas não fossem polidas e brilhantes pelo menos duas vezes por dia, verificaria pessoalmente que alguém sofresse por isso.

O coronel Hinka aproximou-se, a medida que Edel chegava ao fim de seu discurso de abertura. Sorriu benevolente a volta, e por um momento os corações dos novos homens alistados ficaram leves.

Edel rodopiou, bateu os calcanhares e bateu continência animadamente.

– Senhor! Hauptfeldwebel Edel, 5ª Companhia, com vinte recrutas.

Hinka correu o olhar sobre eles e riu suavemente para si mesmo.

Parecia não haver, superficialmente, nenhuma razão para ele rir, e os vinte novos recrutas viram seus corações automaticamente afundarem-se de novo. O

coronel Hinka levantou a cabeça e olhou os membros da 5ª Companhia que estavam pendurados pelas janelas, apreciando a cena. Sorriu.

– Obrigado, Hauptfeldwebel. Esquente-os um pouco, sim? Faça-os sentirem-se em casa. Acho que vamos colocar... – Olhou de novo

para as janelas, e seu sorriso alargou-se – acho que vamos colocar o Kalb para tomar conta deles...

– Sim, senhor.

Edel virou-se, procurando pelo Legionário mas ele já deixara a sala e encontrava-se na porta. Caminhou até, o coronel e eles trocaram saudações.

– Vinte novos recrutas. Precisamos deixá-los a vontade, precisamos acostumá-los a nossos métodos e tudo mais; não temos muito tempo, mas faça o melhor que puder, acha que pode?

O Legionário correu os olhos calculadamente pelos vinte homens tomados de ansiedade.

– Não há dúvida quanto a isto, senhor.

– Muito bom. Vamos apenas nos apresentar e então eu os deixo em suas mãos.

Lentamente, graciosamente, o coronel moveu-se pelas fileiras da nova tropa. Era seguido oficialmente pelo Hauptfeldwebel, suave e silenciosamente pelo Legionário. Hinka parou diante de Stahlschfnidt.

– Seu nome?

– Stahlschmidt, senhor. Stabsfeldwebel...

Hinka percorreu o olhar pelos papéis que ele estava segurando.

– Você era da guarnição da prisão? Nunca esteve na frente antes.

– Não, senhor, não podia. Eu...

O coronel ergueu uma das mãos e silenciou-o.



– Não se incomode com desculpas, não são mais necessárias. Não vai demorar muito agora para que você veja um pouco de luta. Acho que seus dias de sombra e água fresca terminaram, a hora chegou para você dar uma verdadeira contribuição para a guerra. Veremos como você vai se sair. – Olhou de volta para os papéis e franziu a testa.

– Então... a razão de você ser mandado aqui para nós foi ter sido considerado culpado de maltratar os prisioneiros a seu cargo.

– Eles entenderam tudo errado, senhor. – Stahlschmidi falou baixo num tom rouco, consciente do pequeno Legionário espreitando feito um animal de caça. – É tudo um erro, senhor, nunca fiz nada assim, não seria capaz disso.

– Você não precisa explicar, Stabsfeldwebel. Todo mundo que é mandado aqui para nós diz que está aqui por engano. É uma coisa bastante aceitável, posso lhe assegurar.

O coronel prosseguiu. Edel prosseguiu. O Legionário ficou por um momento fixando o olhar frio em Stahlschmidt. Finalmente, esfregando um dedo pensativamente para cima e para baixo da cicatriz em seu rosto, deu um sorriso lento e continuou a andar sem uma palavra;

Hinka parara agora em frente a Stever.

– Outro da prisão? Eles devem ter feito uma limpeza e tanto lá embaixo.

– Foi tudo muito lamentável, senhor – disse Stever, com um sorriso doentio.

– Tenho certeza que foi.

O coronel acenou bom a cabeça e continuou andando. Edel continuou também. O Legionário parou.

– Saia e ache o Obergefreiter Porta. Diga-lhe que eu o mandei. Ele saberá o que fazer com você. Já tive uma palavrinha com ele. Sabe tudo a seu respeito.

Steuer estava demasiado apavorado para mover-se. Ficou ali olhando fixo para o Legionário, hipnotizado pela longa e lívida cicatriz, pelos olhos profundos e a boca firme e dura.

– Como é? – O Legionário ergueu uma sobrancelha. – Eu lhe dei uma ordem. Sugiro que você a execute.

Continuou, então, a andar atrás do coronel, sem se dar ao trabalho de olhar para trás para ver se Steuer deixara as fileiras.

Hinka parou agora diante de um motorista, um ex-SS. Fez um gesto em direção ao trompete.

– Você toca essa coisa, é?

– Sim, senhor. Eu era corneteiro num regimento de cavalaria, senhor. SS Florian Geyer.

– É mesmo? E o que trás você ao front conosco?

Kleber engoliu dolorosamente e deixou cair os olhos.

– Roubo, senhor, e negócios no mercado negro.

– O que é que você roubou?

– Ah... – batatas, senhor. – O rosto de Kleber estava agora vermelho como um pimentão. – Batatas e açúcar.

– Batatas e açúcar... bastante idiota isso, não acha?

– Sim, senhor.

– Hum. Bem... um pouco da luta lhe fará bem. Talvez afaste a sua mente da comida.

Um por um os novatos foram inspecionados. Cada um deles olhou o coronel com pavor e reverência, a Edel com apreensão, e ao Legionário com algo próximo ao terror. Por fim, o coronel saudou-os e foi-se embora, seguido pelo Hauptfeldwebel Edel, e eles foram deixados a sós com o Legionário.

Ele logo tombou o quepe sobre os olhos (em sua imaginação, era ainda o quepe branco da Legião Estrangeira) e enfiou um cigarro ilícito na boca.

Acendeu-o e falou sem tirá-lo da boca.

– Ouçam-me, bando de putos idiotas. Vocês são novos aqui e não conhecem as regras, mas há uma pessoa que aconselho vocês a não cruzarem o caminho, e esta sou eu. Servi com a Legião Estrangeira Francesa. Tenho três ç

anos com um batalhão especial em Torgau. E agora estou aqui, e vocês também, e tudo que posso dizer é que Deus tenha pena de vocês!

O Velho olhava da janela enquanto o Legionário marchava seu pequeno bando de desafortunados na direção do pátio de exercícios mais distante e privativo, onde poderia fazer com eles o que desejasse. O Velho grunhiu.

– Aquilo vai deixá-lo feliz por algum tempo. É algo como uma vingança pessoal, O Legionário não se esquece logo...

Trabalhou duro com seus novos recrutas. Por mais de três horas ele os manteve ocupados, correndo descalços para cima e para baixo no pátio de pedra, no meio da lama, rastejando sobre mãos e joelhos, quase afogando na grossa e pegajosa terra, pulando trincheiras, de volta a lama todos aqueles que falhassem, lama até as orelhas, lama

nos olhos, lama na boca. E o Legionário trabalhando tão duro quanto qualquer um deles, encorajando-os com promessas em francês e alemão, suando enquanto corria de um lado a outro atrás deles, o eterno cigarro pendendo do canto da boca.

– Não pensem que tenho qualquer coisa contra vocês! Berrou Longo disso, estou só fazendo o meu dever, estou pensando somente no seu próprio bem, algumas semanas comigo e poderão tolerar qualquer quantidade deste tipo de coisas. Do joelhos, aquele homem lá, embaixo, eu disse, embaixo. Deixa pra lá a lama! Engula a coisa, coma a coisa, o que é que importa? Passe por ela primeiro e depois se preocupe em respirar!

O coronel Hinka estava de pé por perto, recostando-se cansadamente contra um tanque e olhava enquanto o Legionário colocava os homens em forma. Alfred Kalb passara por uma escola dura, fome, a Legião, Torgau, o 27º

Regimento Blindado, vivera a guerra em várias frentes e sobrevivera. Um homem tinha que ser ensinado a sobreviver. O coronel riu e sacudiu a cabeça.

Não invejava o suor, a luta dos homens nas mãos hábeis do Legionário.

– Direita, correndo de novo!

O Legionário sentou-se num caixote virado. Fê-los correr para cima e para baixo no pátio, para dentro da lama, de volta ao pátio, de volta na lama.

Sua voz tornou-se rouca de gritar e ele pegou o apito e ensinou-lhes como reagir a ele.

– Um apito significa correr. Dois apitos, deitados no chão de barriga.

Três apitos, pulando com os pés juntos. Certo? Certo. Vamos tentar.

Tentaram durante mais uma hora. Os homens começaram a murchar, mas o apito continuava fresco como nunca.

– Muito bem, é o bastante. – O Legionário observou-os com olho crítico. – Só Deus sabe como vocês .se sairão no front, nessas condições. Não vão durar nem cinco minutos. Olha, é o seguinte. Para seu próprio bem, quero que saibam. Eu não devia gastar meu tempo com vocês, mas me parte o coração vê-los assim. Portanto, para seu próprio bem e para endurecê-los, teremos uma hora de marcha final.

Os vinte homens novos foram distribuídos entre os vários alojamentos em volta do acampamento. Stahlschmidt foi mandado para junto de nós. Damos a ele um armário e ele começou a guardar seus pertences. Estava quieto e aborrecido, e o rosto inundado num permanente mar de suor. Encontrava-se estirado na cama quando o Legionário entrou. O Legionário andou direto através do quarto até ele.

– Tem algo que quero te dizer, Stahlschmidt. Aquela demonstração que acabei de fazer lá fora foi inteiramente para seu benefício. E haverá mais no futuro. O resto deles eu não conheço e não ligo, é você que me interessa. Foi a Providência que trouxe você aqui pra nós, e eu pretendo tirar todas as vantagens disso.

Stahlschmidt sentou-se, ainda suando. Mordia seu lábio inferior com força.

– Escute, Kalb, sei que você está preparando umas para mim por causa. do que aconteceu com o seu tenente, mas não foi por minha culpa que eles o executaram, pelo amor de Deus!

– Foi culpa sua ele ter sido surrado e maltratado e quase morto antes que o levassem lá em cima! – O Legionário empurrou Stahlschmidt de encontro a parede, uma das mãos agarradas ao seu pescoço. – Infelizmente não conseguimos ainda colocar as mãos no puto que dirige o espetáculo. Ele foi bastante esperto mandando

você aqui, longe do perigo, enquanto ele fica ainda sentado confortavelmente no traseiro, rodando os dedos no seu escritório. Estou me referindo a Bielert, caso você não tenha se dado conta. A vez dele chegará, não se preocupe, mas neste momento a vez é sua, e eu vou fazer o melhor que

posso de um trabalho sujo e procurar descontar meus sentimentos em Você. Se você não morrer nas minhas mãos, Stahlschmidt, os russos é que te pegarão. De qualquer modo, você vai passar pelo buraco da agulha até gritar por clemência.

E não há clemência no front, Stahlschmidt. Subitamente, bateu a cabeça do Stabsfeldwebel com força contra a parede.

– Levam-se quando eu falar com você! Esta é uma das primeiras coisas que terá que aprender!

Stahlschmidt levantou-se. O Legionário deu um passo atrás, olhando-o através dos olhos semicerrados, e depois grunhiu e andou até a própria cama.

Assim que se sentiu seguro e fora de alcance, Stahlschmidt levantou um pé e deu um poderoso chute de rebeldia num par de botas que estava por perto, e aí desmoronou de novo em cima da cama. Infelizmente, as botas que ele escolhera para chutar pertenciam a Miúdo, que estava sentado de pernas cruzadas num beliche, entupindo a boca com uma linguça.

Assim que a cabeça de Stahlschmidt encostou no travesseiro, Miúdo já se encontrava em cima dele. Com um grito alto de ódio agarrou Stahlschmidt pelos ombros, puxou-o e virou-o para encerá-lo e mandou um punho certo no seu maxilar, ouviu-se uma saraivada de socos, uma série de baques surdos e um grito de protesto de Stahlschmidt, que no momento rolava fora da cama e contorcia-se e grunhia no chão nos pés de Miúdo. Miúdo virou-o de bruços, pulou

nas suas costas algumas vezes, e depois chutou-o desdenhosamente, empurrando-o para debaixo da cama. Subiu de novo no seu beliche, pegou duas garrafas de cerveja, que abriu com os dentes, e começou a beber simultaneamente das duas. Um feito de que ninguém a não ser Miúdo era capaz de fazer. Jogou as garrafas vazias ironicamente em cima do agonizante Stahlschmidt, que se levantava penosamente. Stahlschmidt prontamente desmoronou de novo. Uma nova era começara para o Stabsfeldwebel. Uma era de trabalho pesado e de perigo, quando ele era o saco de pancada.

Tarde da noite, cheio de cerveja e boa vontade um para com o outro, Porta e Rudolf Kleber andavam juntos, subindo o íngreme e sinuoso caminho de Landungsbrucke em direção a Escola de Navegação atrás do Hospital Militar. No topo da colina havia um banco. Sentaram-se lado

.

a lado e ficaram quietos por uns instantes, escutando os sons mudos da cidade adormecida.

– Bom, está bem, se você toca tão bem quanto diz – comentou Porta finalmente – você vai ficar bem. Mas estou lhe avisando, o velho Hinka é o próprio diabo para se satisfazer. Você tem que ser bom mesmo, entendeu?

– Deixe eu mostrar a ele, deixa eu mostrar. Kleber reverentemente pegou o trompete prateado da caixa. Lambeu os beiços algumas vezes, colocou o instrumento nos lábios e olhou de esguelha para Porta, do canto dos olhos.

– Eu estava num dos melhores regimentos – disse ele. – Muito luxo.

Toquei em Nuremberg para a grande parada. Toquei num dos banquetes de Adolf. Toquei...

– Aos diabos com os elogios próprios e ande com a execução! – rugiu Porta.

Kleber levantou-se. Tomou um fôlego profundo e levou o instrumento aos lábios. Uma clarinada de cavalaria soou por toda a cidade escura. Porta, sentado, limpava o nariz, impressionado,

Kleber seguiu com uma clarinada de infantaria, depois virou-se para Porta, impaciente.

– Então, o que você sugere que eu toque? O que você quer?

– Não sei – disse Porta, reprimindo um bocejo. – Depende do que você sabe, não é?

– Eu poderia tocar um blue para você.

– Não podemos fazer isso – falou Porta. – Não é patriótico. O blue é uma coisa ianque. Iríamos direto para o xadrez se alguém ouvisse.

– Isso te assusta? – desafiou Kleber com um risinho.

– Claro que não – disse Porta. – Mas só te peço que não estrague o blue. Tem gente que diz que sabe tocar o blue, mas não tem menor noção do negócio.

– Escuta só – convidou Kleber. – Escuta só e cala a boca.

O som do trompete prateado mergulhou profundo na noite. Kleber sabia muito bem o risco que corria, porém era um músico de coração e o momento era tudo que importava. Arqueou as costas, apontando o trompete para o céu para as estrelas, e o som cresceu como um lamento dentro

.

da escuridão. Algumas nuvens se separaram e revelaram a lua, e a lua se refletiu no trompete prateado.



– Nada mau – comentou Porta. – Você podia tocar mais disso.

O som ecoou exultante sobre a cidade adormecida. Não podia deixar de chamar atenção. Não demorou muito para que um policial aparecesse, bufando pelo esforço da subida.

Kleber avançou para ele com ar de reprovação, testa franzida, provocando-o a interromper. Ele ficou parado, ouvindo a música.

– Memphis Blues – disse finalmente. Andou até onde estava Porta. –

Já tem muito tempo que não ouço essa música. – Tirou o capacete e sentou-se no banco. Duas garotas vieram subindo a colina, encantadas pela magia do trompete de Kleber. Sua plateia sentou-se em silêncio. Kleber levantou uma sobrancelha na direção de Porta:

– Que tal?

– Muito bom – disse Porta. – Que tal esse aqui? – assobiou algumas notas.

– Ah, sim – disse o policial, – Deep River, conheço esse também.

– Calma, gente – falou Kleber. – Não me apressem.

Era o artista agora. Tinha-os em seu poder e sabia disso. Fez com que eles esperassem;

Aí então a melodia do velho blue envolveu-os e dominou-os, e eles ouviram o ritmo compulsivo dos escravos, a batida de um milhão de pés marchando, o estalar de ferraduras de cavalo no chão duro, o palpitante avanço de tanques e veículos motorizados a caminho do encontro com o inimigo...

Kleber parou de tocar. Estava sem fôlego. Virou-se novamente para Porta:

– E agora, o que me diz?

– Já ouvi piores – admitiu Porta, porém com um sorriso. – Já ouvi piores.

– Claro que já! – disse o policial indignado. – O que mais você queria?

– Você não entende – falou Porta para ele. – Esse cara quer tocar oficialmente, entende? Para a Companhia. Você tem que ser muito bom para

isso. Não é como tocar com uma orquestra. Isso qualquer um pode fazer.

Quando você toca para nós, lá no front – olhou fixamente para Kleber – você está mandando os homens para a morte, certo? É a última coisa que alguns deles vão ouvir, esse velho trompete de lata, está entendendo o que quero dizer?

Todos ficaram em silêncio. Porta tocara em um mundo ao qual os outros não pertenciam. Um mundo onde a morte era a única realidade familiar e certa, e onde homens crescidos tornavam-se bebês enquanto lutavam em sua partida desta vida para outra.

– Estou sim – respondeu Kleber. – Nunca pensei nisso antes.

– Não é como tocar para uma parada – comentou Porta.

– Não, acho que você está certo.

– Não é como tocar em um dos banquetes porcarias do Adolf.

– Que tal esse aqui? – sugeriu Kleber, subitamente inspirado. – The Death of a Musician (“A morte de um músico”) – “Viva la Muerte”...

A voz estridente e doce do trompete cresceu no ar parado da noite, Cresceu e caiu, gemendo, suspirando, tremendo, ao falar de um

músico que tocara até a morte. Kleber inclinava-se para baixo na direção da terra e caía para trás na direção do céu acima dele. O ar estava cheio de tristeza.

Viva la muerte. Viva la muerte...

– Muito bem – disse Porta. – Vou providenciar. Você pode tocar para a Companhia, acho que serve.

Foram embora juntos, sem uma palavra para o policial e as duas garotas.

Oito dias mais tarde, o regimento recebeu ordem de partir e imediatamente começaram as cenas comuns de atividade incessante no quartel.

Quanto a nos, não tínhamos ainda recebido um substituto para o tenente Ohlsen. O coronel Hinka ia assumir temporariamente, até alcançarmos a frente.

Até lá, eles certamente já teriam mandado um.

Mas enquanto isso, estávamos bem felizes de ter o coronel.

Era preferível ele a um estranho; ele comandara a 5ª Companhia nos dias anteriores a sua promoção e era velho conhecido nosso...

Antes de sairmos, nosso novo músico mostrou-nos o que podia fazer.

Tocou a clarinada de despedida, enquanto nós o ouvíamos reunidos:  
Adieu, vieille caserne,

Adieu, chambrées puantes...

(Adeus, velho quartel,

Adeus, alojamentos fedorentos...)

Estávamos de partida novamente. De volta ao front.

Isto sempre nos apanhava desprevenidos. Sabíamos que tinha que ser, tivéramos certeza desses últimos dias, mas ainda assim a partida nos pegava despreparados, e os sons chorosos do trompete de Kleber deu nós em muitas gargantas endurecidas.

Lentamente, o trem saiu da estação. Saiu de Hamburgo, da Alemanha, em nosso caminho de Volta a frente. Em nosso caminho para Monte Cassino.

Não sabíamos disso ainda, é claro, o coronel Hinka não abrira ainda as suas ordens seladas. Mas era para lá que estávamos indo. Para Monte Cassino.



# GESTAPO

Eles vinham de toda a parte e de todas as classes - aristocratas prussianas, operários comuns, assassinos patológicos - para a mais aterrorizante das unidades da polícia secreta de Hitler: a Gestapo! Ali eram moldados - pelo chicote, a bota, a espada - em robôs humanos voltados para a destruição... os mais superiores da "raça superior"... escravos consentidos de um Führer louco, alucinado pela posse do mundo. A Gestapo - mandatários do brutal, sádico, selvagem inferno que era a Alemanha nazista. Com sangrenta autenticidade e fantástico poder de narrativa, um dos autores mais populares do mundo, Sven Hassel, conta uma história que ninguém jamais esquecerá.